
CHARLES
SHEFFIELD

MARÉ DE VERÃO

Livro Um de O Universo dos Construtores



MARÉ DE VERÃO

Faltava pouco tempo para a Maré de Verão, o momento em que os planetas gêmeos Opala e Tremor estariam mais próximos do seu sol, o que submeteria ambos — Tremor, em particular — a gigantescas marés. E aquela seria a mais violenta Maré de Verão da história, graças à Grande Conjugação de estrelas e planetas do sistema, algo que acontecia apenas uma vez a cada 350.000 anos.

As visitas a Tremor naquela época do ano eram proibidas, mas algumas pessoas muito insistentes estavam decididas a fazer a viagem. A professora Darya Lang, que dedicara a vida a estudar os artefatos deixados por alienígenas há muito desaparecidos, conhecidos como Construtores, tinha o palpite que durante a Maré de Verão poderia encontrar a pedra fundamental de sua pesquisa; Lois Nenda e a cecropiana Atvar H'sial tinham seus próprios interesses em Tremor e estavam dispostos a tudo para chegar lá; e o conselheiro Julius Graves estava na pista de duas assassinas. Se elas estivessem escondidas em Tremor, não precisaria da autorização de ninguém para ir até lá prendê-las.

A Hans Rebka e Max Perry, funcionários do governo local, não restava opção a não ser viajarem também para Tremor, arriscando a própria vida para proteger a dos visitantes... e descobrir, talvez, o segredo dos Construtores e da Maré de Verão...

Um dos mais importantes escritores de ficção científica da atualidade, Charles Sheffield é cientista-chefe da Earth Satellite Corporation. Nascido e educado na Inglaterra, tem os graus de bacharel e mestre em matemática e doutorado em física teórica.

Charles Sheffield

MARÉ DE VERÃO

Tradução de
Ronaldo Sergio de Biasi

Editora Record

Prólogo

Ano 1086 da Expansão (3170 d.C.)

Um silêncio de noventa e sete anos estava terminando.

Durante quase um século, o interior da nave não ouvira nenhuma voz de humanos nem sentira qualquer pegada humana. O veículo seguira seu caminho por entre as estrelas, enquanto os passageiros hibernavam, sem sonhos, próximo ao zero absoluto. Uma vez por ano, seus corpos eram aquecidos até a temperatura do nitrogênio líquido, enquanto as mesmas experiências eram implantadas em todos os cérebros a partir do banco de dados central da nave: memórias de cem anos de viagem interestelar, para corpos que envelheceriam menos de um dia.

Nas semanas finais de desaceleração, chegou a hora de iniciar o processo de despertá-los. Quando chegassem ao destino, talvez fosse necessário tomar decisões que estivessem além da capacidade das máquinas de bordo... uma idéia que o computador principal da nave, o primeiro do seu tipo a ser equipado com os circuitos emocionais de Karlan, considerava ao mesmo tempo ridícula e insultuosa.

Primeiro, os corpos foram aquecidos. Sensores internos captaram o ruído tranquilizador dos corações que voltavam a bater, os suspiros e murmúrios dos pulmões que voltavam a funcionar. A equipe de emergên-

cia seria acordada primeiro, de dois em dois, na ordem inversa daquela em que haviam entrado em hibernação; só com a aprovação deles os outros seriam despertados.

A primeira dupla recuperou a consciência com uma única pergunta no cérebro: tinham chegado ao destino... ou algo inesperado ocorrera?

O computador havia sido programado para acordá-los apenas em três circunstâncias. Seriam chamados se a nave estivesse se aproximando do objetivo, Lacoste-32B, uma estrela anã da classe G-2, situada a três anos-luz de distância do farol estelar rosado que era Aldebarã. Seu sono seria interrompido se ocorresse algum desastre no interior da gigantesca nave elipsoidal de meio quilômetro de comprimento, um problema sério demais para que o computador pudesse resolvê-lo sem intervenção humana.

A última possibilidade era de que um dos sonhos mais antigos dos astronautas se tornasse realidade:

T/I — Transferência Imediata; Transição Interestelar; Transporte Instantâneo; o sistema de propulsão superluminal que revolucionaria a exploração do espaço.

Havia mais de mil anos que as naves de exploração e colonização vagavam pelo espaço, ampliando a esfera de influência da Terra. O milênio resultara em quarenta colônias, distribuídas em um globo com centro no Sol e setenta anos-luz de diâmetro. Entretanto, cada centímetro daquela esfera tinha sido percorrido a menos de um quinto da velocidade da luz. E todas as colônias, mesmo as menores e mais isoladas, possuíam um programa de pesquisa que buscava a propulsão superluminal...

As primeiras duas pessoas a serem acordadas foram um homem e uma mulher. Eles lutaram contra a lassidão de um século, examinaram os relatórios do computador sobre o estado da nave e compartilharam o alívio que sentiram. Não ocorrera nenhum desastre. Não havia qualquer mensagem de emergência, nenhuma notícia de um invento revolucionário. Não haveria um grupo de viajantes superluminais para esperá-los quando chegassem a Lacoste.

À frente da nave, o disco da estrela-alvo já era visível a olho nu. A existência de pelo menos dois grandes planetas havia sido deduzida muito tempo atrás, a partir de medidas da perturbação gravitacional da estrela. Agora, a existência desses planetas podia ser confirmada por observação direta, juntamente com cinco planetas menores e mais próximos da estrela.

A mulher estava se recuperando com maior rapidez que o homem.

Foi ela que deixou primeiro a unidade de hibernação Schindler, pôs-se de pé com dificuldade no campo de um décimo de g e foi examinar os monitores. Deixou escapar um som grave, um grunhido de satisfação emitido por cordas vocais que fazia muito não eram usadas, seguido por um pigarro.

— *Conseguimos!* Lá está ela.

E estava mesmo. O disco dourado de Lacoste ocupava o centro do monitor. Dois minutos depois, o homem estava ao seu lado, ainda limpando do rosto os restos de geléia protetora. Ele tocou o braço da companheira, em um gesto de congratulações, alívio e amor. Os dois eram companheiros permanentes.

— Hora de acordar os outros.

— Daqui a alguns minutos — disse a mulher. — Lembre-se de Kapteyn. Primeiro vamos ver se vale a pena.

O exemplo da estrela de Kapteyn estava na memória de todos os exploradores: oito planetas, todos aparentemente com um potencial maravilhoso; todos, quando examinados mais de perto, totalmente inabitáveis. A primeira nave de colonização a visitar o sistema não tivera recursos suficientes para alcançar nenhum dos alvos secundários.

— Estamos a apenas dois dias-luz de distância — prosseguiu a mulher. — Podemos iniciar a investigação. Vamos procurar atmosferas com oxigênio antes de acordar mais alguém.

O computador de bordo recebeu o comando e respondeu quase imediatamente. *Um planeta com oxigênio*, disse, com sua voz suave. *A probabilidade de vida é de 0,92*. A imagem no monitor foi ampliada e deslocada, de modo que Lacoste cresceu rapidamente a princípio e depois desapareceu na parte superior da tela, enquanto um novo ponto luminoso aparecia no centro da tela e aumentava até preenchê-la quase totalmente.

É o quarto planeta, disse o computador. *Figura de mérito global para isomorfismo com a Terra, 0,86. Distância média, 1,22; faixa de temperaturas médias, de 0,89 a 1,04; inclinação do eixo...*

— Que diabo é isso?

O computador interrompeu o que estava dizendo. A pergunta do homem era incompreensível.

No centro da tela estava um planeta, uma esfera azul-acinzentada vista com ampliação suficiente para mostrar as largas faixas e vórtices associados aos padrões de circulação atmosférica. Entretanto, também era visível uma rede de linhas finas e espirais luminosas que envolvia todo o

planeta.

— Alguém chegou aqui na nossa frente... — A mulher não terminou a frase. Os planetas habitados estavam em constante comunicação. A velocidade dos sinais era limitada à velocidade da luz, mas mesmo assim ela não podia acreditar que uma nave de exploração pudesse ser enviada a Lacoste sem que eles tomassem conhecimento. E se outra nave tivesse mesmo chegado ali, a escala do que estavam vendo ia além do que qualquer expedição colonizadora poderia fazer em alguns anos.

Ou mesmo em alguns séculos.

— Vista panorâmica.

O computador ouviu as palavras da mulher e ajustou a imagem. O planeta diminuiu para o tamanho de uma ervilha, tornando-se um pequeno ponto luminoso no centro da tela. As estruturas espaciais que o cercavam foram reveladas em toda a sua majestade, um emaranhado de fios nacarados no qual o planeta se aninhava como uma pérola em uma ostra. Frágeis tentáculos artificiais se estendiam em todas as direções, cada vez mais finos, até atingirem o limite de resolução dos sensores da nave.

— Não são gente como nós, Tamara — murmurou o homem. — Não são da nossa espécie.

Nenhuma obra humana, nem as cidades em forma de anel que cercavam a Terra, sequer se aproximava daquilo em tamanho e complexidade. Alguns dos filamentos que envolviam o planeta deviam ter mais de quatrocentos mil quilômetros de comprimento e vários quilômetros de diâmetro. Deveriam ter sido feitos em pedaços pelas forças gravitacionais do planeta, pelas suas próprias interações. No entanto, estavam ali, intactos.

— Hora de acordar os outros — disse Tamara.

— E depois?

— Depois... — ela suspirou — ...depois, não sei o que vamos fazer. Aconteceu, afinal, Damon. Encontramos outra espécie inteligente. E tecnologicamente muito avançada. Mas se eles puderam construir *aquilo* — apontou para a fantástica estrutura mostrada na tela, e sua voz se tornou rouca —, por que não foram eles que nos encontraram e não nós a eles? Bem, acho que saberemos a resposta daqui a alguns dias.

Três semanas depois, os módulos de desembarque estavam se aproximando das veias e artérias do artefato espacial. Durante quinze dias, a nave-mãe se mantivera a cinco milhões de quilômetros de distância, esperando que os habitantes do planeta respondessem de alguma

forma aos sinais de rádio e de laser. Entretanto, o silêncio havia sido total. Por fim, decidiram aproximar-se e começar a exploração direta.

Vistos de perto, os filamentos nebulosos se transformaram em estruturas sólidas que se ligavam para formar uma rede de proporções colossais. Eles se estendiam até a superfície do planeta, um mundo desabitado aparentemente propício à colonização humana, mas os tentáculos também se prolongavam até as profundezas do espaço, com objetivos que seria impossível adivinhar.

E não podiam contar com quem construía tudo aquilo para explicar esses objetivos; assim como o planeta, o artefato também era desabitado.

Tamara e Damon Savalle fizeram o seu módulo se mover paralelamente a um dos filamentos, um tubo de polímero e metal de três quilômetros de diâmetro e cinquenta mil de comprimento. Máquinas de manutenção se deslocavam ao longo da superfície interna, movendo-se tão lentamente que seu movimento era quase imperceptível. As máquinas ignoraram totalmente o pequeno módulo.

Tamara estava no painel de comunicações, em contato com a nave-mãe.

— O computador confirma: nossas análises baseadas nos danos causados por meteoros estavam corretas — disse ela. — A estrutura tem pelo menos dez milhões de anos e está desabitada há mais de três milhões de anos. E não vejo nenhum motivo para você estar sorrindo.

— Sinto muito — disse Damon, com ar de quem não estava sendo sincero. — Eu pensava no velho paradoxo de antes da Expansão. Se os alienígenas existem, *onde estão!* Vinte dias atrás, achávamos que sabíamos a resposta: os alienígenas não existem. Agora, temos que repetir a pergunta. Onde eles estão, Tammy? Quem terá construído tudo isto? E onde está quem construiu?

A moça deu de ombros. A pergunta de Damon continuaria sem resposta por mais de três mil anos.

Enquanto eles olhavam maravilhados, uma fraca transmissão estava chegando à nave-mãe, vinda de uma colônia pequena mas combativa em Eta de Cassiopeia A. A mensagem falava de uma teoria física nova e curiosa, baseada na estatística de Bose-Einstein, e também de uma experiência sutil e complexa, que só poderia ser realizada no espaço e estava muito além dos recursos limitados da pequena colônia.

Como a atenção de todos em Lacoste se achava voltada para os Construtores, a mensagem foi totalmente ignorada.

Entretanto, os Construtores já não existiam havia muito tempo, e as viagens superluminais estavam para se tornar uma realidade.

ARTEFATO: CASULO

N^o de série: 1

Coordenadas galácticas: 26.223,489/14.599,029/+ 112,58

Nome: Casulo

Conjunto estrela/planeta: Lacoste/Savalle

Nó de Bose mais próximo: 99

Idade estimada: 10,464 ± 0,41 megaaños

História da exploração: O Casulo ocupa um lugar especial na história da humanidade, como primeiro artefato a ser descoberto por exploradores humanos, assim como Cúspide (N.º 300) foi o primeiro a ser descoberto pelos cecropianos. O Casulo foi descoberto em 1086 E. por uma nave colonizadora que estava à procura de planetas habitáveis no sistema de Lacoste.

Descrição: A forma do Casulo é uma extensão para três dimensões das cidades em forma de anel encontradas nas vizinhanças de muitos mundos habitados. Entretanto, vai bem além das montagens usuais no plano equatorial, tanto em extensão quanto, presumivelmente, em funcionamento. O artefato utiliza quarenta e oito Pilares Principais, que ligam o Casulo à superfície do planeta ao longo do equador e sustentam um anel circular a uma altitude constante. Quatrocentos e trinta e dois mil filamentos exteriores se estendem a quinhentos mil quilômetros do planeta. Não existem dois filamentos iguais, mas os tubos cilíndricos ocos têm um raio exterior de dois a quatro quilômetros. Vista de vários pontos, a superfície de Savalle apresenta-se totalmente oculta pelo Casulo. Os corredores do interior do Casulo são patrulhados por fagos (N^o 1.067). Os exploradores devem estar conscientes deste perigo.

Estrutura: O Casulo é feito dos mesmos polímeros de alta resistência usados na maioria dos artefatos dos Construtores. A ausência de um segundo satélite natural de Savalle, embora os dados arqueológicos indiquem claramente que ocorreram marés causadas por dois satélites até doze milhões de anos atrás, é uma indicação de que a lua hoje desaparecida foi a fonte principal de matérias-primas para a construção do Casulo.

Os filamentos do Casulo são mantidos em posição estável pelo equilíbrio entre a força gravitacional, a força centrífuga e a pressão de radiação. Não é necessário imaginar nenhum mecanismo desconhecido para explicar essa estabilidade, mas o projeto do sistema exige a solução de problemas de otimização que estão além da capacidade dos melhores computadores conhecidos nos dias de hoje. O problema foi submetido ao Elefante (NP 859), que chegou a uma solução parcial (o chamado Problema Restrito do Casulo) em quatro anos-padrão de computação.

Finalidade: O Casulo tem poucos segredos; um deles é a necessidade de um sistema tão grande. Os Pilares Principais permitem transportar materiais da superfície do planeta para o espaço e vice-versa a um custo insignificante; com o auxílio dos Filamentos Exteriores, é possível transferir uma carga para qualquer ponto do sistema estelar de Lacoste, usando o princípio da transferência de momento. A capacidade do Casulo é gigantesca: em princípio, seria possível transferir anualmente um cinquenta mil avos da massa de Savalle para o espaço, o suficiente para reduzir apreciavelmente a velocidade de rotação e alterar em dois segundos a duração do dia de Savalle.,

— Do *Catálogo Lang Universal de Artefatos*
Quarta Edição.

Capítulo 1

Ano 4135 da Expansão (6219 d.C.)

ONDE ESTOU?

Um homem que conhecia cinquenta planetas e tivera uma centena de empregos difíceis, saindo-se bem em todos, devia ser como um gato, girando instintivamente o corpo para aterrissar de pé em qualquer situação. Recentemente, porém, ele se sentia exatamente o oposto, mais desorientado a cada nova tarefa.

Hans Rebka acordou e ficou de olhos fechados, esperando que a memória do lugar e do que tinha a fazer tomasse conta do seu cérebro. Quando isso aconteceu, a confusão foi substituída pela irritação.

Uma semana antes, estivera em órbita em torno do Paradoxo, preparando-se para uma das missões mais delicadas de sua vida. Ele e três companheiros tinham que entrar na esfera do Paradoxo, levando com eles um novo tipo de blindagem e um modelo totalmente novo de sensor. Se fossem bem-sucedidos, conseguiriam pela primeira vez extrair informações do interior do Paradoxo. Talvez descobrissem até mesmo alguma coisa sobre os Construtores.

Para Rebka, o Paradoxo constituía-se na mais enigmática de todas as estruturas dos Construtores. Era fácil entrar na escura esfera de cin-

quenta quilômetros de diâmetro, mas impossível sair dela sem que todas as memórias, orgânicas e inorgânicas, fossem apagadas. Os computadores emergiam com todos os registros zerados. Os humanos que haviam entrado na estrutura tinham voltado com as mentes de recém-nascidos.

Depois de algum tempo, as tentativas de exploração haviam sido abandonadas. Ultimamente, porém, aqueles que visitavam a região do Paradoxo tinham observado algumas alterações. A aparência externa da esfera havia mudado; talvez o mesmo tivesse ocorrido com o estado interno. Valia a pena tentar mais uma vez.

Era uma missão perigosa, mas Hans Rebka estava ansioso para começar. Tinha se apresentado como voluntário e fora escolhido para chefe da missão.

Foi então que chegou a mensagem, um dia antes da data marcada para entrarem no Paradoxo.

— O senhor foi designado para uma outra missão... — A voz era fina e sibilante, reduzida em seu espectro de frequências pela passagem através do sistema de comunicações de Bose. — ...no sistema de dois planetas de Dobelle. Deve partir sem demora...

A voz artificialmente aguda não tinha nada de autoritária, mas o comando partia do mais alto nível de governo do Círculo de Phemus. E era uma missão apenas para Rebka; os companheiros partiriam no dia seguinte para explorar o Paradoxo. A princípio, soou como uma honra, um privilégio, que ele tivesse sido o único escolhido para a nova missão. Entretanto, quando lhe explicaram o que teria que fazer, Rebka sentiu-se confuso.

Ele conhecia os próprios talentos. Era um homem prático, acostumado a fazer e consertar coisas; nisso, era muito bom. Sabia pensar com os pés no chão e improvisar soluções para problemas difíceis em tempo real; era um produto típico do seu planeta natal, Teufel.

“Que pecados deve um homem cometer, em quantas vidas passadas, para nascer em Teufel?” Metade do braço da espiral conhecia aquele ditado. Como todos os planetas do Círculo de Phemus, Teufel era muito pobre de recursos naturais. Habitado em última instância quando os sistemas vitais de uma velha nave de colonização começaram a falhar, era também um planeta maldito, excessivamente quente, pequeno demais, com uma atmosfera quase irrespirável. A expectativa de vida dos humanos que chegavam à maturidade em Teufel — a maioria não chegava — era de menos da metade da média do Círculo de Phemus e inferior a um terço da dos habitantes de qualquer mundo da Quarta Aliança. As pesso-

as nascidas e criadas em Teufel desenvolviam um forte instinto de auto-preservação antes mesmo de começarem a falar... ou não viviam tempo suficiente para aprenderem a falar.

Rebka era um homem franzino, cabeçudo, com mãos e pés grandes demais para o corpo. Tinha a aparência abatida, ligeiramente deformada, de alguém que sofrera de desnutrição e falta de vitaminas durante a infância. Entretanto, as privações não haviam afetado a capacidade do seu cérebro. Aprendera cedo a compreender a realidade da vida, pois tinha oito anos quando vira pela primeira vez um vídeo sobre os mundos abastados da Aliança que faziam fronteira com o Círculo de Phemus. As imagens o deixaram furioso. Então aprendeu a usar a raiva que sentia, a canalizá-la e controlá-la para que se tornasse a força propulsora do seu progresso, ao mesmo tempo que aprendia a esconder os sentimentos atrás de um sorriso. Aos doze anos, já conseguira sair de Teufel e estava em um programa de treinamento do governo do Círculo de Phemus.

Rebka se orgulhava do seu passado. Começando praticamente do nada, progredira continuamente durante vinte e cinco anos. Dirigira grandes projetos de terraformação, tomando os corpos celestes mais áridos e pouco hospitaleiros e transformando-os em verdadeiros paraísos (um dia faria a mesma coisa com Teufel); comandara perigosas expedições ao coração da região de cometas de antimatéria, longe de qualquer possibilidade de socorro se alguma coisa desse errado; voara tão perto da superfície de uma estrela que as radiações haviam tornado a comunicação impossível e a nave voltara da missão totalmente imprestável. E comandara um grupo de exploração em uma visita quase legendária ao Zirkelloch, a singularidade toroidal do espaço-tempo que ficava na terra-de-ninguém entre os mundos da Quarta Aliança e os da Federação de Cecrópia.

Tudo isso. E de repente... — quando pensou no assunto, a confusão foi substituída pela raiva; a raiva ainda era sua aliada — ...de repente, havia sido rebaixado. Tinham-lhe retirado, sem nenhuma explicação, todas as responsabilidades e fora enviado a um mundo distante, sem importância, para servir de babá ou confessor de alguém dez anos mais moço.

— Afinal, *quem* é esse Max Perry? Por que ele é importante?

Rebka fizera essa pergunta durante a primeira entrevista, assim que o sistema duplo de Dobelle se tornou mais do que um nome para ele. Porque Dobelle era um lugar insignificante. Os dois planetas, Opala e Tremor, que giravam em torno de uma estrela de segunda classe, longe dos grandes centros daquele braço da espiral, eram quase tão pobres quanto Teufel.

Escaldante, Desolado, Teufel, Estige, Caldeirão... às vezes Rebka tinha a impressão de que a pobreza era a única coisa em comum entre eles, a única coisa que os mantinha unidos entre si e separados dos vizinhos mais ricos. E, de acordo com os registros, Dobelle merecia pertencer ao grupo.

Os dados a respeito de Perry também lhe foram transmitidos, para que pudesse examiná-los com calma. Como era típico do seu temperamento, Hans Rebka tratou de estudá-los sem perda de tempo. Não faziam muito sentido. Max Perry tivera uma infância tão pobre quanto Rebka. Era um refugiado de Escaldante, e, como Rebka, subira rapidamente na vida. Aparentemente, estava destinado a um alto posto no governo do Círculo. Como parte do processo de formação dos futuros líderes, tinha sido destacado para passar um ano servindo em Dobelle.

Sete anos depois, ainda não havia voltado. Quando lhe ofereceram promoções, recusara. Quando tentaram pressioná-lo para sair do sistema de Dobelle, ignorara as pressões.

— Ele representa para nós um grande investimento — murmurou a voz distante. — Nós o treinamos durante muitos anos. Queremos que ele nos pague pelo investimento... como o senhor nos pagou. Descubra a causa dos seus problemas. Convença-o a voltar, ou pelo menos a nos dizer por que se recusa a fazê-lo. Ele ignorou uma ordem direta. Opala e Tremor precisam desesperadamente de mão-de-obra qualificada, e a lei de Dobelle não permite a extradição.

— Ele não vai me dizer nada. Por que o faria?

— O senhor está indo para Dobelle como supervisor de Perry. Conseguimos que fosse criada uma nova posição na oligarquia, um nível acima da dele. O senhor irá ocupar essa posição. Também achamos que um simples interrogatório não fará Perry revelar seus motivos. Isso já foi tentado. Use as suas qualidades. Use a sua sutileza. Use a sua iniciativa. — A voz fez uma pausa. — Use a sua raiva.

— Não estou com raiva de Perry.

Rebka fez outras perguntas, mas as respostas não o ajudaram em nada. A missão inteira não parecia fazer sentido. O comitê central do Círculo de Phemus podia desperdiçar seus recursos, se assim quisesse, mas era um erro primário desperdiçar os talentos de Rebka — ele não era um adepto da falsa modéstia — em um caso que parecia mais apropriado para um psiquiatra. Ou será que eles também já tinham tentado usar um, sem sucesso?

Hans Rebka colocou as pernas para fora da cama e foi até a janela.

Olhou para cima. Depois de uma viagem de três dias, passando por cinco nós da Rede Bose, e de um trecho final em velocidade subluminal, havia finalmente pousado no hemisfério estrelado de Opala. Mas falar de hemisfério estrelado era apenas uma piada de mau gosto; embora fosse noite, não havia uma só estrela no céu. Naquela época do ano, perto da Maré de Verão, era raro aparecer uma brecha nas nuvens que envolviam o planeta. Ao se aproximar de Opala, não vira nada a não ser um globo uniformemente branco. O mundo inteiro era coberto pela água, e quando Dobelle atingia o máximo de aproximação de sua estrela companheira, Mandel, as Marés de Verão chegavam ao auge e os oceanos de Opala nunca viam a luz do sol. A segurança estava apenas nas Fundas, jangadas naturais de terra e vegetação que vagavam na superfície de Opala, ao sabor dos ventos e das marés.

As maiores Fundas tinham centenas de quilômetros de largura. O espaçoporto estava localizado em uma delas. Mesmo assim, Rebka imaginou o que aconteceria com ele durante a Maré de Verão. Para onde iria? Conseguiria resistir à força das águas?

Se Teufel, seu mundo natal, tinha sido Fogo, Opala sem dúvida era Água.

E Tremor, o outro planeta do sistema de Dobelle?

O Inferno, pelo que sabia. Em tudo que Rebka lera ou ouvira a respeito de Tremor, não havia uma única palavra favorável. O que acontecia em Opala durante a Maré de Verão podia ser assombroso, assustador... mas havia maneiras de sobreviver. Em Tremor, isso era impossível.

Olhou de novo para o céu e ficou sobressaltado ao perceber que já era dia claro. Opala e Tremor estavam em ressonância gravitacional e giravam em torno do centro de massa comum com uma velocidade espantosa. Um dia no sistema de Dobelle tinha apenas oito horas-padrão. Enquanto pensava, o dia amanhecera. Teria tempo apenas para um rápido desjejum; depois, um carro aéreo o levaria para o outro lado do planeta... e para a missão mais estúpida e improdutiva de toda a sua carreira.

Rebka praguejou baixinho, amaldiçoando o nome de Max Perry, e se dirigiu para a porta. Ainda não conhecia o homem, mas tinha certeza de que iria antipatizar com ele.

ARTEFATO: PARADOXO

Nº de série: 35

Coordenadas galácticas: 27.312,443/15.917,902/135,66

Nome: Paradoxo

Conjunto estrela/planeta: Darien/Kleindienst

Nó de Bose mais próximo: 139

Idade estimada: $9,112 \pm 0,11$ megaaños

História da exploração: Não se sabe quantas vezes o Paradoxo foi descoberto para logo depois todo o conhecimento a respeito ser perdido. O que se sabe é que, em 1379 E., Ruttledge, Kaminski, Parzen e Lu-lan organizaram uma expedição de duas naves para investigar a anomalia da retração de luz hoje conhecida como Paradoxo

Chegando primeiro, Ruttledge e Kaminski registraram no computador principal da nave a intenção de entrar na esfera do Paradoxo usando o módulo de exploração, deixando a nave-mãe a uma distância segura. Cinco dias depois, Parzen e Lu-lan chegaram e encontraram a outra nave e seu módulo, ambos em perfeitas condições. Ruttledge e Kaminski estavam no módulo, vivos mas seriamente desidratados e desnutridos. Não podiam falar nem executar movimentos simples, e exames posteriores revelaram que suas memórias não continham mais informações que a de um bebê recém-nascido. Os bancos de dados e a memória principal do computador do módulo tinham sido totalmente apagados.

Depois de examinarem os registros da outra nave, Parzen e Lu-lan tiraram a sorte para ver quem faria a segunda viagem ao interior da esfera. Lu-lan ganhou e foi. Depois que ele entrou no Paradoxo, Parzen não recebeu mais nenhuma comunicação, embora tivesse ficado combinado que Lu-lan mandaria uma mensagem a cada quatro horas. Lu-lan voltou, em boas condições físicas, depois de três dias Sua memória não continha nenhuma informação aprendida, embora os conhecimentos somáticos (instintivos) permanecessem intactos

Em 1557 E., o Paradoxo foi considerado zona proibida para todos, exceto os investigadores especialmente treinados.

Descrição: O Paradoxo é uma região esférica, com cinquenta quilômetros de diâmetro. A superfície externa apresenta variações de cor tipo “bolha de sabão”, refletindo ou transmitindo radiações de diferentes comprimentos de onda de forma aparentemente aleatória.

A esfera é opaca em certas regiões do espectro (1,2 a 223 metros) e perfeitamente transparente em outras (5,6 a 366 micrometros) Nada se sabe

a respeito do interior do Paradoxo

O tamanho e aparência do Paradoxo não são imutáveis. Mudanças de tamanho e coloração foram observadas nove vezes desde que o artefato foi descoberto

Estrutura: Com base em observações feitas do exterior, acredita-se que o Paradoxo tenha uma complexa estrutura interna. Entretanto, jamais foi obtida qualquer informação direta a respeito do seu interior. Muitos analistas acreditam que o Paradoxo é uma extrusão quadridimensional no espaço-tempo de um corpo pertencente a uma dimensão muito maior, talvez a variedade com nós vinte/três/sete de Ikro e H'miran.

Finalidade: Desconhecida. Entretanto, Scorpesi acredita que o Paradoxo seja um “recipiente de limpeza” para grandes artefatos inteligentes dos Construtores, como o Elefante, permitindo sua reutilização. É preciso observar, porém, que esta sugestão é incompatível com as dimensões (4.000 x 900 quilômetros) do Elefante, a menos que objetos desse tipo possam ser submetidos a múltiplas passagens através do Paradoxo.

— Do *Catálogo Lang Universal de Artefatos*
Quarta Edição

Capítulo 2

Maré de Verão menos trinta e seis.

Embora o segundo turno do dia de trabalho mal estivesse começando, já era claro para Birdie Kelly que as coisas não iriam correr bem. O novo supervisor podia ainda estar a meio mundo de distância, no lado das estrelas, mas o chefe já se queixava da chegada iminente do homem.

— Como é que alguém que sequer *visitou* este sistema pode ter competência para controlar as viagens entre Opala e Tremor? — Max Perry olhou para Birdie com uma expressão de infelicidade no rosto. Birdie olhou de volta, viu a saliência macilenta da mandíbula de Perry e pensou no bem que o outro homem faria a si próprio se comesse uma boa refeição e descansasse um dia ou dois.

— O tráfego para Tremor é *nosso* trabalho — prosseguiu Perry. — Estamos nisso há seis anos. Que é que esse Rebka, um perfeito estranho, sabe a respeito? Absolutamente nada. Será que eles pensam, lá no quartel-general do Círculo, que é coisa fácil, que qualquer idiota pode entender Tremor? *Nós* sabemos que é importante proibir o acesso a Tremor. Especialmente agora, tão perto da Maré de Verão. Mas será que eles sabem?

Birdie escutou o rosário de queixas de Max Perry e fez que sim com

a cabeça. Uma coisa era certa: Perry era um bom homem e um chefe consciencioso, mas tinha suas obsessões. E o capitão Hans Rebka, quem quer que fosse, certamente tornaria mais difícil a vida do próprio Birdie também.

Birdie suspirou e se recostou na cadeira de vime. O escritório de Perry ficava no último andar do mais alto edifício de Opala do lado de Tremor, uma estrutura experimental de quatro andares que tinha sido construída de acordo com as especificações de Perry. Birdie Kelly ainda se sentia pouco à vontade no interior do prédio. Os alicerces atravessavam uma grossa camada de lama e um emaranhado de raízes vivas e mortas se projetavam abaixo da Funda, mergulhando nas águas salobras do oceano de Opala e terminando em uma câmara oca, pouco abaixo da superfície, cujo empuxo sustentava a maior parte do peso da estrutura.

Mesmo um prédio baixo como aquele não lhe parecia seguro. As Fundas eram delicadas, não permitiam a construção de alicerces sólidos, e por esse motivo a imensa maioria das edificações em Opala tinham apenas um ou dois andares. Durante os últimos seis meses, aquela Funda estivera amarrada no mesmo lugar, mas com a aproximação da Maré de Verão isso podia ser perigoso. Perry dera ordens para que dali a oito dias a Funda fosse deixada ao sabor das correntes marinhas... mas não seria tarde demais?

O comunicador começou a tocar. Max Perry ignorou-o. Estava recostado na cadeira, olhando para o teto. Birdie alisou o paletó branco surrado, inclinou-se para a frente e olhou para a tela.

Deu um muxoxo. Aquela mensagem não contribuiria em nada para melhorar o humor de Max Perry.

— O capitão Rebka está mais próximo do que pensávamos, chefe. Na verdade, deixou o lado das estrelas há algumas horas. Seu carro aéreo estará pronto para pousar daqui a alguns minutos.

— Obrigado, Birdie — disse Perry, sem mudar de posição. — Peça para nos manterem informados.

— Vou fazer isso, comandante. — Kelly sabia que tinha sido dispensado, mas fingiu que não percebera. — O senhor devia ler isto aqui antes que ele chegue.

Kelly colocou uma pasta sobre a mesa de tampo de vime que estava entre eles, recostou-se na cadeira e esperou. No estado de espírito em que Max Perry se encontrava no momento, era inútil tentar apressá-lo.

O teto do aposento era transparente, mostrando o céu normalmente nublado de Opala. A localização tinha sido escolhida com cuida-

do. Estavam perto do centro do lado de Tremor, em uma região onde os padrões de circulação atmosférica aumentavam a probabilidade de que houvesse brechas nas nuvens. No momento, o céu apresentava-se parcialmente limpo, de modo que Tremor estava visível. Com a superfície a apenas doze mil quilômetros do ponto mais próximo de Opala, a esfera crestada ocupava mais de trinta e cinco graus do céu, como uma grande fruta murcha, roxo-acinzentada, madura demais, pronta para cair. Visto daquela distância, parecia relativamente tranquilo, mas a borda escura do planeta já mostrava limites indefinidos que falavam de tempestades de areia.

Faltavam apenas trinta e seis dias para a Maré de Verão, menos de duas semanas-padrão. Daí a dez dias, Perry ordenaria que a superfície de Tremor fosse evacuada e supervisionaria pessoalmente essa evacuação. Em todos os êxodos dos últimos seis anos ele havia sido a última pessoa a deixar Tremor, e o primeiro a voltar depois da Maré de Verão.

Para Perry, era uma compulsão. E, independentemente do que Rebka pudesse pensar ou querer, Birdie Kelly sabia que Max Perry tinha intenção de continuar da mesma forma.

A noite já estava avançando sobre a superfície de Opala. A sombra do planeta em breve criaria a curta falsa noite do eclipse de Mandel sobre Tremor. Entretanto, Perry e Kelly não poderiam ver o eclipse. A brecha nas nuvens estava se fechando, obstruída por torvelinhos nebulosos que se moviam rapidamente. Houve um último brilho prateado, quando a Estação de Meio Caminho e a parte inferior do Cordão Umbilical refletiram a luz de Mandel; em seguida, Tremor desapareceu totalmente. Minutos depois, o teto acima deles começou a mostrar as formas estelares dos primeiros pingos de chuva.

Perry suspirou, inclinou-se para a frente e pegou a pasta. Kelly não ignorava que o outro homem havia registrado suas palavras sem realmente ouvi-las. Mas Perry sabia que, se o seu braço direito achava que era melhor que examinasse a pasta sem demora, havia uma boa razão para isso.

A pasta verde continha três longos requerimentos, todos pedindo permissão para visitar a superfície de Tremor. Não havia nada de estranho nisso. Birdie estava a ponto de conceder a aprovação de rotina, condicionando a aprovação final à apresentação de um plano detalhado de viagem, quando viu quem havia assinado os pedidos. Nesse momento, teve certeza de que Perry precisava vê-los e examiná-los de perto.

O comunicador tocou de novo quando Perry estava começando a

folhear o conteúdo da pasta. Birdie Kelly leu a nova mensagem e deixou discretamente o escritório. Rebka estava chegando, mas Perry não precisava ir até a pista de pouso para recebê-lo. Birdie podia fazer isso no lugar dele. Era melhor deixar que Perry se ocupasse dos pedidos de visita. Todos vinham de fora do sistema de Dobelle. Na verdade, de fora dos planetas que constituíam o Círculo de Phemus. Um era da Quarta Aliança, outro de uma região remota da Comunidade dos Zardalus, tão distante que Birdie Kelly nunca ouvira falar dela; e o terceiro, o mais estranho de todos, tinha sido mandado pela Federação de Cecrópia. Aquilo era sem precedentes. Pelo que Birdie sabia, nenhum cecropiano havia jamais chegado a uma distância menor que anos-luz de Dobelle.

Mais estranho ainda: todos os visitantes queriam estar na superfície de Tremor durante a Maré de Verão.

Quando Birdie Kelly voltou, fez uma coisa que reservava para emergências. Bateu à porta antes de entrar. Isso garantiu a atenção imediata de Perry.

Kelly estava carregando outra pasta, e não se achava sozinho. Ao lado dele havia um homem magro, mal vestido, que olhava em volta com olhos castanho-escuros, muito vivos, e estava aparentemente mais interessado na mobília modesta e surrada do escritório do que na pessoa de Perry.

Suas primeiras palavras pareceram confirmar essa impressão.

— Comandante Perry, é um prazer conhecê-lo. Meu nome é Hans Rebka. Sei que Opala não é um planeta rico, mas sua posição aqui certamente justificaria algo melhor do que isto.

Perry colocou a pasta sobre a mesa e acompanhou os olhos inquisitivos do outro enquanto varriam o aposento. Era uma combinação de escritório e quarto de dormir. Continha apenas uma cama, três cadeiras, uma mesa e uma escrivaninha, todos muito gastos e em mau estado de conservação.

Perry deu de ombros.

— Sou um homem simples. Isto é mais do que eu preciso.

O recém-chegado sorriu.

— Concordo. Acho, porém, que somos minoria.

Fossem quais fossem os outros sentimentos que aquele sorriso pudesse esconder, parte da aprovação de Rebka era sincera. Nos primeiros dez segundos que passou com Max Perry, pôde descartar uma idéia que lhe ocorrera depois de ler a história do outro. Mesmo o planeta mais pobre podia oferecer um luxo considerável para algumas pessoas, e certos

homens e mulheres ficavam em um planeta porque haviam conquistado uma posição de riqueza e alto padrão de vida, que não podiam transferir para nenhum outro lugar. Entretanto, aquele não era evidentemente o segredo de Perry. Ele vivia com a mesma simplicidade que o próprio Rebka.

Poder, então?

Difícilmente. Perry controlava o acesso a Tremor, e pouco mais que isso. As permissões para visitantes de outros mundos passavam por ele, mas qualquer um que não fosse um pé-rapado completo podia recorrer a uma autoridade mais alta no conselho do sistema de Dobelle.

Nesse caso, qual seria a sua motivação? Tinha que haver uma; sempre havia. Qual seria?

Durante as apresentações oficiais e a troca de cortesias em nome do governo de Opala e do escritório do Coordenador Geral do Círculo de Phemus, Rebka voltou sua atenção para o próprio Perry.

Fez isso com interesse genuíno. Preferiria estar explorando o Paradoxo, mas, apesar de desprezar a nova missão, não podia deixar de se sentir curioso. O contraste entre o passado de Perry e sua posição atual era gritante. Com apenas vinte anos de idade, Perry tinha sido coordenador setorial de uma das regiões mais perigosas do Círculo. Lidara com os problemas de forma sutil, mas sem perder a firmeza. A missão final, de passar um ano em Opala, era quase uma formalidade, a última têmpera do metal antes que Perry fosse considerado pronto para trabalhar no escritório do Coordenador.

Ele tinha chegado a Opala. E ficara ali, ocupando um posto medíocre, durante todos aqueles anos, recusando-se a partir, renunciando a todas as ambições do passado. Por quê?

A figura do homem não fornecia nenhuma pista quanto à causa do problema. Era pálido e ativo, mas Rebka poderia ver a mesma palidez e atividade olhando-se no espelho. Ambos tinham passado a infância em planetas onde a sobrevivência era um desafio e o conforto uma impossibilidade. A papeira no pescoço de Perry falava de um mundo carente de iodo, e as pernas finas, ligeiramente arqueadas, sugeriam um caso antigo de raquitismo. Poucas espécies vegetais cresciam em Escaldante. Ao mesmo tempo, Perry parecia estar em excelente saúde, algo que Rebka ainda teria que confirmar. Entretanto, o bem-estar físico apenas tornava mais claro que devia haver problemas mentais. Esses seriam mais difíceis de localizar.

A inspeção não era unilateral. Enquanto trocavam saudações formais, Rebka sabia que Perry estava fazendo sua própria avaliação.

Será que ele tinha esperança de que o novo supervisor fosse um homem desgastado pelos cargos anteriores que ocupara, ou talvez o protegido de algum figurão? O governo do Círculo tinha sua cota de funcionários em busca de sinecuras, preguiçosos dispostos a deixar Perry e pessoas como ele dirigirem a operação da forma que quisessem, contanto que o chefe não tivesse que fazer nenhum tipo de trabalho.

Aparentemente, Perry queria saber com quem estava lidando, e não descansaria enquanto não soubesse, pois assim que acabaram de trocar as gentilezas de praxe pediu a Kelly para sair e, com um gesto, convidou Rebka a sentar-se.

— Suponho que não levará muito tempo para assumir suas novas funções, capitão.

— Tem razão, comandante. Na verdade, minhas funções em Opala e Tremor já começaram. Ao que me consta, assumi o cargo no momento em que a nave pousou na base do lado das estrelas.

— Ótimo. — Perry mostrou-lhe a pasta verde e o quarto e último documento que Kelly lhe entregara. — Quando o senhor chegou, eu estava examinando estes papéis. Gostaria que desse uma olhada e me dissesse o que pensa.

Em outras palavras, quer saber se eu sou esperto. Rebka pegou os documentos e folheou-os em silêncio por um minuto ou dois. Ele não sabia exatamente qual era o teste, mas não queria ser reprovado.

— Parecem estar no formato correto — observou, afinal.

— Não observa nada de incomum?

— Bem, talvez a diversidade dos solicitantes. Vocês recebem muitos pedidos de fora do sistema de Dobelle?

— Não, isso é muito raro — respondeu Perry, fazendo que sim com a cabeça, em sinal de respeito. — E agora recebemos quatro desses pedidos, capitão, em um único dia. Todos querem visitar Opala e Tremor. Indivíduos dos três grupos principais de planetas, *mais* um membro de um conselho da Aliança. Sabe quantos visitantes por ano costumamos receber aqui em Dobelle? Uns cinquenta... e todos vêm de planetas do *nosso* sistema, mundos do Círculo de Phemus. E ninguém nunca quer ir a Tremor.

Max Perry pegou de novo a pasta. Aparentemente, Rebka havia atendido a algum critério inicial de aceitação, pois a atitude de Perry se tornara um pouco menos impessoal.

— Olhe para este requerimento. É de uma *cecropiana*, pelo amor de Deus! Ninguém em Dobelle jamais viu um cecropiano de perto! Eu

mesmo nunca vi um. Ninguém aqui seria capaz de se comunicar com um cecropiano.

— Não se preocupe — disse Rebka, apontando para os papéis à sua frente. — Ela certamente vai trazer um intérprete. Mas tem razão. Se recebem apenas cinquenta turistas por ano, quatro em um único dia está fora de todos os limites estatísticos. — E você não mencionou o fato, pensou Rebka, mas na verdade foram *cinco* no mesmo dia, não foram? Esses pedidos chegaram no mesmo dia que eu. Para você, sou apenas outro estrangeiro. — Mas o que é que eles todos querem, comandante? Não li o suficiente para conhecer os seus motivos.

— Coisas diferentes. Este aqui — Perry apontou para a página com um dedo emaciado — acaba de chegar. Já ouviu falar de um homem chamado Julius Graves? Ele representa o Conselho de Ética da Quarta Aliança, e de acordo com este requerimento quer vir a Opala para investigar um caso de *assassinatos múltiplos*, que de algum modo envolvem duas gêmeas de Shasta.

— Um planeta rico, Shasta. Está muito longe de Dobelle, em vários sentidos.

— Mas se eu conheço bem o regulamento, ele pode passar por cima de qualquer coisa que dissermos a respeito de sua vinda.

— Ele pode passar por cima de nós e de qualquer outra autoridade de Dobelle — concordou Rebka, tomando o documento das mãos de Perry. — Nunca ouvi falar em Julius Graves, mas os conselhos de ética são muito influentes. Não deve ser fácil contrariá-lo.

— E ele não explica por que está vindo para cá?

— Não precisa explicar. — Rebka olhou de novo para o requerimento. — Neste caso, o requerimento é uma mera formalidade. Se ele quer vir, nada pode impedi-lo. E os outros? Por que querem visitar Tremor?

— Atvar H'sial (este é o nome da cecropiana) diz que sua especialidade é o estudo da evolução de organismos submetidos a uma pressão ambiental extrema. Tremor certamente satisfaz a essa condição. Ela diz que quer ir até lá para ver como as formas de vida nativas se comportam durante a Maré de Verão.

— Está viajando sozinha?

— Não. Com alguém ou alguma coisa chamada J'merlia. Um lo'tfiano.

— Muito bem, então deve ser o intérprete. Os lo'tfianos são outra forma de vida da Federação de Cecrópia. Quem mais?

— Outra fêmea, Darya Lang, da Quarta Aliança.

— Humana?

— Acho que sim. Diz que está interessada em ver artefatos dos Construtores.

— Pensei que houvesse apenas um no sistema de Dobelle.

— É só o que há. O Cordão Umbilical. Darya Lang quer conhecê-lo.

— Não precisa ir até Tremor para isso.

— Ela diz que quer saber como o Cordão Umbilical está preso do lado de Tremor. E sua curiosidade é justificada. Ninguém jamais compreendeu como os Construtores conseguiram fazer com que ele fosse recolhido para o espaço durante a Maré de Verão. A história dela é plausível. Acredite se quiser.

O tom de voz de Perry deixou claro que ele não acreditava. Ocorreu a Rebka que pelo menos uma coisa os dois tinham em comum: o ceticismo.

— Depois vem Louis Nenda — prosseguiu Perry. — Da Comunidade dos Zardalus. Quando foi a última vez que ouviu falar *deles!*

— Quando tiveram a última escaramuça com a Aliança. Que é que ele quer fazer em Tremor?

— Não se dá ao trabalho de explicar com detalhes, mas tem algo a ver com o estudo de novas forças naturais. Ele quer investigar as marés terrestres em Tremor durante a Maré de Verão. Há também uma nota de pé de página falando da teoria da estabilidade das biosferas e da forma como pode ser aplicada a Tremor e Opala. Oh, e Nenda pretende trazer um himenopt com ele, como animal de estimação. Isso é mais uma novidade. Os únicos himenopt que existem em Opala são os espécimes empalhados do Museu de História Natural. Juntando isso tudo, capitão, o que é que nós temos?

Rebka não respondeu. A menos que todos os registros a respeito de Perry fossem falsos, havia uma inteligência sutil escondida atrás daqueles olhos tristes e sem vida. Rebka não acreditou por um momento sequer que Perry estivesse pedindo sua opinião porque precisasse dela. O que estava fazendo era tentar avaliar sua intuição e senso de equilíbrio.

— Quando pretendem chegar?

— De acordo com o que está escrito aqui, Darya Lang passou pelo último Nó de Bose há três dias. Isso significa que está percorrendo o último trecho subluminal. A qualquer momento pode pedir permissão para pousar. Os outros devem estar a alguns dias de distância.

— Que acha que devemos fazer?

— Vou lhe dizer o que acho que *não devemos fazer*. — Pela primei-

ra vez, uma emoção apareceu no rosto magro de Max Perry. — Podemos deixá-los visitar Opala, embora isso não vá ser brincadeira durante esta Maré de Verão, mas não devemos, em circunstância alguma, permitir que ponham os pés em Tremor.

O que significa, pensou Rebka, que meu instinto, quando eu estava no lado das estrelas, acertou em cheio. Para descobrir o que prende Max Perry a Dobelle, provavelmente terei que fazer exatamente isso: visitar Tremor durante a Maré de Verão. Afinal, não pode ser mais perigoso que a expedição ao Paradoxo. Mas vamos testar as coisas mais um pouquinho antes de irmos mais longe.

— Seus argumentos não me convenceram — replicou, e viu um lampejo de preocupação nos olhos de Perry. — As pessoas estão vindo de longe para ver Tremor. Estarão dispostas a pagar uma boa soma a Dobelle pelo privilégio, e este sistema precisa desesperadamente de todo o dinheiro que puder conseguir. Antes de respondermos que não, quero ter uma conversa pelo menos com Darya Lang. E acho que gostaria de ir pessoalmente à superfície de Tremor perto da Maré de Verão.

Tremor perto da Maré de Verão. Quando ele disse essas palavras, uma nova expressão apareceu no rosto de Max Perry. Tristeza. Culpa. Ou seria saudade? Poderia ser qualquer uma delas. Rebka gostaria de conhecer melhor o outro homem. A fisionomia de Perry certamente continha as respostas para uma centena de perguntas... para alguém que soubesse interpretá-la.

Capítulo 3

Maré de Verão menos trinta e três.

Hans Rebka tinha chegado a Dobelle desorientado e aborrecido. Já em Darya Lang, que seguira o mesmo caminho subluminal apenas três dias depois em seu trajeto do último Ponto de Transição de Bose até o espaçoporto de Opala, não havia lugar para aborrecimento.

Ela estava nervosa. Mais do que nervosa; estava assustada.

Passara mais de metade da vida trabalhando como cientista, uma arqueóloga que se sentia mais à vontade quando estava pensando no passado remoto. Realizara o levantamento mais completo dos artefatos dos Construtores, localizando, compilando, comparando e catalogando todos os objetos descobertos até o momento em território da Quarta Aliança e anotando as datas precisas de qualquer mudança de aparência ou funcionamento. Entretanto, fizera aquilo tudo *passivamente*, na tranquilidade do seu escritório no Portal da Sentinela. Podia saber de cor as coordenadas dos mil duzentos e poucos artefatos espalhados por todo o braço da espiral, e era capaz de recitar sem hesitação tudo que se sabia a respeito de cada um deles. Mas fora da Sentinela, cuja estrutura volumosa podia ser observada da superfície do seu planeta natal, jamais havia visto qualquer um deles.

Agora, porém, estava se aproximando de Dobelle... contrariando os conselhos de todos.

— Por que não deveria ir? — perguntou, quando a Comissão da Quarta Aliança em Miranda mandou uma representante falar com ela. Estava trêmula de tensão e contrariedade. — Se a anomalia pertence a alguém, é a mim que pertence. Fui eu que a descobri.

— É verdade. — A legada Pereira era uma mulher pequena e paciente, de pele castanha e olhos dourados. Não tinha um aspecto intimidador, mas mesmo assim Darya Lang achava difícil encará-la. — E desde que a senhora observou o fenômeno, tivemos ocasião de confirmá-lo em todos os artefatos. Ninguém está tentando negar-lhe o crédito pela descoberta. E todos nós admitimos que é a nossa maior especialista nos Construtores, quem melhor conhece a sua tecnologia...

— Ninguém conhece bem a tecnologia dos Construtores! — Mesmo no estado de espírito em que se encontrava, Darya não podia deixar aquilo passar sem resposta.

— *Melhor* é um termo comparativo. Ninguém na Aliança conhece mais do que a senhora. Como, repito, a senhora é quem melhor conhece a tecnologia dos Construtores, é obviamente a pessoa mais qualificada para explicar o significado da anomalia. — A voz da mulher ficou mais suave. — Mas, ao mesmo tempo, professora Lang, deve admitir que sua experiência em viagens interestelares é bastante limitada.

— Minha experiência nessa área é nula, e a senhora sabe disso. Mas todo mundo, da senhora até o tio Matra, meu senhorio, me diz que os riscos de uma viagem interestelar são desprezíveis.

A legada suspirou.

— Professora, não é a viagem que estamos discutindo. Olhe em torno. O que a senhora vê?

Darya levantou a cabeça e percorreu o jardim com os olhos. Flores, trepadeiras, árvores, passarinhos, os últimos raios do sol da tarde se filtrando pela treliça do caramanchão... uma cena perfeitamente normal. O que a outra *esperava* que ela visse?

— Tudo parece em ordem.

— Tudo *está* em ordem. A senhora passou toda a sua vida no Portal da Sentinela, e este mundo é um jardim. Um dos planetas mais hospitaleiros, mais ricos, mais bonitos que conhecemos... muito mais agradável que Miranda, onde moro. Mas a senhora pretende ir a Tremor. Ao fim dos mundos. Um planeta sombrio, sujo, triste, perigoso, na esperança remota de que possa encontrar lá novas informações a respeito dos Construtores.

Pode me dar alguma razão para pensar que encontrará algo de interessante em Tremor?

— A senhora sabe a resposta. A razão está na minha descoberta.

— Uma anomalia estatística. Quer passar por momentos extremamente desconfortáveis apenas por causa de uma *estatística*?

— Claro que não. — Darya teve a impressão de que a mulher a estava tratando como uma criança, e isso era uma coisa que não podia tolerar. — Ninguém quer passar por momentos desconfortáveis. Legada Pereira, a senhora admite que ninguém na Quarta Aliança conhece melhor os Construtores do que eu. Suponha que eu não vá, e que alguma outra pessoa o faça, e que a pessoa que for no meu lugar seja mal sucedida por falta de conhecimento. Acha que eu jamais me perdoaria?

Em vez de responder, a outra foi até a janela e, com um gesto, convidou Darya Lang a ir também. Apontou para o céu, que começava a escurecer. A Sentinela brilhava perto do horizonte, uma esfera estriada de um milhão de quilômetros de diâmetro, a duzentos milhões de quilômetros de distância.

— Suponha que eu lhe dissesse que conheço um meio de atravessar a blindagem protetora da Sentinela e explorar a Pirâmide que existe no centro. A senhora estaria disposta a ir comigo?

— Naturalmente. Venho estudando a Sentinela desde criança. Na minha opinião, a Pirâmide pode conter uma biblioteca das ciências dos Construtores... talvez da história deles, também. Mas ninguém consegue atravessar a blindagem. Estamos tentando há mil anos.

— Mas *suponha* que eu conhecesse um meio.

— Então eu faria questão de também ir.

— Mesmo que isso envolvesse perigo e desconforto?

— Mesmo assim.

A legada concordou com a cabeça e ficou em silêncio por alguns segundos, enquanto a escuridão se acentuava.

— Muito bem — falou, afinal. — Professora Lang, dizem que a senhora é uma pessoa lógica, e gosto de pensar que eu também sou. Se está disposta a correr o risco de penetrar na Sentinela, o que seria um risco desconhecido, então tem o direito de enfrentar o risco menor de visitar Tremor. Quanto a viajar até o sistema de Dobelle, nós, humanos, construímos o Sistema Bose e sabemos exatamente como funciona. Sabemos operar a Rede Bose. A experiência é um pouco desagradável a princípio, mas os riscos são mínimos. E talvez, se puder usar a Rede para explorar a anomalia estatística que a senhora mesma descobriu, isso nos forneça fi-

nalmente as informações de que necessitamos para desvendar o segredo da Sentinela. Não posso negar essa cadeia de raciocínio. A senhora tem o direito de fazer a viagem. Vou aprovar o seu requerimento.

— Obrigada, legada Pereira. — Com a vitória, Darya sentiu um arrepio que não era causado pelo frio da noite. Estava passando de uma fantasia agradável para a realidade.

— Mas há uma outra coisa. — A voz da legada se tornou mais tensa. — Acredito que não tenha contado a ninguém fora da Aliança a respeito da descoberta da anomalia...

— Não. Não contei a ninguém. Enviei a informação apenas através dos canais regulares. Não havia ninguém mais que estivesse interessado, e eu queria...

— Ótimo. Que continue assim. Para sua informação, a anomalia de agora em diante será considerada como um segredo oficial da Quarta Aliança.

— Segredo? Mas qualquer um poderia realizar a análise que eu fiz! Por que... — Lang interrompeu o que estava dizendo. Se insistisse em que qualquer um chegaria à mesma conclusão, poderia colocar em risco seu direito de descobridora da anomalia... e sua viagem a Tremor.

A legada olhou para ela, muito séria, e finalmente assentiu.

— Lembre-se de que vai partir em uma viagem de mais de setecentos anos-luz, para além das fronteiras da Aliança. De certa forma, eu a invejo. Jamais fiz uma viagem tão longa. Não tenho mais nada a dizer, exceto que lhe desejo boa viagem e sucesso em sua missão.

Darya mal podia acreditar que houvesse vencido, depois de semanas de burocracia e evasivas por parte das autoridades da Quarta Aliança. E os perigos do Sistema Bose realmente tinham parecido muito menores depois de iniciada a viagem. A primeira Transição foi desconcertante, não pelo que sentiu, mas pelo que *não* sentiu. A Transição foi instantânea e imperceptível, e isso não parecia certo. O cérebro humano precisava de alguma *indicação* de que ele e a nave que o transportava tinham acabado de transpor cem anos-luz ou mais. Talvez um pequeno choque, pensou Darya; uma leve náusea, ou uma sensação de desorientação.

Na segunda e terceira Transições, todo o receio desapareceu, como a legada Pereira havia previsto. O Sistema Bose não tinha mais mistérios para Darya.

O que não diminuiu, porém, foi a sua apreensão. Ela não sabia mentir; sempre fora assim. O sistema de Dobelle continha apenas uma estrutura do tempo dos Construtores: o Cordão Umbilical. E se tratava de

um artefato de importância secundária, cujas operações eram evidentes, embora os controles que o governavam permanecessem misteriosos. Ela jamais faria uma viagem tão longa apenas para ver de perto o Cordão Umbilical. Ninguém faria. No entanto, era o motivo oficial apresentado pela Aliança para a sua visita.

Alguém acabaria por lhe perguntar a razão pela qual procedera de forma tão estranha; tinha certeza disso. E nada, em sua carreira de pesquisadora, a preparara para ser dissimulada. Sua expressão certamente a trairia.

A visão de Dobelle serviu para tranquilizá-la um pouco. Em um universo que, do seu ponto de vista, achava-se coalhado de milagres dos Construtores, ali estava uma maravilha natural que nada lhes ficava a dever. Quarenta ou cinquenta milhões de anos atrás, os planetas Tremor e Opala haviam girado em torno de Mandel em uma órbita quase circular. A órbita permanecera estável durante bilhões de anos, resistindo às atrações gravitacionais do companheiro menor de Mandel no sistema binário, Amaranth, e dos dois gigantes gasosos que giravam em torno de Amaranth em suas órbitas excêntricas, a quinhentos e setecentos milhões de quilômetros de distância. O ambiente fora tranquilo para os dois membros do par planetário de Dobelle até que uma aproximação maior entre os dois gigantes gasosos fizera com que um deles fosse arremessado na direção de Mandel. Esse planeta sem nome passara raspando pela estrela e assumira uma nova trajetória que o levava para fora do sistema estelar.

Esse teria sido o final da história... exceto pelo fato de que Dobelle estava bem no caminho do planeta desgarrado. O gigante gasoso executara uma dança complexa nas proximidades da dupla de planetas, fazendo com que Tremor e Opala se aproximassem e ao mesmo tempo aumentando a excentricidade da órbita dos dois planetas, com um periastro muito mais próximo de Mandel do que antes. Em seguida, o planeta desgarrado desapareceu para sempre. Ficaram apenas Dobelle e o outro gigante gasoso, chamado Gargântua; os parâmetros orbitais do sistema, que ainda estavam mudando, permitiam uma reconstituição precisa do que ocorreria.

Faltavam apenas algumas semanas para a Maré de Verão, o ponto em que Dobelle estaria mais próximo de Mandel. Se a análise de Darya Lang estivesse correta, seria uma ocasião de grande importância para o braço espiral da galáxia. E também para sua própria vida. Afinal, poderia verificar que suas teorias eram verdadeiras.

Ou falsas.

Darya foi até a escotilha e ficou olhando enquanto a nave se aproximava de Dobelle. Opala e Tremor giravam um em torno do outro em uma dança frenética, completando três voltas em um único dia-padrão. Ela podia ver os planetas se moverem. Entretanto, a velocidade era toda relativa. O encontro da nave com o campo de pouso, no lado estrelado de Opala, podia parecer difícil, mas era um problema trivial para os computadores de navegação que faziam os cálculos necessários.

O problema não estava no pouso, mas nos humanos que a esperavam lá embaixo. O tom da mensagem que autorizara seu desembarque em Opala não era nada animador. “Forneça uma identificação completa do seu financiador. Informe o tempo que pretende ficar. Faça uma descrição pormenorizada do que pretende encontrar. Explique por que a visita tem que ser feita nesta época. Diga por que deseja visitar Tremor. A taxa de permanência deve ser paga com antecedência e não será devolvida em hipótese alguma. Assinado, Maxwell Perry, Comandante.”

Será que os funcionários da imigração de Opala tratavam todos os visitantes de forma tão hostil? Ou sua paranóia não seria na verdade nenhuma paranóia, e sim uma preocupação legítima?

Ainda estava de pé em frente à escotilha quando a nave começou a aproximação final. Estavam chegando da direção de Mandel e ela teve uma boa visão da dupla de planetas. Sabia que Opala era apenas ligeiramente maior que Tremor (tinha um raio médio de 5.600 quilômetros, enquanto o raio médio de Tremor era de 5.100), mas seus olhos insistiam em fornecer uma informação bem diferente. A bola iridescente de Opala, envolvida por nuvens, com uma forma levemente oval e o eixo mais comprido apontando permanentemente na direção do seu planeta irmão, parecia bem maior que o ovóide sombrio de Tremor. Opala tinha uma superfície uniforme, mas a de Tremor era marcada por grandes manchas roxas e verdes. Darya tentou localizar o Cordão Umbilical, mas ele era invisível àquela distância.

Não havia opções para entrar no sistema de Dobelle. O único espaçoporto ficava quase no centro do hemisfério de Opala, do lado das estrelas. Tremor não tinha nenhum espaçoporto. De acordo com o que lera nos livros, o único acesso seguro a Tremor era através de Opala.

Acesso seguro a Tremor?

Uma idéia agradável, mas Darya lembrou-se do que lera a respeito de Tremor e da Maré de Verão. Talvez os livros devessem ter usado uma palavra diferente... pelo menos naquela época do ano.

Os arquivos da Quarta Aliança tinham ainda menos coisas boas para dizer do que a legada Pereira a respeito dos mundos controlados pelo Círculo de Phemus. “Provincianos... pobres... atrasados... quase desertos... bárbaros.”

As estrelas do Círculo ficavam em uma região que fazia fronteira com os três grandes impérios daquele braço da espiral. Entretanto, nem a Quarta Aliança, nem a Comunidade dos Zardalus, nem a Federação de Cecrópia se haviam interessado pelo Círculo de Phemus. Não havia nada ali que valesse a pena comprar ou roubar... nada, pelo menos, que justificasse uma visita.

A menos que a pessoa estivesse atrás de problemas. Era fácil encontrar problemas nos mundos controlados pelo Círculo.

Darya Lang saltou da nave no chão esponjoso do espaçoporto de Opala e olhou em torno, apreensiva. As construções eram baixas e acachapadas, feitas, ao que parecia, de barro e bambu. Ninguém a esperava. Opala era descrito como um planeta com poucos metais, pouca madeira, poucos habitantes. O que mais tinha era água.

Quando o sapato afundou um centímetro ou dois na superfície macia, sentiu-se ainda menos à vontade. Nunca havia estado num mundo aquático, e sabia que em lugar de pedras duras e solo compacto debaixo dos pés, tinha apenas a crosta fraca e pouco substancial da Funda. Abaixo dessa crosta, não existia senão água salgada, até uma profundidade de alguns quilômetros. Havia uma boa razão para os prédios serem baixos e largos. Se fossem altos e pesados, a Funda não resistiria.

Um pensamento irrelevante lhe ocorreu: nem ao menos sabia nadar.

A tripulação da nave que a trouxera ainda estava ocupada com os últimos detalhes da rotina de pouso. Darya começou a caminhar em direção à construção mais próxima, de onde dois homens estavam finalmente saindo para recebê-la.

Não era uma visão animadora. Os dois eram baixos e magros; Darya Lang devia ser pelo menos dez centímetros mais alta que ambos. Estavam usando uniformes idênticos, sujos e remendados, e à distância podiam ser tomados como irmãos, um aproximadamente dez anos mais velho que o outro. Só quando se aproximaram foi que as diferenças começaram a aparecer.

O homem mais velho tinha um ar amistoso e uma maneira confiante de caminhar. A divisa surrada de capitão no ombro revelava que, além de mais velho, ocupava um posto superior ao do outro.

— Darya Lang? — perguntou, assim que a distância diminuiu o suficiente para que não tivesse que gritar. Sorriu e estendeu a mão, mas não para apertar a mão da moça. — Pode me entregar o formulário. Sou o capitão Rebka.

É melhor acrescentar “rudes” às palavras usadas para descrever os habitantes do Círculo de Phemus, pensou Darya. E também acrescentar “sujo” e “maltratado” à descrição de Rebka. O rosto do homem tinha uma dúzia de cicatrizes; a maior ia da têmpora esquerda até a ponta do queixo. Entretanto, o efeito global não era desagradável... pelo contrário. Para sua surpresa, Darya sentiu o formigamento indefinido da atração mútua.

Ela entregou os papéis ao capitão e desculpou-o mentalmente pelas cicatrizes e pelo uniforme em mau estado. A sujeira era apenas superficial, e talvez Rebka tivesse sofrido um grave desastre.

Só que o homem mais moço parecia igualmente sujo e também exibía suas cicatrizes. Era evidente que o pescoço e um lado do rosto tinham sofrido sérias queimaduras, e aquele arremedo de cirurgia reparadora jamais teria sido aceito no Portal da Sentinela.

Talvez as cicatrizes das queimaduras também lhe tivessem tirado a flexibilidade da pele do rosto. Pelo menos, sua expressão era muito diferente da de Rebka. Enquanto o capitão tinha uma certa leveza e revelava uma atitude simpática, apesar da sujeira e da falta de tato, o outro parecia distante e reservado. Seu rosto era duro e sem expressão, e ele mal parecia se dar conta da presença de Darya, embora a moça estivesse a menos de dois metros de distância. E enquanto Rebka se mostrava visivelmente em boa forma física, o outro tinha uma aparência doentia, o ar de quem não faz refeições regulares nem se importa com a própria saúde.

Os olhos dele não combinavam com o rosto jovem. Tristes e desinteressados, eram os olhos de alguém que se retirara do universo. Era pouco provável que viesse a causar qualquer problema a Darya.

No momento em que a moça chegou a essa conclusão confortadora, o rosto diante dela voltou à vida e o homem disse:

— Meu nome é Perry. Comandante Maxwell Perry. Por que deseja visitar Tremor?

A pergunta a fez perder totalmente a compostura. Formulada sem as cortêsias preliminares e tradicionais das apresentações da Aliança, convenceu Darya Lang de que essas pessoas sabiam... sabiam a respeito da anomalia, sabiam do seu papel na descoberta da anomalia, sabiam o que viera procurar em Dobelle. Sentiu-se enrubescer.

— O... o Cordão Umbilical. — Teve que lutar para encontrar as pa-

lavras certas. — Eu... eu fiz um estudo especial dos artefatos dos Construtores; tem sido o trabalho da minha vida. — Ela parou para pigarrear. — Li tudo que já foi escrito sobre o Cordão Umbilical, mas preciso vê-lo de perto e verificar como está preso a Opala e a Tremor. E descobrir como a Estação de Meio Caminho controla o Cordão Umbilical durante a Maré de Verão. — Ela perdeu o fôlego.

Perry continuou impassível, mas o capitão Rebka estava com um leve sorriso no rosto. A moça teve certeza de que ele havia enxergado por trás de cada palavra que ela dissera.

— Professora Lang. — Ele estava lendo o formulário. — Não desencorajamos visitas. Dobelle precisa do dinheiro dos turistas. Entretanto, esta é uma época perigosa do ano, tanto em Opala quanto em Tremor.

— Eu sei. Li a respeito das marés oceânicas de Opala e das marés terrestres de Tremor. — A moça pigarreou novamente. — Não gosto de correr riscos desnecessários. — Pelo menos aquilo era verdade, pensou. — Prometo que serei cautelosa e tomarei todas as precauções que forem necessárias.

— Então a senhora leu a respeito da Maré de Verão. — Perry voltou-se para Rebka, e Darya Lang detectou uma tensão entre os dois homens. — Como o senhor, capitão Rebka. Entretanto, ler e experimentar algo são coisas diferentes. E nenhum de vocês dois parece se dar conta de que esta Maré de Verão vai ser diferente das anteriores.

— Deve ser diferente todas as vezes — replicou Rebka calmamente. Estava sorrindo, mas Darya Lang podia sentir o conflito. Rebka era mais velho e ocupava uma posição superior, mas na questão da Maré de Verão o comandante Perry não aceitava a autoridade do outro.

— Estamos falando de um acontecimento excepcional — insistiu Perry. — Vamos tomar precauções extraordinárias, mesmo aqui em Opala. Quanto ao que pode acontecer em Tremor, não consigo nem imaginar.

— Mesmo depois de ter passado por meia dúzia de Marés de Verão?

Rebka tinha parado de sorrir. Os dois homens se encararam em silêncio, enquanto Darya os observava. Ela pressentiu que a sorte de sua missão dependia da discussão em curso.

— A Grande Conjunção — declarou Perry, depois de alguns segundos. Afinal, Darya ouvia algo que fazia sentido para ela como cientista.

A moça estudara em detalhes a geometria orbital do sistema de Mandel enquanto preparava o seu catálogo de artefatos. Sabia que Aamaranth, a companheira anã de Mandel, normalmente estava tão longe da

primária que, vista de Dobelle, parecia uma estrela como as outras. Entretanto, uma vez a cada poucos milhares de anos, chegava muito mais perto, a menos de um bilhão de quilômetros de Mandel. Gargântua, o gigante gasoso que ficara no sistema, movia-se no mesmo plano orbital e também ele de raro em raro passava muito perto de Mandel.

A Maré de Verão de Dobelle ocorria geralmente em uma ocasião em que Gargântua e Amaranth se encontravam bem afastados de Mandel. Entretanto, as três órbitas estavam em ressonância. Em raras ocasiões, Amaranth e Gargântua se aproximavam juntos de Mandel, em um momento que coincidia com a Maré de Verão para Opala e Tremor. Então...

— A Grande Conjunção — repetiu Perry. — Quando todos os astros se alinham e as marés em Opala e Tremor são as maiores possíveis. De que tamanho, não sabemos. A Grande Conjunção ocorre apenas uma vez a cada trezentos e cinquenta mil anos. A última foi muito antes de os humanos colonizarem Dobelle. Mas a próxima vai ser daqui a apenas trinta e três dias... menos de duas semanas-padrão. Ninguém sabe o que a Maré de Verão vai fazer a Opala e Tremor nesse dia, mas eu sei que as forças que desencadeará serão devastadoras.

Darya olhou para o solo macio debaixo dos seus pés. Estava com a sensação terrível de que a frágil jangada de plantas vivas e mortas já estava se desfazendo sob o assalto de monstruosas marés. Por maiores que fossem os perigos em Tremor, certamente seria preferível enfrentá-los a permanecer em Opala.

— Nesse caso, vocês todos não estariam mais *seguros* em Tremor? — perguntou.

Perry fez que não com a cabeça.

— Opala tem uma população permanente de mais de um milhão de pessoas. Isso pode não parecer nada para alguém como a senhora, que vem de um mundo da Aliança, mas é muito para um planeta do Círculo. Meu planeta natal tinha menos de um quarto desse número.

— E o meu, menos de um oitavo — interveio Rebka. Ninguém ficava em Teufel se pudesse ir para outro lugar.

— Mas vocês sabem qual é a população permanente de Tremor? — Perry ficou olhando para os dois, enquanto Darya se perguntava como pudera ter a impressão de que ele era calmo e desapaixonado. — A população permanente de Tremor é zero — declarou, depois de uma pausa. — Zero! Que é que isso lhes diz a respeito da vida em Tremor?

— Mas existe vida em Tremor — observou a moça. Ela havia estu-

dado o catálogo planetário. — Vida *permanente*.

— É verdade. Mas não é vida humana, nem poderia ser. É vida *nativa*. Nenhum ser humano conseguiria sobreviver em Tremor durante uma Maré de Verão... mesmo uma Maré de Verão normal.

Perry estava ficando cada vez mais veemente. Darya perdeu a esperança de conseguir uma permissão para visitar Tremor. Ele certamente negaria o seu pedido. No momento em que chegava a essa conclusão, o socorro veio de uma direção inesperada.

Rebka voltou-se para Max Perry e apontou com um dedo magro para o céu nublado de Opala.

— Provavelmente tem razão, comandante Perry. Suponha, porém, que as pessoas estejam vindo para Dobelle *por causa* da Grande Conjunção. Não consideramos essa possibilidade quando estávamos analisando os pedidos. — Olhou para Darya Lang. — É esta sua *verdadeira* razão para estar aqui?

— Não. Decididamente, não. — A moça estava aliviada por poder dar uma resposta franca. — Eu nem sabia a respeito da Conjunção até o comandante Perry mencionar o assunto.

— Acredito na senhora. — Rebka sorriu, e a moça teve a impressão de que ele estava sendo sincero. Lembrou-se, porém, das palavras da legada Pereira: “Não confie em ninguém do Círculo de Phemus. Eles praticam técnicas de sobrevivência que nós da Aliança nunca fomos forçados a aprender.” — Na verdade, não faz muita diferença que razões essas pessoas encontraram para nos visitar. Elas não tornam Tremor um planeta mais seguro.

Voltou-se para Perry.

— E tenho certeza de que não está exagerando quanto aos perigos em Tremor durante a Maré de Verão. Por outro lado, tenho a responsabilidade de maximizar a receita de Dobelle com o turismo. É o meu trabalho. Não é nossa responsabilidade proteger os visitantes, embora seja nosso dever preveni-los. Se preferem correr os riscos, o direito é deles. Não são crianças.

— Eles não fazem idéia de como é Tremor durante a Maré de Verão. — O rosto de Perry estava malhado de branco e vermelho. Parecia a ponto de explodir. — O *senhor* não faz idéia.

— Ainda não. Mas pretendo saber como é. — A atitude de Rebka mudou de novo. Ele se tornou um chefe dando ordens a um subordinado. — Concordo com o que diz, comandante. Seria uma irresponsabilidade deixarmos a professora Lang visitar Tremor... até conhecermos os riscos.

Por outro lado, se os perigos forem analisados e considerados aceitáveis, não devemos ser superprotetores. De modo que nós dois vamos a Tremor, enquanto a professora Lang permanece aqui em Opala. Voltou-se para Darya:

— Quando voltarmos... e só então, professora Lang, tomarei uma decisão

ARTEFATO: SENTINELA

Nº de série: 863

Coordenadas galácticas: 27.712,863/16.311,031/761,157

Nome: Sentinela

Conjunto estrela/planeta: Ryders-M/Portal da Sentinela

Nó de Bose mais próximo: G-232

Idade estimada: $5,64 \pm 0,07$ megaaños

História da exploração: A Sentinela foi descoberta no ano 2649 da Expansão por colonizadores humanos na região transoriônica. Primeira tentativa de entrada em 2674 E., por Bernardo Gullemas e a tripulação da nave de exploração D-33, da classe Ciclope. Não houve sobreviventes. Novas tentativas de entrada em 2682 E., 2695 E., 2755 E., 2803 E., 2991 E. Não houve sobreviventes.

Transmissor de sinais de advertência instalado em 2739 E.; base de observação construída no planeta mais próximo (Portal da Sentinela) em 2762 E.

Descrição: A Sentinela é uma região inacessível de forma quase esférica, com pouco menos de um milhão de quilômetros de diâmetro. Embora não possua nenhuma fonte interna visível de energia, a Sentinela brilha fracamente com luz própria (magnitude absoluta +25) e é visível de qualquer ponto do sistema de Ryders-M. A superfície da Sentinela permite a passagem de luz e radiação de qualquer comprimento de onda, mas reflete todos os objetos materiais, incluindo partículas atômicas e subatômicas. O fluxo proveniente do interior é constituído exclusivamente por fótons. O interior pode ser iluminado com um laser, o que revela uma variedade de estruturas no centro da esfera, das quais a mais notável é a “Pirâmide”, uma estrutura tetraédrica regular que absorve toda a luz que a atinge. Se as distâncias no interior da Sentinela têm o mesmo significado que no exterior (existem indícios de que isso não é verdade; veja mais adiante), a Pirâmide mede aproximadamente noventa quilômetros de lado da base. Nenhum aumento na temperatura da Pirâmide é observado, mesmo quando a estrutura está absorvendo uma potência da ordem dos gigawatts

Medidas do percurso de raios luminosos, usando lasers, mostram que o interior da Sentinela não é topologicamente simples; o tempo mínimo que a luz leva para atravessar a esfera é de 4,221 minutos, maior portanto que o tempo geodésico de 3,274 segundos para uma distância equivalente no espaço vazio, longe de qualquer massa. No caso de um raio de luz perpendicular ao “equador” da Sentinela, o tempo de percurso é infinito, ou pelo menos

maior do que mil anos. O deslocamento para o vermelho e os resultados de medidas com raios laser de baixo ângulo indicam que não existe nenhuma massa no interior da Sentinela, um resultado incompatível com a observação de uma estrutura interna.

A Sentinela se mantém a uma distância precisa de 22,34 u.a. da estrela primária do sistema Ryders-M, mas não está em órbita em torno da estrela. As forças gravitacionais e as forças da pressão de radiação são compensadas exatamente por algum mecanismo desconhecido ou simplesmente não agem sobre a estrutura.

Estrutura: De acordo com Wollaski'i e Drews, a Sentinela foi construída sobre uma anomalia natural do espaço-tempo e está acoplada apenas fracamente ao resto do universo. Nesse caso, este é um dos únicos trinta e dois artefatos dos Construtores que foram criados com o uso de substâncias naturais.

A topologia da Sentinela parece ser a de um nó de Ricci-Cartan-Penrose no espaço de sete dimensões.

Finalidade: Desconhecida. Entretanto, supõe-se (por analogia com outros artefatos dos Construtores, veja os n^{os} 311, 465 e 1.223) que a Pirâmide possua uma capacidade quase infinita de armazenar informações. Assim, foi sugerido (Lang, 4130 E.) que a Pirâmide, e possivelmente toda a Sentinela, seja uma biblioteca dos Construtores.

— Do *Catálogo Lang Universal de Artefatos*,
Quarta Edição

Capítulo 4

Maré de Verão menos trinta e um.

A primeira parte da viagem até Tremor foi executada em silêncio total. Depois que se tornou claro que Hans Rebka insistia em conhecer o planeta e não podia ser demovido da idéia, toda a energia de Perry havia desaparecido. Ele mergulhou em uma estranha letargia, sentado ao lado de Rebka no carro aéreo, olhando fixamente para a frente. Levantou-se quando chegaram à base do Cordão Umbilical, mas apenas por tempo suficiente para mostrar o caminho até uma cápsula de passageiros e iniciar a sequência de comandos para a subida.

Visto do nível do mar, o Cordão Umbilical impressionava, mas não chegava a deslumbrar. Para Rebka, parecia uma torre alta e fina, de largura uniforme, com talvez uns quarenta metros de diâmetro, estendendo-se da superfície do oceano de Opala até a base da camada de nuvens. A linha principal da estrutura era um trilho prateado, ao longo do qual passageiros e carga podiam ser transportados em grandes carros. O sistema de propulsão e sustentação era eletromagnético, alimentado por motores lineares síncronos. Os detalhes do projeto podiam ser diferentes, mas Rebka tinha visto o mesmo princípio ser usado em uma dúzia de planetas, transportando pessoas e materiais para o alto de edifícios de muitos qui-

lômetros de altura ou colocando-os em órbita. O fato de que havia mais de dois quilômetros do Cordão Umbilical abaixo do nível do mar, chegando até o ponto de fixação no fundo do oceano, podia ser surpreendente, mas não era difícil de aceitar.

O mais difícil de ser aceito (pelo menos para Rebka) era o fato de que havia mais doze mil quilômetros do Cordão Umbilical acima das nuvens, estendendo-se até a superfície crestada e turbulenta de Tremor. O observador que embarcava em uma cápsula estava vendo menos de um décimo milésimo de toda a estrutura. Como a velocidade máxima dos carros era de mil quilômetros por hora, o sol nasceria duas vezes em Tremor antes que a viagem terminasse.

E agora estavam a caminho.

A cápsula era da altura e largura das maiores construções de Opala. Do jeito que os Construtores a haviam deixado, o interior era um grande espaço vazio. Os humanos tinham acrescentado divisões internas, desde um depósito de carga na parte de baixo até uma câmara de controle e observação na extremidade superior.

Os motores do carro eram silenciosos. Tudo que se podia ouvir quando começaram a subir suavemente, atravessando a camada de nuvens, era o assobio do ar e o murmúrio da turbulência atmosférica. Mais cinco segundos e Hans Rebka teve sua primeira visão de Tremor. Ouviu Max Perry resmungar a seu lado.

Talvez Rebka também tivesse resmungado. Porque de repente a camada permanente de nuvens que cobria Opala parecia uma bênção dos céus. Ainda bem que o outro planeta não era visível da superfície de Opala, pensou.

Tremor ocupava uma boa parte do céu, uma bola malhada, iluminada pelo sol, que parecia pronta para esmagar Rebka. O instinto lhe dizia que nenhuma força do universo poderia suportar um peso tão grande, que jamais se acostumaria com uma visão como aquela. Ao mesmo tempo, a razão fez um cálculo rápido das velocidades orbitais e do equilíbrio entre as forças centrífuga e gravitacional e assegurou-lhe que tudo estava em perfeito equilíbrio dinâmico. As pessoas poderiam se sentir pouco à vontade com a imagem ameaçadora de Tremor no céu por um dia ou dois, mas depois passariam a ignorá-la.

Daquela distância, não era possível ver detalhes, mas era evidente que estava olhando para um mundo sem grandes mares ou oceanos. Rebka pensou imediatamente em terraformação; não de Tremor ou Opala isoladamente, mas dos dois em conjunto. Era a combinação perfeita. Tre-

mor tinha os metais e minerais, Opala tinha a água. Seria um trabalho difícil, mas já enfrentara desafios maiores. Pelo menos, já havia um sistema de transporte ligando os dois planetas.

Olhou para o Cordão Umbilical à sua frente. Conseguiu acompanhar a linha por uns cem quilômetros antes de perdê-la de vista. A Estação de Meio Caminho, a quatro mil quilômetros de distância, no centro de massa do sistema Opala-Tremor, aparecia como uma pequena conta dourada em uma linha invisível. Levaria metade do dia para chegar lá. Tinha muito tempo para pensar.

E muitas coisas em que pensar.

Rebka fechou os olhos e passou em revista as coisas que o preocupavam.

Começando com Max Perry. Tinham bastado alguns dias de convivência com o homem para convencê-lo de que havia na verdade dois Max Perry. Um era um burocrata tímido e desinteressado, do tipo que Rebka esperaria encontrar em um emprego sem futuro em um planeta de terceira do Círculo de Phemus. Mas por baixo dessa personalidade havia uma outra, a de uma pessoa inteligente e cheia de vida, com idéias próprias. Esse segundo Max Perry parecia despertar apenas em raras ocasiões, sem razão aparente.

Não, não era bem assim. O segundo Max acordava quando Tremor era mencionado, e apenas quando isso acontecia. E Max II devia ser o homem arguto e determinado que Perry havia sido o tempo todo sete anos antes... quando fora nomeado para aquele cargo em Dobelle.

Rebka recostou-se no assento, fisicamente relaxado mas mentalmente ativo. Está bem. Aceite o fato de que existe um mistério em Max Perry. Mas pergunte se esse mistério justifica tirar um homem experiente e produtivo como Hans Rebka de um projeto importante envolvendo a exploração do Paradoxo para transformá-lo em psicólogo amador no remoto planeta Opala.

Não fazia sentido. Se os homens e mulheres que administravam o Círculo de Phemus eram bons em alguma coisa, era na conservação de recursos; e os recursos humanos constituíam-se nos mais preciosos de todos.

Precisava procurar outro motivo, outra razão para ter sido mandado para ali.

Rebka não era ingênuo a ponto de pensar que os superiores lhe contariam tudo a respeito das missões para as quais era destacado. Podia ser que eles nem conhecessem a história completa. Descobriria aquilo da

maneira mais difícil, em Pelicano. Um enviado especial devia ser capaz de cumprir bem sua missão com um mínimo de informações, e Rebka funcionava melhor quando era forçado a descobrir as coisas sozinho.

A terraformação de Tremor e Opala?

Os superiores deviam saber que a idéia lhe ocorreria assim que visse a dupla de planetas. Seria esse o verdadeiro motivo pelo qual fora requisitado? Para iniciar um projeto de terraformação?

Não, não parecia provável.

Nesse caso, tinha que considerar outras variáveis. Quatro grupos estavam interessados em visitar Tremor durante a Maré de Verão. Um deles poderia ser uma coincidência genuína (o Conselho da Aliança não era dado a práticas tortuosas), mas quatro de uma vez era demais.

E a Maré de Verão que estava para acontecer seria a maior de todos os tempos. Talvez fosse isso. Achavam-se ali para aquela Maré de Verão especial.

Mais uma vez, a explicação não lhe pareceu satisfatória. Darya Lang lhe dissera que não sabia que seria uma Maré de Verão especial até Perry comentar a respeito.

Rebka acreditava nela. Mas isso também era suspeito. Deixara uma companheira na estação em órbita em torno do Paradoxo. Independente do que o cérebro lhe dissesse, suas glândulas estavam provavelmente procurando uma substituta. Nos primeiros dois minutos que passara com Darya, percebera que havia uma atração mútua. Devia ser muito cauteloso ao lidar com a moça, porque queria acreditar nela.

Darya não sabia da existência de uma Maré de Verão gigante programada para breve. Ótimo. Mas mesmo que Rebka acreditasse nisso, não queria dizer que a moça fosse quem alegava ser; Darya poderia ter um papel diferente, mais complexo, a desempenhar na trama.

Seria ela quem alegava ser? Isso podia ser verificado. Antes de deixar o lado das estrelas, Rebka enviara uma mensagem cifrada pela rede de comunicações de Bose, pedindo que o serviço de informações do Círculo confirmasse que Darya Lang era uma especialista em artefatos dos Construtores. A resposta estaria à sua espera quando voltasse de Tremor. Até então, era melhor pôr de lado as perguntas relativas a Lang.

Mas restavam muitas outras a serem respondidas. Hans Rebka foi interrompido por um leve toque no braço. Abriu os olhos.

Max Perry estava apontando para cima, na direção do Cordão Umbilical. Tremor estava lá, uma vez e meia maior que no início da viagem. No momento, porém, refletia apenas a soturna luz vermelha de Amaran-

th. Mandel estava escondido atrás do planeta, e, com a proximidade da Maré de Verão, seu companheiro menor estava chegando cada vez mais perto. Em pouco tempo não haveria mais noite, nem em Tremor, nem em Opala.

Perry apontou de novo, e Rebka percebeu que não era Tremor que ele mostrava. Estavam quase chegando à Estação de Meio Caminho, e, surpreendentemente, o Cordão Umbilical parecia terminar ali. Rebka podia ver uma interrupção, uma região em que a estrutura cilíndrica terminava em um ponto azul brilhante. Estavam se movendo rapidamente em direção a esse ponto; pouco depois, o próprio Tremor começou a ser ocultado pela esfera dourada da Estação de Meio Caminho.

— Que está acontecendo? — perguntou Rebka. — Pensei que o Cordão Umbilical continuasse até Tremor. — Ele devia estar um pouco nervoso, porque do lado de fora do carro só havia o vácuo do espaço; mas Perry tinha um sorriso no rosto, e certamente não parecia à beira do desastre.

— E continua — respondeu. — Estamos nos aproximando do Guincho. Vamos ter que fazer um desvio e tornar a nos ligar ao Cordão Umbilical do outro lado da Estação de Meio Caminho. Os viajantes podem entrar na estação, se quiserem. Ela é bem equipada. Comida, acomodações etc. Mas acho melhor seguirmos em frente. Se quiser, podemos visitar a Estação de Meio Caminho na volta.

Enquanto Perry falava, o carro em que estavam viajando se desligou do cabo principal e passou por uma série de portões e trilhos. Tremor desaparecera de vista. A Estação de Meio Caminho estava à direita. Rebka podia ver uma fila de aberturas, todas suficientemente grandes para receber a cápsula. Olhou para trás, para o lugar onde o cabo principal do Cordão Umbilical desaparecia em uma luminosidade azul, apenas para reaparecer alguns quilômetros adiante.

— Não estou vendo nenhum guincho.

— Nem vai ver. — O segundo Max Perry estava de volta, alerta e entusiasmado. — É apenas um nome. Acontece que Opala e Tremor estão em uma órbita mútua quase circular, mas a distância entre eles varia continuamente, desde um valor muito pequeno até cerca de quatrocentos quilômetros. Seria impossível instalar um Cordão Umbilical permanente se não houvesse um dispositivo para aumentar e diminuir o tamanho do cabo, de acordo com as necessidades do momento. É isso que o Guincho faz.

— Aquele buraco no espaço?

— Certo. Funciona muito bem, e, durante a Maré de Verão, puxa ainda mais o cabo, de modo que ele se desprende da superfície de Tremor. E é suficientemente “esperto” para deixar intacta a ligação com Opala. Mas é tudo tecnologia dos Construtores. Não fazemos idéia de para onde vai o cabo, ou de como “sabe” o que fazer. Os humanos não se importam, contanto que possam levantar ou baixar o Cordão Umbilical usando as sequências especiais de controle.

A relutância de Perry em visitar Tremor havia desaparecido assim que deixaram Opala. Estava olhando para a frente no momento em que contornaram a Estação de Meio Caminho, tornando a ver Tremor no céu.

A cápsula manobrou para engatar no segundo trecho do Cordão Umbilical e eles começaram a ganhar velocidade. Logo depois, passaram pelo centro de massa do sistema de Dobelle e houve uma clara sensação de queda em direção a Tremor, com a força centrífuga se somando à gravidade de Tremor. O planeta escuro crescia visivelmente no céu, de minuto a minuto. Começaram a ver os detalhes da superfície.

E Rebka observou outra mudança em Perry. Sua respiração se acelerou. Olhava fixamente para a superfície de Tremor. Rebka podia apostar que o coração também estava batendo mais depressa.

Que haveria lá embaixo? Rebka daria muita coisa para ver Tremor através dos olhos de Max Perry.

Tremor não tinha mares nem oceanos, mas possuía muitos rios e pequenos lagos. Era em volta deles que crescia a vegetação característica, verde-escura e cor de ferrugem. As plantas eram em sua maioria duras e espinhentas, mas em certos lugares o solo estava coberto por exuberantes samambaias, macias e flexíveis. Uma dessas áreas era a margem do maior dos lagos, não longe da base do Cordão Umbilical — um lugar natural para uma pessoa se deitar e descansar. Ou para duas pessoas encontrarem outros prazeres.

Amy estava falando no ouvido dele, com sua voz melodiosa.

— Você é a maior autoridade neste planeta, não é?

— Não exagere. — Ele estava se sentindo preguiçoso, relaxado. — Mas acho que sei mais a respeito de Tremor do que qualquer um.

— É a mesma coisa. Então por que não quer me trazer mais aqui? Nada o impede, Max. Você controla o acesso.

— Eu não devia ter trazido você aqui nem uma vez.

A sensação de poder. Da primeira vez, fizera aquilo para se mostrar, mas depois que chegara ao planeta encontrara razões ainda melhores.

Tremor continuava sendo um lugar seguro, pois faltava muito tempo para a Maré de Verão, mas já havia poeira vulcânica na atmosfera. Os poentes, que ocorriam a cada oito horas, eram de uma beleza indescritível, feitos de vermelhos, roxos e dourados. Não havia visto nada parecido em todo o universo... nem tinha conhecimento de que existisse. Mesmo com os olhos fechados, ainda podia ver aquelas cores gloriosas.

Estivera se mostrando para Amy... mas agora ele próprio não queria parar de olhar, ainda não. Ficou deitado de costas, desviando os olhos do deslumbrante pôr-do-sol para admirar o disco brilhante de Opala. A seu lado, Amy tinha arrancado uma das folhas de samambaia e fazia cócegas com ela no seu peito nu. Depois de alguns momentos, deitou-se sobre ele, bloqueando a visão de Opala e fitando o rapaz com olhos muito sérios.

— Você vai, não vai? Claro que sim. Diga que vai.

— Vou o quê? — Ele fingiu que não havia entendido.

— Trazer-me aqui de novo. Perto da Maré de Verão.

— Não vou, não. — Ele rolou a cabeça de um lado para outro na vegetação macia, preguiçoso demais para levantá-la totalmente. Sentia-se como se fosse o rei do mundo. — Seria perigoso, Amy. Procure entender.

— Mas você virá.

— Não durante a Maré de Verão. Vou sair daqui muito antes disso. Ninguém fica em Tremor durante a Maré de Verão.

— Então eu posso ir embora quando você for. Está bem assim?

— Não. Não quero que você esteja aqui quando faltar pouco tempo para a Maré de Verão.

Amy aproximou o corpo do do rapaz, enquanto o último raio de luz deixava a superfície de Tremor. Ele não podia mais ver o rosto da moça; estava mergulhado na sombra.

— Eu podia ficar. — Os lábios de Amy estavam a um centímetro dos seus. — Diga que posso. Diga que sim.

— Não — repetiu Perry. — Não quando a Maré de Verão estiver para chegar.

Amy não disse mais nada. Estava ocupada com outros argumentos.

Capítulo 5

Maré de Verão menos trinta.

Darya Lang estava se sentindo terrivelmente frustrada. Viajar para tão longe, preparar-se para enfrentar desafios, perigos, experiências novas e emocionantes... e depois ter que ficar dias e dias sem nada para fazer, enquanto outros decidiam se teria permissão para executar a parte final e mais importante da jornada!

Ninguém na Aliança dissera que sua missão seria simples. Entretanto, ninguém a prevenira de que, uma vez no sistema de Dobelle, poderia ter dificuldade para *chegar* a Tremor. Até o momento, não pudera nem mesmo ver o planeta, a não ser do espaço. Estava retida no lado das estrelas de Opala por um tempo indefinido, sem a menor idéia do que ocorreria em seguida.

Perry lhe reservara um prédio inteiro, perto do espaçoporto, e lhe assegurara que estava livre para ir aonde lhe aprouvesse, conversar com quem quisesse, fazer qualquer coisa que tivesse vontade.

Muita gentileza dele. Exceto pelo fato de que não havia mais ninguém no prédio, e não havia nada no prédio além de quartos de dormir... e ele lhe dissera que queria falar com ela assim que voltasse. Ele e Rebka certamente passariam vários dias viajando. Para onde poderia ir? Que

poderia fazer para passar o tempo?

Decidiu examinar alguns mapas de Opala na tela do computador. Para alguém acostumado aos continentes fixos e aos litorais imutáveis do Portal da Sentinela, os mapas eram curiosamente insatisfatórios. O relevo submarino dos oceanos de Opala era mostrado como uma característica permanente do planeta, mas parecia ser a única constante geográfica. No caso das Fundas, não conseguiu encontrar mais que a posição atual e a velocidade de deslocamento de algumas centenas das maiores delas; mais (e para ela era uma informação preocupante) a espessura e tempo estimado de vida de cada uma. No momento, ela se encontrava em uma placa com menos de quarenta metros de profundidade, cuja espessura variava de ano para ano de forma imprevisível.

Desligou o computador, sentou-se e esfregou os olhos. Não se sentia bem. Talvez isso se devesse em parte à gravidade reduzida, que ali no lado das estrelas de Opala correspondia a apenas quatro quintos da gravidade-padrão. Talvez se devesse à desorientação produzida pela viagem interestelar. Os cientistas insistiam em que o Sistema Bose não produzia nenhum efeito nos humanos. Entretanto, Darya se lembrou dos habitantes das velhas Arcas, que se recusavam a fazer viagens superluminais e afirmavam que a alma humana era incapaz de viajar mais depressa que a luz.

Se os habitantes das Arcas estavam certos, sua alma ainda levaria muito tempo para alcançá-la.

Darya foi até a janela e olhou para o céu nublado de Opala. Sentia-se solitária e muito longe de casa. Gostaria de poder olhar para Rigel, a supergigante mais próxima do Portal da Sentinela, mas a camada de nuvens era contínua. Sentia-se também muito irritada. Hans Rebka podia ser um tipo interessante, e estava claramente interessado nela (o brilho nos seus olhos era inconfundível), mas não tinha vindo de tão longe para ver seus planos frustrados pelos caprichos de um burocrata.

No estado de espírito em que se encontrava, era melhor dar um passeio pela Funda do que continuar confinada naquela construção baixa e claustrofóbica. Saiu para o ar livre e descobriu que tinha começado a chover. Explorar a Funda a pé nessas condições podia ser difícil; a superfície era constituída por moitas irregulares de juncos e samambaias em um solo friável, mantido no lugar por um emaranhado escorregadio de plantas rasteiras.

Por outro lado, estava acostumada a andar descalça, e seus dedos dos pés conseguiriam um bom apoio nas duras raízes. Curvou-se e tirou

os sapatos.

O piso era ainda mais irregular fora da área controlada do espaçoporto. Caminhar tornou-se difícil, mas estava precisando do exercício. Tinha andado pouco mais de um quilômetro e estava disposta a continuar o passeio quando ouviu um som sibilante vindo de uma grande moita de samambaias alguns metros à frente. A parte superior das plantas se encurvou, pressionada por alguma coisa muito grande e pesada.

Darya abriu a boca e pulou para trás, estatelando-se no solo molhado. De repente, passear a pé lhe pareceu ter sido uma péssima idéia. Correu de volta para o espaçoporto e requisitou um carro. O veículo tinha um alcance de vôo limitado, mas a levaria até a margem da Funda, permitindo que desse uma olhada no oceano de Opala.

— Não precisava se preocupar — disse o mecânico que lhe entregou o carro. Ele estava insistindo em mostrar-lhe como funcionavam os controles, embora a moça tivesse certeza de que conseguiria operá-los sozinha. — Os animais terrestres de Opala são inofensivos e os colonos não trouxeram para cá nenhum bicho carnívoro. Também não existem plantas venenosas. A senhora não corria nenhum perigo.

— O que era, então?

— Uma velha tartaruga — esclareceu o mecânico, um homem alto, de pele clara, com um macacão encardido, um sorriso franco e jeito extremamente informal. — Deve pesar meia tonelada e passa o tempo todo comendo. Mas só se alimenta de samambaia, grama, essas coisas. A senhora poderia montar nas costas dela que nem iria ligar.

— Uma forma de vida nativa?

— Nada disso. — A explicação a respeito do uso do carro havia terminado, mas ele não parecia ansioso para ir embora. — Não havia vertebrados em Opala. A maior forma de vida que os colonos encontraram em terra foi uma espécie de caranguejo de quatro patas.

— Existe alguma forma de vida perigosa nos oceanos?

— Não para mim e a senhora. Quero dizer, não diretamente. Quando sair para passear de barco, fique de olho para não chegar muito perto do que parece uma ilha verde, com mais ou menos um quilômetro de largura. Os rbdomantes são assim. Às vezes eles afundam um barco, mas é totalmente sem querer.

— E se um deles se meter debaixo de uma Funda?

— Por que faria uma besteira dessas? — protestou o mecânico. — Eles sobem à superfície em busca de ar e luz, e essas coisas não existem debaixo das Fundas. A senhora não deve ir embora sem ver um rbdom-

mante... é uma experiência e tanto. Nesta época do ano, eles aparecem com frequência. Teve sorte de encontrar aquela tartaruga, sabe? Mais alguns dias e elas vão dar o fora. Provavelmente, vão partir ainda mais cedo que de costume.

— Para onde vão?

— Para o oceano, claro. Sabem que a Maré de Verão vem aí e querem estar num lugar bem sossegado quando ela chegar. Devem saber que a deste ano vai ser especial.

— Estarão seguras no mar?

— Bem seguras. Esses bichos não gostam de passar muito tempo longe da água. Quando a maré baixa, tratam logo de voltar para perto do mar.

O mecânico saiu do carro pela porta da esquerda.

— Se quiser descobrir o caminho mais curto para a borda da Funda, é só observar para onde estão apontando as cabeças das tartarugas. — Limpou as mãos com um pano imundo, deixando-as tão sujas quanto antes, e dirigiu a Darya um olhar de admiração. — Alguém já disse que a senhora tem um corpo muito bonito? É verdade. Se quiser companhia quando voltar, estarei aqui. Moro aqui perto. Meu nome é Cap.

Darya Lang levantou vô pensando nos mundos do Círculo de Phe-mus. Ou seria apenas o ar de Opala que fazia os homens olharem para ela daquele jeito? Em doze anos de vida adulta que passara no Portal da Sentinela, tivera apenas um caso de amor, recebera talvez quatro cumprimentos e observara meia dúzia de olhares de apreciação. Ali, arranjara dois admiradores em dois dias.

Bem que a legada Pereira lhe dissera para não se surpreender com o que quer que acontecesse fora do território da Aliança. E o tio Matra fora ainda mais explícito ao saber o seu destino: “Todos nos mundos do Círculo são loucos por sexo. Têm que ser, ou estariam extintos.”

As grandes tartarugas não eram visíveis da altitude que escolhera para o vô, mas assim foi mais fácil localizar a margem da Funda. Sobrevoou o oceano por algum tempo e ficou satisfeita ao ver o dorso verde e monstruoso de um rbdomante emergir das águas. Visto à distância, poderia ser confundido com uma Funda pequena, perfeitamente circular, até o momento em que o dorso inteiro se abriu em dez mil bocas, que deixaram escapar jatos sibilantes de vapor branco. Depois de dez minutos, as aberturas se fecharam lentamente, mas o rbdomante continuou a lagartear na água morna da superfície.

Darya se deu conta pela primeira vez da importância ecológica das

Fundas em um mundo aquático como Opala. As marés eram uma força de destruição em mundos como o Portal da Sentinela, onde a subida e a descida das águas dos oceanos iam de encontro aos litorais fixos dos continentes. Ali, porém, tudo podia se mover livremente, pois as Fundas flutuantes acompanhavam o niveladas águas. Na verdade, embora a Funda que continha o espaçoporto devesse estar, naquele exato momento, se movendo para cima ou para baixo, em resposta à atração gravitacional de Mandel e Amaranth, encontrava-se totalmente em repouso em relação à superfície do oceano. As únicas forças a que estava submetida se deviam a efeitos de terceira ordem, consequência de sua grande superfície.

As formas de vida estavam igualmente seguras. A menos que um rbdomante tivesse a desventura de se encontrar em uma região na qual a maré extraordinariamente baixa deixasse descoberto o fundo do oceano, o animal nem tomaria conhecimento da Maré de Verão.

Darya conduziu o carro até um ponto próximo da margem da Funda, longe o suficiente do oceano para poder pousar em segurança. Ali não estava chovendo, e havia mesmo uma sugestão de que o disco de Mandel poderia mostrar o seu rosto através das nuvens. Desceu do veículo e olhou em torno. Era estranho estar em um mundo tão desabitado que não havia ninguém à vista de horizonte a horizonte. Entretanto, não era uma experiência desagradável. Caminhou em direção à margem da Funda. As plantas de caules macios e folhas compridas que orlavam o litoral estavam carregadas de frutas amarelas, do tamanho do seu punho fechado. A acreditar em Cap, eram comestíveis, mas aquilo lhe pareceu um risco desnecessário. Embora sua fauna e flora intestinais tivessem sido substituídas no dia da chegada por espécies adaptadas a Opala, os microrganismos provavelmente ainda deviam estar discutindo quem faria o quê. Aproximou-se da margem tortuosa da Funda, tirou os sapatos e inclinou o corpo para pegar um pouco de água salgada nas mãos em concha. Esse risco estava disposta a correr.

Bebeu alguns goles. A água tinha um gosto salgado, mas que não lembrava sal de cozinha. Era mais como se estivesse provando seu próprio sangue.

O complexo equilíbrio químico em um planeta como Opala a fez sentar-se de cócoras e pensar. Em um mundo sem continentes, os rios não podiam remover sais e bases das rochas expostas e depositá-los nos oceanos. Por outro lado, o metano primordial e outros hidrocarbonetos mais pesados deviam infiltrar-se no fundo do mar, através de microfissuras, e difundir-se na massa líquida. Todo o equilíbrio terra-mar tinha

que ser radicalmente diverso do que existia em seu planeta natal. Seria essa uma situação realmente estável? Ou Opala e Tremor ainda estavam mudando quando ocorrera o episódio traumático, quarenta e poucos milhões de anos atrás, que os fizera assumir uma órbita totalmente nova em torno de Mandel?

Caminhou uns cem metros para longe do litoral e sentou-se de pernas cruzadas em uma saliência coberta de vegetação verde-escura.

Mandel era uma mancha luminosa nas nuvens. Ainda estava alto no céu. Faltavam pelo menos duas horas para o anoitecer. Agora que conhecia melhor o planeta, sabia que era um lugar tranquilo e hospitaleiro, nada parecido com o mundo hostil e inóspito que imaginara. Certamente os humanos tinham todas as condições para viver ali, mesmo durante a Maré de Verão. E se Opala era tão agradável, poderia seu irmão gêmeo, Tremor, ser muito diferente?

Mas teria que ser diferente para que suas conclusões estivessem corretas. Olhou para o horizonte cinzento, no qual não se viam embarcações ou outras Fundas, e repassou pela milésima vez a cadeia de raciocínio que a levava a Dobelle. Quão convincentes eram aqueles resultados de uma análise por mínimos quadrados? Para ela, era impossível que os dados pudessem se encaixar tão perfeitamente por mera coincidência. Mas, se os resultados lhe pareciam tão claros e indiscutíveis, por que outros estudiosos não tinham chegado à mesma conclusão?

Só havia uma resposta. Seu raciocínio fora auxiliado pelo fato de que era uma sedentária, uma pessoa que jamais viajara pelas estrelas. A humanidade e seus vizinhos alienígenas estavam acostumados a pensar em espaço e distâncias em termos do Sistema Bose. Para as viagens interestelares, usavam uma rede de Nós de Bose. A velha medida de distância geodésica entre dois pontos não tinha mais importância; o que contava era o número de Transições de Bose. Apenas os habitantes das Arcas, ou talvez os velhos colonizadores que continuavam a viajar em naves subluminais, seriam capazes de imaginar que uma mudança em um dos artefatos dos Construtores fosse capaz de gerar um sinal, um sinal que se propagaria em todas as direções a partir do ponto de origem, viajando com a velocidade da luz. E apenas alguém como Darya Lang, que se interessava por tudo que dizia respeito aos Construtores, poderia se perguntar se haveria alguns lugares e tempos onde todas essas frentes de onda esféricas se interceptavam.

Os elos da cadeia de raciocínio eram fracos, se tomados isoladamente, mas em conjunto tinham deixado a moça totalmente convencida.

Sentiu-se novamente irritada. Ela *estava* no lugar certo... ou estaria, se pudesse sair de Opala e ir para Tremor! Em vez disso, porém, achava-se impedida de deixar aquele paraíso sonolento.

Paraíso sonolento. No momento em que as palavras se formaram em sua mente, ouviu um zumbido desagradável às suas costas. Uma forma saída de um pesadelo cruzou o ar e pousou bem à sua frente, com as seis patas articuladas totalmente estendidas.

Se Darya não gritou, foi apenas porque a garganta se recusou a funcionar.

A criatura tirou do chão duas das patas castanho-escuras e levantou o corpo. A moça viu um ventre segmentado, vermelho-escuro, e um pescoço curto, envolvido por pregas vermelhas e brancas. Mais acima, uma cabeça branca, sem olhos, duas vezes maior que a sua. Não havia boca, mas uma fina tromba se projetava do meio do rosto e se encurvava para baixo, enfiando-se em uma bolsa logo abaixo do queixo.

Darya ouviu uma série de guinchos curtos e muito agudos. Chifres ocos e amarelos no meio da cabeça se voltaram para examiná-la. Acima deles, um par de órgãos castanho-claros, desproporcionalmente compridos mesmo para aquela cabeça enorme, se desenrolou para formar antenas de dois metros de comprimento, que balançavam suavemente no ar úmido.

A moça gritou e pulou para trás, tropeçando no montículo em que estivera sentada. Nesse momento, uma segunda figura aproximou-se com um salto gracioso e colocou-se ao lado da primeira. Era outro artrópode, quase da mesma altura, mas com um corpo bem mais fino, da largura do braço de Darya. A pequena cabeça da criatura era dominada por olhos compostos cor de limão, sem pálpebras. Eles giraram em seus pedúnculos para observá-la.

Darya sentiu um cheiro doce, complexo e pouco familiar mas não desagradável, e um momento depois a boca da segunda criatura se abriu.

— Saudações de Atvar H'sial — disse uma voz suave, em uma linguagem humana distorcida mas compreensível.

A outra criatura continuou calada. O primeiro choque começou a passar e Darya voltou a pensar racionalmente.

Tinha visto algumas fotografias. Nos retratos não dava para ter idéia do tamanho e do aspecto apavorante, mas a primeira criatura só podia ser uma cecropiana, um membro da espécie dominante da Federação de Cecrópia, que controlava oitocentos planetas. O segundo animal devia ser um intérprete, um membro da espécie inferior a que os cecropianos

invariavelmente recorriam para se comunicar com os humanos.

— Meu nome é Darya Lang — disse a moça, devagar. Os outros dois eram tão diferentes dela que provavelmente não compreenderiam suas expressões faciais. Mesmo assim, esforçou-se para sorrir.

Houve uma pausa e novamente ela sentiu o cheiro pouco familiar. Os chifres amarelos da cecropiana se voltaram para ela. Pôde ver que o interior continha um arranjo delicado de tubos em espiral.

— Atvar H'sial pede desculpas através do outro. — Um dos braços articulados da cecropiana apontou para o animal menor. — Achamos que talvez tenha se assustado conosco.

Ela devia estar brincando. Era desconcertante ouvir palavras criadas pela mente de uma criatura saírem da boca de outra. Entretanto, Darya sabia que o mundo de origem da raça dos cecropianos, seu planeta-mãe, como a Terra era o planeta-mãe de todos os humanos, era um globo coberto de nuvens que girava em torno de uma anã vermelha. Naquele ambiente sombrio, os cecropianos jamais haviam desenvolvido o sentido da visão. Em vez disso, “enxergavam” através da ecolocalização, usando pulsos sônicos de alta frequência emitidos por um órgão localizado abaixo do queixo. O sinal de retorno era recebido pelos chifres amarelos. Uma das vantagens desse método é que os cecropianos podiam conhecer não só o tamanho, forma e distância de cada objeto no campo de visão, mas também podiam usar o deslocamento Doppler do sinal de retorno para determinar a velocidade com que o objeto estava se movendo.

Mas havia desvantagens. Como a audição era usada para “ver”, os cecropianos tinham que se comunicar por outros meios. Eles o faziam quimicamente, “conversando” através de feromônios, mensageiros químicos cuja variedade de composições lhes proporcionava uma linguagem rica e fluente. Um cecropiano não sabia apenas o que os companheiros estavam dizendo; os feromônios também lhe permitiam *sentir*, conhecer diretamente as emoções dos que o cercavam. As antenas, quando desenroladas, eram capazes de detectar e identificar uma única molécula correspondente a milhares de diferentes odores.

Para um cecropiano, um ser que não emitisse os feromônios apropriados simplesmente não existia como ser racional. Podiam “vê-lo”, é verdade, mas não podiam senti-lo. Os humanos estavam nessa categoria. Darya sabia que os primeiros contatos entre cecropianos e humanos tinham sido totalmente improdutivos até que os cecropianos encontraram, dentro de sua federação, uma espécie que ao mesmo tempo era capaz de falar e se comunicar através de feromônios.

A moça apontou para a outra criatura, que posicionara os olhos amarelos de forma desconcertante, um voltado para Darya e outro para a cecropiana, Atvar H'sial.

— E quem é você?

Houve um longo silêncio. Finalmente, a pequena boca, com seus longos bigodes que eram na verdade antenas, tornou a se abrir.

— O nome do intérprete é J'merlia. Seu nível de inteligência é muito baixo e seu papel neste encontro é irrelevante. Ignore sua presença, por favor. É Atvar H'sial que deseja conversar com você, Darya Lang. Precisamos falar a respeito do planeta Tremor.

Aparentemente, Atvar H'sial usava o outro da mesma forma que os mundos mais ricos da Aliança empregavam robôs. Entretanto, seria preciso um robô muito sofisticado para fazer um trabalho de tradução como o que J'merlia estava fazendo... mais sofisticado do que todos os robôs que Darya conhecia, a não ser os da própria Terra.

— Que há com Tremor?

A cecropiana baixou o corpo, colocando as duas patas dianteiras no chão, de modo que a cabeça sem olhos ficou a pouco mais de um metro de Darya. Graças a Deus que ela não tem presas nem mandíbulas, pensou Darya, caso contrário eu não conseguiria me controlar.

— Atvar H'sial é especialista em dois campos — disse J'merlia. — Em formas de vida que se adaptam para viver em condições de extrema pressão ambiental, e também nos Artífices, a raça desaparecida que os humanos chamam de Construtores. Chegamos a Opala há poucas unidades de tempo. Faz muito que pedimos permissão para visitar Tremor na época da Maré de Verão. A permissão ainda não foi concedida, mas no espaçoporto de Opala conversamos com um humano que afirmou que você também pretende visitar Tremor. É verdade?

— Não é bem assim. Eu *quero* visitar Tremor. — Darya hesitou. — E quero estar lá na época da Maré de Verão. Mas como foi que vocês me encontraram?

— Foi fácil. Seguimos o transmissor de emergência do seu carro.

Não foi isso que eu quis dizer, pensou Darya. Como foi que vocês descobriram que eu *existo*!

Mas a cecropiana prosseguiu.

— Diga-me, Darya Lang. Pode conseguir uma permissão para que Atvar H'sial também visite Tremor?

Será que o intérprete tinha compreendido mal suas palavras?

— Não está entendendo. Eu *quero* visitar Tremor, mas não tenho

nenhuma influência sobre as pessoas que concedem as permissões. Quem vai decidir são dois homens que no momento se encontram em Tremor, avaliando as condições do planeta.

Os raios de Mandel apareceram brevemente através de uma brecha nas nuvens. Atvar H'sial, ato reflexo, abriu os élitros negros, revelando quatro delicadas asas vestigiais, decoradas com manchas circulares vermelhas e brancas. Tinha sido por causa dessas manchas, do pescoço pregueado e da fantástica sensibilidade a odores que os zoólogos que examinaram os primeiros espécimes os chamaram de cecropianos, embora não tivessem mais em comum com a mariposa cecrópia da Terra do que qualquer outra espécie terrestre. Darya sabia que nem mesmo eram insetos, embora compartilhassem com eles um esqueleto externo, uma estrutura de artrópode e uma metamorfose da forma juvenil para a forma adulta.

As asas escuras vibravam lentamente. Atvar H'sial parecia perdida no prazer sensual do calor. Houve alguns segundos de silêncio até que a brecha nas nuvens se fechou e J'merlia disse:

- Mas os homens são machos. Não estão sob as suas ordens?
- Não estão sob as minhas ordens. Absolutamente.

Darya imaginou de novo se ela e Atvar H'sial estariam conseguindo entender uma o que a outra dizia. O processo de conversão parecia extremamente precário, passando de sons para mensageiros químicos através de um intermediário alienígena que provavelmente não compartilhava da cultura de nenhum dos interlocutores. Além disso, ela e Atvar H'sial não tinham muitos pontos de referência culturais em comum para se apoiar. Atvar H'sial era fêmea, sabia disso, mas qual o papel dos machos na cultura cecropiana? O de zangões? O de escravos?

J'merlia deixou escapar um zumbido, mas não disse nada.

— Os homens que vão tomar a decisão não estão sob minhas ordens — repetiu Darya, falando devagar, o mais explicado possível. — Se recusarem meu pedido para visitar Tremor, não há nada que eu possa fazer.

O zumbido aumentou de volume.

— Isso não é satisfatório — disse J'merlia, afinal. — Atvar H'sial precisa visitar Tremor durante a Maré de Verão. Viajamos muito para chegar aqui. Desistir agora seria impensável. Se não pode conseguir permissão para nós e para você mesma, será preciso recorrer a outros métodos.

A grande cabeça sem olhos se aproximou ainda mais, de modo que Darya pôde ver cada pêlo, cada poro. A tromba se estendeu para tocá-lo a mão. Era morna e ligeiramente pegajosa. A moça se forçou a ficar

onde estava.

— Darya Lang — disse J’merlia —, quando dois seres têm um objetivo em comum, devem trabalhar em conjunto para atingir esse objetivo. Se nos assegurar sua cooperação, há uma forma pela qual Darya Lang e Atvar H’sial poderão visitar Tremor. Juntas. Com ou sem permissão oficial.

Será que J’merlia estava interpretando mal as idéias de Atvar H’sial, ou Darya não entendera direito a proposta da cecropiana? Porque, ao que parecia, a moça estava sendo convidada por aquela exótica alienígena para participar de um projeto secreto.

Ficou desconfiada, mas à cautela se misturava uma ponta de emoção. Era como se a cecropiana estivesse lendo seus pensamentos de horas atrás. Se Rebka e Perry concordassem em deixá-la visitar Tremor, muito bem. Se não... poderia haver outro projeto em andamento.

E não seria um projeto qualquer, mas um plano destinado a levá-la ao objetivo... durante a Maré de Verão.

Darya podia ouvir o ruído do ar que era aspirado continuamente pelos espiráculos da cecropiana. A tromba de Atvar H’sial deixava pingar um fluido castanho-escuro; o rosto sem olhos parecia tirado de um pesadelo infantil. Ao lado de Darya, a silhueta negra e esguia de J’merlia fazia parte do mesmo pesadelo.

Mas os humanos tinham que aprender a ignorar as aparências. Se dois seres eram racionais e tinham objetivos em comum, não podiam ser totalmente estranhos um ao outro.

Darya inclinou-se para a frente.

— Muito bem, Atvar H’sial. Estou interessada em ouvir o que tem a dizer. Prossiga.

Não estava certa de que fosse concordar com a proposta; que mal, porém, havia em ouvi-la

Capítulo 6

Maré de Verão menos vinte e nove.

O Cordão Umbilical e as cápsulas de transporte que o utilizavam tinham sido instalados havia pelo menos quatro milhões de anos quando os humanos colonizaram Dobelle. Como todos os artefatos dos Construtores, tinham sido feitos para durar. O sistema funcionava com perfeição. Fora estudado exaustivamente, mas, embora as análises revelassem muita coisa a respeito dos métodos de fabricação dos Construtores, nada diziam a respeito da sua fisiologia ou dos seus costumes.

Será que os Construtores respiravam? Os carros eram abertos, feitos de materiais transparentes e não dispunham de nenhum tipo de vedação.

Será que os Construtores dormiam? Será que faziam exercícios? Não havia nada que pudesse ser reconhecido como cama, lugar para descansar ou equipamento de recreação.

Pelo menos, os Construtores tinham que comer e evacuar. Acontece que, embora a viagem de Opala até Tremor levasse muitas horas, não havia instalações para armazenar ou preparar alimentos, nem para recolher dejetos.

A única conclusão provisória a que os engenheiros humanos che-

garam foi a de que os Construtores eram grandes. Cada cápsula era um monstro, um cilindro de mais de vinte metros de comprimento e quase o mesmo de diâmetro; o interior era totalmente vazio. Por outro lado, não havia provas de que os carros fossem usados pessoalmente pelos Construtores... talvez funcionassem exclusivamente para transportar carga. Se isso fosse verdade, porém, por que estavam também equipados com controles internos que permitiam mudar a velocidade durante a viagem?

Enquanto os historiadores discutiam a respeito da aparência física e os costumes dos Construtores e os cientistas se preocupavam com os aspectos inexplicáveis da sua tecnologia, mentes mais práticas se dispuseram a colocar o Cordão Umbilical a serviço dos colonos. Tremor tinha minérios e combustíveis. Opala não dispunha de matérias-primas, mas o clima era bem mais ameno. O sistema de transporte entre os dois mundos era útil demais para ser desprezado.

Começaram com os equipamentos necessários para uma viagem confortável entre os componentes do par de planetas. Não podiam mudar o tamanho e a forma das cápsulas; como a maior parte dos produtos dos Construtores, os carros eram módulos integrados, quase indestrutíveis e impossíveis de modificar. Entretanto, não foi difícil vedá-los e instalar um sistema de pressurização. Cozinhas simples foram montadas, juntamente com toaletes, enfermarias e áreas de recreação. Finalmente, reconhecendo o fato de que muitos humanos se sentiam pouco à vontade a grandes alturas, enormes painéis tinham sido instalados sobre o casco transparente. Esses painéis podiam ser polarizados até se tornarem translúcidos. Nesse caso, restava apenas uma grande janela de observação na extremidade superior da cápsula.

Rebka estava lamentando esta última modificação quando a cápsula em que se encontrava se aproximou de Tremor. Enquanto subiam para a Estação de Meio Caminho, e mesmo depois de passarem pela estação, estivera apreciando uma vista admirável do planeta para o qual se dirigiam... tão admirável que não se importara de deixar para conhecer a Estação de Meio Caminho em outra oportunidade. Supusera que continuaria a ver Tremor até pousarem. Em vez disso, a cápsula inexplicavelmente girara cento e oitenta graus quando ainda se encontravam a algumas centenas de quilômetros do planeta. Em lugar de Tremor, teve que se contentar com uma vista pouco interessante das nuvens que cobriam perpetuamente a superfície de Opala.

Voltou-se para Max Perry.

— Pode fazer a cápsula girar de volta? Não estou vendo nada.

— Posso, mas nesse caso vamos levar horas para chegar. — Perry já estava alerta, preparando-se para a chegada. — Devemos entrar na atmosfera de Tremor a qualquer momento. O carro tem que estar nesta posição para manter a estabilidade aerodinâmica, caso contrário teríamos que reduzir a velocidade quase a zero. Na verdade... — Interrompeu o que estava dizendo e sua expressão se tornou tensa. — Escute.

Rebka levou alguns momentos para perceber. De repente, seus ouvidos captaram um assóvio agudo do lado de fora das paredes da cápsula. Era o primeiro indício de que haviam entrado na atmosfera de Tremor, o som que o ar rarefeito fazia ao resistir à passagem da cápsula. A velocidade de descida já devia estar diminuindo.

Cinco minutos depois, o ruído mudou. Já se achavam a uma altitude suficientemente pequena para começar a equalizar as pressões, e o ar do planeta estava sendo injetado no interior da cápsula. Um cheiro vagamente sulfuroso impregnou o ambiente. Ao mesmo tempo, a cápsula começou a estremecer sob o impacto dos ventos. Rebka sentiu que uma força crescente o comprimia contra o assento.

— Três minutos — anunciou Perry. — Estamos na desaceleração final.

Rebka olhou para ele de soslaio. Estavam para descer em um planeta que Perry supostamente considerava perigoso, mas não havia nenhum sinal de medo na voz de Perry nem em sua expressão. Talvez estivesse um pouco nervoso, mas parecia mais a ansiedade e emoção de um homem que volta para casa depois de passar muito tempo viajando.

Como podia se sentir assim, pensou, se considerava Tremor uma armadilha mortal?

O carro parou e a porta se abriu sem ruído. Rebka, seguindo Perry, viu suas suspeitas se confirmarem. Desceram em uma planície azul-acinzentada, esparsamente coberta de arbustos verde-escuros e líquens cor de tijolo. O clima era realmente seco e quente, e o cheiro de enxofre era forte no ar do meio da tarde; entretanto, a menos de um quilômetro de distância Rebka podia ver o reflexo da água, com plantas maiores na margem, e perto delas um bando de animais pequenos e lerdos, que pareciam herbívoros, pastando calmamente.

Não havia vulcões em erupção, nem terremotos, nem qualquer violência subterrânea. Tremor era um planeta pacífico, sonolento, cujos habitantes se preparavam para enfrentar as altas temperaturas que acompanhavam a Maré de Verão.

Antes que Rebka pudesse dizer alguma coisa, Perry olhou em torno

e sacudiu a cabeça.

— Não sei o que está acontecendo. — Sua expressão era de espanto. — Eu disse que iríamos ter problemas, e não estava brincando. Está tudo calmo demais. E faltam menos de trinta dias para a Maré de Verão, a maior de todos os tempos.

Rebka deu de ombros. Se Perry estava fazendo algum tipo de encaenação, não conseguia entender por quê.

— Para mim, tudo parece em ordem.

— É verdade. E é disso que não estou gostando. — Fez um gesto abrangente. — Não devia ser assim. Já estive aqui nesta época do ano, muitas vezes. Devíamos estar vendo terremotos e erupções. Devíamos estar *sentindo* os tremores, bem debaixo dos nossos pés. Devia haver dez vezes mais poeira no ar. — Ele parecia realmente confuso.

Rebka assentiu e depois fez com o corpo uma volta de trezentos e sessenta graus, observando com calma a paisagem que os cercava.

Bem à frente deles estava a base do Cordão Umbilical. Ela tocava a superfície, mas não era mantida em posição por nenhum dispositivo mecânico. O acoplamento realizava-se eletromagneticamente, através do manto de Tremor, rico em metais. Perry lhe explicara que tal procedimento era necessário por causa da instabilidade da superfície do planeta durante a Maré de Verão. Isso era plausível, e compatível com a declaração de Perry a respeito da violência do evento. Por que outra razão os Construtores teriam evitado usar um acoplamento mecânico? Entretanto, a simples plausibilidade não tornava a explicação verdadeira.

Atrás do Cordão Umbilical, na direção do disco de Mandel, que estava quase no poente, havia uma cadeia de montanhas às quais o ar poeirento emprestava uma tonalidade arroxeadada. Os picos eram todos da mesma altura e tinham um espaçamento estranhamente regular. As bordas escarpadas e as vertentes abruptas sugeriam uma origem vulcânica, mas Rebka não viu nenhum penacho de fumaça nem qualquer indício de um fluxo recente de lava. Olhou para baixo. O chão sob seus pés era liso e contínuo, sem nenhum claro na vegetação rasteira que indicasse uma possível fenda.

Então este era Tremor, o planeta aterrorizante? Rebka dormira com facilidade em ambientes dez vezes mais ameaçadores. Sem dizer uma única palavra, começou a caminhar na direção do lago. Perry saiu correndo atrás dele.

— Aonde vai? — Parecia nervoso, e Rebka não acreditava que estivesse fingindo.

— Quero dar uma olhada naqueles animais. Se é que é seguro fazê-lo.

— Deve ser. Mas deixe-me ir na frente. — A voz de Perry soava tensa quando ele tomou a dianteira. — Conheço o terreno.

É muita gentileza sua, pensou Rebka. Só que não vejo a necessidade de conhecer este terreno. O solo era marcado aqui e ali por afloramentos ígneos e pedras basálticas de todos os tamanhos, um sinal seguro de atividade vulcânica antiga. Nem sempre o caminho era fácil, mas Rebka não teria mais dificuldade para chegar ao lago do que Perry.

Na verdade, o chão ia se tornando menos irregular à medida que se aproximavam do lago. Perto da água, o solo estava coberto por uma vegetação rasteira, verde-escura, que conseguira se estabelecer no meio das rochas. Pequenos animais, todos invertebrados, correram para se esconder dos estranhos que se aproximavam. Os herbívoros os ignoraram até que estivessem a poucos metros de distância; depois, afastaram-se sem pressa, abrindo caminho para eles. Eram criaturas de dorso arredondado e simetria radial, com muitas pernas e bocas ao longo de toda a periferia.

— Sabe o que está me preocupando, não sabe? — perguntou Rebka, súbito.

Perry negou com a cabeça.

— Tudo isto. — Rebka fez um gesto circular, indicando as plantas e animais à volta deles. — Você insiste em que os humanos não devem visitar Tremor pouco antes da Maré de Verão. Afirma que é muito perigoso. Aconselha-me a negar permissão a Julius Graves e aos outros, mesmo que isso implique um prejuízo financeiro considerável para o sistema de Dobelle. No entanto, eles estão aqui. — Apontou para os animais que caminhavam lentamente em direção à margem do lago. — Vivem aqui, e aparentemente sem problemas. Que é que eles fazem que nós não podemos fazer?

— Duas coisas. — Tinham chegado à margem do lago, e por alguma razão Perry parecia bem mais calmo. — Em primeiro lugar, evitam a superfície de Tremor durante a Maré de Verão. Os animais que vivem em Tremor podem ser divididos em duas categorias: os que morrem antes da Maré de Verão, e seus ovos só chocam quando o verão termina, e os que passam o verão dormindo em algum lugar seguro. Esses herbívoros que está vendo são todos anfíbios. Daqui a alguns dias, vão entrar nos lagos, cavar tocas na lama do fundo, e dormir até que seja seguro sair. Não podemos fazer isso. Pelo menos, nós dois não podemos. Talvez os cecropianos possam.

— Bem que poderíamos fazer algo parecido. Construir habitações no fundo dos lagos.

— Está bem, seria possível, mas duvido que Darya Lang e os outros concordassem. Seja como for, isto é apenas parte da história. Eu disse que eles fazem duas coisas. A segunda coisa que fazem é reproduzir-se depressa. Uma grande ninhada a cada ano. Podemos copular quanto quisermos, todo dia, que não conseguiremos a mesma fertilidade. — O sorriso de Perry não tinha nenhum humor. — Aqui, é um imperativo natural. A taxa de mortalidade dos animais e plantas em Tremor é de mais de noventa por cento ao ano. As pressões ambientais são enormes, e eles se adaptaram o mais que puderam; mesmo assim, nove em cada dez vão morrer durante a Maré de Verão. Está disposto a correr um risco semelhante? Permitiria que Darya Lang e Julius Graves corressem tal risco?

Era um forte argumento... se Rebka estivesse disposto a acreditar que a Maré de Verão fosse tão violenta quanto Perry estava afirmando. E até o momento não via nenhuma prova disso. A proximidade de Mandel faria com que Tremor fosse submetido a grandes forças de maré. Ninguém duvidava. Entretanto, não estava claro até que ponto essas forças afetariam a superfície do planeta. A flora e a fauna de Tremor existiam havia mais de quarenta milhões de anos. Durante esse período, deviam ter passado por dezenas de Grandes Conjunções, embora não houvesse seres humanos para observá-las. Por que não sobreviveriam a outra com facilidade?

— Vamos. — Hans Rebka tomara uma decisão. Mandel estava quase se pondo, e queria deixar o planeta antes que tivessem que depender da luz mortíça de Amaranth. Estava convencido de que Perry não lhe contara tudo; que o homem tinha suas próprias razões para tentar impedir que as pessoas visitassem Tremor. Contudo, mesmo que Max Perry estivesse certo, Rebka não tinha argumentos para proibir o acesso a Tremor. Não dispunha de provas suficientes de que o planeta era perigoso para convencer o governo do Círculo de Phemus.

Todos os argumentos pareciam apontar no sentido oposto. Os animais nativos podiam passar por dificuldades durante a Maré de Verão, mas eles não dispunham dos mesmos recursos que os humanos. Com base no que estava vendo, Rebka tinha vontade de passar, ele próprio, a Maré de Verão em Tremor.

— Temos o dever de prevenir os visitantes — prosseguiu. — Mas não somos responsáveis por eles. Se insistirem em vir aqui, conhecendo os perigos, não poderemos impedi-los.

Perry não parecia estar escutando. Olhava em todas as direções, franzindo a testa para o céu, o chão e a cordilheira distante.

— Isto não podia acontecer, sabe? — disse ele. Parecia perplexo. — Para onde está indo?

— Para onde está indo o quê? — Rebka estava pronto para voltar.

— A energia. As forças de maré estão mandando energia para cá... energia que vem de Mandel, Amaranth e Gargântua. Acontece que esta energia não está sendo liberada. Isso quer dizer que deve haver um monstruoso acúmulo interno...

Foi interrompido por um clarão vermelho vindo do oeste. Os dois homens olharam naquela direção e viram que entre eles e o disco de Mandel tinha aparecido uma série de chafarizes de fogo, cuja base ficava nas montanhas distantes.

Segundos depois, chegou a onda sonora; a onda de choque levou ainda mais tempo para chegar, mas os animais não esperaram. O primeiro clarão os fez sair correndo na direção da água, movendo-se muito mais depressa do que Rebka imaginara que fosse possível.

— A coisa começou! Daqui a pouco as pedras vão começar a voar! — gritou Perry, lutando para fazer-se ouvir no meio de um barulho parecido com trovoadas. Apontou para as múltiplas erupções. — Algumas delas vão estar incandescentes, e estamos bem no caminho. Venha!

Começou a correr na direção do Cordão Umbilical, enquanto Rebka hesitava. A linha de erupções era curiosamente regular; as fontes de lava tinham aparecido exatamente de três em três picos. Olhou rapidamente na direção oposta (a água não seria um refúgio mais seguro?) e depois seguiu Perry. O chão começou a tremer; balançava tanto de um lado para o outro que quase perdeu o equilíbrio. Reduziu a marcha até que uma pedra semiderretida do tamanho de um carro aéreo caiu do céu a menos de vinte metros de onde se encontrava.

Perry já estava na cápsula, na base do Cordão Umbilical, segurando a porta para ele.

Rebka jogou-se lá dentro de cabeça, trocando a compostura pela rapidez.

— Pronto, estou aqui. Vamos!

Perry subiu correndo as escadas que levavam à sala de controle e observação, e o carro começou a subir antes que Rebka tivesse tempo de se levantar e verificar se estava ferido. Em vez de seguir Perry, abriu ligeiramente a porta e olhou para fora.

Blocos de pedra e bolas de lava continuavam a bombardear o local

onde tinham estado momentos antes. Podia ver as chamas nos lugares onde os ejetos incandescentes haviam incendiado a vegetação e ouvir o barulho que um ou outro fragmento fazia ao se chocar com o Cordão Umbilical, acima e abaixo da posição do carro. Não causariam nenhum dano, a não ser que um deles entrasse pela abertura. Entretanto, teria tempo suficiente para vê-lo e fechar a porta.

Lembrou-se dos carros aéreos que estavam estacionados perto da base do Cordão Umbilical. Eles tinham sido construídos pelos humanos em Opala e levados a Tremor para servirem como meio local de transporte. Enquanto Rebka observava, uma pedra fumegante mergulhou em direção à capota de um dos carros. Quando ricocheteou sem chegar a tocar na capota, ele percebeu que os carros estavam protegidos por uma cobertura feita do material transparente usado pelos Construtores, canibalizada, provavelmente, da Estação de Meio Caminho.

Olhou para o horizonte. Da altitude atual de duzentos ou trezentos metros, podia ver até uma distância considerável. A superfície estava coalhada de pequenos incêndios, que se estendiam até os picos distantes. A fumaça levou um odor pungente a suas narinas, resinoso e aromático; o calor fazia o solo abaixo tremeluzir, e a poeira tornava-o indistinto.

Era evidente que as erupções se restringiam a uma única linha de vulcões localizada entre o Cordão Umbilical e o disco de Mandel, que se achava a oeste, próximo ao horizonte. Um pico a cada três estava deixando escapar uma coluna de fumaça preta. Entretanto, o fenômeno já ia amainando. As nuvens de fumaça não brilhavam mais com lampejos vermelhos e alaranjados, e o número de pedras que cortavam o ar em direção ao carro já era bem menor. Os herbívoros tinham desaparecido havia muito tempo. Provavelmente estavam escondidos nas profundezas do lago. Saberiam quando fosse seguro sair de novo da água.

Perry tinha largado os controles e se encontrava agora agachado ao lado de Rebka. O carro não estava mais se movendo.

— Muito bem. — Rebka preparou-se para fechar a porta. — Estou convencido. Não gostaria de assumir a responsabilidade de permitir que aquelas pessoas venham para cá durante a Maré de Verão. Vamos dar o fora daqui e voltar para Opala.

Mas Perry estava mantendo a porta aberta e sacudindo a cabeça em negação.

— Eu gostaria de descer de novo — disse.

— O quê? Quer morrer?

— Claro que não. O que eu quero é dar uma boa olhada e ver se

compreendo o que está acontecendo.

— Está chegando a hora da Maré de Verão, comandante. É isso que está acontecendo. Os terremotos e erupções estão começando, como havia previsto.

— Não é bem assim. — Perry parecia mais perplexo do que alarmado. — Algo de misterioso está ocorrendo. Não se esqueça de que já estive em Tremor nesta época do ano. Muitas vezes. O que acabamos de ver não é nada. Meros fogos de artifício, de efeito apenas local. Devíamos ter encontrado *mais* atividade, muito mais. A superfície estava calma quando chegamos; devia estar tremendo sem parar. As erupções podem ter sido impressionantes, mas os terremotos foram desprezíveis. — Apontou para fora. — Dê uma olhada. As coisas já estão se aquietando.

— Não sou geólogo, mas acho que isso seria de se esperar. — Rebka não conseguia entender o que estava se passando na cabeça de Perry. Afinal, ele queria ou não que os visitantes fossem autorizados a visitar Tremor? Agora, que estava disposto a concordar com Perry, este parecia haver mudado de idéia. — As tensões se acumulam e são aliviadas. As forças internas aumentam durante algum tempo, atingem um valor crítico e depois caem a zero. Períodos de agitação se alternam com períodos de calma.

— Não aqui. — Perry finalmente fechou a porta. — Não durante a Maré de Verão. Pense um pouco, capitão. Não se trata do vulcanismo planetário usual. Opala e Tremor giram um em torno do outro uma vez a cada oito horas. As forças de maré de Mandel e Amaranth comprimem e dilatam o interior dos dois planetas a cada revolução. Em uma Maré de Verão normal, essas forças já são grandes; na Grande Conjunção, elas se tornam gigantescas... centenas de vezes maiores do que no resto do ano.

Ele se sentou no chão do compartimento de carga e ficou olhando para a parede. Depois de alguns momentos, Rebka subiu até a sala de controle e colocou o carro em movimento. Quando voltou, Perry continuava no mesmo lugar.

— Vamos, acalme-se. Acredito em você; as forças de maré podem ser muito grandes. Mas isso também se aplica a Opala, não é?

— É. — Perry finalmente saiu do torpor em que se encontrava e levantou-se. — Em Opala, porém, os efeitos são atenuados. A superfície do oceano se deforma livremente e atinge um máximo ou mínimo de altura a cada quatro horas. As mudanças do fundo do mar, terremotos e erupções, são amortecidas pela água. Em Tremor não existem oceanos para reduzir os efeitos das marés terrestres. Nesta época do ano, Tremor

devia estar ativo o *tempo todo*. Mas nós vimos que não está. É esse o problema. Para onde está indo toda essa energia?

Perry tornou a sentar-se e ficou parado, olhando para o vazio.

Enquanto a velocidade de ascensão do carro aumentava e o sibilar da atmosfera de Tremor começava, Rebka se sentia estranhamente insatisfeito. Tinha estado em Tremor e observado pessoalmente os fatos. Pelo aspecto, o lugar era tão perigoso quanto Perry afirmara. No entanto, Perry não parecia ter *medo* de Tremor. Absolutamente. Tinha proposto que voltassem... no meio de uma erupção vulcânica!

Rebka chegou a uma conclusão. Para compreender Perry, precisaria de mais informações. Sentou-se de frente para o outro.

— Muito bem, comandante Perry. Tremor não está se comportando como o senhor esperava. Não posso opinar quanto a isso. Diga-me, então: como é que Tremor *normalmente* se comporta nesta época do ano?

Mas aquela foi exatamente a pergunta errada. O ar pensativo desapareceu do rosto de Perry e foi substituído por uma expressão de tristeza. Rebka ficou esperando por uma resposta até perceber, minutos depois, que o outro não diria nada. Em vez de tirar Max Perry do seu devaneio, a pergunta contribuiria para prolongá-lo. O homem estava longe dali, perdido em recordações.

Recordações de quê? Certamente de Tremor durante a Maré de Verão.

Rebka não disse mais nada. Em vez disso, fez uma promessa a si mesmo, olhou para a silhueta distante da Estação de Meio Caminho e admitiu uma verdade desagradável. Não pedira para ser designado para aquela missão, um trabalho de babá que interrompera o projeto mais importante de sua carreira. Estava furioso por ter sido mandado para longe do Paradoxo, por ter que trabalhar em Dobelle e por ter que se preocupar com a carreira interrompida de um burocrata obscuro.

Entretanto, o orgulho profissional não permitiria que desistisse antes de saber com certeza o que destruíra aquele homem. Porque Perry *tinha sido* destruído, mesmo que isso não aparecesse na superfície.

Uma outra coisa era clara. O que quer que tivesse destruído Perry estava em Tremor na época da Maré de Verão.

O que queria dizer que Rebka teria que voltar lá, teria que estar em Tremor em uma ocasião na qual, de acordo com todas as indicações, a sobrevivência de um ser humano no planeta seria impossível.

ARTEFATO: CORDÃO UMBILICAL

Nº de série: 269

Coordenadas galácticas: 26.837,186/17.428,947/363,554

Nome: Cordão Umbilical

Conjunto estrela/planeta: Mandel/Dobelle (duplo)

Nó de Bose mais próximo: 513

Idade estimada: $4,037 \pm 0,15$ megaaños

História da exploração: Descoberto por sensores remotos durante um vôo não tripulado às proximidades de Mandel em 1446 E. Primeira inspeção detalhada executada durante um vôo tripulado em 1513 E. (Dobelle e Hinchcliffe). Visitado pela primeira vez por uma nave de colonização em 1668 E. (classe Skyscan, Wu e Tanaka). Usado pela primeira vez por colonos em 1742 E. Usado rotineiramente como sistema de transporte desde 1778 E.

Descrição: O Cordão Umbilical é um sistema de transporte que liga os planetas gêmeos do sistema de Dobelle, Opala (originalmente chamado de Ehrenknechter) e Tremor (originalmente chamado de Castelnuovo). Com doze mil quilômetros de comprimento e quarenta a sessenta metros de largura, o Cordão Umbilical forma um cilindro que está permanentemente fixado à superfície de Opala (através de uma ligação mecânica no fundo do oceano) e eletromagneticamente acoplado a Tremor. A ligação à superfície de Tremor é desfeita quando o sistema duplo, cuja órbita é muito excêntrica, está para chegar ao ponto de máxima aproximação da estrela principal do sistema, Mandel. Este fenômeno ocorre uma vez a cada 1,43 ano-padrão.

A variação da distância entre Opala e Tremor é compensada através do “Guincho”, um dispositivo que utiliza uma singularidade no espaço-tempo (presumivelmente artificial) para modificar o comprimento do Cordão Umbilical. O Guincho também remove automaticamente o Cordão Umbilical da superfície de Tremor no período de máxima aproximação de Mandel (“Maré de Verão”). A técnica de controle é conhecida a nível operacional, mas ainda não se conhece o tipo de sinal usado para comandar o início da manobra (ou seja, não se sabe se se trata de um sinal de tempo, um sinal de força ou outro tipo qualquer). A Estação de Meio Caminho (localizada a 9.781 quilômetros do centro de massa de Opala e a 12.918 quilômetros do centro de massa de Tremor) permite introduzir ou remover do Cordão Umbilical cargas recebidas do espaço ou a serem lançadas no espaço.

Nota: O Cordão Umbilical é um dos artefatos mais simples e fáceis de compreender; por esse motivo, não é de muito interesse para os estudiosos da tecnologia dos Construtores. Mesmo assim, tem a sua parcela de misté-

rio, pois, embora simples, foi um dos últimos artefatos a serem construídos (idade estimada: menos de cinco milhões de anos). Alguns arqueoanalistas acreditam que este fato revela o começo de um declínio na sociedade dos Construtores, declínio esse que culminou com o colapso de sua civilização e seu desaparecimento total da Galáxia há mais de três milhões de anos.

Estrutura: Cabos de sustentação de hidrogênio sólido extremamente puro, com emendas de muônio estabilizado. A resistência dos cabos é comparável à dos ganchos espaciais construídos pelos humanos e cecropianos.

Os carros usados no transporte são impulsionados por motores síncronos lineares. A técnica utilizada para fixar os cabos é desconhecida, mas parece ser semelhante à empregada para fixar os filamentos do Casulo (Nº1).

Também não se conhece com segurança a origem do Guincho, mas trata-se provavelmente de um artefato dos Construtores e não de um fenômeno natural do sistema de Dobelle.

Finalidade: Sistema de transporte. Até a chegada dos humanos, o sistema permaneceu sem uso durante pelo menos três milhões de anos. No momento, está sendo usado regularmente. Não existem indicações de que tenha sido empregado para outras finalidades.

— *Do Catálogo Lang Universal de Artefatos,*
Quarta Edição.

Capítulo 7

Maré de Verão menos vinte e sete.

Tremor estava mudando. Não da forma que Max Perry previra, transformando-se, com a aproximação da Maré de Verão, de um mundo quente mas pacífico em um inferno de lava derretida e terremotos devastadores. Não. Naquele ano da Grande Conjunção, Tremor havia ficado... imprevisível.

E Opala talvez também estivesse mudando, à sua maneira. Mais do que os habitantes do planeta desconfiavam.

A idéia ocorreu a Rebka enquanto sobrevoavam Opala, viajando da base do Cordão Umbilical para o espaçoporto, onde Darya Lang estaria à espera.

Seis dias antes, a viagem em torno do planeta até o Cordão Umbilical tinha sido monótona, sem turbulência e com muito pouca coisa para ver a não ser um cinza uniforme acima e abaixo do carro aéreo. Agora, faltando ainda vinte e sete dias para a Maré de Verão, o carro era sacudido por ventos violentos. Rajadas súbitas golpeavam as superfícies de sustentação e a fuselagem. Max Perry foi forçado a fazer o aparelho subir cada vez mais para escapar à chuva torrencial, às nuvens escuras e aos vórtices ameaçadores.

Então os habitantes de Opala se achavam convencidos de que não corriam perigo, mesmo com marés muito maiores que o normal?

Hans Rebka não estava tão certo.

— Está tirando uma conclusão apressada — disse a Perry, quando começaram a descer para pousar no espaçoporto, enfrentando de novo a tempestade. — Acha que este ano as marés em Opala vão ser como as outras Marés de Verão, só que mais fortes.

— Está exagerando. — No momento em que a perpétua camada de nuvens que envolvia Opala os fez perder Tremor de vista, a outra personalidade de Perry tornara a aparecer: frio, formal e indiferente. Não queria discutir o que haviam visto na superfície de Tremor nem a sua perplexidade diante do que estava acontecendo lá. — Eu não disse que nada de diferente vai acontecer em Opala — prosseguiu. — Entretanto, não acredito que esteja muito longe da verdade. Pode ser que algumas das Fundas maiores não resistam e se partam em pedaços. Entretanto, não vejo nenhum perigo para a população. Se necessário, toda a população de Opala pode abandonar as Fundas e passar a Maré de Verão no mar.

Rebka ficou em silêncio, segurando com força os braços do assento enquanto enfrentavam um vácuo que deixou os dois em queda livre por alguns segundos.

— Pode não ser bem assim — disse, logo que o coração parou de tentar sair pela boca.

Mais de uma vez tivera vontade de espiçar Max Perry e observar suas reações. Era como na teoria dos sistemas de controle: aplicar sinais conhecidos à entrada de uma caixa-preta e monitorar a saída. Se isso fosse feito de modo correto, dizia a teoria, seria possível descrever perfeitamente o funcionamento da caixa, mesmo que não se conhecesse o seu conteúdo. No caso de Perry, porém, parecia haver duas caixas diferentes. Uma delas era habitada por um indivíduo capaz, atencioso e simpático; a outra continha um molusco, que se retirava para o interior de sua casca protetora sob o efeito de certos estímulos.

— Esta situação me faz lembrar Pelicano — prosseguiu Rebka. — Ouviu falar do que aconteceu lá, comandante?

— Se ouvi, não me lembro mais. — Não era o tipo de reação que Rebka estava esperando, mas desta vez Max Perry tinha uma desculpa. Sua atenção concentrava-se no sistema automático de estabilização, que lutava para conduzir o carro aéreo para um pouso seguro.

— A situação deles não era muito diferente da de Opala — continuou Rebka —, exceto pelo fato de que envolvia a relação de massa entre

vegetais e animais, e não marés oceânicas.

“Quando os colonos chegaram ao planeta pela primeira vez, tudo estava em perfeita ordem. Acontece que a cada quarenta anos Pelicano passa por dentro de uma nuvem de cometas. Pequenos corpos feitos de materiais voláteis, a maioria suficientemente pequenos para se vaporizarem na atmosfera e jamais chegarem à superfície. A umidade e a temperatura sofrem uma pequena elevação abrupta. O número de animais aumenta em relação ao número de plantas, a quantidade de oxigênio na atmosfera diminui um pouco, mas em menos de um ano está tudo de volta ao normal. Nada de chamar a atenção.

“Era o que todos pensavam. E continuaram a pensar desse jeito, mesmo depois que os astrônomos previram que, na passagem seguinte pela nuvem, Pelicano pegaria trinta por cento mais material que de costume.

— Acho que agora estou me lembrando. — Perry demonstrava um interesse distante e polido. — É um caso que estudamos antes que eu viesse para Dobelle. Algo saiu errado e eles quase perderam toda a colônia, certo?

— Depende de quem estiver contando a história. — Rebka hesitou. Quanto deveria revelar? — Nada pôde ser provado, mas minha opinião coincide com a sua. Eles escaparam por pouco. Mas o que eu estava querendo dizer era o seguinte: o que aconteceu de errado não poderia ter sido previsto pelos modelos tradicionais de circulação. O aumento do influxo de material proveniente da evaporação dos cometas fez a biosfera de Pelicano atingir um novo estado de equilíbrio. O oxigênio passou de quatorze para três por cento em três semanas, e continuou nesse valor até a equipe de terraformação chegar e fazer as coisas voltarem ao normal. A mudança súbita teria matado muita gente, porque simplesmente não haveria tempo de remover toda a população do planeta.

Max Perry fez que sim com a cabeça.

— Eu sei. Só que um homem em Pelicano resolveu evacuar o planeta muito antes que se aproximassem da nuvem de cometas. Ele tinha estudado os fósseis e chegado à conclusão de que haveria um cataclisma, certo? É um exemplo clássico... o homem que estava no local sabia mais do que uma equipe de especialistas a anos-luz de distância. Ele desobedeceu às ordens do governo e acabou virando herói.

— Nada disso. Ele foi *repreendido* pelos superiores.

O carro havia pousado e estava taxiando em direção ao prédio do espaçoporto; Rebka preferiu deixar o assunto morrer. Não era o momento

apropriado para revelar a Max Perry a identidade do homem. E, embora tivesse sido admoestado em público, fora parabenizado em particular por sua decisão de contrariar as ordens por escrito do Coordenador Setorial. O fato de que seus superiores imediatos tinham-lhe ocultado *deliberadamente* a existência daquelas ordens por escrito não chegou nem a ser mencionado. Parecia ser parte da filosofia do governo do Círculo de Phe-mus: os agentes especiais trabalhavam melhor quando não sabiam demais. Cada vez tinha mais certeza de que não lhe haviam contado todos os fatos antes de mandá-lo para Dobelle.

— Tudo que estou dizendo é que vocês poderiam se encontrar em uma situação semelhante em Opala — prosseguiu. — Quando um sistema é perturbado por uma força periódica, o aumento da força pode não resultar em uma perturbação maior do mesmo tipo. O sistema pode chegar a uma bifurcação e passar para um estado totalmente diferente. Suponha que as marés em Opala se tornem suficientemente intensas para levar o sistema ar-mar a um estado caótico. Vocês teriam turbulência em toda parte: furacões e maremotos. Sólitons monstruosos, talvez, ondas isoladas com mais de um quilômetro de altura.

“Nenhum barco sobreviveria a uma catástrofe dessas. Nem as Fundas. Vocês seriam capazes de evacuar toda a população, se fosse necessário, durante a Maré de Verão? Não estou falando de levá-los para o mar... e sim de tirá-los do planeta.

— É pouco provável. — Perry desligou o motor e sacudiu a cabeça, negando. — Posso ser mais categórico que isso. Não, não podemos. Além do mais, para onde os levaríamos? Gargântua tem quatro satélites quase tão grandes quanto Opala, e dois deles possuem atmosfera. Entretanto, são atmosferas de metano e nitrogênio, não de oxigênio... e além disso são muito frios. O único outro lugar seria Tremor. — Olhou para Rebka. — Acho que já se convenceu de que não é um planeta exatamente hospitaleiro!

A chuva torrencial que os castigara durante a descida havia amainado, e o carro parou perto do prédio que Perry reservara para Darya Lang.

Hans Rebka levantou-se com esforço e esfregou os joelhos. Darya Lang devia estar à espera deles e não podia ter deixado de ouvir o ruído do carro. Só que não havia sinal da moça no prédio. Entretanto, um homem alto, esquelético, com uma cabeça muito grande, totalmente calva, estava com metade do corpo para fora da marquise, olhando para o carro. Segurava um espalhafatoso guarda-chuva acima da cabeça. O branco cintilante do seu terno, com dragonas douradas e atavios azul-celeste, só

podia vir da seda de um casulo de ditron.

Visto de longe, parecia elegante e imponente, embora o rosto e o couro cabeludo mostrassem queimaduras vermelho-escuras, de radiação. Quando chegou mais perto, Rebka pôde ver que seus lábios e sobrelhas tremiam incontrolavelmente.

— Sabia que ele estaria aqui? — Rebka apontou com o polegar abaixo do nível da janela do carro, para que o recém-chegado não percebesse. Não havia necessidade de mencionar a identidade do estranho. Os membros dos conselhos da Aliança raramente eram vistos em público, mas o uniforme era conhecido em todos os mundos de todas as raças daquele braço da espiral.

— Não. Mas não estou surpreso. — Max Perry manteve aberta a porta do carro para que Rebka saltasse. — Estamos viajando há seis dias, e ele estava mesmo para chegar nesse ínterim.

Quando Perry e Rebka saltaram do carro e correram para se abrigar debaixo da marquise, o homem continuou onde estava. Ele fechou o guarda-chuva e ficou parado durante meio minuto, ignorando a chuva. Finalmente, voltou-se para cumprimentá-los.

— Bom dia. Mas não bom tempo. E acho que está piorando. — A voz combinava com o homem, forte e sonora, com um toque de agressividade superposto ao sotaque sofisticado de um nativo de Miranda. Mostrou o pulso esquerdo, onde estava indelevelmente gravada a sua identificação. — Meu nome é Julius Graves. Devem ter recebido um ofício comunicando a nossa chegada.

— Recebemos, sim — confirmou Perry.

Ele parecia pouco à vontade. A presença de um membro do Conselho era suficiente para forçar a maioria das pessoas a fazer um exame de consciência ou levá-las a compreender os limites da sua autoridade. Rebka imaginou se Graves teria uma segunda agenda para sua visita a Opala. Uma coisa era certa: os membros do Conselho eram extremamente ocupados e não gostavam de perder tempo com coisas irrelevantes.

— O ofício não informava a respeito da razão da sua visita — disse, estendendo a mão. — Sou o capitão Rebka, a seu dispor, e este é o comandante Perry. Por que está visitando o sistema de Dobelle?

Graves nem se mexeu. Continuou imóvel e em silêncio por outros cinco segundos. Afinal, cumprimentou os dois homens com a cabeça e deu um violento espirro.

— Talvez seja melhor responder à sua pergunta lá dentro. Sinto-me gelado. Estou aqui desde o nascer do sol, esperando os outros voltarem.

Perry e Rebka trocaram olhares. Os outros? Voltarem de onde?

— Eles partiram há oito horas — prosseguiu Graves. — Na mesma hora em que cheguei. A previsão de tempo indica que uma... — os olhos assumiram uma expressão preocupada e ele interrompeu o que estava dizendo por alguns momentos — ...que uma tempestade nível cinco está a caminho do espaçoporto. Para estrangeiros que não estão familiarizados com o sistema de Dobbelle, tempestades como essa podem ser perigosas. Estou preocupado e gostaria de falar com eles.

Rebka assentiu. Uma das perguntas tinha sido respondida. Outros visitantes de fora do Círculo de Phemus haviam chegado para se juntar a Darya Lang. Mas quem eram eles?

— É melhor dar uma olhada nos papéis de chegada — disse baixinho para Perry. — Ver o que temos.

— Faça isso, se quiser — disse Graves, olhando para ele; Rebka teve a impressão de que aqueles olhos azuis estavam lendo os seus pensamentos. O conselheiro se sentou em uma cadeira de vime, fungou e prosseguiu: — Mas não precisa olhar. Posso lhe informar que, além de Darya Lang, da Quarta Aliança, Opala recebeu a visita de Atvar H'sial e J'merlia, da Federação de Cetrópia. Depois de conhecê-los, verifiquei suas fichas. Os três são exatamente o que afirmam ser.

Rebka fez o cálculo mentalmente e começou a abrir a boca, mas Perry se antecipou.

— Isso é impossível!

Graves arregalou os olhos e suas sobrancelhas tremeram ainda mais.

— O senhor disse que se passou um dia desde a sua chegada — declarou Perry. — Se tivesse mandado uma mensagem através do Nó de Bose mais próximo no momento em que chegou aqui, e essa mensagem tivesse viajado através do Sistema Bose e sido respondida *instantaneamente*, mesmo assim o tempo total decorrido seria de mais de um dia-padrão, ou seja, três dias de Opala. Eu sei, porque estou acostumado a usar o sistema.

Perry tem toda a razão, pensou Rebka. Seu raciocínio é mais rápido do que eu pensava, mas está cometendo um erro tático. Os conselheiros não mentem jamais; acusar um conselheiro de mentir só vai nos causar problemas.

Mas Graves estava sorrindo pela primeira vez.

— Obrigado, comandante Perry. Tornou mais fácil minha próxima tarefa. — Tirou do bolso um lenço imaculado, enxugou a cabeça calva

com ele e deu um tapinha na testa. — Como posso conhecer a ficha deles, você me pergunta. Sou Julius Graves, como afirmei. Em certo sentido, porém, também sou Steven Graves. — Recostou-se na cadeira, fechou os olhos por alguns segundos, piscou e prosseguiu: — Quando fui convidado para fazer parte do Conselho, explicaram-me que precisaria conhecer a história, biologia e psicologia de todas as espécies inteligentes e potencialmente inteligentes de nosso braço da espiral. Esse volume de dados excede a capacidade da memória humana.

“Ofereceram-me duas opções. Eu podia aceitar o implante de uma memória inorgânica de alta densidade, tão pesada e volumosa que minha cabeça e pescoço precisariam de um suporte permanente. Essa solução é adotada pelos membros do Conselho da Comunidade dos Zardalus. Ou eu podia desenvolver um irmão gêmeo mnemónico interno, um segundo par de hemisférios cerebrais criado a partir dos meus próprios tecidos cerebrais e usado exclusivamente para armazenar informações. Este tecido encefálico adicional poderia ser acomodado no interior do meu crânio, atrás do córtex cerebral, bastando para isso aumentar ligeiramente o volume do crânio.

“Escolhi a segunda opção. Fui advertido de que, já que os novos hemisférios seriam parte integrante do meu organismo, sua eficiência seria afetada pelas minhas condições físicas. Em outras palavras: se eu ficasse muito cansado, ou tomasse estimulantes de qualquer tipo, minha memória seria afetada. Estou contando isso para que não me julguem anti-social se me recusar a tomar um drinque, ou pensem que sou hipocôndriaco porque me preocupo com a minha saúde. Tenho que tomar cuidado para não prejudicar minha interface mnemónica. Steven não ficaria nada satisfeito.

Ele sorriu e expressões conflitantes cruzaram o seu rosto, no momento em que uma súbita rajada de vento fez tremer as paredes de fibra do prédio.

— Porque o que eles *não* me disseram — prosseguiu — foi que meu gêmeo interior mnemónico poderia desenvolver uma *consciência*... tomar conhecimento da própria existência. Como disse, sou Julius Graves, mas sou também Steven Graves. Foi ele quem me forneceu as fichas de Darya Lang e da cecropiana, Atvar H’sial. Muito bem. Agora podemos prosseguir?

— Steven é capaz de conversar conosco? — quis saber Rebka. Max Perry parecia estar em estado de choque. Ter um membro do Conselho bisbilhotando já era muito... agora estavam com *dois*. E será que Julius

Graves sempre detinha o controle? Pelas suas expressões, era como se os gêmeos estivessem empenhados em uma disputa interminável.

Graves sacudiu a cabeça.

— Não, Steven não pode falar. Nem sentir, ver ou ouvir, a não ser quando envio meus dados sensoriais para a região da memória, através de um corpo caloso suplementar. Entretanto, Steven é capaz de pensar. Na sua opinião, pensa melhor do que eu. Como ele diz, tem mais tempo para isso. E ele me envia mensagens, seus próprios pensamentos, em forma de recordações. Posso traduzir essas recordações com fluência suficiente para que as pessoas tenham a impressão de que estão conversando diretamente com Steven. Por exemplo...

Ficou em silêncio por alguns momentos. Quando falou de novo, sua voz era visivelmente mais jovem e animada:

— *Olá! Estou muito satisfeito de estar aqui em Opala. Ninguém me disse que faria um tempo tão horrroso, mas uma das vantagens de ser quem sou é que não me molho quando chove.*

A voz se tornou de novo mais grave e mais séria.

— Mil desculpas. Steven tem um péssimo senso de humor. E confesso a vocês que me tornei excessivamente dependente dos conhecimentos dele. É Steven, por exemplo, quem dispõe de quase todas as informações sobre este planeta. Meus conhecimentos pessoais a respeito são praticamente nulos. Eu me envergonho da minha preguiça. — Fez uma rápida pausa. — Bom, agora podemos prosseguir? Estou aqui em Dobelle para tratar de um assunto que não combina com piadas.

— Assassinato — murmurou Perry, depois de um longo silêncio.

A tempestade estava chegando ao auge; à medida que o barulho do vento aumentava, a agitação de Perry crescia. Não conseguindo mais ficar sentado, começou a passear em frente à janela, olhando para as samambaias e para o capim alto, ou para as nuvens que passavam no céu em disparada e eram tingidas de vermelho pela luz de Amaranth.

— Assassinato — repetiu Perry. — Vários assassinatos. Era isso que dizia no seu requerimento para visitar Opala.

— É verdade. Isso porque não achei prudente mencionar em público uma acusação ainda mais séria. — Era evidente que agora Julius Graves não estava brincando. — Uma palavra muito mais precisa seria *genocídio*. Se preferir, posso reduzir a acusação para *suspeita* de genocídio.

Olhou calmamente em volta, enquanto a chuva recrudescia, castigando as paredes e o teto. Os outros dois homens pareciam paralisados, Max Perry diante da janela e Hans Rebka sentado na beirada da cadeira.

— Genocídio. Suspeita de genocídio. Qual a diferença? — perguntou Rebka, afinal.

— Depende do ponto de vista. — Os lábios cheios não paravam de tremer. — Nos dois casos, não existem limitações legais de tempo ou de espaço para a investigação. Entretanto, dispomos apenas de provas circunstanciais. Não temos uma prova decisiva nem uma confissão. Foi isso que vim procurar em Opala.

Graves enfiou a mão no bolso do paletó e tirou dois cubos de imagem.

— Por estranho que pareça, estas são as acusadas. Elena e Geni Carmel, de vinte e um anos-padrão de idade, nascidas e criadas em Shasta e, como podem ver, gêmeas idênticas.

Mostrou os cubos para os outros dois homens. Rebka viu apenas duas jovens de pele bronzeada, olhos grandes e feições regulares, usando trajes idênticos, castanho-esverdeados. Entretanto, Max Perry aparentemente vira alguma coisa mais naquelas imagens, pois soltou uma exclamação de reconhecimento, arrancou os cubos da mão do conselheiro e ficou olhando fixamente para eles. Vinte segundos se passaram antes que a tensão se dissipasse e ele levantasse os olhos.

Julius Graves estava observando os dois. Rebka de repente teve a intuição de que aqueles olhos azuis não perdiam nada. A impressão de excentricidade tanto podia ser genuína quanto apenas uma fachada, mas por trás dela havia uma inteligência estranha e poderosa. Os incapazes não se tornavam membros do Conselho.

— Parece conhecer essas moças, comandante Perry — disse Graves. — Conhece? Porque, se já as viu alguma vez, é vital que eu saiba quando e onde.

Perry negou com a cabeça. Estava ainda mais pálido do que de costume.

— Não. Só que, por alguns momentos, logo que vi os cubos, achei que se tratava de... outra pessoa. Alguém que conheci faz muito tempo.

— Alguém? — Graves esperou, e depois, quando se tornou claro que Perry não iria dizer mais nada, prosseguiu: — Não pretendo esconder coisa alguma de vocês e peço encarecidamente que não escondam nada de mim. Se não se importam, vou deixar que Steven conte o resto da história. Ele dispõe de mais informações do que eu, e acho difícil falar do assunto sem que a emoção me embargue a voz.

Os tremores pararam. O rosto de Graves assumiu a expressão de um homem mais moço e mais feliz.

— Muito bem, aqui vai — disse. — A triste história de Elena e Geni Carmel. Shasta é um mundo rico, onde os jovens podem fazer praticamente tudo que quiserem. Quando as gêmeas Carmel completaram vinte e um anos, ganharam de presente um pequeno iate espacial, o *Sonho de Verão*. Entretanto, em vez de se contentarem com as viagens locais, como a maioria dos adolescentes, convenceram a família a instalar um Sistema Bose na nave. Depois, partiram em um cruzeiro pelo universo: nove mundos da Quarta Aliança, depois três da Comunidade dos Zardalus. No último planeta, decidiram conhecer a vida “como ela é”. Pelo menos, foi isso que disseram nas mensagens que enviaram para casa. Na prática, significava que queriam viver confortavelmente mas observar um mundo atrasado.

“Desceram em Pavonis Quatro e montaram uma tenda luxuosa. Pavonis Quatro é um planeta pobre, pantanoso, da Comunidade dos Zardalus. Pobre agora, é bom notar; era bem rico antes de os humanos chegarem. Durante a fase de colonização, uma espécie anfíbia nativa, conhecida como bécias, era um estorvo para os humanos. Eles foram quase exterminados, mas àquela altura o planeta já não tinha nada para ser explorado, e os colonizadores foram embora. Os bécias sobreviventes (os poucos que restavam) receberam a classificação provisória de inteligência em potencial. Foram protegidos. Finalmente.

Graves fez uma pausa. Seu rosto se tornou uma mistura de expressões. Já não era mais possível saber se era Julius ou Steven que estava falando.

— Os bécias eram inteligentes? — perguntou, retoricamente, em voz baixa. — O universo jamais saberá. O que sabemos é que eles hoje estão extintos. Seus dois últimos refúgios foram arrasados dois meses atrás... por Elena e Geni Carmel.

— Mas não de propósito, é claro! — Perry ainda estava segurando os cubos e olhando para eles. — Deve ter sido um acidente.

— Pode ser que tenha sido. — Pela maneira séria de falar, Julius Graves havia reassumido o controle. — Não sabemos, porque, depois que tudo aconteceu, as irmãs não ficaram para prestar esclarecimentos. Inexplicavelmente, fugiram. Continuaram a fugir, até que, uma semana atrás, fechamos a Rede Bose para elas. Agora não têm mais para onde ir.

A tempestade chegara com toda a força. Do lado de fora do prédio veio o som agudo de uma sirene, perfeitamente audível apesar do gemido do vento e do tamborilar da chuva no telhado. Rebka ainda estava prestando atenção na história, mas Perry, não. Assim que ouviu a sirene,

saiu correndo para a porta.

— Um pouso! A sirene quer dizer que alguém está com problemas. São malucos, se vão tentar pousar no meio de uma tempestade nível cinco, sem nenhuma experiência...

Desapareceu porta afora. Julius Graves fez menção de levantar-se, mas Hans Rebka segurou-o pelo braço.

— Elas fugiram — propôs Rebka. Olhando pela janela embaçada pela chuva, podia ver as luzes de um carro aéreo, oscilando loucamente à mercê dos ventos. Estava a apenas alguns metros do solo; era melhor ir até lá também. Mas antes tinha que confirmar uma coisa. — Elas fugiram. E vieram... para Opala?

Graves fez que não com a cabeça.

— Mas foi isso que também pensei — disse. — E foi essa a razão que me fez vir para cá. De acordo com os cálculos de Steven, o iate se dirigia para o sistema de Dobelle. Mas a primeira coisa que fiz depois de chegar foi consultar os funcionários do espaçoporto. Eles me asseguraram que ninguém poderia ter pousado neste planeta usando uma nave equipada com o Sistema Bose sem que eles soubessem.

O alarme voltou a soar do lado de fora e um fecho de advertência vermelho-alaranjado iluminou o céu. Ouviram o som de vozes gritando. Olhando pela janela, Rebka viu o carro pousar, tornar a subir alguns metros e capotar. Correu para a porta, mas foi seguro por Graves.

— Quando o comandante Perry voltar, pretendo fazer-lhe uma nova solicitação — disse Graves, calmamente. — Não estou mais interessado em Opala. Sei que as gêmeas não estão aqui. Mas elas se encontram no sistema de Dobelle. Isso só pode significar uma coisa: estão em Tremor. — Inclinou a cabeça, como se só agora tivesse ouvido as sirenes e os sons de metal se rompendo. — Preciso viajar para Tremor, e quanto mais depressa, melhor. No momento, porém, acho que há problemas mais urgentes.

Capítulo 8

Maré de Verão menos vinte e seis.

O momento da morte. A vida inteira desfilando diante dos seus olhos.

Darya Lang viu o vento lateral atingir o carro no momento em que as rodas tocavam no solo pela segunda vez. Viu a asa direita se chocar com o piso, sentiu a máquina deixar a pista, percebeu que estava capotando. O teto do veículo afundou.

De repente, o chão escuro estava passando rapidamente, meio metro acima da sua cabeça. As luzes se apagaram, deixando-a em total escuridão.

Quando o cinto de segurança apertou-lhe o peito com força, a dor a fez pensar com clareza. Sentiu-se roubada.

Aquela vida que desfilava diante dos seus olhos tinha sido toda a sua vida? Nesse caso, levava uma vida extremamente pobre. Tudo em que podia pensar era a Sentinela. E em como jamais conseguiria compreendê-la, jamais chegaria a decifrar o seu mistério, jamais saberia o que aconteceria com os Construtores. Todos aqueles anos-luz de viagem, para ser esmagada como um inseto em um planeta de terceira!

Como um inseto. Pensar em insetos a fez sentir-se vagamente cul-

pada.

Por quê?

Lembrou-se de repente, ainda pendurada de cabeça para baixo pelo cinto de segurança. Era difícil pensar, mas tinha que fazê-lo. Estava viva. O líquido que escorria pelo seu nariz e entrava nos olhos ardia terrivelmente, mas era frio demais para ser sangue. Que teria acontecido com os outros dois, Atvar H'sial e J'merlia, nos assentos de passageiros? *Não* são insetos, pensou. Na verdade, são menos insetos do que eu. São *seres racionais*. Que vergonha, Darya Lang!

Será que os matara, pilotando tão mal?

Darya virou a cabeça e tentou olhar para trás. Havia alguma coisa errada com o seu pescoço. Um choque de puro calor queimou-lhe a garganta e o ombro antes mesmo que pudesse voltar-se para olhar. Não conseguiu ver nada.

— J'merlia? — Não adiantava chamar por Atvar H'sial. Mesmo que a cecropiana pudesse ouvi-la, não teria como responder. — J'merlia?

Nenhuma resposta. Mas estava escutando vozes humanas do lado de fora do carro. Chamando por ela? Não, falando uns com os outros... era difícil entender o que diziam, por causa do vento.

— Não podemos entrar por aqui — disse uma voz de homem. — O teto está rachado. Se aquela viga ceder, eles vão ser esmagados.

— Duvido que estejam vivos. — Uma voz de mulher. — O choque foi muito violento. Quer esperar pelo guindaste?

— Não. Ouvi alguma coisa. Segure a lanterna. Vou entrar. A luz! Darya entrou de novo em pânico. A escuridão diante dela era total, mais escura que qualquer meia-noite, escura como a pirâmide que ficava no centro da Sentinela. Naquela época do ano, não havia noite em Opala; a luz de Mandel era substituída pela de Amaranth. Por que não conseguia ver?

Tentou piscar os olhos sem sucesso. Levantou a mão direita para esfregá-los. A mão esquerda desaparecera... não conseguia senti-la, não havia nenhuma resposta, a não ser uma dor aguda no ombro, quando tentava movê-la.

Esfregar os olhos só contribuiu para fazê-los arder ainda mais. Continuou sem enxergar.

— Puxa, que bagunça! — O homem, de novo. Houve um leve clarão à sua frente, como a chama de um maçarico vista com os olhos fechados. — Allie, eles são três, ao que parece. Dois são alienígenas, e estão enrolados um no outro. Há sangue de inseto por toda parte. Não sei o que é

o que, e não tenho coragem de tocá-los. Mande um chamado de emergência; veja se encontra alguém perto do espaçoporto que conheça um pouco de anatomia. Houve uma resposta distante e ininteligível.

— Droga, eu não sei! — A voz estava mais próxima. — Não vejo nenhum movimento... pode ser que todos estejam mortos. Não posso esperar. Estão cobertos de óleo da cabeça aos pés. Uma fagulha e vão virar carvão.

Vozes distantes, difusas: mais de uma pessoa.

— Não importa. — Agora a voz estava muito perto. — Temos que tirá-los daqui. Alguém entre para me ajudar.

As mãos que seguraram o corpo de Darya não tinham intenção de machucá-la. Mas quando tocaram no seu ombro múltiplas galáxias de dor rodopiaram na escuridão à sua frente. Deu um grito, um uivo de desespero que soou como um débil miado.

— Ótimo! — As mãos a apertaram com mais força. — Esta aqui está viva. Voltou a si. Segure.

Darya foi arrastada de cabeça para baixo por um campo lamacento cheio de raízes e folhas de samambaia quebradas. Um bolo de musgo visguento e malcheiroso entrou pela sua boca aberta. Começou a tossir. Quando um toco penetrou violentamente em sua clavícula quebrada, um pensamento lhe ocorreu: não *preciso* ficar acordada no meio de tanta humilhação!

A escuridão a envolveu. Era hora de parar de lutar; hora de descansar; hora de escapar para aquele negrume reconfortante.

Darya levava um dia para descobrir, mas finalmente sabia que, embora o *diálogo* entre humanos e cecropianos fosse impossível sem a ajuda de J'merlia ou outro intermediário lo'tfiano, a *comunicação* era possível e podia envolver uma quantidade considerável de informações.

O rígido exoesqueleto dos cecropianos tornava impossível qualquer expressão facial. Entretanto, as duas espécies usavam uma linguagem corporal. Era questão apenas de uma entender o que significavam os gestos da outra.

Assim, por exemplo, quando Atvar H'sial achava que sabia qual seria a resposta de Darya a uma pergunta, inclinava o corpo um pouco para trás. Na maioria das vezes, também levantava uma ou as duas patas dianteiras. Quando *não* sabia a resposta e estava ansiosa para ouvi-la, contraía e dilatava a tromba... só um pouquinho. E quando estava realmente animada (ou preocupada, era difícil perceber a diferença) com um

comentário ou uma pergunta, os pêlos das suas antenas se eriçavam.

Como acontecera quando Julius Graves entrara.

Darya sabia a respeito do Conselho — todos sabiam —, mas estava preocupada demais com os próprios interesses para dar atenção ao assunto. E não sabia muito bem o que o Conselho fazia, embora tivesse a impressão de que envolvia questões de ética.

— Mas é natural que as pessoas não saibam exatamente o que faz o Conselho, professora Lang — disse Graves. Dirigiu-lhe um sorriso que aquela cabeça desproporcionalmente grande, esquelética, tornava positivamente ameaçador. Não sabia quanto tempo fazia que o conselheiro chegara ao planeta, mas certamente escolhera uma hora inconveniente para visitá-la. Ela e Atvar H'sial tinham concluído as discussões preliminares e estavam prontas para acertar os detalhes: quem faria o que, por que e quando.

— As pessoas não sabem exatamente o que o Conselho faz — prosseguiu Graves —, exceto aquelas cujos atos tornam *necessária* a existência do Conselho.

Darya tinha certeza de que sua expressão facial a estava traindo de novo. O que estava se preparando para fazer com a cecropiana não era assunto do Conselho; não havia nada de *eticamente censurável* em curto-circuitar a burocracia por uma boa causa científica, mesmo que essa causa não tivesse sido totalmente revelada às autoridades locais. Que mais os membros do Conselho faziam?

Mas Graves a fitava com aqueles olhos azuis, e a moça teve certeza de que ele podia ver o sentimento de culpa em seus olhos.

Se não desconfiasse de nada olhando para ela, bastaria olhar para Atvar H'sial! As antenas da outra estavam mais eriçadas do que nunca, e até mesmo J'merlia atropelava as palavras em sua ansiedade para livrar-se do conselheiro.

— Estimado conselheiro, teremos o maior prazer em conversar com o senhor em outra ocasião. No momento, porém, temos que atender a um compromisso urgente.

Atvar H'sial chegou ao extremo de tomar a mão de Darya Lang em uma de suas patas articuladas. Enquanto a cecropiana a arrastava para a porta — para fora do prédio, onde estava caindo uma chuva torrencial —, Darya notou pela primeira vez que a extremidade da pata era coberta de pêlos negros, que se pareciam com pequenos ganchos. Darya não conseguiria livrar-se da outra, mesmo que quisesse fazer uma cena na frente de Julius Graves.

Era outro vestígio de um remoto ancestral alado de Atvar H'sial, que talvez precisasse agarrar-se a árvores e pedras.

Ora, nenhum de nós saiu diretamente da cabeça dos deuses, não é mesmo?, pensou. Todos temos resíduos deixados pela evolução. Darya olhou automaticamente para as próprias unhas. Estavam sujas. Talvez estivesse se deixando contagiar pela atmosfera de Opala e Tremor.

— Para onde estamos indo? — perguntou, baixinho. Julius Graves precisaria ter uma audição fantástica para entender qualquer coisa que ela dissesse no meio de todo o barulho da chuva, mas tinha certeza de que estava olhando para elas naquele exato momento. Imaginando, sem dúvida, aonde estariam indo com um tempo daqueles e por quê. Sentiu-se muito melhor longe dele.

— Vamos conversar a respeito daqui a pouco. — J'merlia, sob os efeitos dos nervosos feromônios de Atvar H'sial, começou a pular, como se o piso molhado do pátio onde se encontrava o carro aéreo estivesse em brasa. — Entre no carro, Darya Lang. Entre!

Os dois pareciam dispostos a carregá-la para dentro do veículo!

Ela se desvencilhou dos companheiros.

— Vocês *querem* que Graves desconfie que estamos fazendo alguma coisa irregular? — perguntou para Atvar H'sial. — Calma!

A reação da outra a estava fazendo sentir-se um pouco superior. Os cecropianos tinham fama de ser frios e calculistas. Muitos (incluindo todos os cecropianos) afirmavam que sua inteligência e sangue-frio eram bem maiores que os dos humanos. No entanto, ali estava Atvar H'sial, nervosa como se estivessem planejando assaltar um banco.

Os dois alienígenas entraram no carro depois dela, empurrando-a para a frente.

— Não entendeu ainda, Darya Lang. — Enquanto Atvar H'sial fechava a porta, J'merlia apontava na direção do assento do piloto. — Este é o seu primeiro encontro com um membro do Conselho. Não se pode confiar neles. Teoricamente, deveriam dedicar-se apenas a questões de ética, mas não é isso que acontece! Eles não têm respeito por ninguém. Acham que podem meter-se em tudo, mesmo no que não lhes diz respeito. Não podíamos conversar na presença de Julius Graves! Ele certamente desconfiaria das nossas pretensões e faria tudo para nos impedir. Temos que nos afastar dele. Depressa!

Enquanto J'merlia falava, Atvar H'sial gesticulava freneticamente para que Darya decolasse... mesmo que isso implicasse enfrentar as nuvens de tempestade que ocupavam metade do céu. Darya apontou para

as nuvens, mas se deu conta de que o sentido de eco-localização da cecropiana não “veria” nada a uma distância tão grande. Mesmo com aqueles ouvidos incríveis, o mundo de Atvar H’sial devia estar restrito a uma esfera de não mais que uns cem metros de diâmetro.

— O tempo está horrível... daquele lado, a leste.

— Então voe para oeste — disse J’merlia. — Ou para o norte, ou para o sul. Mas *saia daqui*. — O lo’tfiano estava agachado no fundo do carro, enquanto Atvar H’sial se sentava com a cabeça apoiada na janela lateral, o rosto cego voltado para o vazio.

Darya subiu rapidamente, procurando uma brecha nas nuvens. Se conseguisse colocar-se acima delas, poderia voar durante horas.

Quantas? Não estava ansiosa para descobrir. Seria melhor continuar subindo, livrar-se totalmente da tempestade e procurar um lugar tranquilo para pousar, perto da borda da Funda.

Duas horas depois, teve que mudar de planos. A zona de turbulência se estendia interminavelmente e o vento não amainara. Tinham voado até a borda da Funda e procurado um local para pousar, sem sucesso. Pior ainda, a massa escura de nuvens de tempestade as perseguia. Uma sólida parede cinzenta ocupava três quartos do horizonte. O rádio do carro anunciara uma tempestade “nível cinco”, mas não se dera ao trabalho de definir o que isso significava. Mandel havia se posto; o céu assumira a cor avermelhada de Amaranth.

Voltou-se para Atvar H’sial.

— Não podemos ficar aqui em cima para sempre, e não gosto de deixar as coisas para o último minuto. Vou subir mais, até ficarmos acima da tempestade. Depois, voltarei ao ponto de partida. O melhor local para pousar é aquele de onde decolamos.

Atvar H’sial concordou de má vontade quando a mensagem lhe foi transmitida por J’merlia. A cecropiana não estava preocupada com a tempestade, talvez porque não pudesse ver as nuvens negras. Sua principal preocupação ainda era Julius Graves.

Durante o vôo, Atvar H’sial lhe contara o plano completo. Assim que o capitão Rebka voltasse, ficariam sabendo da decisão oficial quanto à viagem a Tremor. Se a permissão fosse negada, iriam imediatamente para o lado de Tremor do planeta, em um carro aéreo cujo aluguel já estava pago. O carro se achava à espera delas, em um pequeno campo de pouso de outra Funda, não muito longe do espaçoporto. Para chegar até lá, alugariam um carro local, cujo alcance era tão limitado que Rebka e Perry jamais desconfiariam que pretendiam ir tão longe.

Atvar H'sial, com J'merlia como intérprete, não tivera muita dificuldade para tomar todas essas providências. O que não podia fazer, a tarefa para a qual Darya Lang era absolutamente essencial, era requisitar uma das cápsulas do Cordão Umbilical.

Ela explicou seus motivos, enquanto Darya Lang escutava e enfrentava a tempestade ao mesmo tempo. Atvar H'sial era a primeira cecropiana a visitar Opala. Sua presença no lado de Tremor, tentando usar uma cápsula do Cordão Umbilical, certamente despertaria suspeitas. Não lhe dariam permissão para subir a bordo sem verificar se estava autorizada, o que queria dizer que acabariam por consultar Rebka e Perry.

— Mas com você não haverá nenhum problema. Nós dispomos de documentos de autorização com o seu nome — disse J'merlia. — A tromba de Atvar H'sial se contraiu ligeiramente. A cecropiana inclinou-se na direção de Darya, juntando os membros dianteiros de tal modo que parecia estar rezando. — Você é humana... e é uma fêmea.

Como se *isso* ajudasse. Darya suspirou. Talvez uma comunicação perfeita entre as espécies fosse impossível. Já explicara três vezes, mas a cecropiana parecia incapaz de compreender que, no caso dos humanos, as fêmeas *não eram* o sexo dominante.

Darya fez a nave subir. Aquela tempestade estava sendo um transtorno. Precisava colocar-se acima das nuvens antes de começar a viagem de volta. Apesar da estabilidade e da potência do carro aéreo, estava tendo dificuldade para controlá-lo.

— Nós conhecemos as sequências de controle necessárias para operar o Cordão Umbilical — prosseguiu J'merlia. — Se você conseguir nos colocar a bordo de uma cápsula, nada nos impedirá de chegar à superfície de Tremor.

Aquelas palavras tinham sido ditas com o intuito de tranquilizar Darya. Curiosamente, tiveram o efeito contrário. A moça começou a pensar. A cecropiana chegara a Opala depois dela... e no entanto já dispunha de documentos falsos com o seu nome? E conhecia as sequências de controle do Cordão Umbilical? Quem as fornecera?

— Diga a Atvar H'sial que preciso pensar um pouco antes de tomar uma decisão.

Pensar, e tentar descobrir mais alguma coisa antes de se comprometer a viajar para Tremor com Atvar H'sial. A alienígena parecia estar muito bem informada a respeito de tudo que acontecia no sistema de Dobelle.

A não ser, talvez, a respeito dos perigos das tempestades de Opala.

Começaram a descer e a turbulência se tornou assustadora. Darya podia ouvir e sentir a força do vento sobre o carro. Rezou para que o sistema automático de estabilização e aproximação soubesse pilotar melhor do que ela. Não se considerava uma superpiloto.

Atvar H'sial e J'merlia estavam muito calmos. Talvez seres que descendiam, ainda que remotamente, de espécies voadoras, encarassem as viagens aéreas com mais naturalidade.

Darya, por outro lado, jamais se sentiria totalmente à vontade no ar. Sentiu um nó no estômago. Havia mergulhado nas nuvens e estavam no meio de uma tempestade mais violenta do que jamais vira no Portal da Sentinela. Com uma visibilidade de menos de cem metros e sem nenhum ponto de referência adequado, tinha que se colocar nas mãos do sistema automático de pouso do espaçoporto.

Se estivesse funcionando, com uma tormenta daquelas.

Não adiantava olhar pelo pára-brisa; a visibilidade era zero. Já estavam descendo havia muito tempo... tempo demais. Olhou para o painel de instrumentos. Altitude, trezentos metros. Distância da pista, dois quilômetros. Deviam faltar alguns segundos para o pouso. Onde estava a pista?

Darya levantou os olhos do painel e viu as luzes do campo de pouso por alguns segundos. Estavam no rumo certo. Reduziu a força, procurando manter o carro alinhado com as luzes. De repente, um vento lateral sacudiu o veículo, levantou-o, virou-o de lado.

Tudo estava acontecendo em câmera lenta.

O carro tornou a descer. A moça viu quando uma das asas tocou no chão...

...viu quando fez um sulco no solo, antes de entortar...

...ouviu o ruído, quando a asa se partiu em duas...

...pressentiu a capotagem...

...e reconheceu, sem sombra de dúvida, que a parte melhor da aterrissagem terminara.

Darya não chegou a perder a consciência. Estava tão convencida deste fato que depois de algum tempo seu cérebro forneceu uma explicação para o que estava acontecendo. Era simples: cada vez que fechava os olhos, mesmo que por apenas um momento, alguém mudava a paisagem.

Primeiro, a agonia e humilhação de ser arrastada na lama. Não havia nenhuma paisagem, porque seus olhos não estavam funcionando.

(piscadela)

Estava deitada de barriga para cima, enquanto alguém passava uma esponja na sua cabeça.

— Queixo, boca, nariz — disse alguém. — Olhos. Uma dor terrível.

— Parece fluido de transmissão. — Ele não estava falando com ela.
— Não há problema, não é tóxico. Pode cuidar dos outros?

— Posso — disse outro homem. — Mas o maior está com a casca rachada. Está pingando sangue e não podemos costurar. Que vamos fazer?

— Que acha de usarmos uma fita adesiva? — Uma silhueta afastou-se da moça. Frias gotas de chuva martelaram-lhe os olhos doloridos.

(piscadela)

Paredes verdes, um teto bege, o ruído de bombas. Uma sonda intravenosa controlada por computador espetada no seu braço esquerdo e ligada a um recipiente sustentado por um cabide metálico. Sentia-se aquecida, confortável, maravilhosamente bem.

Neomorfismo, disse uma voz desconhecida em um canto do seu cérebro. Está sendo alimentada por um computador sempre que a telemetria revela que você está com fome. Um método eficaz. Que vicia rapidamente. De uso controlado no Portal da Sentinela. Utilizado apenas em condições restritas, com a possibilidade de reverter os efeitos usando epinefrina.

Vá para o inferno!, respondeu. Estou me sentindo muito bem. O Círculo de Phemus é que sabe usar remédios. Um viva a eles.

(piscadela)

— Está se sentindo melhor?

Uma pergunta idiota. Estava se sentindo muito mal. Os olhos doíam, os ouvidos doíam, os dentes doíam, os dedos dos pés doíam. A cabeça estava girando, e também havia pontadas de dor que começavam perto do ouvido esquerdo e iam até as pontas dos dedos da mão. Mas conhecia aquela voz.

Darya abriu os olhos. Um homem aparecera à sua cabeceira, como que por encanto.

— Conheço você. — Ela suspirou. — Mas não sei seu primeiro nome. Coitadinho. Você não tem um primeiro nome, não é mesmo?

— Tenho, sim. Meu nome é Hans.

— Capitão Hans Rebka. Está bem, você tem um nome. Você é muito simpático, sabia? Só que devia sorrir um pouco mais. Mas você devia estar em Tremor.

— Já voltamos.

— Quero conhecer Tremor.

Maldita droga, pensou. Era a droga, tinha que ser, e agora sabia por que era ilegal. Tinha que calar a boca antes de dizer alguma coisa que a compromettesse.

— Posso ir até lá, Hans Rebka? Gostaria muito de ir. Estou falando sério.

Ele sorriu e fez que não com a cabeça.

— Está vendo? Você fica muito melhor quando está sorrindo! E então? Vai me dar permissão para conhecer Tremor? Que é que me diz, Hans Rebka?

Darya piscou antes que ele tivesse tempo de responder. Rebka desapareceu.

Quando ela abriu os olhos de novo, o quarto estava diferente. Do lado direito, havia uma armação de tubos pretos de metal, formando uma estrutura cúbica. No centro, estava uma rede, pendurada nos vértices do cubo por grossas cordas. Nessa rede, tendo agora o tronco esquelético envolvido por ataduras, com a cabeça baixa e os membros finos estendidos verticalmente e para os dois lados, estava J'merlia.

A posição contorcida do corpo enfaixado lembrava a agonia do espasmo final de um moribundo. Darya olhou automaticamente em torno, à procura de Atvar H'sial. Não havia nenhum sinal da cecropiana. Seria possível que a simbiose das duas criaturas fosse tão forte que o lo'tfiano não podia sobreviver sem a outra? Teria Atvar H'sial morrido quando os dois foram separados?

— J'merlia?

Darya havia falado sem pensar. Se as palavras de J'merlia não eram mais que uma tradução das mensagens de Atvar H'sial, era tolice esperar uma resposta independente.

Um olho cor de limão se voltou na sua direção. Quer dizer que pelo menos sabia que ela estava ali.

— Pode me ouvir, J'merlia? Você parece estar sentindo dores horríveis. Não sei por que está nessa rede. Se está me entendendo e precisa de ajuda, fale comigo.

Houve um longo silêncio. É inútil, pensou Darya.

— Obrigado pelo seu interesse — disse finalmente uma voz familiar. — Mas não estou sentindo dor. A rede foi montada a meu pedido, para que eu ficasse mais confortável. Você não estava consciente na ocasião.

Será que era mesmo J'merlia quem estava falando? Darya olhou novamente em torno.

— É você quem está falando ou Atvar H'sial? Onde está ela? Está viva?

— Está viva, sim. Infelizmente, está mais ferida do que você. O seu exoesqueleto foi submetido a uma operação delicada. Você quebrou um osso e sofreu várias contusões. Estará recuperada em três dias de Doblele.

— E você?

— Não sou nada; meu estado não tem importância.

A atitude servil de J'merlia parecera normal quando Darya o considerava como pouco mais que um porta-voz para os pensamentos da cecropiana. Agora, porém, estava diante de um ser racional, com suas idéias, suas emoções.

— Conte-me, J'merlia. Quero saber.

— Perdi dois segmentos de um membro posterior (não tem importância, vão crescer de novo) e sangrei um pouco no pedúnculo. Nada de sério.

Suas emoções... e seus *direitos*?

— J'merlia...

Fez uma pausa. Será que devia se intrometer? Havia um membro do Conselho no planeta. Na verdade, a causa principal do desastre tinha sido a tentativa de fugir desse conselheiro. Se havia alguém que devia estar preocupado com a situação dos lo'tfianos, esse alguém era Julius Graves, e não Darya Lang.

— J'merlia. — Resolveu falar de qualquer maneira. Quanto tempo seu organismo levaria para eliminar a droga? — Quando Atvar H'sial está presente, você não diz o que pensa. Não diz nada.

— É verdade.

— Por que não?

— Não tenho nada a dizer. E não seria correto. Antes mesmo que eu assumisse minha segunda forma, quando eu era pouco mais que uma larva, Atvar H'sial foi nomeada minha dominatrix. Quando ela está presente, sirvo apenas para transmitir aos outros suas idéias. Não tenho idéias próprias.

— Mas tem inteligência, tem conhecimentos. Está *errado*. Você devia defender os seus direitos... — Darya interrompeu o que estava dizendo. O lo'tfiano ajeitou o corpo na rede, de forma a voltar os dois olhos compostos para a humana.

Cumprimentou a moça com um gesto de cabeça.

— Professora Darya Lang, a senhora e todos os humanos estão

muito acima de mim, acima de todos os lo'tfianos, e não me atrevera a discordar da senhora. Mas, se estiver interessada, gostaria de contar-lhe nossa história, e também a dos cecropianos. Posso?

Darya fez que sim com a cabeça. Aparentemente, isso não era o bastante, porque ele esperou até a moça dizer, finalmente:

— Está bem. Conte-me.

— Obrigado. Vou começar por nós, não porque sejamos importantes, mas para fins de comparação. Nosso planeta natal é Lo'tfi. É um mundo frio e sem nuvens. Como pode ser deduzido pela minha aparência, temos uma visão excelente. Víamos as estrelas todas as noites. Por milhares de gerações, fizemos uso dessa informação apenas para saber em que época do ano certos tipos de alimentos estariam disponíveis. Isso era tudo. Quando fazia mais frio ou mais calor do que o normal, muitos de nós morriam de inanição. Podíamos falar uns com os outros, mas éramos animais primitivos, que não sabiam nada a respeito do futuro e muito pouco acerca do passado. Provavelmente, teríamos continuado assim até hoje.

“Pense agora em Atvar H'sial e sua raça. Eles se desenvolveram em um mundo escuro, coberto de nuvens... e eram cegos. Como usam um sistema de ecolocalização para enxergar, a visão para eles está ligada indissolúvelmente à presença de ar. Assim, seus sentidos não podem receber informações a respeito de nada que fique fora da atmosfera. Só sabem que o sol deles existe porque sentem sua fraca radiação como uma forma de calor. Tiveram que desenvolver instrumentos especiais que lhes revelassem a simples *existência* da luz. E depois construíram aparelhos sensíveis à luz e outras formas de radiação eletromagnética, para poderem detectá-la e medi-la.

“Isso foi apenas o começo. Precisaram voltar esses aparelhos para o céu e deduzir a existência de um universo além do seu planeta natal e além do seu sol. Finalmente, tiveram que reconhecer a importância das estrelas, medir as distâncias e construir naves para viajar até elas e explorá-las.

“Eles fizeram isso, tudo isso, enquanto nós, lo'tfianos, ficávamos no nosso canto, vivendo a nossa vida simples. Somos uma raça mais antiga, mas, se eles não tivessem encontrado nosso mundo e nos *ensinado* o que sabiam sobre o universo, ainda estaríamos lá, como animais.

“Comparados com os cecropianos, ou com os humanos, os lo'tfianos não são nada. Comparado com Atvar H'sial, eu não sou nada. Quando a luz dela está brilhando, a minha não deve ser vista. Quando fala, tenho a

honra de ser o instrumento que transmite seus pensamentos à senhora.
“Está me ouvindo, professora Darya Lang? Para mim, é uma honra.
Professora? Está me ouvindo?”

A moça estivera escutando com muito interesse. Entretanto, seus ferimentos estavam começando a doer, e a sonda endovenosa controlada por computador não podia permitir que isso acontecesse. A droga começara a ser novamente injetada. Tentou manter os olhos abertos.

Não sou nada! Que complexo de inferioridade racial! Não deviam permitir que os lo’rfianos fossem uma raça escrava... mesmo que eles estivessem satisfeitos com a situação. Teria que conversar com ele a respeito, para que tomasse uma providência.

Com ele.

Ele, quem?

Tinha olhos azuis, mas a moça não conseguia se lembrar do nome. Tinha medo dele? Certamente que não.

Teria que conversar a respeito com...
(*piscadela*).

Capítulo 9

Maré de Verão menos vinte.

— Ela não está morta, nem está morrendo. Está se curando. A reação dos cecropianos a um traumatismo grave é a inconsciência.

No meio da curta noite de Opala, Julius Graves e Hans Rebka estavam de pé ao lado da cama que continha o corpo imóvel de Atvar H'sial. Parte da carapaça vermelho-escura tinha sido revestida com uma espessa camada de gesso e aglutinante, que endurecera para formar uma casca branca e reluzente. A tromba estava dobrada e enfiada na bolsa do queixo, enquanto as antenas, enroladas, se mantinham junto à larga cabeça. O ruído do ar passando pelos espiráculos era quase inaudível.

— E essa cura é incrivelmente rápida, pelos padrões humanos — continuou Graves. — Se o cecropiano não morre na hora, em dois ou três dias, no máximo, está novo em folha. E Darya Lang e J'merlia acham que Atvar H'sial está suficientemente recuperada para solicitar novamente uma permissão para visitar Tremor. — Sorriu, um sorriso sem humor. — O comandante Perry não vai gostar de saber da novidade, não é? Ele lhe pediu para segurar todos os pedidos até passar a Maré de Verão?

Hans Rebka escondeu sua surpresa... ou tentou fazê-lo. Estava se acostumando à idéia de que Julius Graves possuía conhecimentos ilimita-

dos a respeito de todas as espécies que habitavam aquele braço da espiral. Afinal de contas, o gêmeo mnemónico havia sido implantado exatamente com essa finalidade, e desde o momento em que chegara à cena do desastre Steven Graves se encarregara de dirigir o tratamento dos ferimentos de Atvar H'sial: o casco devia ser calafetado, as pernas engessadas e o élitro quebrado precisava ser amputado (nasceria outro em seu lugar). Quanto às antenas e os chifres auditivos, esmagados na queda, não havia nada a fazer a não ser esperar; eles se curariam sozinhos.

Mais difícil, porém, era aceitar o conhecimento que Graves mostrava ter a respeito dos *humanos*.

Ocorreu a Rebka que ele e Julius Graves deviam trocar de posição. Se alguém era capaz de descobrir o que transformara Max Perry de futuro líder em burocrata acomodado, esse alguém era Graves. Por outro lado, Rebka se sentia capaz de explorar a superfície de Tremor e encontrar as gêmeas Carmel, por mais que elas tentassem se esconder.

— Gostaria de saber o que pensa, capitão — prosseguiu Graves. — O senhor esteve em Tremor. Devemos permitir que Darya Lang e Atvar H'sial visitem o planeta, depois que se recuperarem dos ferimentos? Ou devemos recusar o pedido?

Era exatamente o que Rebka estivera se perguntando. Desnecessário dizer que Graves estava disposto a viajar para Tremor, fossem quais fossem as circunstâncias. Perry o acompanharia, como guia. E, embora Rebka não dissesse nada, ele também pretendia ir. Seu trabalho tornava isso necessário, e de qualquer forma não confiaria em Max Perry em nada que tivesse algo a ver com Tremor. Mas que dizer dos outros?

Viaja mais depressa quem viaja sozinho.

— Eu sou contra. Quanto mais gente, maior o perigo, mesmo que sejam pessoas muito instruídas. Isso se aplica tanto aos humanos quanto aos cecropianos.

Mais ainda aos cecropianos, pensou. Olhou para a alienígena inconsciente, teve um arrepio e caminhou para a saída do prédio.

Não tinha nenhum problema com J'merlia, com seu jeito humilde e olhos suplicantes. Mas ficava nervoso só de olhar para Atvar H'sial. E se considerava um homem culto, sofisticado. Havia algum traço oculto dos cecropianos que achava difícil de tolerar.

— Os cecropianos ainda o incomodam, capitão. — Era Graves, seguindo-o até a porta e lendo de novo seus pensamentos. Era uma afirmação, não uma pergunta.

— É verdade. Mas não se preocupe. Eu acabo me acostumando

com eles.

E se acostumaria... aos poucos. Mas não era fácil. O milagre era que os cecropianos e os humanos não tivessem entrado em guerra total pouco depois de as duas espécies se encontrarem.

E teriam feito isso, pensou Rebka, se tivesse havido algum motivo para lutar. Os cecropianos pareciam demônios. Se não tivessem procurado planetas que girassem em torno de anãs vermelhas, enquanto os humanos procuravam estrelas parecidas com o Sol, as duas raças teriam se encontrado ainda no período de expansão. Entretanto, as sondas não tripuladas e as vagarosas Arcas das duas espécies tinham sido dirigidas a tipos bem diferentes de sistemas estelares, e não se encontraram durante mil anos. Quando os humanos descobriram o Sistema Bose e viram que os cecropianos estavam usando a mesma Rede em todo o braço da espiral, as duas espécies já tinham experiência com outros organismos alienígenas; o suficiente para coexistir com outras raças cujas necessidades vitais eram tão diferentes das suas, embora ainda não se sentissem perfeitamente à vontade na presença de representantes dessas raças.

— O preconceito dos vertebrados é muito comum. — Graves começou a caminhar ao seu lado. Ficou em silêncio por um momento e depois deu uma risada. — De acordo com Steven, que se considera imparcial, já que não tem *nem* coluna vertebral, nem exoesqueleto, somos nós os forasteiros. Dos quatro mil duzentos e nove mundos conhecidos que possuem vida, Steven afirma que esqueletos internos podem ser encontrados em apenas novecentos e oitenta e seis. Por outro lado, três mil trezentos e onze são habitados por artrópodes invertebrados. Em um concurso de popularidade em escala galáctica, Atvar H'sial, J'merlia ou qualquer outro artrópode ganharia facilmente de você, de mim ou do comandante Perry. E até de sua amiga, a professora Lang.

Rebka apressou o passo. Não adiantaria nada dizer a Julius Graves que Steven às vezes o deixava irritado com sua mania de citar números. Ele podia saber tudo que havia nos registros a respeito das raças do universo, mas precisava ficar se exibindo daquela forma?

Rebka não estava querendo admitir para si mesmo a verdadeira causa do seu aborrecimento. Detestava estar com alguém que soubesse muito mais do que ele, mas pior ainda era estar com um homem capaz de ler seus pensamentos sem nenhum esforço. Ninguém devia saber que ele estava começando a gostar de Darya Lang. Afinal, o próprio Rebka só percebera isso quando a retirara do carro acidentado. Ela era mais do que um incômodo, mais do que um agravante para os seus problemas com

Tremor e Max Perry.

Por que tinha vindo para Opala, complicando a vida de todos? Era evidente que ali estava fora do seu elemento. Era uma cientista; devia ter ficado no laboratório, fazendo pesquisas. Teriam que tomar conta dela. Ele teria que tomar conta dela. E a melhor forma de fazer isso seria mantê-la em Opala enquanto ele visitava Tremor.

A tempestade nível cinco tinha passado e havia uma brecha nas nuvens. Era quase meia-noite, mas não estava escuro. Amaranth se encontrava ainda mais próximo de Mandel. Estava alto no céu, suficientemente grande para aparecer como um disco alaranjado. Mais dois dias e o companheiro anão de Mandel começaria a projetar sombras.

Do outro lado do céu, perto do horizonte, estava Gargântua, começando seu próprio mergulho em direção à fornalha de Mandel. Ainda era pouco mais que um ponto rosado, mas já estava mais brilhante que todas as estrelas. Em mais uma semana, o gigante gasoso revelaria a sua face, um disco listrado de castanho e amarelo.

Rebka caminhou para um dos quatro prédios principais do espaçoporto. Graves continuou a segui-lo.

— Está indo falar com Louis Nenda? — perguntou o conselheiro.

— Espero que sim. Que sabe a respeito dele? — Se Rebka não podia se livrar de Graves, então talvez pudesse usar seus vastos conhecimentos.

— Apenas o que está no requerimento — respondeu Graves. — Mais o que sabemos a respeito dos membros da Comunidade dos Zardalus... que é menos do que gostaríamos. Os mundos da Comunidade não são conhecidos pela sua cooperação.

O que podia ser considerado como um eufemismo, pensou Rebka.

Doze mil anos atrás, muito antes de os humanos começarem a Expansão, os cefalópodes terrestres chamados zardalus tinham tentado criar algo que nem os humanos nem os cecropianos haviam sido suficientemente tolos para tentar: a Comunidade dos Zardalus, um verdadeiro império, mil planetas governados com mão de ferro por Genizee, o planeta natal da raça dos zardalus. Tinha sido um fracasso retumbante. Entretanto, talvez esse fracasso tivesse sido a lição necessária para que humanos e cecropianos não cometessem o mesmo erro.

— Louis Nenda é basicamente humano — prosseguiu Graves —, mas possui alguns implementos dos zardalus.

— Físicos ou mentais?

— Não sei. Seja o que for, não deve ser importante. Não há menção de olhos na nuca ou nas pontas dos dedos, nem de hermafroditis-

mo, remoção dos ossos ou implante de membros. Nada de gigantismo nem compactação. De acordo com o que diz no requerimento, ele é do sexo masculino e tem peso e estatura normais. Naturalmente, existem centenas de possíveis modificações que não apareceriam nesse tipo de descrição.

“Quanto ao animal de estimação que está trazendo com ele, posso lhe dizer ainda menos. É um himenopt, que, como certamente sabe, é outro tipo de artrópode, embora não guarde muita semelhança com os himenópteros da Terra. Mas se se trata de um brinquedo, um parceiro sexual ou mesmo de um alimento para Nenda... acho que vamos ter que esperar para ver.

Não vamos ter que esperar muito, pensou Rebka. A nave estava na pista do espaçoporto e os ocupantes já tinham sido levados para um dos prédios, para a inspeção sanitária. Como os testes para detectar endoparasitas e ectoparasitas levavam apenas alguns minutos, logo teriam oportunidade de ver os recém-chegados.

Rebka e Graves se encaminharam para o local onde Max Perry e três funcionários da Imigração já estavam à espera.

— Quanto tempo ainda vai levar? — perguntou Rebka.

Em vez de responder, Perry apontou para as portas duplas do setor de descontaminação, que estavam começando a ser abertas.

Depois do que Graves dissera e do que o próprio Rebka havia imaginado, Louis Nenda parecia surpreendentemente normal. Baixo, moreno e musculoso, poderia se fazer passar por habitante de um dos mundos mais densos do Círculo de Phemus. Caminhava com uma certa instabilidade, provavelmente em consequência de meia dúzia de mudanças de gravidade nas últimas horas, mas parecia confiante e cheio de energia. Ao sair do setor de descontaminação, olhou em torno, arrogantemente, com olhos injetados. Trotando a seu lado, imitando seus movimentos de cabeça, ia um pequeno alienígena. Ele parou quando viu o grupo de humanos.

— Kallik! — Louis Nenda puxou a coleira que estava presa do abdome do himenopt. — Sente.

Em seguida, sem olhar para ninguém exceto Perry, disse:

— Bom dia, comandante. Tenho certeza de que meus testes vão dar negativos. Os de Kallik também. Aqui estão meus papéis.

Os outros homens ainda estavam olhando para o himenopt. Julius Graves já havia visto um em suas viagens aos planetas da Comunidade dos Zardalus, mas os outros os conheciam apenas através de fotografias e espécimes empalhados.

O alienígena não combinava com a reputação dos himenoptos de serem animais ferozes. Tinha menos da metade da altura de Louis Nenda; a cabeça, pequena e lisa, era dominada por fortes mandíbulas e múltiplos pares de olhos, negros e brilhantes, ao longo de todo o perímetro. Estavam em constante movimento, acompanhando independentemente vários objetos.

O corpo do himenopt tinha forma de barril e estava coberto por pêlos negros e curtos, com um centímetro ou dois de comprimento. Era a valiosa himantel, uma pele muito dura, impermeável e resistente ao calor.

O que não estava visível era o ferrão amarelo, recolhido a sua bainha, na extremidade do abdome. Ele era capaz de injetar neuro-toxinas, cuja potência e composição o himenopt podia variar à vontade. Nenhum dos soros usuais funcionava como antídoto. Também não estava visível o sistema nervoso que proporcionava aos himenoptos uma velocidade de reação dez vezes maior que a dos humanos. Oito finas patas podiam fazê-lo percorrer cem metros em alguns segundos ou saltar a mais de quinze metros em gravidade-padrão. A himantel era rara demais para ser muito usada como peça de vestuário dos humanos, mesmo antes que os himenoptos fossem considerados uma espécie protegida.

— Bem-vindos ao sistema de Dobelle. — A voz de Perry dizia o oposto de suas palavras. Estendeu a mão e pegou os documentos de Louis Nenda. Folheou-os rapidamente. — O requerimento original pouco dizia a respeito dos seus motivos para visitar Tremor. Vou encontrar maiores detalhes aqui?

— Afirmativo. — Os modos de Nenda eram tão afetados quanto sua maneira de andar. — Estou interessado em ver de perto uma grande maré terrestre, e isso quer dizer Tremor. Durante a Maré de Verão. Não há nenhum problema, há?

— É arriscado ficar em Tremor durante a Maré de Verão. Mais ainda este ano, com Amaranth tão próximo.

— Meu amigo, não me venha falar em riscos. — Nenda inflou o peito. — Eu e Kallik adoramos o perigo. Estávamos em Rocamble quando houve aquela erupção estelar. Passamos nove dias em um carro aéreo, mantendo-nos na sombra de Rocamble para não sermos assados. Saímos de lá sem uma queimadura. Antes disso, estávamos a bordo da penúltima nave a sair de Castelinho. — Ele riu. — Sorte a nossa. A última nave não tinha suprimentos e levou quarenta dias para chegar a um Nó de Bose. Metade dos passageiros teve que comer a outra metade para sobreviver. Mas, se quer ouvir falar de perigo de verdade, deixe-me contar-

Ihe o que aconteceu em Toca de Rato...

— Depois que tivemos oportunidade de examinar o seu pedido — interrompeu Perry, olhando para o outro de cara feia. Embora conhecesse Nenda havia apenas um minuto, tinha certeza de que ele não aceitaria facilmente um não como resposta. — Vou lhe mostrar seus alojamentos temporários. Depois, alguns de nós vão se reunir para discutir o assunto. Ele precisa de uma alimentação especial? — perguntou, apontando para o himenopt.

— Ela. Kallik é fêmea. Não, ela é onívora. Como eu. — Nenda riu novamente. — Ei, espero ter entendido errado. Que história é essa de “se reunir para discutir o assunto”? Vim de muito longe para ver esse fenômeno. Longe demais para voltar de mãos abanando.

— Vamos ver o que é possível fazer. — Perry olhou de soslaio para Kallik. Quando o tom de voz de Louis Nenda se tornara mais agressivo, alguns centímetros de ferrão amarelo tinham se projetado para fora da bainha. — Estou certo de que concordamos em uma coisa: o senhor não quer ir a Tremor para morrer em um acidente.

— Não se preocupe com a nossa segurança. Não somos fáceis de matar. Limite-se a aprovar meu pedido, que de Tremor cuido eu.

Talvez ele estivesse certo. Rebka ficou olhando enquanto Perry se afastava com o recém-chegado. Tremor era perigoso, quanto a isso não havia dúvida, mas, se ter autoconfiança ajudava em alguma coisa, Louis Nenda voltaria de lá são e salvo. Talvez fosse Tremor que precisava de proteção.

— Gostaria de ouvir a sua recomendação, comandante.

Mas Perry se recusa a me olhar nos olhos, pensou Rebka. Ele acha que já sabe qual vai ser a minha decisão. Mas está errado... porque nem eu mesmo sei.

— Sou contra qualquer visita durante a Maré de Verão, o senhor sabe. — Perry estava muito pálido, e falava tão baixo que o outro quase não conseguia ouvi-lo.

— Qualquer visita?

— Isso mesmo.

— Sabe que Graves não está obrigado a acatar nossas decisões? Ele tem autoridade para ir caçar as gêmeas Carmel em Tremor na hora que quiser.

— Ele tem autoridade para ir, e nós dois achamos que acabará indo de qualquer maneira. Mas a autoridade não servirá para proteger-lhe a

vida. Durante a Maré de Verão, Tremor se torna um planeta *assassino*. — Perry levantou a voz para pronunciar a última palavra.

— Muito bem. E quanto aos outros? Estão dispostos a pagar uma soma considerável ao nosso governo pelo privilégio de visitar Tremor.

— Posso aprovar essas visitas... mas só para depois da Maré de Verão. Darya Lang pode estudar o Cordão Umbilical sem descer à superfície do planeta; Atvar H'sial terá o resto do ano para estudar o efeito das tensões ambientais sobre as espécies.

— Eles não vão concordar. Proíba-os de visitar Tremor durante a Maré de Verão e irão embora imediatamente, sem pagar nada. E que me diz de Louis Nenda? — Perry finalmente encarou Rebka, e sua voz assumiu um tom diferente. Chegou a sorrir. — Ele está mentindo, não está?

— Acho que sim.

— E não está sendo muito convincente.

— Está pouco ligando para isso. Deveria ter escolhido uma história mais plausível. Ele me parece o último homem neste braço da espiral que se interessaria por marés terrestres. Sinto-me tentado a pedir que Steven Graves lhe faça algumas perguntas técnicas a respeito. Mas isso não resolveria nada. Ele viajou muito para chegar aqui, quase novecentos anos-luz, a não ser que esteja mentindo quanto a isso também. Pelo menos, não há dúvida de que vem da Comunidade dos Zardalus, e isso quer dizer quatro Nós de Bose, no mínimo. Tem algum palpite quanto aos seus verdadeiros motivos?

— Não faço a menor idéia. — Perry havia se aquietado de novo e estava olhando para o vazio. — Por outro lado, não acho que seja o único que está mentindo. O serviço de informações do Círculo confirmou que Darya Lang é uma especialista em artefatos dos Construtores, mas isso não é razão para ela querer visitar a superfície de Tremor. Poderia fazer o seu trabalho aqui em Opala ou no Cordão Umbilical. Entretanto, o fato de estar ou não dizendo a verdade não tem nenhuma influência sobre minha opinião. O senhor pediu uma recomendação, e eu a estou fornecendo: negue o pedido de Lang, negue o pedido de Atvar H'sial, negue todos os pedidos. Não permita que ninguém visite Tremor até a Maré de Verão passar. E se Graves insistir o problema será dele.

— Você deixaria que ele visitasse Tremor sozinho?

— Claro que não! — Perry parecia genuinamente chocado. — Seria o mesmo que assassiná-lo. Eu iria com ele.

— É o que eu imaginava. Eu também vou.

Rebka tinha chegado a uma decisão. E pelos motivos errados, pen-

sou. Se eu permitir que visitem Tremor, talvez descubra por que todos estão tão ansiosos para ir lá. Mas se proibir as visitas terei uma boa idéia do quanto isso lhes é importante. Provavelmente, forçarei alguns deles a agir. E este é o tipo de situação que estou preparado para enfrentar.

— Comandante Perry, minha decisão está tomada — declarou. — Concordo com a sua recomendação. — A expressão de surpresa no rosto de Perry o fez sorrir internamente. — Vamos proibir o acesso a Tremor até passar a Maré de Verão.

— Tenho certeza de que esta é a decisão correta. — Perry tinha um excelente autocontrole, mas era impossível esconder o alívio que estava sentindo.

— O que nos deixa ainda uma decisão pela frente — disse Rebka. — Talvez devêssemos tirar a sorte. Quem vai dar as más notícias a Darya Lang e a Atvar H'sial? Pior ainda, quem vai contar a Louis Nenda?

ARTEFATO: LENTE

Nº de série: 1.023

Coordenadas galácticas: 29.334,229/18.339,895/-831,22 Nome: Lente

Conjunto estrela/planeta: Nenhum; situada no espaço vazio

Nó de Bose mais próximo: 108

Idade estimada: $9,138 \pm 0,56$ megaaños

História da exploração. A história da Lente talvez jamais venha a ser perfeitamente conhecida. Como fica em território da Comunidade dos Zardalus, todos os registros mais antigos foram perdidos com o colapso do Império dos Zardalus. Entretanto, como os zardalus sempre se interessaram mais pelas ciências biológicas do que pelas ciências físicas, é pouco provável que tenham tentado explorar a Lente de forma sistemática

A história conhecida da Lente começa com sua descoberta, em 122 E., mas por muito tempo foi considerada como um objeto extra-galáctico. Em 388 E., através de uma análise dos efeitos de paralaxe, os cientistas verificaram que estava muito mais próxima do que se pensava, em nosso braço da galáxia. A Lente foi visitada pela primeira vez por Kusra, em 2101 E. (em uma viagem apenas de ida), mas ele não conseguiu obter nenhuma prova palpável de sua existência. Em 2377 E., Paperl e Ula H'sagta mediram a mudança de polarização de um feixe de laser ao passar pela região da Lente, confirmaram sua localização e estimaram o seu tamanho

Descrição: A Lente é uma região focalizadora do espaço com 0,23 ano-luz de diâmetro e espessura praticamente nula (medidas realizadas para grandes ângulos de incidência estabeleceram um limite superior de um micrômetro). O efeito de focalização ocorre apenas para raios luminosos com comprimentos de onda entre 0,110 e 2,335 micrometros e ângulos de incidência com um desvio menor que 0,077 radianos em relação à incidência normal ao plano da Lente. Existem porém, alguns indícios de que a Lente interage fracamente com radiações de comprimento maior que 0,1 ano-luz (a baixa energia dessas radiações torna difícil separá-las da radiação cósmica de fundo) As ondas gravitacionais, as partículas e objetos e todas as outras ondas eletromagnéticas aparentemente atravessam a Lente sem serem afetadas. A focalização é perfeitamente acromática para todos os comprimentos de onda na faixa mencionada acima. Nessa faixa, a Lente se comporta como um dispositivo focalizador limitado por difração com uma abertura efetiva de 0,22 ano-luz e uma distância focal de 427 anos-luz. Com sua ajuda, foi possível observar a superfície de planetas em galáxias localizadas a mais de cem milhões de parsecs.

Estrutura: Infelizmente, quanto à estrutura, só é possível dizer de que materiais a Lente não é feita. A ciência e a tecnologia de hoje não fornecem nenhuma indicação quanto à sua possível composição.

A Lente não é feita de nenhuma partícula conhecida. Não se trata de uma singularidade no espaço-tempo, já que uma singularidade afetaria todos os comprimentos de onda da mesma forma, além de agir também sobre a matéria. Pela mesma razão, não pode ser feita de grávitons. Também não pode possuir uma estrutura de superfibras, pois não são observadas emissões espontâneas ou induzidas.

Finalidade: Desconhecida. A Lente representa a macroengenharia dos Construtores em sua forma mais espetacular e misteriosa. O fato de agir apenas sobre uma faixa de comprimentos de onda levou alguns estudiosos a especular que esta faixa corresponderia à faixa de sensibilidade espectral dos olhos dos Construtores. Como não existem provas de que os Construtores possuíam órgãos equivalentes a olhos, esta conjectura não deve ser levada muito a sério.

Também foi sugerido por alguns que a Lente modula a luz que a atravessa, de uma forma ainda desconhecida. Se for esse o caso, o fato de focalizar a luz seria apenas um subproduto acidental do seu verdadeiro propósito.

— Do *Catálogo Lang Universal de Artefatos*
Quarta Edição

Capítulo 10

Maré de Verão menos dezoito.

— Entre — gritou Darya automaticamente quando ouviu alguém bater à porta.

Viu quando a porta começou a se abrir.

— Entre — repetiu. Então se deu conta de que o visitante já havia entrado, pelo menos parcialmente. Apenas trinta centímetros acima do chão, uma cabeça negra, com um círculo de olhos muito vivos, olhava para ela.

— Ela não entende a sua língua — disse uma voz impaciente. — Conhece apenas algumas palavras de comando na linguagem humana. Em frente.

Um homem moreno e atarracado, de cara amarrada, entrou na sala com passos largos, precedido por um pequeno ser alienígena. Um cabresto que envolvia o tórax da criatura estava amarrado a um chicote na mão do homem.

— Meu nome é Louis Nenda. Esta aqui — ele apontou para baixo com o chicote — é Kallik. Ela me pertence.

— Olá. Sou Darya Lang.

— Eu sei. Precisamos conversar.

Ele era ainda pior do que os outros. Darya estava começando a se aborrecer com a falta de modos dos habitantes do Círculo de Phemus. Mas aquilo era contagioso.

— Pode ser que você precise conversar — disse ela. — Eu, não. Passe bem.

Inesperadamente, ele sorriu.

— Espere aí. Onde podemos conversar?

— Aqui mesmo. Vá falando.

Ele fez que não com a cabeça e apontou para J'merlia. O lo'tfiano tinha se recuperado o suficiente para sair do hospital, mas ainda preferia dormir em uma rede.

— E o inseto?

— Não há problema. — Ela se curvou para examinar a membrana ocular. — Está descansando. Não vai nos incomodar.

— Não me interessa o que ele está fazendo. O que tenho a dizer não pode ser dito na frente desse inseto.

— Então não estou interessada em ouvir. J'merlia não é um inseto. É um lo'tfiano, e é tão racional quanto você.

— O que não quer dizer muita coisa. — Nenda sorriu novamente. — Há quem diga que sou mais louco que um varniano. Seja boazinha, precisamos conversar.

— Pode me dar alguma razão para isso?

— Claro. Se quiser, eu lhe dou mil duzentas e trinta e sete razões.

Darya olhou para ele, surpresa.

— Está falando dos artefatos dos Construtores? Só foram descobertos até hoje mil duzentos e trinta e seis.

— Eu disse *razões*. Aposto que nós dois podemos pensar em uma razão muito boa para conversarmos que não seja um artefato.

— Não sei o que está querendo dizer. — Mas Darya sentiu que, como sempre, seu rosto traidor a denunciara.

— Kallik, fique. — Louis Nenda acrescentou uma série de assovios e rosnados a suas palavras. Voltou-se para Darya. — Você entende hime-nopt? Eu achava que não. Disse a ela para ir até ali e ficar de olho no inseto. Vamos lá para fora. Ela nos chamará se ele acordar e precisar de você.

Ele soltou o chicote do cabresto de Kallik e saiu porta a fora, sem ao menos olhar para trás para ver se a moça o estava seguindo.

Que é que ele sabia? Que é que ele *podia* saber? Pela lógica, absolutamente nada. Mesmo assim, Darya se viu caminhando ao lado do homem na superfície úmida da Funda.

O serviço de meteorologia estava prevendo outra grande tempestade para o dia seguinte, mas no momento o vento se limitava a breves rajadas quentes e úmidas. Mandel e Amaranth estavam juntos no céu, manchas indistintas no céu nublado. O brilho aparente de Amaranth aumentava com rapidez. As plantas verdes haviam assumido uma tonalidade avermelhada. Louis Nenda internou-se confiantemente no mato. Ele não sabe das tartarugas gigantes, pensou Darya. Mas no momento elas já deviam se achar todas no mar, prontas para enfrentar a Maré de Verão.

— Já estamos bem longe — gritou Darya, afinal. — Diga-me o que quer.

Ele se voltou e caminhou até onde a moça estava.

— Tem razão, aqui está bem. Só não queria que ninguém escutasse a nossa conversa. Acho que concorda comigo.

— Por mim, tanto faz. Não tenho nada a esconder.

— É mesmo? — Inclinou a cabeça a fim de sorrir para a moça, que era meia cabeça mais alta que ele. — Engraçado, pensei que tivesse. Você é Darya Lang, da Quarta Aliança, especialista na história e na tecnologia dos Construtores.

— Não sou uma especialista, mas me interesso pelos Construtores. Isso não é segredo.

— Claro que não. E é tão famosa que os especialistas nos Construtores da Comunidade dos Zardalus sabem de tudo a respeito do seu trabalho e do *Catálogo Lang*. Vivem convidando você para comparecer a congressos e conferências, não é mesmo? Mas você nunca aceitou os convites. Pelo menos, foi assim durante uma dúzia de anos. Quem quisesse falar com Darya Lang tinha que viajar até o Portal da Sentinela. Só que, de repente, você saiu de lá. Veio para Dobelle.

— Quero examinar de perto o Cordão Umbilical.

— Claro. Só que, de acordo com o *Catálogo Lang*, número de série 279...

— Número de série 269 — corrigiu Darya, automaticamente.

— Desculpe. Número de série 269. Seja como for, o que está escrito no catálogo é o seguinte: “O Cordão Umbilical é um dos artefatos mais simples e fáceis de compreender; por esse motivo, não é de muito interesse para os estudiosos da tecnologia dos Construtores.” Lembra-se de ter escrito isso?

— Claro que me lembro. E daí? Não tenho o direito de mudar de idéia? Não tenho o direito de viajar para onde quiser?

— Tem. Acontece que os seus chefes, lá em Miranda, cometeram

um erro. Deviam ter dito a todo mundo que você havia partido para conhecer o Tântalo, o Casulo, o Archote ou qualquer outra das obras realmente grandes dos Construtores. Ou simplesmente que estava viajando de férias.

— Que foi que eles disseram? — Sabia que não devia fazer a pergunta, mas precisava saber. Que é que aqueles idiotas no governo central haviam aprontado?

— Não disseram nada. Fecharam-se em copas e informaram apenas que você ficaria ausente por alguns meses. O tipo da coisa que só serve para despertar suspeitas.

Darya estava se sentindo aliviada. O homem, embora intrometido, não sabia de nada, e não era por culpa dela que ele estava ali.

— Então vocês me seguiram até aqui. Muito bem. O que deseja?

— Eu não disse que nós a seguimos, *professora*. — Ele transformou o título em um insulto. — Não, senhora. Viríamos para cá de qualquer maneira. Mas, quando descobrimos que também estava aqui, achei que tínhamos que nos entender. Venha comigo.

Louis Nenda segurou Darya pelo braço e entrou com ela no meio do mato. Chegaram a um emaranhado de cipós que formavam uma espécie de banco comprido. Apertou-lhe o braço com mais força, obrigando-a a sentar-se. As pernas da moça tremiam.

— Tínhamos que nos entender — repetiu. — E você sabe por que, não sabe? Não adianta fingir, Darya Lang. — Sentou-se ao lado dela e colocou a mão no seu joelho. — Vamos, está na hora das confissões. Você e eu temos coisas para contar um ao outro, querida. Coisas muito íntimas. Quer que eu seja o primeiro?

Se os resultados são tão óbvios para *mim*, por que outros não chegaram à mesma conclusão?

Darya lembrou-se de que tivera esse pensamento, muito antes de viajar para Dobelle. E finalmente estava em condições de responder. Outras pessoas haviam chegado à mesma conclusão. O único mistério era que uma dessas pessoas fosse alguém tão inculto, grosseiro e despreparado como Louis Nenda.

Ele não era homem de fazer rodeios.

— Artefatos dos Construtores, espalhados por todo o braço da espiral. Alguns no seu território, lá na Aliança, outros na Federação de Cecrópia, outros na região em que vivo, na terra dos zardalus. E um aqui mesmo, o Cordão Umbilical.

— O seu catálogo fala de todos eles. E você usa um calendário ga-

láctico universal para indicar a ocasião em que houve uma *mudança* em algum dos artefatos. Mudança de aparência, de tamanho, de função etc.

— Fiz o melhor que pude. — Darya não estava admitindo nada que não se achasse escrito no catálogo. — Algumas datas não estavam registradas com a precisão necessária. Tenho certeza de que outros eventos simplesmente não foram observados por ninguém. E desconfio que algumas supostas mudanças na verdade não ocorreram.

— Mas você relata uma média de trinta e sete mudanças por artefato durante um período de observação de três mil anos... nove mil anos para os artefatos situados em território cecropiano, porque eles começaram a observar os artefatos muito antes das outras raças. E não existe nenhuma correlação entre as datas.

— É isso mesmo. — Darya não estava gostando daquele sorriso. Desviou os olhos.

A pressão dos dedos de Nenda sobre o seu joelho aumentou, Ele tinha uma mão pesada e cabeluda.

— Estou quase tocando no ponto crucial, não é mesmo? Não fique aflita, querida. Chego lá num minuto. Não havia correlação entre as *datas*... mas em um dos seus artigos você abordou uma hipótese ousada. Lembra-se?

Por quanto tempo conseguiria protelar o inevitável? As instruções da legada Pereira tinham sido bem claras: não devia contar a ninguém fora da Aliança o que havia descoberto... mesmo que a pessoa aparentemente já soubesse de tudo.

Empurrou a mão de Nenda para longe da sua perna.

— Fiz muitas hipóteses ousadas nos meus artigos.

— Foi o que me disseram. Também me disseram que tem uma excelente memória. De qualquer forma, vou reavivá-la. Você disse que a maneira correta de examinar possíveis correlações entre as ocasiões em que ocorreram mudanças nos artefatos não era através do exame das datas dos eventos segundo o calendário galáctico universal, e sim pensando nessas mudanças como os efeitos de uma onda que se propagasse radialmente a partir de um ponto de origem, viajando, como uma onda eletromagnética, com a velocidade da luz. Assim, dez anos-luz depois que algo acontecesse a um artefato, informações a respeito dessa mudança estariam disponíveis em todos os pontos da superfície de uma esfera com o centro na posição do artefato e dez anos-luz de raio. Lembra-se de ter escrito isso?

Darya deu de ombros.

— Duas dessas esferas continuam a se expandir até se encontrarem — prosseguiu Louis. — Primeiro, elas se tocam em apenas um ponto. Depois, a interseção se transforma em uma circunferência, cujo raio cresce sem parar. No caso de três esferas, o resultado é diferente. Quando as três esferas crescem e se encontram, só existem dois pontos que pertencem simultaneamente à superfície das três esferas. Quatro ou mais esferas geralmente não possuem pontos em comum. E quando você chega a mil duzentos e trinta e seis artefatos, com uma média de trinta e sete mudanças para cada um, está falando de quase cinquenta mil esferas, todas com centro em um dos artefatos e se expandindo com a velocidade da luz. Qual é a probabilidade de que mil duzentas e trinta e seis superfícies esféricas, uma para cada artefato dos Construtores, se encontrem em um único ponto? Deveria ser desprezível, pequena demais para ser considerada. Mas se as superfícies se encontrassem, desafiando as probabilidades, que aconteceria?

“Parece uma pergunta irrelevante, concorda? Mas não é difícil programar um computador para calcular as interseções. Sabe qual foi a resposta do computador, professora Lang?”

— Por que deveria saber? — Ela sabia que era inútil, mas estava disposta a negar até o fim.

— Porque está *aqui*. Droga, chega de fingimento! Quer que eu lhe explique o que está farta de saber?

A mão dele estava na coxa da moça, mas foi o seu tom de voz que finalmente a deixou suficientemente irritada para reagir.

— Não precisa me explicar nada, seu... seu anãozinho indecente! Pode ter me seguido até aqui, mas isso foi tudo que fez... seguir-me! A idéia foi toda minha! E tire essa mão suja da minha perna!

Ele estava sorrindo, triunfante.

— Eu não disse que não tinha sido idéia sua. E se não quer ser minha amiga, paciência. Mas as superfícies todas se encontram, não é mesmo? Até o último algarismo significativo! No mesmo lugar, exatamente na mesma hora. E nós dois sabemos qual é o lugar. A superfície de Tremor, durante a Maré de Verão. É por isso que você está aqui, é por isso que estou aqui, é por isso que H’sial e todos os outros estão aqui!

Levantou-se.

— E agora os idiotas dizem que não podemos ir até lá! Nenhum de nós!

— O quê? — Darya pôs-se de pé de um salto.

— Ainda não sabia? Aquele cabeça-dura do Perry me contou faz

uma hora. Nada de Tremor para você, nada de Tremor para mim, nada de Tremor para os insetos. Viajamos mil anos-luz para ficar aqui sentados e perder o espetáculo.

Bateu com o chicote preto no tronco de um grande bambu.

— Eles dizem que não podemos ir. Para o inferno com eles! Agora você compreende por que temos que nos entender, Darya Lang. Precisamos juntar nossos conhecimentos... a menos que você queira deixar que aqueles idiotas nos digam o que fazer!

A matemática é universal. Entretanto, não se pode dizer o mesmo da maioria das coisas.

Darya chegou a essa conclusão depois de mais meia hora de conversa com Louis Nenda. Ele era um homem detestável, alguém que a faria mudar de caminho para evitar. Mas depois de compararem o que sabiam (cautelosamente, de má vontade, cada um tentando receber mais do que oferecia), chegaram à conclusão de que a concordância era impressionante. Era também inevitável. Partindo do mesmo conjunto de eventos e do mesmo conjunto de localizações dos artefatos, só havia um ponto no tempo e no espaço que satisfazia a todos os dados. As pequenas diferenças no cálculo da hora e lugar do evento final podiam ser atribuídas aos diferentes critérios usados para minimizar os erros do ajuste, ou às diferentes tolerâncias na convergência dos cálculos não-lineares.

Haviam adotado uma abordagem quase idêntica e usado tolerâncias e fatores de convergência semelhantes. Os resultados da moça e de Louis Nenda concordavam até o décimo quinto algarismo significativo.

Ou, por outra, pensou Darya depois de mais quinze minutos, os seus resultados concordavam com os da pessoa que fizera os cálculos para Nenda. Ele não podia ter feito o trabalho sozinho. Tinha apenas uma vaga idéia dos métodos utilizados. Podia ser o chefe, mas outra pessoa analisara os dados para ele.

— De modo que concordamos quanto à hora, e coincide com a da Maré de Verão — disse Nenda. Parecia aborrecido. — E tudo que sabemos é que fica em algum ponto da superfície de Tremor? Por que não pode definir o local com maior precisão? Era isso que eu esperava quando propus que comparássemos nossos resultados.

— Espera que eu faça milagres? Estamos falando de distâncias de milhares de anos-luz, quilômetros de quilômetros, e de períodos de milhares de anos. E acabamos com uma incerteza de menos de duzentos quilômetros quanto ao local e de menos de trinta segundos quanto à hora. Acho que é um bom trabalho. Pensando melhor, acho que *já é* um

milagre.

— Talvez tenha razão. — Ele bateu com o chicote na própria perna. — E decididamente vai ocorrer em Tremor, e não aqui em Opala. O que responde a outra dúvida que eu tinha.

— A respeito dos Construtores?

— Os Construtores que se danem! Estou falando dos insetos. Que razão alegaram para quererem visitar Tremor?

— Atvar H'sial diz que pretende estudar o comportamento de formas de vida quando submetidas a pressões ambientais extremas.

— Hum! Pressões ambientais, uma ova! — Começou a caminhar de volta para o alojamento. — Acredite nisso, e daqui a pouco estará acreditando em contos de fadas. Ela está atrás da mesma coisa que nós. Está atrás dos Construtores. Não se esqueça de que também é uma especialista neles.

Louis Nenda podia ser um tipo nojento, mas Darya se viu forçada a concordar com ele. Atvar H'sial chegara a Dobelle com um plano alternativo, como se soubesse de antemão que os pedidos de autorização para visitar Tremor seriam recusados.

— E Julius Graves? Ele também sabe?

Nenda negou com a cabeça.

— O velho cabeção? Não. Ele é um mistério. Normalmente, eu teria dito: claro, ele está aqui pela mesma razão que nós. Mas ele é um conselheiro, e mesmo que você não acredite em metade do que dizem sobre eles (eu, pessoalmente, não acredito), nunca consegui pegar um conselheiro numa mentira. E você?

— Nunca. E ele não esperava ter que ir a Tremor, quando veio ao sistema de Dobelle. Pretendia ficar em Opala. Pensava que as gêmeas que procura estivessem aqui.

— Então é provável que esteja dizendo a verdade. Seja como for, não precisamos nos preocupar com ele. Se quiser viajar para Tremor, não haverá como impedi-lo. Os palhaços daqui não têm autoridade sobre ele. — Estavam de volta ao alojamento e Nenda parou do lado de fora da porta. — Muito bem, tivemos nossa conversinha. Agora vamos à pergunta mais importante. O *que* vai acontecer em Tremor durante a Maré de Verão?

Darya olhou para ele. Será que esperava que ela respondesse?

— Não sei.

— Vamos, não adianta vir de novo com evasivas. Você deve saber... caso contrário, não viria de tão longe.

— Você está enganado. Se eu *soubesse* o que está para acontecer, ou pelo menos tivesse alguma idéia plausível, jamais deixaria o Portal da Sentinela. Gosto muito de lá. Você também veio de longe. Que é que *você* acha que vai acontecer?

Nenda parecia frustrado.

— Sei lá. Ei, você é que é a especialista. Se *você* não sabe, pode ter certeza de que eu também não sei. Está falando sério? Não faz a menor idéia?

— Tenho apenas algumas idéias vagas. Vai ser alguma coisa grande. Vai acontecer em Tremor. E vai nos revelar muito a respeito dos Construtores. É tudo.

— Droga! — Ele bateu com o chicote na terra molhada. Darya teve a impressão de que, se Kallik estivesse ali, receberia aquela chicotada. — E agora, que vamos fazer, professora?

Darya Lang estava se fazendo a mesma pergunta. Nenda parecia disposto a colaborar, e a moça se deixara atrair pelo desejo de conhecer novos fatos e teorias a respeito dos Construtores. Entretanto, o homem parecia não ter nada de novo... ou, pelo menos, nada que estivesse disposto a revelar. E ela já havia mais ou menos se comprometido a trabalhar com Atvar H'sial e J'merlia. Não podia trabalhar com ambas as partes. Mesmo que não tivesse concordado com nada de definido, não podia contar a Louis Nenda a conversa que tivera com a alienígena.

— Está propondo que trabalhemos em conjunto? Porque, se está...

Ela não precisou terminar. Nenda jogou a cabeça para trás e deu uma sonora gargalhada.

— Menina, por que eu faria uma coisa dessas? Você acaba de me dizer que não sabe de nada!

— Ora, pelo menos trocamos informações.

— É verdade. Nisso você é muito boa. Foi isso que a fez famosa. Informações e teorias. Mas sabe mentir e trapacear? Sabe *agir*? Aposto que não. Pois é disso que vai precisar para chegar a Tremor. E, pelo que sei, a ida a Tremor não vai ser nenhum piquenique. Vou estar muito ocupado lá. Acha que teria tempo de cuidar de você? Não, obrigado, queridinha. Nesse jogo, vai ser cada um por si.

Antes que a moça tivesse tempo de responder, ele saiu andando na frente, entrou no prédio e foi para a sala de onde haviam saído. Kallik e J'merlia ainda estavam lá, deitados no chão, com as pernas múltiplas entrelaçadas, trocando rosnados e assovios.

Louis Nenda puxou a himenopt bruscamente pelo cabresto, que

amarrou ao chicote.

— Vamos andando. Eu lhe disse para não brigar! Temos trabalho a fazer. — Voltou-se para Darya. — Prazer em conhecê-la, professora. Vejo -a em Tremor?

— Claro que sim, Louis Nenda. — A voz de Darya estava trêmula de raiva. — Pode contar com isso.

Ele deu uma risada irônica.

— Ótimo. Vou reservar um drinque para você lá. Se Perry estiver com a razão, vamos precisar de um.

Puxou o chicote, arrastando Kallik para fora do aposento. Fumegando, Darya aproximou-se de J'merlia, que começava a se levantar.

— Como está Atvar H'sial?

— Muito melhor. Estará totalmente recuperada em mais um dia de Dobelle.

— Ótimo. Diga a ela que decidi aceitar a proposta. Farei tudo que discutimos. Estou pronta para viajar para o lado de Tremor assim que ela puder.

— Vou contar a ela. É uma boa notícia. — J'merlia chegou mais perto, estudando a expressão no rosto da moça. — Parece que você teve uma experiência desagradável, Darya Lang. Aquele homem tentou machucá-la?

— Não. Pelo menos, não fisicamente. — Mesmo assim, me machucou, pensou. — Ele me deixou zangada e triste. Sinto muito, J'merlia. Ele queria conversar em particular, por isso fomos lá para fora. Pensei que você estivesse dormindo. Não podia imaginar que seria atacado por aquele animal horroroso.

J'merlia olhou para ela e sacudiu a cabeça de louva-a-deus, em um gesto que aprendera com os humanos.

— Atacado? Por quem? — Apontou para a porta. — Pela himenopt?

— Isso mesmo.

— Não fui atacado. Kallik e eu estávamos começando uma proto-conversa... tentávamos aprender a língua um do outro.

— Língua? — Darya pensou no cabresto e no chicote. — Está me dizendo que aquela coisa pode *falar*! Que não é um simples animal?

— Professora Lang, Kallik certamente é capaz de falar. Ela nunca teve oportunidade de aprender outras línguas além da que é falada pelos himenopts, porque não teve muito contato com outras raças e o dono nunca a encorajou. Mas está aprendendo. Começamos com menos de cinquenta palavras em comum; agora temos mais de cem. — J'merlia

dirigiu-se para a porta, ainda puxando da perna ferida. — Com licença, professora. Preciso ir agora. Atvar H'sial pode estar precisando de mim. É uma pena que Kallik esteja de partida, mas talvez a gente tenha a oportunidade de conversar de novo quando eles chegarem.

— Chegarem? Para onde estão indo?

— Para o mesmo lugar que todo mundo, ao que parece. — J'merlia parou na porta. — Para Tremor. Não sabia?

Capítulo 11

Maré de Verão menos treze.

A resistência violenta pode ser um problema, mas a resistência não-violenta às vezes é mais difícil de enfrentar.

Hans Rebka se sentia como um lutador de boxe, preparado para se defender de um soco que não vinha. Inconscientemente, ainda estava esperando.

— Eles não protestaram? — perguntou.

Max Perry fez que sim com a cabeça.

— Claro. Pelo menos, Louis Nenda protestou. Mas depois disse que estava cheio do sistema de Dobelle, que nós podíamos pegar o requerimento e enfiar você sabe onde e que daria o fora daqui o mais cedo possível. Já foi embora.

— E Darya Lang? E Atvar H'sial?

— Darya não disse nada. E é difícil saber o que Atvar H'sial está pensando, mas as palavras de J'merlia não foram muito contundentes. Eles foram curtir a decepção em outra Funda. Há dois dias que não os vejo. Para ser franco, não tive tempo para me ocupar com eles. Acha que devíamos estar preocupados?

Os dois homens esperavam enquanto a cápsula que os levaria a

Tremor era acoplada ao Cordão Umbilical. Estavam levando a própria bagagem, uma pequena mala de mão cada um. Julius Graves achava-se ao lado do carro aéreo que os trouxera do lado das estrelas, pegando duas pesadas malas.

Rebka refletiu a respeito da pergunta que Perry lhe fizera. Sua missão em Dobelle envolvia apenas a situação de Max Perry. Em princípio, não tinha nada a ver com membros de outras raças ou a forma como eram tratados. Entretanto, do ponto de vista da população de Opala, ele era um funcionário graduado e tinha as obrigações inerentes ao seu cargo. Recebera uma mensagem em código do quartel-general do Círculo pouco antes de deixarem o lado das estrelas, mas não tinha muita esperança de que a mensagem o auxiliasse, fosse qual fosse o seu teor. Em geral, conselhos e instruções vindos de longe serviam mais para agravar os problemas do que para resolvê-los.

— Eles deviam ter protestado com mais veemência — disse, afinal. — Especialmente Louis Nenda. Acha que ele poderia partir de Opala e tentar pousar em Tremor sem permissão? Afinal, chegou aqui na sua própria nave.

— Não podemos impedi-lo de *tentar*. No entanto, a menos que sua nave tenha sido projetada para dispensar espaçoportos, vai ter problemas. Pode ser até que consiga descer em Tremor, mas não sairá mais de lá.

— Que me diz de Darya Lang e Atvar H'sial?

— Impossível. Elas não dispõem de uma nave e jamais conseguirão alugar um modelo para viagens interplanetárias. Podemos esquecê-las.

Perry hesitou. Não estava muito seguro do que acabara de dizer. Havia aquela sensação no ar, a sensação de calma antes de uma grande tempestade. E não eram só as nuvens de chuva que ameaçavam Opala nas próximas vinte e quatro horas.

Era a Maré de Verão, pendendo sobre tudo. Faltando apenas treze dias de Dobelle, Mandel e Amaranth estavam muito grandes e brilhantes. A temperatura média já subira cinco graus e as nuvens pareciam feitas de cobre derretido. A atmosfera de Opala havia mudado nas últimas doze horas. Estava carregada de um gosto metálico que combinava com a cor do céu. A poeira no ar deixava os lábios secos, os olhos ardendo, o nariz irritado. Enquanto a maré fazia o fundo do mar aproximar-se da superfície, terremotos submarinos e erupções despejavam gases e poeira na atmosfera.

Julius Graves finalmente conseguira levar as duas malas para o de-

pósito de bagagem que ficava no piso inferior do carro do Cordão Umbilical. Aproximou-se dos outros dois homens e olhou para o céu.

— Outra tempestade vem aí — disse. — Uma boa hora para sairmos de Opala.

— Mas uma hora péssima para visitarmos Tremor — observou Perry.

Entraram no carro. Perry usou seu cartão de identificação e digitou uma complexa sequência de comandos.

Os três homens mantiveram uma formalidade incômoda enquanto a subida começava. Quando Perry informara a Graves que o acesso a Tremor estava proibido até passar a Maré de Verão, o outro reagira fazendo valer a autoridade do Conselho. Ninguém o impediria de viajar até Tremor.

Perry observou que nesse caso Graves teria que ser acompanhado por dois funcionários do planeta. Eles tinham a responsabilidade de zelar pela sua segurança.

Graves concordou. Todos tinham sido muito polidos, mas nenhum deles estava satisfeito com a situação.

A tensão diminuiu quando a cápsula emergiu da camada de nuvens. Agora, os três homens tinham outra coisa para ocupar seus pensamentos. O carro havia sido equipado com painéis deslizantes no andar superior, além de uma grande janela de observação no teto. Os passageiros tinham uma visão excelente do espaço. Quando Tremor apareceu no meio das nuvens, ninguém mais pensou em puxar conversa com os outros.

Julius Graves ficou olhando para fora de boca aberta. Max Perry parecia entregue aos próprios pensamentos. Hans Rebka tentou ignorar a paisagem e pensar na missão que tinha pela frente. Perry podia conhecer tudo a respeito de Tremor, e Graves podia ser uma fonte de informações acerca de qualquer assunto em mil sistemas planetários, mas Rebka estava com o pressentimento de que os dois homens dependiam dele para escapar do perigo.

Que perigo? Olhou em torno, procurando um panorama que afastasse as preocupações de sua mente. Fizera a mesma viagem poucos dias antes, mas tudo parecia diferente. Mandel, muito aumentado, estava do lado esquerdo. A parede do carro, feita de um material desenvolvido pelos Construtores, filtrava as radiações perigosas, transformando o disco da estrela em uma imagem escura coberta de fâculas, manchas e erupções gigantescas. O disco era tão grande que Rebka teve a impressão de que poderia estender a mão e tocar-lhe a superfície revolta.

Amaranth, que deixara de ser uma estrela-anã, estava na mesma direção que Tremor. A companheira de Mandel parecia diferente. Até a cor havia mudado. Rebka percebeu que se tratava de uma ilusão. Quando as paredes do carro modificavam sua transparência para proteger os ocupantes da radiação de Mandel, também modificavam o espectro da luz de Amaranth. O vermelho-alaranjado se transformara em roxo.

Até mesmo Gargântua estava se preparando para o grande encontro. Refletindo simultaneamente a luz de Mandel e de Amaranth, o gigante gasoso se transformara de um ponto distante em um disco alaranjado do tamanho de um polegar.

Os participantes haviam chegado; a força de gravidade os chamara e a dança cósmica estava para começar. Nas horas finais da Maré de Verão, Mandel e Amaranth passariam a menos de cinco milhões de quilômetros um do outro, a espessura de um fio de cabelo, em termos astronômicos. Gargântua se alinharia com as duas estrelas, com Mandel entre ele e Amaranth. E o pequeno sistema de Dobelle, colhido por tal sizígia de gigantes, atravessaria, indefeso, aquela imensa distorção do campo gravitacional.

A órbita do sistema de Dobelle era estável; não havia perigo de que Opala e Tremor se separassem, ou de que os dois planetas fossem arremessados para o infinito. Entretanto, isso era a única coisa que os astrônomos podiam garantir. Não havia como prever o que ocorreria na superfície dos dois planetas durante a Maré de Verão.

Rebka olhou para cima, para Tremor. Aquela bola azulada era a única coisa que não havia mudado desde a última viagem que fizera no Cordão Umbilical.

Ou teria mudado? Olhou com mais atenção. A borda do planeta não estava um pouco mais indistinta? Provavelmente, era consequência do aumento da quantidade de poeira na atmosfera.

Não havia nada para distrair a atenção dos viajantes da paisagem. Estavam subindo com velocidade constante, de modo que não existia sensação de movimento. Apenas um observador muito atento notaria que o ponto dourado da Estação de Meio Caminho aumentava gradualmente de tamanho, enquanto a gravidade aparente no interior da cápsula diminuía de forma também gradual. A viagem não ocorria em queda livre. A força da gravidade estava diminuindo, mas só desapareceria totalmente, por alguns instantes, dois mil quilômetros além da Estação de Meio Caminho, quando todas as forças centrífugas e gravitacionais se equilibrassem. Depois disso, viria a descida rumo a Tremor, quando a cápsula estaria re-

almente caindo em direção ao planeta.

Rebka suspirou e levantou-se. Seria fácil permitir que a paisagem o hipnotizasse, como Tremor hipnotizara Max Perry. E não apenas Perry. Olhou de lado para Graves. O conselheiro estava totalmente mergulhado em um devaneio só seu.

Rebka foi até a rampa e desceu para o andar inferior. A cozinha era rudimentar, mas não tivera tempo de comer nada desde que deixara o lado das estrelas. Estava com fome e qualquer coisa serviria, de modo que digitou o pedido sem olhar. Não estava interessado no sabor da sopa que pedira.

Com suas paredes opacas, o andar inferior da cápsula era deprimidamente monótono. Rebka foi até a mesa e escolheu uma peça musical para ouvir em particular. Música do período pré-Expansão, complexa e polifônica, cujos acordes soavam-lhe dentro da cabeça. O jogo de vozes lembrava a dança cósmica que Mandel e seu séquito estavam para iniciar. Durante dez minutos, Rebka comeu e escutou, apreciando dois dos prazeres mais básicos e mais antigos da humanidade. Pensou consigo mesmo: será que os cecropianos haviam desenvolvido uma forma de arte semelhante à música, só que baseada em feromônios?

Quando a música terminou, ficou surpreso ao perceber que Julius Graves estava de pé ao seu lado, observando-o.

— Posso? — O conselheiro sentou-se à mesa e apontou para o prato vazio. — Você recomenda?

Rebka deu de ombros. O que quer que Julius Graves desejasse dele, não era uma opinião a respeito de sopas.

— Já lhe ocorreu — disse Graves — como é estranho que sejamos capazes de comer e digerir os alimentos de mil mundos diferentes? Os ingredientes dessa sopa foram produzidos em Opala, mas seu estômago não vai estranhar nem um pouco. Nós, os himenoptes e os cecropianos temos organismos totalmente diferentes. As células deles nem ao menos contêm DNA. No entanto, com a ajuda de umas poucas espécies de bactérias unicelulares em nossos intestinos, podemos comer exatamente os mesmos alimentos. Não acha curioso?

— Acho.

Rebka detestava conversar com Graves a sós. Aqueles olhos azuis o intimidavam. Mesmo quando se tratava de uma conversa sobre assuntos gerais, tinha a impressão de que o outro estava tentando descobrir algo. Para complicar as coisas, nunca sabia até que ponto o conselheiro estava sendo influenciado por seu gêmeo mnemônico. Steven gostava de fatos

intermináveis e de piadas sem graça; Julius preferia a sutileza e a ambiguidade. A conversa que estavam tendo no momento podia ser uma simples especulação por parte de um, ou um interrogatório disfarçado por parte do outro. Graves estava sorrindo consigo mesmo.

— Estou vendo que você não dá importância ao fato de podermos comer a comida de Opala ou de Tremor. Mas isso tem muitas implicações. Ajuda, por exemplo, a pôr por terra uma teoria popular a respeito da razão pela qual humanos e cecropianos não entraram em guerra logo que se encontraram. As pessoas dizem que eles evitaram o confronto direto porque não estavam competindo pelos mesmos recursos. Isso não faz sentido. Não só estão interessados nos mesmos recursos *inorgânicos*, como metais e outras matérias-primas, mas também podem comer os mesmos alimentos. Um humano poderia comer um cecropiano, se fosse necessário. Ou vice-versa. E isso introduz um novo mistério.

Rebka fez que sim com a cabeça para mostrar que estava escutando. Era melhor concordar com o outro do que falar demais.

— Olhamos para um cecropiano, para um lo'tfiano, para um himenopt — prosseguiu Graves — e dizemos: “Como eles são diferentes de nós!” Mas o mistério está exatamente no contrário. Deveríamos nos perguntar: Por que eles são tão parecidos conosco? Como é possível que seres com origens diferentes, que se desenvolveram em mundos diferentes, aquecidos por sóis de diferentes classes estelares, com uma biologia totalmente diversa e uma história sem pontos em comum com a nossa... como podem ser tão parecidos conosco que são capazes de comer os mesmos alimentos? Que tenham uma forma tão parecida com a nossa que podemos usar analogias com espécies terrestres (cecropianos, himenopt, crisêmides) para designar seres que se originaram nas estrelas mais distantes. Que sejamos capazes de *conversar*, de uma forma ou de outra, e compreender muito bem o que o outro está dizendo. Que nossos padrões de comportamento sejam semelhantes. Tanto assim que um único conselho de ética pode desenvolver regras que se apliquem a todas as raças deste braço da espiral. Como explica isso?

— Nosso braço da espiral está cheio de mistérios...

Graves estava tentando chegar a algum lugar. Rebka tinha certeza disso. No momento, porém, parecia mergulhado em uma mera digressão filosófica.

— Os mistérios são muitos — concordou Graves. — Por exemplo: os Construtores. Que fim levaram? Qual era sua fisiologia, sua história, sua ciência? Para que servem a Lente, o Paradoxo, o Archote, os Fagos?

De todos os artefatos dos Construtores, os fagos são sem dúvida os mais inúteis. Steven seria capaz de discursar várias horas sobre o assunto.

Rebka concordou de novo com a cabeça, rezando em silêncio para que Steven não tomasse a palavra.

— Existem outros mistérios mais recentes, que me deixam muito intrigado. Pense nos zardalus. Há alguns milênios, controlavam mais de mil mundos. As espécies que foram escravizadas por eles dizem que eram tirânicos, cruéis, implacáveis. Mas quando seu império desmoronou essas mesmas espécies se rebelaram e exterminaram os zardalus até o último indivíduo. Genocídio. Não foi um ato muito mais bárbaro que os praticados pelos próprios zardalus? Além disso, por que os zardalus governavam seus mundos daquela forma? Será que eram regidos por princípios éticos totalmente diversos dos nossos? Nesse caso, a diferença entre humanos e zardalus era muito maior do que, digamos, a que existe entre humanos e cecropianos. Como poderia um conselho de ética lidar com uma raça assim?

...um único conselho de ética pode desenvolver regras... Rebka viu a súbita agonia no rosto de Graves e se lembrou do comentário anterior. Levantando a possibilidade de que o código de ética dos zardalus fosse diferente, estaria Graves questionando as regras elaboradas pelo seu próprio conselho? Estaria se preparando para desobedecer às instruções que recebera?

Graves evitou o olhar de Rebka.

— Às vezes imagino se a ética que praticamos não é tão local e limitada quanto a forma de nossos corpos e nossos padrões de pensamento. A ciência dos Construtores era totalmente diferente da nossa. Ela não faz sentido para nós. Não sabemos como eles construíram os artefatos nem por que os construíram. Entretanto, os cientistas nos dizem que existe apenas um conjunto de leis físicas em todo o universo... da mesma forma que os filósofos nos dizem que existe uma ética universal! Imagino se a ética dos Construtores não seria tão exótica para nós quanto sua ciência. Ou se eles, ao ver como tratamos nossas várias espécies, não ficariam revoltados com a nossa insensibilidade às diferenças.

“Acho que existe uma lição nisso tudo, capitão, e ela é simples: as regras impostas por qualquer conselho devem ser *dinâmicas*. Seja qual for o modo como forem encaradas pelo cidadão comum, não podem permanecer imutáveis, como se tivessem sido talhadas em pedra. Devemos examiná-las constantemente, e nos perguntar até que ponto podem ser aperfeiçoadas.

Graves olhou subitamente para Rebka, levantou-se e seguiu pela rampa que levava ao andar superior da cápsula.

Rebka continuou onde estava. Tinha havido um contraponto nas últimas frases, quase como se duas vozes se alternassem. Seria possível que Julius e Steven Graves estivessem discutindo, com Rebka como espectador? Talvez Julius quisesse uma coisa e Steven, outra.

Parecia ridículo, mas não era mais impossível do que o gêmeo mnemônico desenvolver uma consciência própria. Se a perspectiva de trabalhar com Julius Graves na superfície de Tremor já era desagradável, a de trabalhar com uma mistura instável de Julius e Steven seria simplesmente impensável.

Dois gêmeos lutando pelo controle de um único corpo? Rebka se pôs de pé, observando ao fazê-lo que o piso oferecia muito menor resistência às solas dos seus sapatos. Seu peso estava reduzido a uns poucos quilos. Deviam estar chegando à Estação de Meio Caminho. Encaminhou-se para a rampa, imaginando se Max Perry ainda estaria sentado no mesmo lugar, contemplando Tremor. Sentia-se cada vez mais como o guardião de um bando de lunáticos talentosos.

Na sua primeira viagem a Tremor, Rebka tivera vontade de conhecer de perto a Estação de Meio Caminho. Os humanos a haviam modificado e canibalizado, mas mesmo assim era uma amostra da tecnologia dos Construtores, o que a tornava extremamente interessante. Entretanto, quando Max Perry decidira passar por ela sem parar, Rebka, que estava mais curioso ainda para conhecer Tremor, concordara com ele.

Agora, a pressa para chegar a Tremor tornara-se maior; faltavam treze dias de Dobelle para a Maré de Verão, ou seja, apenas cento e dez horas! Não havia tempo a perder! Entretanto, dessa vez Perry insistiu em parar na Estação de Meio Caminho.

— Dê uma olhada você mesmo. — Perry apontou para o monitor da cápsula. — Está vendo o consumo de energia? Está muito maior que o normal.

Rebka olhou e não chegou a nenhuma conclusão. Nem Graves. Se Perry estava dizendo que havia algo de errado com o sistema, tinham que acreditar nele. Nesse caso, nada podia substituir a experiência. Quando estavam no Cordão Umbilical, era Perry que ditava as regras.

— Estamos correndo perigo? — perguntou Graves.

— Não há nenhum perigo imediato. — Perry coçou o nariz, pensativo. — Mas não podemos correr o risco de descer até Tremor antes de sabermos o que está causando este consumo excessivo de energia. Uma

perda de potência durante a fase final de descida poderia ser fatal. E os controles centrais estão todos na Estação de Meio Caminho. Vamos ter que parar lá e descobrir o que está acontecendo.

Obedecendo aos seus comandos, a cápsula já havia deixado os trilhos invisíveis e começava a se aproximar da estranha estrutura que ocupava metade do céu.

Quando os humanos a haviam descoberto, a Estação de Meio Caminho era um imenso galpão aberto nas duas extremidades, com três quilômetros de largura, quase vazio. As paredes eram transparentes. Um homem usando um traje espacial podia voar até o lado voltado para Opala e descobrir que estava caindo lentamente naquela direção; para entrar na estação, bastava tomar impulso na borda da parede. Começaria então a deslocar-se em direção à parede oposta, cada vez mais devagar, até o movimento cessar totalmente. A estação estava no local exato do centro de massa do sistema Tremor/Opala.

Não se sabia qual havia sido a utilidade da Estação de Meio Caminho para os Construtores. Para a maioria dos humanos, isso não era importante. Eles haviam instalado uma série de compartimentos pressurizados no interior da estrutura, transformando-a em alojamento temporário e depósito para objetos de todos os tipos, desde botas térmicas até alimentos congelados. Respondendo a um velho instinto animal que exigia lugares fechados, também haviam coberto as paredes externas com uma camada de material opaco. Mesmo depois de quatro mil anos de Expansão, os humanos ainda se sentiam pouco à vontade ao contemplarem o espaço infinito.

A cápsula passou por uma primeira comporta e se enfiou em um corredor cuja largura era apenas suficiente para permitir-lhe a passagem. Dois minutos depois, chegou a uma câmara cilíndrica cujas paredes estavam cobertas por mostradores, monitores e painéis de controle.

Perry esperou alguns minutos, até que as pressões interna e externa se iguallassem; em seguida, abriu a porta da cápsula e flutuou para fora. Quando os outros o alcançaram, já estava examinando um dos monitores.

— Aqui está. — Apontou. — É muito simples. Um outro carro estava viajando no Cordão Umbilical ao mesmo tempo que o nosso.

— Onde? — Rebka olhou para os monitores de TV. Eles mostravam vários trechos do Cordão Umbilical. Não viu nada.

— Não, você não vai ver nada. — Perry notara para onde Rebka estava olhando. — O consumo de energia caiu para zero. Isso significa que

a outra cápsula não está mais no Cordão Umbilical.

— Onde está, então? — perguntou Graves.

Perry deu de ombros.

— É o que temos que descobrir. Deve haver alguém aqui de plantão. Vou mandar uma mensagem de emergência. — Dirigiu-se para uma unidade de comunicações e digitou alguma coisa.

Menos de vinte segundos depois, o rosto de Birdie Kelly apareceu na tela. Estava ofegante e com o cabelo em desalinho.

— Max? Comandante Perry? O que houve?

— É o que queremos saber, Birdie. Verifique o consumo de energia nas últimas horas. Duas cápsulas foram usadas ao mesmo tempo.

— É verdade, mas não precisa se preocupar. O consumo de energia ficou longe do valor máximo permitido.

— Pode ser, mas o problema é diferente. O outro carro não estava autorizado.

Uma expressão de surpresa apareceu no rosto de Birdie.

— Claro que estava. A mulher me mostrou uma autorização concedida pelo *senhor*. Pessoalmente. Espere um momento.

Desapareceu da tela e tornou a aparecer, depois de alguns instantes, com uma folha de papel na mão.

— Aqui estão sua assinatura e o seu carimbo. Está vendo? Bem aqui.

— Você preparou um carro para ela?

— Claro. — O tom de voz de Birdie passou de defensivo para irritado. — Ela tinha autorização e devia conhecer os códigos de comando do Cordão Umbilical. Se não conhecesse, eles não conseguiriam sair de Opala

— Eles?

— Sim, eles. O senhor não está sabendo? O nome da mulher é... — Birdie Kelly olhou para a folha. — Darya Lang. E dois alienígenas. Um cecropiano e uma outra forma de vida que não pude identificar. Qual é o problema?

— A autorização era falsa, Birdie. Alguém imitou minha assinatura.

— Perry olhou para outro painel de controle. — Os instrumentos mostram que eles não estão mais no Cordão Umbilical.

— Certo. Devem estar em Tremor. Espero que o tempo esteja melhor lá do que aqui. — A parede atrás de Kelly começou a balançar e suas últimas palavras chegaram misturadas com o barulho do vento. Ele desviou o olhar da tela por um momento. — Comandante, a menos que te-

nha mais alguma pergunta, vou ter que desligar.

— Outra tempestade?

— E das grandes. Recebemos uma mensagem há cinco minutos. A Funda Macaco-Aranha está começando a se desfazer. Mandamos um carro aéreo para lá, mas ele está tendo dificuldades para pousar e recolher os moradores.

— Vá ajudar. Já sabemos o que queríamos. E boa sorte.

— Obrigado. Vamos mesmo precisar. Para vocês também.

Birdie Kelly saiu correndo.

Perry fez o mesmo. Quando Rebka e Graves o alcançaram, já estava na cápsula.

— Ainda temos nove horas de viagem pela frente — disse ele. — E, com a Maré de Verão tão próxima, não sei se vamos chegar a tempo de salvá-los.

Digitou uma última sequência de comandos e a cápsula começou a se mover de marcha à ré no estreito corredor.

Hans Rebka se deixou cair no assento e ficou olhando para a frente, à espera da primeira visão de Tremor quando emergissem da Estação de Meio Caminho.

Sentia-se tenso, mas estranhamente satisfeito. O instinto não o abandonara. O golpe que estivera esperando desde que Max Perry informara aos outros que não teriam permissão para visitar Tremor tinha sido desferido.

Pelo menos, um dos golpes.

A sensação de que haveria novidades pela frente não passara totalmente. A velha voz interior lhe assegurava que muita coisa ainda estava para acontecer.

ARTEFATO: FAGO

Nº de série: 1.067

Coordenadas galácticas: Não aplicável

Nome: Fago

Conjunto estrela/planeta: Não aplicável

Nó de Bose mais próximo: Não aplicável

Idade estimada: Varia de 3,6 a 8,2 megaaños

História da exploração: Os primeiros fagos foram observados pelos humanos durante a exploração do Archote, em 1233 E. Subsequentemente, foi descoberto que os fagos vinham sendo observados e evitados pelos exploradores cecropianos durante pelo menos cinco mil anos. O primeiro relato humano de um digestor dos fagos foi em 1234 E., durante o conflito de Maelstrom (não houve sobreviventes).

Sistemas para evitar fagos entraram em uso corrente em 2103 E. e hoje fazem parte do equipamento-padrão para explorar os artefatos dos Construtores.

Descrição: Todos os fagos têm a mesma aparência externa e provavelmente apresentam uma estrutura interna semelhante, embora funcionalmente variável. Nenhum sensor (ou explorador) jamais foi recolhido do interior de um fago.

Um fago tem a forma de um dodecaedro regular, de cor acinzentada, com quarenta e oito metros de lado. A superfície é irregular, com sensores de massa em todas as arestas. Digestores podem aparecer no centro de cada face e ingerir objetos com até trinta metros de raio e comprimento aparentemente ilimitado. (Em 2238 E., Sawyer e S'kropa introduziram uma peça de sílica, de seção reta cilíndrica e vinte e cinco metros de raio, em um fago do artefato Dendrita. Quatrocentos e vinte e cinco quilômetros de material, correspondentes ao comprimento total do fragmento, foram absorvidos a uma velocidade de um quilômetro por dia. Não foi observada nenhuma mudança de massa no fago, nem qualquer alteração dos seus outros parâmetros.)

Os fagos podem mover-se de forma independente, mas o fazem com extrema lentidão. Sua velocidade média é da ordem de um ou dois metros por dia-padrão. Jamais foi observada uma velocidade maior do que um metro por hora em relação ao sistema de referência local.

Finalidade: Desconhecida. Se não fosse pelo fato de que os fagos foram encontrados nas proximidades de mais de trezentos dos mil e duzentos artefatos conhecidos, e apenas nas proximidades de artefatos, sua relação com os Construtores poderia ser posta em dúvida. Eles são menores e mais numero-

sos que todos os outros artefatos.

Alguns estudiosos acreditam que os fagos funcionassem como um sistema geral de limpeza para os Construtores, já que aparentemente são capazes de ingerir e decompor qualquer material fabricado pelos Construtores e pelas raças que habitam o braço da espiral, com exceção dos cascos e paraformas dos artefatos (como, por exemplo, a parede externa do Paradoxo, a superfície da Sentinela e os tubos ocos concêntricos do Maelstrom).

— Do *Catálogo Lang Universal de Artefatos*,
Quarta Edição

Capítulo 12

Maré de Verão menos onze.

Darya Lang estava com a terrível suspeita de que desperdiçara metade da sua vida. Quando a família lhe dissera que morava no melhor lugar do universo, acreditara piamente. “Portal da Sentinela, a meio passo do paraíso”, dizia o adágio. E com boas instalações de pesquisa e um excelente sistema de telecomunicações, não via necessidade de viajar.

Entretanto, primeiro Opala e depois Tremor a haviam feito mudar de idéia. Estava adorando a nova experiência, o contato com um mundo onde tudo era novo e excitante. No momento em que saltou da cápsula e pisou na superfície seca e poeirenta de Tremor, percebeu que todos os seus sentidos haviam sido aguçados por um fator de cem.

Um deles era o olfato. O ar de Tremor continha uma notável mistura de odores. Havia o perfume das flores, certamente, mas ali elas não estavam presentes com a mesma abundância que no Portal da Sentinela. Teve que procurá-las... e lá estavam, a menos de cinco passos, pequenas flores lilás e lavanda, em forma de sino, que enfeitavam os galhos de modestos espinheiros verde-acinzentados. As plantas cobriam as vertentes de uma ravina longa e estreita, pequena demais para ser chamada de vale. As flores exalavam um perfume intenso, totalmente desproporcio-

nal ao seu tamanho. Era como se a floração, a fertilização e a formação de sementes não pudessem esperar mais nem uma hora.

Talvez não possam, pensou Darya. Porque, superposto àquele odor adocicado, havia um toque sinistro, sulfuroso, de distante vulcanismo: o bafo de Tremor, ao se aproximar a Maré de Verão. Parou, respirou fundo e teve certeza de que jamais se esqueceria daquela mistura de cheiros.

De repente, espirrou, e tornou a espirrar. Havia uma poeira fina no ar, partículas irritantes, que faziam cócegas no nariz.

Levantou a cabeça. Depois do vale em miniatura, com seu tapete de pequenas flores, vinha uma vasta planície, que terminava em um horizonte enfumaçado, a quinze quilômetros de distância. Ali era mais fácil observar os efeitos da poeira. Enquanto a superfície mais próxima era dominada por tons de castanho, à distância um manto cinzento desbotara a paleta do artista, pintando tudo com tons pastel. O horizonte propriamente dito estava invisível, a não ser a leste, onde o olho podia distinguir (ou imaginar) uma linha tênue de picos vulcânicos cor de canela.

Mandel estava alto no céu, e, enquanto a moça observava, começou a se esconder atrás de Opala. O crescente luminoso encolheu rapidamente. O eclipse era apenas parcial, mas suficiente para mudar a tonalidade da luz. Os raios mais avermelhados de Amaranth passaram a dominar. Parecia que a superfície de Tremor estava sendo iluminada pelas chamas de um incêndio.

Foi então que Darya ouviu pela primeira vez a voz da Maré de Verão. Um ruído surdo encheu o ar, como o ronco de um gigante adormecido. O chão começou a tremer. Sentiu um formigamento agradável nas solas dos pés.

— Professora Lang — disse J’merlia, atrás dela —, Atvar H’sial pede para lembrar-lhe que temos um longo caminho a percorrer e o tempo é curto. Podemos prosseguir?

Darya percebeu então que sequer completara um único passo na superfície de Tremor. Atvar H’sial e J’merlia ainda estavam esperando na escada da cápsula. Quando Darya chegou para o lado, a cecropiana desceu também e ficou parada, com a cabeça balançando de um lado para outro. J’merlia se colocou atrás dela.

Darya viu os ouvidos em forma de trombeta varrerem a paisagem. Que será que Atvar H’sial “via” quando escutava os sons de Tremor? Que será que aqueles estranhos órgãos olfativos “ouviam”, quando cada molécula no ar podia contar uma história?

Haviam conversado a respeito da forma como o mundo era per-

cebido através do sentido de ecolocalização, mas a explicação tinha sido pouco satisfatória. A melhor analogia que ocorreu a Darya foi a de um homem de pé no fundo do mar, em um local onde a água era turva e a iluminação deficiente. As imagens eram todas monocromáticas, com um alcance de apenas algumas dezenas de metros.

Entretanto, a analogia era inadequada. Atvar H'sial era sensível a uma ampla faixa de frequências sonoras, e certamente podia "ver" o rugir distante dos vulcões. Aqueles sinais não tinham a mesma resolução espacial que o seu sonar, mas certamente contribuíam para aumentar sua percepção.

Além disso, havia outros fatores, talvez mesmo outros *sentidos*, que Darya conhecia apenas vagamente. No momento, por exemplo, a cecropiana acabava de levantar um dos membros dianteiros e apontá-lo para um ponto situado a uma certa distância de onde se encontravam. Estaria analisando a brisa oriunda de locais afastados, com um sentido de olfato tão apurado que cada traço de aroma tinha seu próprio significado?

— Existe vida animal aqui — traduziu J'merlia. — Criaturas aladas. Isto sugere outra forma de sobreviver à Maré de Verão que não foi mencionada pelo comandante Perry. Permanecendo o tempo todo no ar e se mantendo na sombra de Tremor, essas criaturas estariam seguras.

Forçando a vista, Darya conseguiu ver ao longe os animais voadores. Tinham meio metro de comprimento, corpos escuros e delicados, asas diáfanas; muito frágeis, certamente, para sobreviver à turbulência da Maré de Verão. Era mais provável que já tivessem posto seus ovos e que fossem morrer nos próximos dias. Entretanto, em um aspecto Atvar H'sial estava certa: havia muitas coisas a respeito de Tremor que os humanos não conheciam, ou que Max Perry não lhe contara.

A idéia lhe ocorreu novamente: aquele era um planeta inteiro, um mundo com um complicado equilíbrio ecológico; centenas de milhões de quilômetros quadrados de terra e pequenos lagos, destituídos de vida inteligente, humana ou não, abertos à inspeção dos visitantes. Ali era possível uma diversidade infinita, mas seria preciso uma vida inteira para estudá-la e conhecê-la.

Certo, disse o seu lado mais prático, mas nós não temos a vida inteira. Daqui a oitenta horas, se tanto, estará na hora de voltar.

Deixando Atvar H'sial entregue ao seu próprio reconhecimento do terreno, Darya contornou a base do Cordão Umbilical e foi até o estacionamento dos carros aéreos. Havia oito deles, debaixo de uma cobertura protetora de material dos Construtores. A plataforma onde se encontra-

vam estava presa ao Cordão Umbilical por cabos de fibra de silício e seria levantada junto com ele durante a Maré de Verão.

Darya entrou em um dos carros e examinou os controles. Como informara Atvar H'sial, o veículo era de fabricação humana e idêntico ao que havia usado para viajar em Opala. Estava abastecido e Darya poderia pilotá-lo sem problemas, contanto (o pensamento a fez estremecer) que não tivesse que enfrentar uma tempestade tão violenta quanto na última vez.

Levantou a mão aberta para verificar o vento. No momento, não passava de uma brisa constante, nada que preocupasse. Mesmo levando em conta os redemoinhos de poeira, a visibilidade chegava a três ou quatro quilômetros. Era mais do que o suficiente para o pouso, e poderiam voar muito acima de qualquer tempestade de areia.

Atendendo ao seu chamado, Atvar H'sial e J'merlia entraram no carro e se prepararam para o vôo. Darya decolou e subiu rapidamente para uma altitude que os deixasse a salvo de qualquer turbulência. J'merlia estava encolhido ao lado da moça, no banco da frente do carro. Darya lhe ensinara a manejar os controles quando estavam voando em Opala; em caso de necessidade, saberia pilotar a nave. Entretanto, não sonharia em fazê-lo, a não ser para obedecer a uma ordem explícita de Atvar H'sial.

Darya tentou puxar conversa com ele, sem sucesso. Imaginara que J'merlia se comportaria de forma diferente depois de passarem tanto tempo juntos enquanto se recuperavam do desastre. Estava enganada. Quando Atvar H'sial se achava presente, ele se recusava a fazer qualquer coisa por conta própria. Durante as três primeiras horas de vôo, falou apenas para traduzir o que Atvar H'sial dizia.

Na quarta hora, porém, J'merlia disse alguma coisa espontaneamente. De repente, endireitou o corpo no assento e apontou.

— Ali. Acima de nós.

Estavam viajando com o piloto automático ligado, a vinte mil metros de altura, acima da maior parte da atmosfera de Tremor e fora do alcance das tempestades. Darya não estava olhando para cima, mas examinando o terreno à frente, usando os sensores do carro. Colocando a ampliação no máximo, podia observar uma grande variedade de formas de vida. No solo montanhoso, semeado de lagos, grandes rebanhos de animais de pêlo branco se moviam, afastando-se das regiões mais elevadas e dirigindo-se para a água, de forma tão constante e inexorável quanto uma onda em movimento. Viu a massa compacta se dividir e se desviar de picos íngremes e volumosos rochedos. Alguns quilômetros adiante,

o relevo se tornava menos acidentado, e Darya viu linhas sinuosas verde-escuras ladeando e definindo o curso dos leitos úmidos dos rios. Os rios secos terminavam em densos bolsões de vegetação, impenetráveis quando vistos de cima, que revestiam o fundo de bacias de profundidade desconhecida.

Quando Darya ouviu as palavra de J'merlia e levantou os olhos, o alienígena inclinou-se e apontou com um braço fino para o céu quase negro.

Atvar H'sial se remexeu no assento.

— Outro carro — traduziu J'merlia. — Alguém nos seguiu até aqui, mais depressa do que esperávamos.

O pontinho luminoso estava bem acima deles, seguindo mais ou menos o mesmo curso, mas a uma altitude muito maior. Estava também deixando-os rapidamente para trás. Darya deixou que o piloto automático continuasse a controlar o carro enquanto ajustava o sensor telescópico para ver de perto o recém-chegado.

— Não — declarou, depois de alguns momentos. — Não é um carro aéreo. — Uso o pequeno computador de bordo para calcular a trajetória. — Está muito alto e andando depressa demais. Vejam... está ficando cada vez mais brilhante. O que estamos vendo não são as luzes de um carro aéreo.

— Que é, então?

— Uma espaçonave. E o aumento do brilho significa que está entrando na atmosfera de Tremor. — Darya olhou para a tela do computador, que acabara de fornecer uma estimativa preliminar da trajetória final da nave. — É melhor nós pararmos para pensar no que vamos fazer.

— Não! — Os pensamentos de Atvar H'sial se transformaram em uma exclamação de protesto por parte de J'merlia.

— Eu entendo. Também não quero parar — disse Darya. — Mas não temos opção, a menos que você saiba alguma coisa que eu não sei. O computador precisa de mais alguns pontos para ter certeza, mas já pode nos fornecer um resultado provisório. Não sei quem está a bordo, mas essa nave vai pousar exatamente onde não queríamos que pousasse... a poucos quilômetros do nosso destino.

Crepúsculo em Tremor... se um anoitecer tão súbito e sinistro, vermelho como sangue de dragão, justificasse essa descrição.

Mandel nasceria dali a três horas. Amaranth estava baixo no horizonte, o disco vermelho obscurecido por nuvens de poeira. Gargântua, por outro lado, brilhava em total esplendor, uma bola de gude com faixas

laranja e salmão.

O carro aéreo pousara em uma área plana, pronto para decolar rapidamente. Darya Lang escolhera um local situado entre dois pequenos lagos, em uma região que, de acordo com o mapa, estava coalhada de lagos de água doce.

O mapa estava errado pelo menos em uma coisa. Atvar H'sial, agachada na margem de um dos lagos, bebera ruidosamente com o auxílio da tromba. J'merlia declarara que a água era potável. Darya, porém, ao tentar beber também, cuspira o líquido e ficara imaginando como seria o metabolismo dos cecropianos. A água do lago era amarga, carregada de íons alcalinos. A moça não conseguiu bebê-la e teve que recorrer ao suprimento da nave.

Darya voltou para as vizinhanças do carro e preparou-se para dormir. Mesmo com a ajuda do piloto automático, a viagem tinha sido muito cansativa. Por mais inofensivo que parecesse o planeta no momento, não se atrevera a relaxar senão por alguns instantes, e agora, que estava livre para fazê-lo, sentia-se mais tensa do que nunca.

Havia muito para ver, muito para especular.

De acordo com Perry, àquela altura, faltando tão pouco tempo para a Maré de Verão, Tremor devia estar parecendo um inferno. A crosta devia estar toda rachada, a superfície em chamas, as plantas ressequidas, o ar quente e irrespirável. Os animais deviam ter desaparecido havia muito tempo, alguns mortos, outros escondidos muito abaixo da superfície.

Em vez disso, podia caminhar, respirar e sentar-se em relativo conforto. Além do mais, havia sinais de vida em toda parte. Darya instalara o colchão de ar ao ar livre, perto de um lago, à sombra de uma moita de cavalinhas. Ouvia animais passarem para lá e para cá, ignorando sua presença. Perto da água, o solo estava coalhado de buracos de diferentes tamanhos, obra de uma variedade de criaturas. Quando o rugir distante dos trovões ou dos vulcões diminuía, podia ouvir esses pequenos operários aprofundando seus túneis na terra dura.

Mas fazia *calor*, isso tinha que admitir. O desaparecimento de Mandel do céu não fizera muita diferença. O suor manchava sua roupa e lhe escorria pelo rosto.

Deitou-se de costas no colchão de ar. Embora não parecessem correr perigo imediato, estava preocupada com o que fariam em seguida. A espaçonave devia ser de Opala e provavelmente tinha vindo para ali com a missão de levá-los de volta. Se prosseguissem, poderiam ser capturados e forçados a deixar Tremor. Mas, se ficassem onde estavam, jamais che-

gariam ao destino.

Enquanto pensava a respeito, Atvar H'sial aproximou-se e ofereceu-lhe algumas frutas de Opala e uma garrafa com água. Darya aceitou e agradeceu com um gesto de cabeça. Era um gesto que as duas raças tinham em comum. A cecropiana imitou-a e voltou para o interior do carro aéreo.

Enquanto Darya comia, pensava nos dois companheiros de viagem. Nunca tinha visto um deles comer. Talvez, como os habitantes de alguns mundos da Aliança, tivessem vergonha de ser vistos ingerindo alimentos. Ou, quem sabe, fossem como as tartarugas de Opala, que, de acordo com os funcionários do espaçoporto, eram capazes de sobreviver durante um ano apenas bebendo água. Nesse caso, porém, por que Atvar H'sial se lembraria de oferecer-lhe comida?

Ajeitou-se na cama, puxou o lençol impermeável até o pescoço e olhou para o céu. As estrelas se deslocavam tão depressa... No Portal da Sentinela, onde o dia tinha trinta e oito horas, o movimento da abóbada celeste era quase imperceptível. Em que direção do espaço estava o seu planeta natal? Observou as constelações pouco familiares. Para lá... ou para lá... Sua mente flutuou em direção às estrelas. Teve que usar de toda a sua força de vontade para concentrar-se no presente. Precisava tomar uma decisão.

Deviam prosseguir até o lugar que seus cálculos apontavam como ponto focal das atividades durante a Maré de Verão? Podiam ir, sabendo que outros também estariam lá. Ou seria melhor ficarem onde estavam? Ou talvez deveriam se aproximar aos poucos, cautelosamente...

Tinham que ser cautelosos...

Darya Lang mergulhou sem sentir em um sono profundo, um sono sem sonhos tão pesado que os ruídos e vibrações em torno não a acordaram. Chegou a alvorada. Passou o dia, anoiteceu, amanheceu novamente. Os sons dos animais cessaram. Opala e Tremor deram duas voltas completas um em torno do outro antes que Darya despertasse.

A moça acordou lentamente à luz mortiça de Amaranth. Um minuto se passou antes que se lembrasse de onde estava, outro até que se sentisse em condições de sentar-se e olhar em torno.

Atvar H'sial e J'merlia não estavam à vista. O carro aéreo desaparecera. Uma pequena pilha de suprimentos tinha sido colocada debaixo de uma lona, perto do colchão de ar. Nada mais, de horizonte a horizonte, sugeria a presença de humanos ou alienígenas.

A moça se pôs de joelhos e revolveu a pilha, em busca de uma men-

sagem. Não havia nenhum bilhete, nenhuma gravação, nada. Nada que pudesse ajudá-la, a não ser uns poucos recipientes de comida e bebida, um pequeno transmissor de emergência, uma pistola e uma lanterna.

Darya olhou para o relógio. Faltavam apenas nove dias de Dobelle. Em setenta e duas horas, ocorreria a pior Maré de Verão de todos os tempos. E ela estava sozinha na superfície de Tremor, a seis mil quilômetros da segurança do Cordão Umbilical...

O pânico que sentira ao deixar o Portal da Sentinela tomou conta de novo do seu coração.

Capítulo 13

...o brilho alaranjado no horizonte era contínuo, o solo em chamas se refletindo nas nuvens de poeira do céu. Enquanto olhavam, uma nova explosão escarlate teve lugar a não mais de um quilômetro de onde se encontravam. Tentáculos de fumaça se projetaram em todas as direções. Em pouco tempo, o fogo se estendia da terra até o céu. Enquanto a lava borbulhava até o topo da cratera, voltou-se para Amy.

Apesar das suas advertências, ela ainda estava fora do carro. Quando o clarão da explosão foi substituído pelo brilho da lava incandescente, bateu palmas, fascinada pelas cores e formas. O som da onda de choque ecoou nas colinas distantes. O rio de fogo chegou à borda do cone e começou a rolar na direção deles, tão fluido e veloz como se fosse feito de água. Nos lugares onde tocava a terra mais fria, fazia saltar faíscas.

Max observou a expressão da jovem. Não viu nenhum sinal de medo, apenas um deslumbramento de criança em festa de aniversário.

Era assim que Amy se sentia. Para ela, aquilo não passava de uma exibição de fogos de artifício. A cautela teria que partir dele. Inclinou-se para fora do carro a fim de puxá-la pela manga da blusa.

— Entre. — Teve que gritar para se fazer ouvir. — Está na hora de voltarmos para o Cordão Umbilical. Sabe que é uma viagem de cinco horas.

Amy olhou para ele e recuou. Max conhecia muito bem aquele beicinho.

— Agora, não, Max. — *Leu as palavras nos lábios da moça, mas não conseguiu ouvi-la. — Quero ver o que acontece quando a lava atingir a água.*

— Não! — *Max estava gritando. — De jeito nenhum! É muito perigoso! Está quente como o diabo aí fora, e está ficando quase igual aqui dentro do carro.*

Amy estava se afastando, sem lhe dar ouvidos. Ele estava sentindo um calor opressivo, apesar da refrigeração interna do carro. Era um efeito puramente psicológico, sabia disso... a fornalha ardente de suas preocupações, que o consumia. Entretanto, o calor fora do carro era bem real. Saltou do veículo e correu atrás dela pela superfície fumegante.

— *Pare de me apressar. Só mais um pouquinho. — Amy tinha se voltado para contemplar a paisagem infernal. Não havia (graças a Deus!) nenhum sinal de uma nova erupção, mas a qualquer momento isso poderia mudar. — Max, você precisa relaxar. — Ela estava gritando no seu ouvido. — Aprender a se divertir. Todo o tempo que passamos aqui, você parecia uma estátua. Solte o corpo. Seja mais descontraído!*

Max segurou-a pela mão e começou a puxá-la na direção do carro. Depois de um momento de resistência, a jovem permitiu que ele a conduzisse. Caminhava às cegas, com os olhos ainda fixos na fúria flamejante do vulcão.

Quando estavam a apenas alguns metros do carro, desvencilhou-se do rapaz e saiu correndo, às gargalhadas, pela superfície rochosa. Max correu atrás dela, mas era tarde demais.

Maré de Verão menos dez.

Graves e Perry faziam a coisa parecer muito simples. Rebka afirmava que era impossível.

— É uma questão de aritmética — disse, enquanto a cápsula do Cordão Umbilical chegava suavemente à superfície de Tremor. — Temos um raio planetário de cinco mil e cem quilômetros e uma superfície da qual menos de três por cento estão cobertos de água. Isso nos dá mais de trezentos milhões de quilômetros quadrados de terra firme. Trezentos milhões! Pensem em quanto tempo vamos levar para revistar um quilômetro quadrado. Poderíamos procurar durante anos e jamais encontrá-las.

— Não temos tanto tempo — disse Perry. — Sei que é uma área muito grande. Mas você parece supor que vamos fazer uma busca aleatória, e é claro que não será assim. Podemos deixar de lado uma boa parte

do planeta logo de saída.

— Podemos partir do princípio de que as gêmeas Carmel vão evitar os espaços abertos — acrescentou Graves.

— Como pode saber disso? — perguntou Rebka.

— Shasta, o planeta natal das gêmeas, dispõe de um sistema orbital de rastreamento — explicou Graves, sem se deixar abalar pelo ceticismo do outro. — Uma bateria de satélites artificiais esquadrinha continuamente a superfície, com altíssima resolução.

— Mas não existe nada parecido em Tremor!

— Acontece que elas não sabem disso. Vão tentar se esconder de tal forma que não sejam vistas do espaço.

— Acontece — interveio Perry — que isso simplifica muito o nosso problema. Existem apenas três lugares onde um ser humano em seu juízo perfeito buscaria abrigo em Tremor. Vamos começar por eles... e terminar por eles, também.

— Se as gêmeas não estiverem lá — começou Graves —, podemos ampliar a busca para...

— Não, não podemos — interrompeu Perry. — A Maré de Verão está chegando, conselheiro. Atingirá o máximo de intensidade daqui a menos de oitenta horas. É melhor não estarmos aqui na ocasião. Nem o senhor, nem eu, nem as gêmeas.

Max Perry enumerou as três regiões mais prováveis: as florestas do planalto de Morgenstern, a margem (ou, mais provavelmente, o interior) de um dos Mil Lagos e um dos bolsões de vegetação da depressão de Pentacline.

— O que limita consideravelmente a área de busca — declarou.

— Mas deixa ainda dezenas de milhares de quilômetros quadrados para serem examinados — replicou Rebka. — Minuciosamente. E não se esqueça de que este não é um problema clássico de busca e salvamento. Em geral, as pessoas desaparecidas querem ser encontradas. Elas colaboram com a equipe de busca. As gêmeas, porém, não vão se comunicar conosco, a não ser que estejam correndo risco de vida. Caso em que, provavelmente, a mensagem chegará tarde demais.

Se os seus argumentos haviam impressionado Julius Graves, era difícil dizer. Enquanto Max Perry estava ocupado verificando os carros aéreos, Graves puxou Rebka na direção da linha de colinas vulcânicas.

— Preciso conversar a sós com o senhor, capitão — disse, em tom conspiratório. — Não vai demorar.

A cinza quente caía do céu como se fosse neve, sujando as cabe-

ças e os ombros dos recém-chegados. O solo já estava coberto por uma camada de um centímetro de espessura. Das plantas e herbívoros da primeira visita de Rebka a Tremor, não havia nem sinal. O próprio lago desaparecera, escondido por uma camada espumante de cinza vulcânica. Em lugar dos esperados roncões e rugidos da violência sísmica, o planeta mantinha um silêncio quente e opressivo.

— O senhor compreende que não há necessidade de ficarmos juntos? — prosseguiu Graves. — Temos carros aéreos de sobra.

— Sei que poderíamos cobrir três vezes mais território se nos separássemos — respondeu Rebka. — Mesmo assim, não tenho certeza de que seria uma decisão acertada. Perry conhece Tremor profundamente, enquanto o senhor nunca esteve aqui antes.

— Ah-ah! Sua linha de pensamento é parecida com a minha. — Graves tirou um floco de cinza da ponta do nariz. — A maneira lógica de agir está bastante clara. Perry identificou as três regiões de Tremor onde uma dupla de fugitivas provavelmente tentaria se esconder. Essas regiões ficam muito longe umas das outras, mas nós somos três e dispomos de um número suficiente de carros aéreos para visitá-las simultaneamente. Assim, cada um de nós deve pegar um carro e partir em uma direção diferente. É isso que diz a lógica. Mas o que *eu* digo é: bolas, quem está interessado em *lógica*! Nem eu, nem você. O que queremos é *resultados*. — Inclinou-se na direção de Rebka. — E, francamente, eu me preocupo com a estabilidade emocional do comandante Perry. Quando ele ouve alguém falar em “Tremor” ou em “Maré de Verão”, seus olhos quase rolam nas órbitas. Não é prudente deixá-lo sozinho. O que pensa?

Acho que tanto o senhor quanto Perry não devem ser deixados sozinhos, é isso que penso, mas não me atrevo a dizer. Rebka sabia o que o outro estava aprontando. Ficaria encarregado de tomar conta de Perry (a mesma missão estúpida que, em princípio, o levava ao sistema de Dobelle) enquanto Graves enfrentava sozinho os perigos de Tremor e provavelmente acabava por se matar estupidamente.

— Estou de acordo, conselheiro. Perry não deve ir sozinho. Mas também não quero perder o meu...

— Então está decidido que eu vou com Perry — prosseguiu Graves, ignorando Rebka. — Se ele perder o controle, poderei ajudá-lo. Sou o único em condições de fazê-lo. De modo que eu e ele vamos para o planalto de Morgenstern, enquanto o senhor examina os Mil Lagos... Perry diz que é a região mais próxima e mais fácil de investigar. Se nenhum de nós encontrar as gêmeas, quem terminar primeiro vai para a depressão

de Pentacline.

Que é que se faz quando um louco apresenta uma sugestão razoável? Por mais preocupado que se esteja, não há como discordar. Fosse como fosse, Graves não parecia disposto a discutir o assunto. Quando Rebka observou de novo que, em sua opinião, era pouco provável que conseguissem encontrar as gêmeas, o conselheiro afastou tal idéia com um gesto.

— Bobagem. Eu sei que vamos encontrá-las. Pense positivamente, capitão Rebka. Seja otimista. É a maneira certa de viver.

E a maneira certa de morrer, pensou Rebka. Mas desistiu de argumentar. Graves já havia tomado sua decisão, e talvez ele e Perry merecessem um ao outro.

Era também uma das regras básicas da vida, algo que Rebka aprendera quando tinha seis anos de idade, nas cavernas quentes e salinas de Teufel. Quando alguém lhe dá alguma coisa que você quer, *caia fora...* antes que ele tenha tempo de mudar de idéia e tomá-la de volta.

— Muito bem, conselheiro. Partirei assim que um dos carros estiver pronto.

Rebka levava meia hora de vantagem sobre os outros dois. O bagageiro dos carros mais rápidos não tinha capacidade suficiente para malas pesadas e volumosas, e Julius Graves passou um tempo considerável remexendo na bagagem até resolver deixar tudo para trás, a não ser uma pequena valise. Guardou o resto na cápsula do Cordão Umbilical. Finalmente, declarou-se pronto para começar a viagem.

Depois da decolagem, Max Perry ligou o piloto automático e fixou o rumo para o planalto de Morgenstern. Quando se aproximaram da área, os dois homens começaram a observar os monitores.

— Que equipamento primitivo! — observou Graves. Seu rosto estava contraído com o esforço de decifrar as imagens que apareciam na tela. A observação visual era um processo lento e tedioso. — Se este fosse um carro da Aliança, não precisaríamos nem olhar... o sistema nos *diria* quando localizasse as gêmeas. Neste carro, é o oposto. Tenho que ficar aqui observando e informar ao sistema o que é que ele está vendo. Primitivo.

— É o melhor que temos em Dobelle.

— Acredito. Mas já parou para se perguntar por que todos os mundos deste braço da espiral não são tão ricos quanto a Terra e outras regiões antigas? Por que *nem todos* os planetas dispõem da tecnologia mais moderna? Por que nem todos os mundos contam com mais robôs do que

peessoas, como a Terra? Por que não são todos *ricos*, todos os habitantes de todas as colônias? Sabemos como *fabricar* equipamentos avançados. Por que eles não estão disponíveis em todos os planetas, e não apenas em uns poucos?

Perry não tinha respostas, mas fez um ruído gutural para mostrar que estava prestando atenção.

Na realidade, não estava. Com Julius Graves ocupado olhando para as imagens, aquele tagarela só podia ser Steven. E Perry também estava ocupado, cuidando do equipamento de rádio. Graves não acreditava que as gêmeas Carmel enviassem um pedido de socorro. Perry discordava. Com a chegada da Maré de Verão, as irmãs ficariam ansiosas para serem localizadas e presas.

— Na verdade, é fácil explicar a pobreza de Dobelle — prosseguiu Graves. — Ela tem a ver com a natureza básica do ser humano. Uma espécie racional trataria de assegurar que um planeta estivesse perfeitamente desenvolvido antes de partir para colonizar o próximo. Nós, porém, somos diferentes! Não conseguimos ficar quietos por muito tempo no mesmo lugar. Antes que um planeta esteja totalmente colonizado, lá se vão novas espaçonaves, prontas para explorar o seguinte. E muito pouca gente diz: “Ei, espere um pouco, vamos terminar o que começamos, antes de seguir em frente.”

Aproximou o rosto da tela para examinar mais de perto um par de alarmes falsos na imagem e depois sacudiu a cabeça, desapontado.

— O problema é que somos muito irrequietos, comandante — prosseguiu. — A maioria dos humanos tem um pouco menos de paciência do que devia e um pouco mais de curiosidade do que seria aconselhável. Sob esse aspecto, os cecropianos não são melhores do que nós. Assim, quase todo o dinheiro deste braço da espiral, e *toda* a riqueza, acaba indo parar nas mãos dos que ficaram em casa. É o velho paradoxo, que já existia antes mesmo da Expansão: os grupos que não fazem nada para *gerar* a riqueza são aqueles que acabam por desfrutá-la. Enquanto isso, aqueles que trabalham duro para criar alguma coisa acabam a vida na pobreza. Talvez um dia isso venha a mudar. Talvez daqui a uns dez mil anos...

— Uma transmissão de rádio — interrompeu Perry. — Muito fraca, mas inconfundível.

Graves ficou imóvel e não olhou para o outro.

— Não é possível — disse, secamente. Julius Graves estava de volta. — Elas não revelariam sua presença em Tremor. Não depois de fugirem durante tanto tempo.

— Veja o senhor mesmo. Graves esticou o pescoço.

— A que distância?

— Muito longe. — Perry examinou as coordenadas. — Na verdade, o sinal não vem das proximidades do planalto de Morgenstern. A fonte está pelo menos quatro mil quilômetros além do horizonte. O que estamos recebendo é uma reflexão ionosférica, caso contrário nem estaríamos detectando o sinal.

— Pode estar vindo dos Mil Lagos?

— Acho que sim. A direção é um pouco diferente, mas o sinal está muito ruidoso. A distância coincide em cheio.

— Então é Rebka. — Graves deu um tapa na própria perna. — Só pode ser. Aquele incompetente! Agora vamos ter que socorrê-lo, em vez de...

— Não é Rebka.

— Como pode saber?

— Não é um dos nossos carros aéreos. — Perry estava analisando o sinal com o auxílio do computador. — A frequência é diferente. A forma do sinal, também. Parece uma unidade portátil, de baixa potência.

— Então são as irmãs Carmel! Devem estar passando por sérias dificuldades, para pedirem ajuda. Pode nos levar até lá?

— Sem problemas. Basta seguir o sinal.

— Quanto tempo vamos levar?

— Seis ou sete horas, à velocidade máxima.

Enquanto falava, Perry estava olhando para o relógio do carro.

— Quanto tempo falta? — Graves acompanhara o seu olhar.

— Pouco mais de oito dias de Tremor para a Maré de Verão. Sesenta e sete horas, para ser exato.

— Sete horas até Mil Lagos, mais oito para chegar ao Cordão Umbilical. Vamos ter tempo de sobra. Estaremos longe de Tremor antes que o pior aconteça.

Perry sacudiu a cabeça.

— O senhor não entende. Tremor tem uma estrutura interna muito heterogênea. Os terremotos podem começar em qualquer lugar, muitas horas antes da Maré de Verão. Não estamos vendo muita atividade aqui no planalto, mas a região dos Mil Lagos pode ser um pesadelo.

— Você está parecendo Rebka. A coisa não pode ser tão séria assim, se as gêmeas Carmel ainda estão vivas.

— Tem razão. Se elas ainda estão vivas. — Perry já estava começando a fazer a volta com o carro. — Está se esquecendo de uma coisa, conse-

Iheiro. Os transmissores de rádio são resistentes... muito mais resistentes que os seres humanos.

Capítulo 14

Maré de Verão menos nove.

Os sensores das armas estavam seguindo o carro havia muito tempo. Quando ele chegou ao alcance visual, Louis Nenda colocou o arsenal secreto da espaçonave em Alerta Máximo.

O carro aéreo reduziu a velocidade, como se tivesse conhecimento do poder de destruição que o aguardava alguns quilômetros à frente. Moveu-se de lado e depois pousou verticalmente em uma plataforma de pedra, a uma certa distância da espaçonave.

Nenda manteve as armas prontas para serem disparadas, enquanto observava a porta do carro se abrir.

— Quem será? — perguntou, em voz baixa, no dialeto da Comunidade, mais para si próprio do que para Kallik. — Façam suas apostas, senhoras e senhores. Digam quem são os visitantes.

Dois vultos familiares saltaram na plataforma fumegante, coberta de detritos. Ambos usavam máscaras, mas mesmo assim era fácil reconhecê-los. Louis Nenda sorriu, satisfeito, e passou as armas para o modo de espera.

— Tudo bem. Abra a escotilha, Kallik. Mostre um pouco de hospitalidade.

Atvar H'sial e J'merlia estavam se aproximando, escolhendo cuidadosamente o caminho por entre matacões azul-acinzentados e subindo uma rampa cheia de pedras soltas. Louis Nenda escolhera com cuidado o local do pouso, optando pela superfície com aspecto mais firme e permanente que conseguira encontrar, mas mesmo assim havia poeira no ar e sinais de abalos recentes. Uma fenda profunda atravessava em ziguezague a plataforma onde o carro aéreo acabara de descer, chegando a meio caminho da espaçonave. Atvar H'sial estava andando ao longo da fissura, olhando de vez em quando para o fundo, avaliando a profundidade. Aquela fenda era o único refúgio possível. Não havia nenhuma forma de vida naquela região de Tremor, e ela não tinha nenhum lugar para se esconder em um raio de dez quilômetros. As armas da nave, na cúpula a trinta metros de altura, proporcionavam uma cobertura de trezentos e sessenta graus.

Atvar H'sial entrou pela escotilha, dobrando o corpo ao meio ao fazê-lo, não como sinal de respeito por Louis Nenda, mas porque estava usando uma passagem projetada para alguém com metade da sua altura. Depois de entrar, tirou a máscara do rosto. J'merlia entrou logo depois, cumprimentou Kallik com um silvo curioso e agachou-se na frente da dona.

A cecropiana endireitou o corpo e olhou para Nenda.

— Decidiu não atirar em nós — traduziu J'merlia. — Foi uma sábia decisão.

— Do seu ponto de vista? Estou certo de que sim. Mas que história é essa de atirar? — A voz de Nenda tinha um tom zombeteiro. — Não vai encontrar armas aqui.

— É provável que esteja certo — disse Atvar H'sial, com o auxílio de J'merlia. — Se os inspetores de Opala não conseguiram localizá-las, pode ser que também não as encontremos. — Olhou para cima. — Entretanto, se permitir que eu examine por meia hora o seu convés superior...

— Oh, isso não será possível. — Louis Nenda estava sorrindo. — Talvez fosse divertido, mas não temos tempo a perder. A Maré de Verão vem aí. Que tal deixarmos de brincadeiras? Não vou perguntar que feramentas e armas vocês levam, se pararem de se preocupar com a carga desta nave. Temos coisas mais importantes para discutir.

— Ah, está sugerindo uma trégua. — As palavras foram ditas por J'merlia, mas foi Atvar H'sial que estendeu um dos membros dianteiros. — De acordo. Mas por onde começamos? Como vamos discutir nossa cooperação sem revelar tudo que sabemos?

— Para começar, podemos mandar esses dois para fora — disse Nenda, apontando para J’merlia e Kallik.

Atvar H’sial girou os chifres amarelos para examinar a himenopt e depois se voltou para o lo’tfiano, que ainda estava agachado à sua frente.

— Aqui é seguro? — traduziu J’merlia.

— Não especialmente. — Nenda levantou as sobrancelhas espessas. — Ei, que é que você esperava, um piquenique em Primavera? Nenhum lugar em Tremor é seguro atualmente, e você sabe disso. O seu inseto é muito sensível à luz e ao calor? Não quero que ele morra cozido.

— Não particularmente sensível — traduziu J’merlia, sem sinais de emoção. — Se dispuser de água suficiente, J’merlia pode sobreviver ao calor por um longo período. Mas a comunicação entre você e eu...

— Confie em mim. — Nenda apontou de novo para J’merlia e Kallik e fez um gesto com o polegar em direção à escotilha. — Fora. Vocês dois, — Mudou para o sotaque da Comunidade. — Kallik, leve bastante água com você para dar a J’merlia. Nós avisamos quando estiver na hora de vocês voltarem.

Esperou até que os dois alienígenas deixassem a nave e a escotilha estivesse fechada. Depois, sentou-se à sombra da carapaça de Atvar H’sial. Respirou fundo e abriu a camisa, revelando um peito totalmente coberto por nódulos cinzentos e profundas bexigas. Fechou os olhos e esperou.

— Tenha um pouco de paciência. — Os feromônios se difundiram lentamente no ar. — Não é fácil... estou... sem prática.

— Ah. — Atvar H’sial fez que sim com a cabeça e apontou os receptores para o peito do outro. — Uma prótese dos zardalus, suponho. Já tinha ouvido falar, mas é a primeira vez que vejo uma. Posso perguntar se é muito doloroso para um humano se comunicar desta forma?

— É, sim. — O rosto de Louis Nenda se contraiu em um esgar. — Mas isso não vem ao caso. Com o tempo, vai melhorar. Se não se importa, vou continuar falando no estilo humano. Isso me ajuda a coordenar os pensamentos.

— Mas não precisava recorrer a isso! — Além do sentido literal, os receptores de feromônios no peito de Louis Nenda captaram o desdém e o desprezo divertido de Atvar H’sial. — J’merlia é totalmente leal a mim, e suponho que você possa dizer o mesmo de Kallik. Os dois morreriam antes de revelar a alguém o teor da nossa conversa.

— Concordo com você. — Louis Nenda conseguiu dar uma risada. — Eu cuidaria para que isso acontecesse. Mas não confio na inteligência

de J'merlia. As coisas podem sempre vazar por acidente, especialmente se alguém sabe fazer perguntas capciosas. A única forma de garantirmos o segredo é não permitirmos que eles nos escutem. — O riso se transformou em um gemido de dor. — Muito bem, vamos acabar logo com isso. Estou ficando cansado.

— Precisamos de um protocolo para troca de informações.

— Eu sei. Aqui está minha sugestão. Vou afirmar uma coisa. Você pode concordar, discordar ou afirmar outra coisa, mas ninguém está obrigado a responder a nenhuma pergunta. Vamos lá. Fato: você não tem o menor interesse pelas formas de vida de Tremor e o modo como reagem à pressão ambiental. Tudo isso é balela. Está aqui porque é uma especialista nos Construtores.

— Para você, não vou negar. — Atvar H'sial empertigou-se. As pregas vermelhas e brancas do seu pescoço se dilataram. — Sou mais que uma especialista. Sou *a* especialista nos Construtores da Federação de Cecrópia. — Os feromônios transmitiram a idéia de orgulho mais fielmente do que seria possível com palavras. — Fui a primeira a resolver o mistério do Tântalo; a primeira e única cecropiana a sobreviver a uma passagem pelo Archote. Percebi o significado da Maré de Verão antes que Darya Lang fosse suficientemente tola para publicar o resultado de suas investigações. Se não fosse por mim...

— Está bem. Reconheço que você é inteligente. — Nenda estava começando a respirar com mais facilidade. — Diga-me uma coisa que preciso saber, ou vamos ficar aqui até a Maré de Verão e morrer assados.

— Muito bem. Você está aqui porque quer saber o que vai acontecer durante a Maré de Verão. Mas eu sei que a idéia não foi sua. Você conhece muito pouco de ciência e história. Uma outra pessoa compreendeu o significado da descoberta de Darya Lang e lhe contou a respeito da importância desta hora e lugar. Seria interessante saber quem foi essa pessoa.

— Para mim, isto está soando como uma pergunta, embora não tenha sido formulado como tal. Mas não tem importância. Vou responder. — Nenda apontou com o polegar para a escotilha da nave. — Kallik.

— A sua himenopt? Uma escrava! — Atvar H'sial estava mais que surpresa; estava indignada. — Não é correto que uma espécie subalterna execute este tipo de trabalho de alto nível.

— Ah, deixe disso! — Nenda estava sorrindo. — Ela é muito esperta... eu seria um tolo se não me aproveitasse disso. Além do mais, ela adora ler e fazer contas nas horas de folga. Kallik tomou conhecimento

do trabalho de Lang e fez pessoalmente todos os cálculos. Descobriu que este era o lugar e esta era a hora. Ficou entusiasmada, queria contar a todo mundo. Eu disse a ela que de jeito nenhum. Que, em vez de contar-mos aos outros, viajaríamos até Tremor. E aqui estamos. Mas o que eu quero discutir com você é algo mais específico. Vamos conversar sobre o que vai acontecer aqui durante a Maré de Verão.

— Isso me parece uma pergunta. Prefiro não responder.

— Então vamos abordar o assunto de outra forma. Vou lhe contar o que Kallik pensa, com base na sua análise da situação, e você pode comentar a respeito, se quiser. Ela acha que os Construtores vão voltar. Que eles vão aparecer aqui, durante a Maré de Verão. O segredo da sua tecnologia e a razão pela qual desapareceram de forma tão misteriosa serão revelados a todos que estiverem presentes. Que tal?

— Isso também é uma pergunta, não uma afirmação, mas vou responder. A idéia de Kallik parece plausível. Mas não existem provas concretas de que os Construtores estejam prestes a aparecer.

— Mas a possibilidade não pode ser descartada. E o que Kallik não disse, mas me ocorreu assim que ela me contou sua teoria, e certamente ocorreu também a você, é que aquele que dominar a tecnologia dos Construtores terá nas mãos um poder quase ilimitado.

— Concordo. No fundo, o que está em jogo neste caso é a tecnologia.

— Para algumas pessoas. Mas não é a única razão pela qual está aqui. — Nenda espetou o indicador no abdome de Atvar H'sial. — Fato: você é tão fanática pelos Construtores quanto Lang e Kallik. Vocês três acham que vão *conhecer* os Construtores daqui a setenta horas. Sabe como Kallik está chamando esta Maré de Verão? A *Epifania*... a hora em que os deuses vão aparecer.

— A expressão que eu uso é Despertar. Concorda que será um acontecimento “memorável”?

— Não sei, não sei... Que quer dizer com “memorável”? De uma coisa estou certo: nenhum deus vai aparecer. A coisa toda está muito nebulosa, mas tenho alma de jogador. Não me incomodo de correr riscos, quando os possíveis resultados são compensadores.

— Está errado. Não há nada de nebuloso. Alguma coisa muito importante *vai acontecer*.

A convicção de Atvar H'sial era inconfundível na mensagem de feromônios. Nenda sabia que as sutilezas daquela forma de comunicação estavam além do seu entendimento. Imaginou se os cecropianos domina-

vam a arte de *mentir* com os seus mensageiros químicos.

— As provas são insofismáveis — prosseguiu Atvar H'sial. — Em todo o braço da espiral, os artefatos estão inquietos. E apontam para cá.

— Ei, você não precisa me convencer! Viajei oitocentos anos-luz para chegar a este fim de mundo... e não ligo a mínima para os artefatos. Pode ficar com todos eles... você é pior do que Kallik. Eu me contento com algumas migalhas da tecnologia dos Construtores. Mas tenho outra pergunta a lhe fazer. Por que veio até aqui me procurar, sabendo que eu poderia atirar em você? Tenho certeza de que não foi apenas para comparar anotações comigo e Kallik.

— Tem razão. Estou aqui porque você precisa de mim. E também porque preciso de você. — Atvar H'sial apontou pela janela para a superfície árida de Tremor. — Se você e eu fôssemos as únicas pessoas neste mundo, seríamos os únicos a conhecer as novas técnicas dos Construtores. Mais tarde, poderíamos disputar a primazia na exploração dessas técnicas. Eu aceitaria uma competição desse tipo.

— Estaria cometendo um grande erro. Mas ainda não entendi por que veio me ver.

— Porque hoje *não somos* os únicos presentes em Tremor. Existem outras pessoas aqui, gente disposta a disseminar os novos conhecimentos em nome da ciência. Acontece que você não é um cientista, e sim um aventureiro. Está aqui para ganhar dinheiro.

— Acertou na mosca. E você também está aqui para isso.

— Talvez. — A mensagem de Atvar H'sial tinha um toque de humor, agora que Louis Nenda sabia como interpretá-la. — E não queremos dividir com mais ninguém os poderes dos Construtores. Rebka, Graves e Perry estão em Tremor. Eles entraram no Cordão Umbilical logo depois de nós. Duvido que sejam capazes de guardar segredo. Poderíamos fazer alguma coisa a respeito, mas primeiro temos que descobrir onde estão.

— Achei que eles nos seguiriam. E Darya Lang? Ela veio com você.

— Não há problema. Eu... eu já cuidei dela.

Uma certeza cruel nos feromônios. Houve uma longa pausa.

— Muito bem — disse Louis Nenda, afinal. — Você é uma filha da mãe, sabia?

A tromba da cecropiana estremeceu.

— Faço o que posso.

— Está se arriscando, contando-me isso.

— Acho que não. — Atvar H'sial ficou em silêncio por um momento. — Não há perigo. Não para alguém que leu os autos da investigação

do que aconteceu em Lascia Quatro. Posso reavivar sua memória? Uma cápsula de suprimentos médicos foi roubada a caminho de Lascia Quatro. Jamais chegou ao planeta, e, sem os inibidores virais que transportava, trezentas mil pessoas morreram. Um humano e um himenopt foram os responsáveis pela tragédia. O himenopt morreu, mas o humano escapou e está livre até hoje.

Louis Nenda ficou calado.

— Acontece que não consegui localizar os outros humanos — continuou Atvar H'sial. — Estou preocupada especialmente com Graves.

— Ele é louco.

— Verdade. E é capaz de adivinhar o que a gente está pensando. É um homem muito perigoso. Precisamos livrar-nos dele. Precisamos livrar-nos de *todos três*.

— Concordo. Mas também não sei onde eles estão. Que é que você propõe?

— Vão querer sair de Tremor antes da Maré de Verão. Para isso, terão que usar o Cordão Umbilical. Eu também estava pensando em usá-lo, até ver sua nave chegar e perceber que estava equipada para viagens espaciais.

— Até os confins da galáxia, se for preciso. Compreendo que isso seria conveniente para você, sair de Tremor sem correr o risco de esbarrar em Graves. Mas o que tem a me oferecer? Não quero parecer grosseiro, mas não sou sua fada madrinha. Por que lhe daria uma carona? Eu disse a Kallik que nós daríamos uma boa olhada no local, mas *antes* da Maré de Verão. Quando a Maré de Verão chegar, nós já estaremos em órbita. Quando digo nós, me refiro apenas a nós dois. Minha nave não é um transporte coletivo. Por que eu ajudaria você?

— Porque conheço os códigos de controle do Cordão Umbilical. Os códigos *completos*.

— Mas por que eu estaria interessado... — Louis Nenda interrompeu o que estava dizendo e levantou os olhos para a cecropiana, ao mesmo tempo que a cabeça sem olhos se aproximava dele.

— Está entendendo? — Os feromônios transmitiram uma mensagem mais forte e no entanto mais sutil que quaisquer palavras: prazer, triunfo, o toque da morte.

— Estou. É mais do que óbvio. Mas que vamos fazer com *elas*? — Nenda apontou para a janela. J'merlia e Kallik estavam encolhidos no solo quente, tentando abrigar-se dos raios de Mandel na sombra da espaçonave. Os dois tremiam, e J'merlia parecia estar tentando confortar a hime-

nopt. — Vou aceitar a sua proposta, mas me recuso a levá-los conosco.

— De acordo. Não *precisamos* deles. Tudo que exija a sensibilidade que J'merlia possui a radiações de meio micrômetro, você poderá fazer no lugar dele.

— Eu *enxergo*, se é isso que está querendo dizer. — Nenda já estava com a cabeça para fora da escotilha, chamando Kallik. — Escute, também me recuso a deixá-los em minha nave. Na verdade, prefiro não deixar minha nave aqui. Podemos voar nela até as proximidades do Cordão Umbilical. J'merlia e Kallik ficariam aqui, à nossa espera.

— Acho que não é uma boa idéia. — Atvar H'sial esticou as pernas, ficando muito mais alta que Louis Nenda. — Não queremos que eles tenham acesso ao carro aéreo, queremos?

— Kallik não chegará perto dele se eu a proibir de fazê-lo. — Nenda esperou enquanto a cecropiana se limitava a olhar para ele. Não detectou feromônios no ar. — Está bem, está bem, concordo com você. Não vamos deixá-los aqui. Seria um risco desnecessário... não sei se poderíamos confiar no seu lo'tfiano. Que é que você propõe?

— É muito simples. Vamos fornecer a eles um transmissor de rádio e alguns suprimentos e deixá-los em um ponto conveniente entre o lugar onde estamos e a base do Cordão Umbilical. Depois de terminarmos nosso trabalho, iremos buscá-los, esperaremos o Despertar e daremos o fora antes que as condições na superfície fiquem insuportáveis.

— E se o lugar que escolhermos para deixá-los sofrer grandes abalos nas próximas horas? Perry disse que nenhum lugar neste planeta será seguro, e acho que não estava mentindo.

— Se os abalos ocorrerem antes do previsto, será uma pena — disse Atvar H'sial, enquanto J'merlia e Kallik esperavam do lado de fora da escotilha. Os dois escravos tremiam de medo e tensão. — Mas você sempre pode encontrar outra himenopt. E, embora J'merlia tenha sido um servo eficiente (mais que eficiente; detestaria me ver privada dos seus serviços), este pode ser o preço a pagar... por um grande sucesso.

Capítulo 15

Maré de Verão menos oito.

Darya Lang fez a coisa mais natural: sentou-se no chão e começou a chorar. Mas, como o tio Matra lhe dissera havia muitos anos, chorar não resolvia nenhum problema. Depois de alguns minutos, parou.

A princípio, ficara apenas surpresa. Que razão Atvar H'sial teria para drogá-la e abandoná-la naquele lugar deserto, em uma região de Tremor que tinham escolhido apenas porque parecia um bom local para pousar? Não conseguia imaginar nenhuma explicação para o desaparecimento da cecropiana.

Darya estava a milhares de quilômetros de distância do Cordão Umbilical. Tinha apenas uma idéia vaga da direção. Não dispunha de nenhum meio de transporte. A conclusão era simples: Atvar H'sial queria que ela ficasse em Tremor e morresse com a chegada da Maré de Verão.

Nesse caso, porém, por que lhe deixara provisões, uma máscara e um filtro de ar, e um primitivo purificador de água? Mais estranho ainda, por que deixara um transmissor de rádio, que poderia ser usado para enviar um pedido de socorro?

Sua perplexidade tinha sido substituída pela aflição e depois pela raiva. Era uma sequência de emoções que a moça jamais teria imaginado

antes de deixar a tranquilidade do Portal da Sentinela. Sempre se considerara uma pessoa equilibrada, uma cientista, uma cidadã de um universo lógico e organizado. A raiva não era uma reação positiva; prejudicava o raciocínio. Entretanto, seu mundo mudara, e Darya tinha sido forçada a mudar com ele. A intensidade dos próprios sentimentos a surpreendeu. Se tinha que morrer, não morreria sem lutar.

Acocorou-se no solo macio, à margem do lago mais próximo, e examinou minuciosamente os recursos de que dispunha. O purificador era uma pequena unidade de evaporação, capaz de produzir água pura, cristalina, a partir da água mais salobra. Funcionando com a capacidade máxima, o aparelho podia fornecer cerca de um litro de água por dia. Os alimentos, apesar de simples e sem gosto, eram nutritivos e durariam várias semanas. O gerador de sinais, ao que parecia, estava funcionando perfeitamente. E a cobertura de plástico usada para embrulhar todos esses itens serviria para protegê-la do calor, do frio e da chuva.

Conclusão: se morresse, não seria de fome, de sede ou de exposição às intempéries.

O que não adiantava grande coisa. A morte seria muito mais rápida e violenta. O ar estava quente e esquentava cada vez mais. De vez em quando, podia sentir a terra se mexer sob seus pés, como uma pessoa adormecida que não conseguisse encontrar uma posição confortável. Pior que tudo, uma brisa constante mantinha no ar um fino pó branco que fazia os olhos arderem e dava aos alimentos um desagradável gosto metálico. A máscara e o filtro de ar proporcionavam apenas uma proteção parcial.

Caminhou de volta até a margem do lago e viu o reflexo fantasmagórico de Gargântua nas águas escuras. O planeta estava ficando mais inchado e brilhante a cada hora que passava. Ainda estava longe do ponto de máxima aproximação de Mandel, mas olhando para cima já podia ver suas três maiores luas, girando em torno do planeta em órbitas exóticas. Podia quase sentir as forças que Gargântua, Mandel e Amaranth exerciam sobre esses satélites, puxando-os em diferentes direções. E as mesmas forças gravitacionais agiam sobre Tremor. O planeta em que a moça se encontrava estava sendo submetido a uma tensão insuportável. A superfície se desintegraria a qualquer momento.

Nesse caso, por que Atvar H'sial a abandonara, deixando-lhe alimento e proteção, quando a Maré de Verão se encarregaria de acabar com ela, no final. Tinha que haver uma explicação para o que acontecera. Precisava *pensar*.

Agachou-se à beira d'água, procurando um lugar parcialmente protegido da poeira. Se Atvar H'sial quisesse matá-la, poderia tê-lo feito facilmente enquanto dormia. Em vez disso, optara por deixá-la ali. Por quê?

Porque Atvar H'sial *precisava* dela. A cecropiana não a queria por perto no momento, mas precisaria dela mais tarde. Talvez para algo que soubesse a respeito de Tremor, ou a respeito dos Construtores. Mas o quê? Nada que Darya pudesse imaginar.

Era melhor mudar a pergunta. O que Atvar H'sial podia *pensar* que ela soubesse?

A moça não sabia a resposta, mas isso no momento não era importante. A nova Darya insistia em que os motivos para certos atos eram menos importantes que os atos em si mesmos. O que sabia era que tinha sido deixada ali “em conserva” por um período indeterminado; alguém, um dia, talvez viesse buscá-la. E, se não fizesse nada, morreria em pouco tempo.

Mas sua vida não terminaria daquele jeito. Não *permitiria* que terminasse.

Darya levantou-se e olhou em torno. Tinha se deixado ludibriar por Atvar H'sial uma vez, concordando em viajar com ela até Tremor. Pois bem, não se deixaria enganar de novo.

O lago perto do qual se encontrava era o mais alto de meia dúzia de lagos interligados, cujos tamanhos variavam de menos de cem metros até uns quatrocentos metros de largura. A água do lago mais próximo passava para o seguinte através de uma pequena queda de um ou dois metros de altura.

Varreu a margem com o olhar, em busca de algum tipo de refúgio. A julgar pela forma como o tempo estava piorando, iria precisar de abrigo com urgência. O vento ia ficando mais forte e a areia fina se infiltrava em todos os espaços abertos... incluindo os seus espaços abertos; a sensação não era nada agradável.

Onde? Onde poderia se abrigar? A vontade de sobreviver era cada vez maior.

Removeu com as mãos o pó fino que começava a se acumular nos braços e no corpo. Os terremotos podiam ser um perigo maior a longo prazo, mas no momento a maior ameaça era aquela poeira irritante, carregada pelo vento. Precisava proteger-se contra ela.

Que é que os animais nativos fazem?

A pergunta lhe ocorreu quando estava olhando para a margem do lago, coalhada de pequenos buracos que pareciam ter sido cavados por

animais. Naquela época do ano, as formas de vida de Tremor não permaneciam na superfície. Procuravam abrigo sob a terra ou debaixo d'água. Lembrou-se dos grandes bandos de animais herbívoros dirigindo-se decididamente para os lagos.

Poderia fazer a mesma coisa? O fundo de um lago alcalino não era um lugar acolhedor, mas pelo menos estaria a salvo da poeira.

Exceto pelo fato de que não poderia sobreviver no fundo de um lago. Precisava respirar. Não dispunha de nenhum tanque de oxigênio.

Entrou no lago até ficar com água pelos joelhos. A água estava agradavelmente morna; a temperatura aumentou um pouco quando se afastou da margem. A julgar pela inclinação do fundo, perderia o pé antes de chegar ao meio do lago. Se continuasse a andar até ficar com água pelo pescoço, os selos da máscara e do filtro de ar ficariam abaixo da superfície da água e apenas sua cabeça ficaria de fora. Isso a deixaria a salvo da poeira.

Quanto tempo, porém, conseguiria aguentar naquela situação? Muito menos que o necessário.

Era uma solução que não resolvia nada.

Começou a acompanhar o curso da água, passando de um lago para o seguinte. A primeira catarata descia dois metros através de meia dúzia de pequenos rápidos, correndo por um leito de pedras lisas até finalmente desembocar no maior dos lagos. Ali parecia haver ainda mais poeira no ar.

Prossiguiu. Aquele lago tinha uma forma aproximadamente elíptica, com pelo menos trezentos metros de largura e talvez quinhentos de comprimento. A saída de água também era maior, uma catarata cujo som podia ouvir quando ainda se encontrava a bem uns cinquenta metros de distância.

Quando se aproximou da ruidosa catarata, encontrou uma parede de água de três metros de altura, que caía quase verticalmente no lago seguinte da cadeia. Os respingos embaçaram sua máscara, mas pelo menos ali não havia tanta poeira no ar. Se não achasse nada melhor, talvez aquele fosse um bom local para permanecer.

Estava pronta para passar ao lago seguinte quando viu que havia uma pequena concavidade atrás da cachoeira. Se conseguisse chegar até lá sem ser arrastada pela força da água, estaria em um espaço fechado, protegido da poeira por uma parede de pedra de um lado e pela água corrente do outro.

Darya aproximou-se da queda-d'água, colou-se o máximo possível

à parede de pedra e começou a andar de lado em direção ao centro da cachoeira. No momento em que seu corpo foi envolvido pela espuma branca, teve certeza de que iria conseguir. O grosso da água estava passando por cima da sua cabeça; apenas o barulho e os respingos chegavam ao lugar onde se encontrava. Como imaginara, havia um espaço atrás da cachoeira.

O problema era que o espaço era muito pequeno. Não podia ficar de pé sem enfiar a cabeça na torrente. Não podia deitar-se, pois o chão era irregular, cheio de altos e baixos. Não havia um centímetro quadrado seco, fosse na parede, fosse no piso.

Começou a desesperar-se, mas reagiu. Que estava esperando, um apartamento de luxo da Aliança? Aquilo não era questão de *conforto*, e sim de sobrevivência.

Podia agachar-se com as costas apoiadas na pedra, usando a cobertura de plástico para proteger-se da água. Deixaria a maior parte da comida e da água do lado de fora; quando fosse necessário, poderia sair do abrigo por alguns minutos para buscar alimento ou esticar as pernas. Lavaria a máscara e o filtro de ar, para mantê-los livres de poeira. Embora nunca fosse estar totalmente seca ou repousada, tinha certeza de que não morreria de frio nem de cansaço. Se necessário, poderia sobreviver durante vários dias naquela situação.

Voltou e fez três viagens ao seu depósito de suprimentos. Nas duas primeiras, carregou até à queda-d'água tudo que possuía, exceto o transmissor de rádio. Passou muito tempo resolvendo quais os objetos que levaria para o interior da caverna e quais deixaria do lado de fora, na margem do lago.

Na terceira viagem, teve que tomar a decisão mais difícil.

Podia carregar o transmissor até um ponto mais elevado, nas proximidades do lago. Podia colocá-lo sobre um monte de pedras, para aumentar o seu alcance. Podia ligá-lo na potência máxima. Mas será que devia fazê-lo?

Depois de muito pensar, chegou a uma decisão. Se e quando Atvar H'sial voltasse, Darya ainda estaria à sua mercê, para ser usada, socorrida ou descartada, de acordo com as conveniências da cecropiana. Dois meses antes, a moça teria aceitado aquela situação como inevitável; agora, porém, isso era inconcebível.

Embrulhou o transmissor no plástico e carregou-o para a caverna. Depois, ajeitou o plástico para que ela e o transmissor ficassem protegidos dos respingos. Mandel estava perto do zênite, de modo que a quan-

tidade de luz que atravessava a queda-d'água era suficiente para manter o local bem iluminado.

Trabalhando com calma, desligou o transmissor e desmontou-o parcialmente. Não queria correr o risco de estragar alguma coisa, e tempo parecia ser uma das poucas coisas de que dispunha em abundância. Sabia quais eram os circuitos necessários, mas teria que improvisar para conseguir uma impedância adequada. Tomou os fios de alimentação de alta tensão e ligou-os em paralelo com o estágio de RF, através do transformador, ao circuito de codificação. Depois, foi uma questão de memória e de cursos de eletrônica neural que fizera num passado remoto. O modulador de que necessitava era pouco mais que um oscilador não-linear, e havia resistores e capacitores no gerador de sinais que podiam ser aproveitados. Não pôde testar o aparelho depois de modificado, mas as mudanças que introduzira eram relativamente simples. Devia funcionar. O maior perigo era que fosse potente demais.

Mandel se pôs antes que Darya terminasse o trabalho. Ela levou o transmissor adaptado para fora, para a luz avermelhada de Amaranth e para a tempestade de poeira cada vez mais forte, colocando-o sobre um monte de pedras. Ligou-o e sorriu, satisfeita, quando a lâmpada piloto acendeu para mostrar que o sinal estava sendo transmitido novamente.

Voltou com esforço para a caverna da cachoeira, embrulhou-se no plástico e sentou-se, encolhida, na estreita plataforma. Saliências na pedra machucavam-lhe as costas. O ruído da água era quase ensurdecador. Debaixo do corpo, podia sentir uma vibração que aumentava a cada instante, à medida que o subsolo do planeta era submetido a forças de maré de intensidade crescente.

Ninguém teria esperanças de conseguir dormir em tais circunstâncias. Darya começou a morder um biscoito, fechou os olhos e concentrou a mente em um único pensamento: *estava lutando para sobreviver*. O que fizera era pouco, mas era tudo que *podia* fazer.

No dia seguinte, inventaria alguma coisa para melhorar sua situação.

Com aquele pensamento e o biscoito ainda nas mãos, mergulhou no sono mais repousante que tivera desde que deixara o Portal da Sentinela.

Hans Rebka tinha outra razão para querer ficar sozinho. Pouco antes de deixarem Opala, outra transmissão em código havia chegado do Círculo de Phemus. Na pressa da partida, não tivera tempo de examiná-

la, mas, enquanto a cápsula estava descendo pelo Cordão Umbilical em direção a Tremor, dera uma olhada rápida no texto. Quando saltaram em Tremor, decifrara o suficiente para ficar preocupado. Enquanto voava para o norte, em direção ao lado das estrelas de Tremor, o pedaço de papel queimava-lhe o bolso da camisa. Ligou o piloto automático, ignorou o cenário que desfilava lá embaixo e começou a trabalhar na mensagem de forma sistemática.

O serviço de informações deixara de basear os códigos em números primos e aritmética modular, e passara a empregar uma técnica de embutimentos invariantes. As mensagens eram supostamente quase indecifráveis... e muito mais difíceis de ler, mesmo para quem conhecia a chave. Rebka requisitou a maior parte do computador de bordo e começou a traduzir a mensagem, caractere por caractere. Não ajudava em nada o fato de haver interrupções ocasionais da transmissão nas Transições de Bose, o que introduzia lacunas no texto.

O sinal recebido continha três mensagens independentes. A primeira, decifrada após três quartos de hora de trabalho paciente, o fez ter vontade de jogar o papel para fora do carro.

...O MEMBRO DO CONSELHO DA ALIANÇA QUE ESTÁ A CAMINHO DE DOBELLE USA O NOME DE *JULIUS GRAVES*, OU, MENOS FREQUENTEMENTE, *STEVEN GRAVES*. ELE FOI SUBMETIDO AO IMPLANTE DE UM GÊMEO MNEMÓNICO INTERNO, COM O OBJETIVO DE AUMENTAR A CAPACIDADE DA SUA MEMÓRIA, MAS ESSA UNIÃO NÃO ESTÁ SEGUINDO OS PADRÕES NORMAIS. NOSSOS ANALISTAS SUGEREM A POSSIBILIDADE DE UMA INTEGRAÇÃO INCOMPLETA, QUE PODERÁ LEVAR A UM COMPORTAMENTO ERRÁTICO E IMPREVISÍVEL. SE, AO CHEGAR A DOBELLE, GRAVES SE COMPORTAR DE FORMA ESTRANHA, PROCURE COMPENSAR ESSAS TENDÊNCIAS E NEUTRALIZAR AS DECISÕES ILÓGICAS QUE ELE VENHA A TOMAR. NÃO SE ESQUEÇA DE QUE OS PODERES PESSOAIS DE UM MEMBRO DO CONSELHO SÃO MAIORES QUE OS DE QUALQUER GOVERNO PLANETÁRIO. DEVE LEVAR EM CONTA ESSE FATO EM TODAS AS SUAS ATITUDES...

— Obrigado, rapazes. — Rebka fez uma bola com o pedaço de papel e jogou-a por cima do ombro. — Ele é louco e pode fazer o que bem entender... mas estou encarregado de controlá-lo e impedir que cometa desatinos. Se não conseguir, é minha cabeça que vai rolar! Maravilhoso!

Era mais um exemplo de ação à distância, do governo tentando

controlar o que estava acontecendo a uma centena de anos-luz de distância. Rebka começou a trabalhar na segunda mensagem.

Levou mais uma hora para decifrá-la. Não parecia muito útil, mas pelo menos era informativa e não lhe pedia que fizesse nada impossível.

...TALVEZ ISSO NÃO TENHA NENHUM REFLEXO DIRETO NA SUA SITUAÇÃO, MAS FOMOS INFORMADOS DE QUE ESTÃO OCORRENDO ALTERAÇÕES NOS ARTEFATOS DOS CONSTRUTORES EM TODO O BRAÇO DA ESPIRAL. ESTRUTURAS QUE PERMANECERAM ESTÁVEIS DESDE QUE FORAM DESCOBERTAS PELOS HUMANOS, CECROPIANOS OU ZARDALUS ESTÃO SOFRENDO ESTRANHAS MUDANÇAS EM SUAS FUNÇÕES E PROPRIEDADES FÍSICAS. ESTE FATO ESTÁ ENCORAJANDO MUITAS EQUIPES DE EXPLORAÇÃO A REEXAMINAREM A POSSIBILIDADE DE INVESTIGAR O INTERIOR, ATÉ HOJE DESCONHECIDO, DE VÁRIOS DESSES ARTEFATOS...

— Não me diga! — Rebka olhou de cara feia para a tela do computador, que mostrava a tradução da mensagem. — E eu, que estava pronto para explorar o Paradoxo antes de receber esta missão ridícula! Antes que vocês me tirassem de lá, seus palhaços!

...ENQUANTO ESTIVER CUMPRINDO SUAS OUTRAS MISSÕES, DEVE OBSERVAR DE PERTO O ARTEFATO DO SISTEMA DE DOBELLE CONHECIDO COMO CORDÃO UMBILICAL E VERIFICAR SE OCORRERAM MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS NO SEU FUNCIONAMENTO OU ASPECTO EXTERIOR. NÃO RECEBEMOS ATÉ O MOMENTO NENHUMA COMUNICAÇÃO NESSE SENTIDO...

Rebka olhou para trás. Já perdera o Cordão Umbilical de vista havia muito tempo. Tudo que viu foi uma linha interrompida no terminador do planeta, como se fossem as contas alaranjadas de um colar. Estava ocorrendo uma grande erupção vulcânica naquela região. Olhou para baixo, para a região que estava sobrevoando no momento. Verificou que tudo parecia tranquilo, e passou para a terceira mensagem.

Que compensava as outras duas, Era a resposta a uma pergunta de Rebka.

...UMA CECROPIANA QUE CORRESPONDE À SUA DESCRIÇÃO. ELA SE INTERESSA PELA EVOLUÇÃO DE FORMAS DE VIDA QUANDO SUBMETI-

DAS A PRESSÕES AMBIENTAIS, MAS TAMBÉM É CONHECIDA COMO ESPECIALISTA NA TECNOLOGIA DOS CONSTRUTORES...

...A CECROPIANA USA DIVERSOS NOMES (AGTIN H'RIF, ARIJO H'MI-NEA, ATVAR H'SIAL, AGHAR H'SIMI) E VÁRIOS DISFARCES. ESTÁ SEMPRE ACOMPANHADA POR UM INTÉRPRETE DA ESPÉCIE DOS LO'TFIANOS. É PERIGOSA, TANTO PARA HUMANOS COMO PARA CECROPIANOS. FOI RESPONSÁVEL PELA MORTE DE PELO MENOS DOZE INDIVÍDUOS PERTENCENTES A ESPÉCIES INTELIGENTES E VINTE E SETE PERTENCENTES A ESPÉCIES POSSIVELMENTE INTELIGENTES.

OBSERVAÇÃO SUPLEMENTAR: LOUIS NENDA (HUMANO, PROVAVELMENTE SUBMETIDO A UMA PRÓTESE), CIDADÃO DO PLANETA KARELIA, DA COMUNIDADE DOS ZARDALUS, TAMBÉM ESTÁ A CAMINHO DE DOBELLE, ACOMPANHADO POR UMA ESCRAVA HIMENOPT. NÃO DISPOMOS DE INFORMAÇÕES PRECISAS, MAS NOSSO CONTATO EM KARELIA ACREDITA QUE NENDA TAMBÉM SEJA PERIGOSO.

NEM A CECROPIANA NEM O KARELIANO DEVEM RECEBER PERMISSÃO PARA POUSAR NO SISTEMA DE DOBELLE..

Rebka não jogou a mensagem impressa para fora do carro (não podia abrir a janela, naquela altitude e na velocidade em que estava viajando), mas amassou o papel e jogou-o por cima do ombro, para fazer companhia aos outros dois. Passara mais de três horas decifrando aqueles comunicados do quartel-general do Círculo, e tudo que continham eram más notícias.

Levantou a cabeça e olhou pela janela. Amaranth estava atrás dele, escondido pelo teto do carro. Olhou para oeste, a tempo de ver o último raio de Mandel antes que ele desaparecesse no horizonte.

Seus olhos se ajustaram à mudança da iluminação. E, enquanto o faziam, captaram uma pequena luz vermelha que piscava em um canto do painel. No mesmo instante, um bip insistente começou a tocar.

Sinal de emergência.

Sentiu um frio na espinha. Faltavam apenas sessenta horas para a Maré de Verão, e alguém ou alguma coisa lá embaixo, na superfície escura de Tremor, estava passando por sérias dificuldades.

O sinal estava sendo transmitido de um local nas proximidades da região dos Mil Lagos, perto de onde Max Perry achava que as gêmeas Carmel poderiam estar escondidas. Rebka verificou as reservas de combustível do carro. Eram mais que suficientes; os carros aéreos eram capa-

zes de dar a volta completa ao planeta com um tanque de combustível. Quanto a isso, não precisava se preocupar. Enviou uma curta mensagem a Perry e Graves, aumentou a velocidade e mudou o curso sem esperar pela aprovação dos outros.

Mandel ainda não nascera novamente, mas Gargântua estava alto no céu e sua luz era suficiente para a aterrissagem. Rebka olhou à frente. Estava sobrevoando uma série de lagos circulares, cuja superfície turbulenta combinava com o modo como se sentia no momento. Em nenhum lugar, de horizonte a horizonte, havia qualquer sinal de vida. Os animais deviam estar todos no fundo dos lagos ou nas partes mais baixas da depressão de Pentacline. Ou talvez mais fundo ainda... as formas de vida mais persistentes cavavam túneis na superfície torturada de Tremor. Será que as gêmeas Carmel tinham feito a mesma coisa?

Talvez estivesse chegando tarde demais. As gêmeas não eram especialistas em sobrevivência no deserto, e a cada segundo que passava as forças de maré que agiam sobre o planeta se tornavam mais intensas.

Rebka aumentou mais ainda a velocidade do carro, fazendo-a chegar quase ao limite. Não havia mais nada que pudesse fazer. Sua mente se perdeu em divagações.

A gravidade é a força mais débil da natureza. A interação forte, a interação eletromagnética e até mesmo a interação “fraca”, que governa a desintegração beta, são ordens de grandeza mais poderosas. Dois elétrons a cem anos-luz de distância um do outro se repelem com uma força elétrica igual à força de atração gravitacional entre dois elétrons a meio milímetro de distância.

Há que considerar, porém, a força gravitacional que produz as *marés*. Ela é ainda mais fraca. É causada por uma *diferença* entre forças gravitacionais, a diferença entre a atração sofrida por um lado de um corpo e a atração sofrida pelo outro lado. Enquanto a gravidade varia com o inverso do quadrado da distância — ao dobro da distância corresponde uma força quatro vezes menor —, a força das marés varia com o cubo da distância: ao dobro da distância corresponde uma força oito vezes menor; ao triplo da distância, uma força vinte e sete vezes menor.

A força das marés devia ser desprezível.

Devia, mas não é. As marés agem sobre um bilhão de luas em toda a galáxia, forçando-as a apresentar sempre a mesma face para os planetas-mestres. Elas afetam continuamente o interior dos planetas, apertando e puxando, liberando tensões geológicas e mudando a face do planeta a cada ciclo. Elas desintegram qualquer astro que se aproxime de um bu-

raco negro, reduzindo-o a partículas subatômicas.

Porque a variação com o cubo da distância também ocorre no sentido *contrário*: à metade da distância corresponde uma força oito vezes maior; a um terço da distância, uma força vinte e sete vezes maior; a um décimo da distância...

No momento da maior aproximação de Mandel, o sistema de Dobelle estava a um onze avos da sua distância média em relação ao astro. Em consequência, seus componentes eram submetidos a uma força mil trezentas e trinta e uma vezes maior que a média.

Era a *Maré de Verão*.

Hans Rebka tinha sido informado por Max Perry a respeito desses fatos básicos, e pensava neles enquanto sobrevoava a superfície de Tremor. A cada quatro horas, a grande mão invisível da gravidade de Mandel e Amaranth apertava e puxava Opala e Tremor, tentando transformar suas formas quase esféricas em elipsóides alongados. Perto da Maré de Verão, uma energia equivalente à de uma dúzia de guerras nucleares era introduzida no sistema... não apenas uma vez, mas *duas* vezes a cada dia de Dobelle.

Rebka visitara mundos que haviam sofrido recentemente uma guerra nuclear. Com base nessa experiência, esperava ver um planeta em frangalhos, um caos tão completo que a existência da vida seria impossível.

Entretanto, não era o que estava acontecendo.

Havia erupções localizadas, isso era inegável. Mas quando olhava para a superfície que desfilava lá embaixo, não podia ver nada que se assemelhasse nem de perto ao que imaginara.

Que havia de errado?

Rebka e Perry tinham se esquecido de um fato que era conhecido desde a época de Newton: a gravidade é uma *força global*. Nenhuma substância conhecida é imune aos seus efeitos; toda partícula, onde quer que se encontre no universo, está sujeita à força gravitacional de todas as outras partículas.

Assim, enquanto a guerra nuclear limita sua fúria à atmosfera, aos oceanos e às primeiras dezenas de metros da superfície terrestre de um planeta, as forças das marés comprimem, tracionam e retorcem cada centímetro cúbico do astro. São forças *distribuídas*, que se fazem sentir desde o alto da atmosfera até o núcleo denso e superaquecido do planeta.

Rebka examinava a superfície e não via nenhum sinal de uma catástrofe iminente. Seu erro era natural e elementar. Devia estar procurando

muito mais fundo. Nesse caso, talvez tivesse pela primeira vez uma idéia da verdadeira natureza da Maré de Verão.

Quando o carro pousou, a superfície estava sendo castigada por uma tempestade de areia. Rebka colocou o carro diretamente contra o vento, confiando nos sensores de microondas para desviar o veículo de rochas suficientemente grandes para causar danos. A aterrissagem foi suave, mas ele logo se viu diante de um problema. O sistema de busca e salvamento lhe informava que a fonte do sinal de emergência estava menos de trinta metros à sua frente, mas o detector de massa dizia que não havia nenhum objeto do tamanho de um carro aéreo ou de uma espaçonave em um raio de trezentos metros. Olhar pela janela era inútil. O mundo à frente do carro terminava em um véu de areia a menos de dez metros do nariz do veículo.

Rebka consultou novamente o sistema de BES. Não havia dúvida quanto à localização do transmissor. Calculou a direção e a distância da porta do carro. Forçou-se a sentar-se e esperar cinco minutos, escutando a tempestade de areia que açoitava o carro e torcendo para que o vento amainasse. Ele continuou, mais forte do que nunca. A visibilidade também não estava melhorando. Finalmente, equipou-se com um par de óculos e um respirador, vestiu uma roupa resistente ao calor e abriu ligeiramente a porta. Pelo menos, aquela combinação era familiar. O vento cortante, a atmosfera opressivamente quente, o ar malcheiroso... parecia que estava em casa. Tivera que conviver com tudo aquilo durante a infância, em Teufel.

Saltou do carro.

A areia que estava no ar era incrível, tão fina que a menor abertura no seu traje se tornava uma porta de entrada. Ela também fustigava-lhe o corpo. Em poucos segundos, estava sentindo um gosto estranho na boca; de alguma forma, a areia conseguira vencer a barreira do respirador. Mílhões de dedos invisíveis puxavam o seu traje, tentando arrancá-lo. Sentiu um profundo desânimo. As condições ali eram *piores* do que em Teufel. Sem a proteção de um carro, como alguém poderia sobreviver a tal castigo por uma hora que fosse? Era uma faceta de Tremor que Perry, com sua preocupação com vulcões e terremotos, se esquecera de abordar. Se a perturbação atmosférica fosse suficiente, não seria necessária nenhuma atividade interna do planeta para torná-lo inabitável; as tempestades de areia se encarregariam disso.

Rebka certificou-se de que o cabo-guia estava firmemente amarrado à fuselagem do carro aéreo. Em seguida, começou a caminhar. O

transmissor finalmente apareceu quando estava a menos de quatro metros de distância. Não admira que os sensores de massa não o houvessem localizado. Era muito pequeno... uma unidade portátil, a menor que já vira. Não podia ter mais que trinta centímetros de lado e alguns centímetros de espessura. Havia uma curta antena na parte superior, e o aparelho estava apoiado em um monte de pedras, que ficava em uma elevação do terreno. Alguém tivera o cuidado de assegurar que as transmissões, por fracas que fossem, tivessem o máximo alcance possível.

Alguém. Mas quem, e onde? Se quem quer que fosse tivesse deixado o transmissor onde estava e fugido a pé para buscar abrigo, era pouco provável que estivesse vivo. Um humano desprotegido não conseguiria caminhar mais do que uma centena de metros naquela tempestade de areia antes de morrer sufocado.

Mas talvez houvesse alguma informação quanto ao seu destino. Todos os transmissores de emergência dispunham de um compartimento para mensagens, localizado na base. Se o viajante tivesse deixado aquele lugar apenas alguns minutos atrás...

Não era provável, disse Rebka para si mesmo, enquanto retirava a luva e estendia a mão para a placa deslizante na base do transmissor. Estava recebendo o sinal de emergência fazia mais de uma hora. Provavelmente, as transmissões haviam começado muito antes.

Enfiou a mão na estreita abertura. Quando as pontas dos dedos tocaram o fundo, uma onda de dor subiu pela sua mão até tomar conta do corpo inteiro. Seus músculos se enrijeceram tão depressa que não teve nem tempo de gritar. Não conseguiu retirar a mão. Tombou, indefeso, por cima do transmissor.

Um modulador neural, pensou, um momento antes que um novo choque, ainda mais forte que o primeiro, o atingisse. Não podia mais respirar. Segundos antes de perder a consciência, a raiva se apossou de Rebka. Raiva daquela missão estúpida, raiva de Tremor... mas, mais que tudo, raiva de si mesmo.

Cometera um erro incrivelmente estúpido, um erro que lhe custaria a vida. Atvar H'sial era perigosa e estava à solta na superfície de Tremor. Sabia disso antes de pousar. Mesmo assim, comportara-se como uma criança em um piquenique, deixando de tomar as precauções mais elementares...

Mas eu estava tentando ajudar.

E daí? Seu cérebro rejeitou aquela desculpa no momento em que a descarga elétrica fez o seu corpo se contorcer pela terceira e última vez.

Foi você mesmo quem disse: as pessoas que são suficientemente tolas para se deixar matar não estão em condições de ajudar ninguém...

E agora, infelizmente, jamais saberia como Tremor se comportava durante a Maré de Verão. O planeta vencera; ele havia perdido...

O vento carregado de areia gritou, triunfante, em torno do seu corpo inconsciente.

ARTEFATO: ELEFANTE

Nº de série: 859

Coordenadas galácticas: 27.548,762/16.297,442/-201,33

Nome: Elefante

Conjunto estrela/planeta: Cam H^ptiar/Emsenn

Nó de Bose mais próximo: 1.121

Idade estimada: $9,223 \pm 0,31$ megaaños

História da exploração: Descoberto por observação remota em -4553 E., visitado por uma expedição cecropiana em -3227 E. Membros da mesma expedição penetraram pela primeira vez no seu interior e mediram seus parâmetros (veja mais abaixo). Equipes subsequentes de exploração atravessaram o Elefante pela primeira vez (-2068 E.), tentaram comunicar-se com o Elefante (-1997 E., -1920 E., -1883 E., sendo que nenhuma dessas tentativas teve sucesso) e removeram e examinaram várias amostras do seu material (-1882 E., -1551 E.). Pequenas mudanças no aspecto e nos parâmetros do artefato foram observadas a cada visita, e uma estação permanente de observação (a Estação do Elefante) foi instalada pelos cecropianos em Emserin, a quatro minutos-luz de distância, no ano de -1220 E. Observadores humanos visitaram pela primeira vez a Estação do Elefante 2.900 anos depois, em 1668 E. Este artefato vem sendo observado continuamente já há mais de cinco mil anos-padrão.

Descrição: O Elefante é uma massa gasosa de forma irregular, com uma largura máxima de aproximadamente quatro mil quilômetros e uma largura mínima de novecentos quilômetros. Na realidade, não se trata de um gás, mas de uma massa muito rarefeita de fibras poliméricas e dutos de transferência. O interior é um excelente condutor de calor e eletricidade, comportando-se em muitas regiões como um supercondutor.

Os resultados da aplicação de estímulos sugerem que a massa reage a qualquer influência externa, mas tende a voltar ao estado original após cerca de vinte anos. Os reparos são feitos através da duplicação de estruturas já existentes; os materiais incidentes (fragmentos de cometas, por exemplo) são utilizados, catabólicamente e anabólicamente, para sintetizar os componentes necessários. Mudanças de temperatura localizadas são rapidamente corrigidas para a temperatura média de 1,63 kelvin, compatível com o uso de He II como fluido para transferência de calor. O mecanismo de refrigeração que mantém as subunidades do Elefante a uma temperatura de menos de 2 kelvins ainda é desconhecido.

Qualquer buraco que seja perfurado no Elefante (incluindo a retirada

de fragmentos de até vinte quilômetros de profundidade e testemunhos longitudinais completos) é tapado a partir do interior, com uma pequena redução no volume global. A forma externa se mantém constante, e a impressão de um corpo amorfo é obviamente errônea. A menos que se retire ou acrescente material, tanto o tamanho como a forma do Elefante se mantém invariantes com uma precisão de menos de um milímetro em qualquer direção.

Finalidade: O Elefante está vivo? O Elefante é inteligente? Essas dúvidas perduram até hoje. A maioria dos pesquisadores acredita que o Elefante seja um artefato ativo, com uma limitada capacidade de regeneração. Vagarosamente, as amostras retiradas se tornam inertes, sua condutividade diminui, e o sistema perde o seu caráter homeostático. Se o Elefante está vivo, seu tempo de resposta a estímulos externos é muito grande (centenas de anos), o que sugere um metabolismo extremamente lento.

Qualquer que seja o grau de inteligência do artefato, é inegável que o Elefante pode funcionar, no todo ou em parte, como um computador para aplicações gerais. Depois do trabalho pioneiro de Demerle e Trussig, o Elefante tem sido muito usado em aplicações que exigem grandes quantidades de memória e uma velocidade moderada de processamento.

Se o Elefante é uma entidade inteligente, a própria noção de finalidade é inaplicável. Entretanto, novos testes serão necessários para esclarecer esta questão.

— Do *Catálogo Lang Universal de Artefatos*,
Quarta Edição.

Capítulo 16

Maré de Verão menos sete.

— É como uma caça ao tesouro — disse Graves. Estava caminhando na frente, devagar, mas com decisão. Com as mãos atrás das costas e sua maneira descontraída, parecia um esqueleto no meio de um passeio matutino. — A velha brincadeira de salão. Lembra-se?

Max Perry olhou para ele. Crescera em um mundo muito pobre para se permitir o luxo de festas e brincadeiras. Costumava considerar a comida o maior de todos os tesouros. E o único jogo que lhe ocorria no momento era o da sobrevivência.

— Você recebe algumas pistas — prosseguiu Graves. — Primeiro, o sinal de rádio. Depois, as setas. Em seguida, as cavernas misteriosas. Finalmente, se tiver sorte... o tesouro!

O carro pousara em um planalto que ficava entre os Mil Lagos e a depressão de Pentacline. Naquela terra-de-ninguém, a erosão abrira uma série de túneis e buracos no solo macio, como argila que um gigante idoso tivesse moldado com dedos artríticos.

Os buracos, de vários metros de largura, estavam espalhados ao acaso, formando ângulos variados com a superfície. Alguns eram quase verticais; em outros, a inclinação era tão pequena que se tornava muito

fácil caminhar até o fundo.

— Tome cuidado! — Perry detestava a atitude casual de Graves. — As bordas desse buraco podem ceder a qualquer momento... e a gente não sabe o que existe no fundo! Toda esta área é usada como refúgio pelos animais de Tremor durante o verão.

— Calma. Sei o que estou fazendo. — Graves deu mais um passo em direção à borda de um dos buracos, mas teve que pular para trás quando o chão começou a ceder sob seus pés. — Sei o que estou fazendo — repetiu. — Este não é o buraco que estamos procurando. Siga-me.

Tomou de novo a dianteira, contornando a região perigosa. Perry seguiu-o a uma distância que esperava que fosse segura. Como a expectativa deles havia sido encontrar outro carro, talvez acidentado, no local de onde vinha o pedido de socorro, os dois tinham ficado surpresos ao deparar apenas com um transmissor de rádio. Ao lado do transmissor, desenhada em preto em uma pedra branca de calcário, havia uma flecha. Ela apontava diretamente para o túnel escuro e inclinado em cuja boca Graves se encontrava no momento. Em cima da flecha alguém havia rabisado as palavras “Ali Dentro”.

— É fascinante. — Graves inclinou-se para observar o interior do túnel. — Ao que me parece...

— Não chegue tão *perto*! — exclamou Perry. — Se o solo aqui for como na borda daquele outro...

— Oh, bobagem! — Graves bateu no chão com o pé. — Está vendo? Sólido como a Aliança. E eu li o relatório antes de viajar para Dobelle... não existem animais perigosos em Tremor.

— Você pode ter lido o relatório, mas fui eu que escrevi aquela porcaria. Existe muita coisa que não sabemos a respeito de Tremor. — Perry avançou cautelosamente até a entrada do túnel e olhou para baixo. A rocha parecia firme e muito antiga. Em Tremor, aquilo era bom sinal. Naquele local, a superfície pelo menos era razoavelmente estável, já que resistira às últimas Marés de Verão. — Seja como for, não são apenas os animais. Areias movediças podem ser igualmente perigosas. Não sabemos nem qual é a profundidade deste buraco. Antes de começar a descida, seria prudente fazermos uma sondagem.

Pegou um pedaço de pedra do tamanho de um punho cerrado e jogou-o no interior do túnel. Os dois homens se inclinaram para a frente, à espera do barulho que a pedra faria ao chegar ao fundo. Houve um silêncio de dois segundos, e depois um ruído surdo, um grito de protesto e um assovio de surpresa.

— Ah-ah! Isso não foi o barulho de uma pedra caindo em areia movediça. — Graves estalou os dedos e começou a descer para o fundo do buraco. Estava com uma lanterna, que usava para iluminar o caminho à frente. — As gêmeas Carmel estão lá embaixo. Eu lhe disse que estávamos na pista certa, comandante. O sinal de rádio, a flecha, a caverna, e depois as... — Parou. — E depois... ora, ora, ora. Estávamos errados.

Perry, alguns passos atrás, esticou a cabeça para olhar. O feixe estreito de luz da lanterna revelava uma série de olhinhos brilhantes. Enquanto Graves mantinha a lanterna parada, um pequeno animal, cujo pêlo escuro estava coberto por uma camada de pó, começou a subir lentamente a ladeira. A himenopt estava esfregando o corpo arredondado com uma das patas dianteiras. Enquanto os dois a observavam, surpresos, ela se sacudiu como um cachorro molhado, levantando uma nuvem branca de poeira.

Ouviram outro assovio e em seguida um clique-clique-clique de membros articulados.

— Kallik oferece seu respeito e obediência — disse uma voz familiar, sibilante. J'merlia apareceu na curva do túnel. Ele também estava totalmente coberto pelo pó branco. — Ela é uma serva leal e obediente. Quer saber por que jogaram pedras nela. Foi ordem do seu amo?

O rosto estreito do lo'tfiano não estava equipado para demonstrar emoções humanas, mas sua voz tinha um tom espantado e preocupado. Em vez de responder, Graves continuou em frente e foi dar em uma pequena caverna, cujo chão estava coberto de gesso em pó. Olhou para a pequena pilha de objetos que havia no meio da caverna.

— Estavam aqui no escuro?

— Não. — Os olhos compostos de J'merlia brilharam à luz da lanterna. — Não está escuro. Nós dois podemos enxergar muito bem aqui. Precisam da nossa ajuda?

Perry, que seguira Graves de longe, entrou também na caverna e ficou na ponta dos pés para alcançar o teto.

— Está vendo? Rachaduras. São recentes. Isto pode desabar a qualquer momento. Que estão fazendo aqui embaixo, J'merlia?

— Esperando nossos amos. — O lo'tfiano dirigiu uma série de assovios rápidos a Kallik e prosseguiu: — Eles nos trouxeram para cá e nos disseram para esperar até que voltassem para buscar-nos. É o que estamos fazendo.

— Está falando de Atvar H'sial e Louis Nenda?

— É claro. Os amos não mudam nunca.

— Quer dizer que Nenda não voltou para casa, afinal. Há quanto tempo eles partiram?

— Dois dias. A princípio, ficamos na superfície, mas não estávamos nos sentindo bem. Muito calor, muita poeira no ar. Mas aqui, debaixo da terra, está mais confortável...

— Com o teto prestes a cair na cabeça de vocês? Quando eles disseram que voltariam?

— Não disseram. Por que o fariam? Temos comida; temos água para beber; estamos seguros aqui.

— Não perca tempo com ele, comandante. — Graves, depois de examinar o interior da pequena caverna, agachou-se e começou a esfregar os olhos, irritado com a fina poeira que se levantava cada vez que se mexia. — Atvar H'sial e Louis Nenda certamente não contaram seus planos a J'merlia. Por que o fariam, como diz J'merlia? Para facilitar a nossa vida? Não. — Sua voz se transformou em um sussurro. — Não sei nem se pretendem voltar! Talvez estes dois tenham sido abandonados aqui. Mas este também não é o ponto. A pergunta certa, que faço a mim mesmo e de cuja resposta não gosto, é: para onde eles foram! Para onde *foram*, faltando tão pouco tempo para a Maré de Verão, que não puderam levar J'merlia e Kallik com eles?

Como que em resposta à pergunta, houve um tremor na caverna. O teto resistiu, mas todos ficaram cobertos de poeira.

— Não interessa para onde eles foram! — Perry teve que parar para tossir. — Estou preocupado é conosco e com o que vamos fazer em seguida.

— Vamos procurar as irmãs Carmel. — Graves esfregou os olhos de novo. Estava parecendo um palhaço de circo.

— Claro. Mas onde? E quando? — perguntou Perry. Graves podia ter perdido a noção de tempo, mas ele, não. — Faltam apenas cinquenta e cinco horas para a Maré de Verão.

— Tempo suficiente.

— Não. Você pensa que as coisas só vão começar a acontecer daqui a cinquenta e cinco horas? Está redondamente enganado. Quem estiver na superfície de Tremor faltando cinco horas, ou mesmo quinze, para a Maré de Verão provavelmente não vai escapar. Se não encontrarmos as gêmeas nas próximas dez a doze horas, teremos que desistir da busca e voltar para o Cordão Umbilical.

Perry estava finalmente conseguindo fazer o conselheiro compreender a situação. Graves se levantou e deu um suspiro.

— Está bem. Não temos tempo para discutir. Vamos procurar as gêmeas.

— E quanto a esses dois? — perguntou Perry, apontando para Kallik e J'merlia.

— Eles vêm conosco, naturalmente. Atvar H'sial e Louis Nenda podem decidir não voltar, ou chegar tarde demais, ou não conseguir encontrar o local... Você disse que a bateria do transmissor estava quase esgotada.

— E está mesmo. Concordo com o senhor. Não podemos abandonar os alienígenas. O ar do carro será suficiente para todos nós. — Perry voltou-se para J'merlia e Kallik. — Venham. Vamos dar o fora daqui.

Vendo que os dois permaneciam imóveis, estendeu a mão para um dos finos membros dianteiros de J'merlia e puxou-o em direção à entrada do túnel. Surpreendentemente, o lo'tfiano resistiu.

— Com todo o respeito, comandante Perry. — J'merlia firmou-se em seis dos seus pés e baixou o corpo até o abdome tocar no chão. — Os seres humanos são muito mais sábios que eu e Kallik, sabemos disso, e gostaríamos de fazer o que nos pede. Mas Atvar H'sial e Louis Nenda nos deram ordens explícitas para ficar aqui até que retornassem.

Perry voltou-se para Graves, frustrado.

— E agora? Não querem me obedecer. Acha que atenderiam a uma ordem sua?

— É provável que não. — O conselheiro olhou calmamente para J'merlia. — Você me atenderia?

O lo'tfiano estremeceu e encolheu-se ainda mais. Graves fez que sim com a cabeça.

— A resposta é clara. Entenda, comandante, nós os colocamos diante de um dilema. Embora tenham sido treinados para nos obedecer, não podem desobedecer às ordens dos seus amos. Também têm um forte instinto de conservação, mas não se consideram em perigo aqui. Entretanto, eu tenho uma proposta alternativa, que talvez considerem aceitável. Podemos deixá-los aqui...

— Não podemos! Eles vão morrer!

— Não estou falando em deixá-los *indefinidamente*. Estamos perto da depressão de Pentacline. Podemos ir até lá em busca das gêmeas. Se instalarmos uma bateria nova no transmissor, poderemos voltar para cá, com ou sem as gêmeas. A essa altura, talvez Nenda e Atvar H'sial já tenham voltado. Se não, a superfície de Tremor provavelmente estará ainda mais agitada e pode ser que os alienígenas concordem em partir conosco.

Perry ainda hesitava. Afinal, sacudiu a cabeça, negando.

— Acho que podemos fazer melhor do que isso. — Voltou-se para J’merlia. — Atvar H’sial e Louis Nenda não disseram a vocês para não sair do lugar onde foram deixados?

— Isso mesmo.

— Mas vocês já saíram... para se abrigar nesta caverna. Isso mostra que devem ter uma certa liberdade de movimento. Que distância você e Kallik estariam dispostos a se afastar?

— Um momento, por favor. — J’merlia deu as costas a Perry e manteve um diálogo sibilante com a himenopt, que se mantivera sentada no chão, imóvel, durante toda a discussão. Finalmente, fez que sim com a cabeça.

— Não é tanto uma questão de distância, mas de tempo. Uns poucos quilômetros não seriam problema; Kallik e eu estamos em condições de percorrer essa distância a pé. Mas, se nos assegurarem que poderemos voltar para cá em três ou quatro horas, estamos dispostos a percorrer uma distância maior de carro.

Graves negou com a cabeça.

— Quatro horas é pouco. Qual o tamanho da depressão de Pentacline, comandante?

— Ela tem uns cento e cinquenta quilômetros de extensão.

— Se as gêmeas estiverem lá, pode ser que estejam na parte mais afastada. Tenho certeza de que podemos encontrá-las, mas a busca provavelmente levará mais do que algumas horas. Vamos fazer a coisa do meu jeito: deixar esses dois aqui e depois voltar para buscá-los.

Kallik emitiu um assovio e uma série de cliques agitados.

— Mas a necessidade de voltarmos diminuirá o tempo de busca. — Perry ignorou a himenopt. — Se os alienígenas concordarem...

— Com todo o respeito, capitão — interveio J’merlia. Era a primeira vez que interrompia um humano. — Desde que eu e Kallik nos conhecemos em Opala, venho ensinando a ela a linguagem humana. Já compreende alguma coisa, embora ainda não saiba falar. Agora está me perguntando se ouviu o que pensa ter ouvido. É verdade que estão procurando outros humanos aqui na superfície de Tremor?

— Claro que estamos! Ou, por outra, devíamos estar! De modo que chega de conversa, temos que...

Dessa vez foi a própria Kallik que o interrompeu. A himenopt se aproximou de Perry, colocou-se na ponta dos pés e emitiu uma série de assovios.

— Com todo o respeito — traduziu J’merlia, antes que Perry tivesse tempo de prosseguir —, ela quer que saibam que existe uma espaçonave na superfície de Tremor.

— Nós sabemos. Aquela que Kallik e Louis Nenda usaram para chegar aqui.

— Não está se referindo a essa. Antes de pousarem, o amo de Kallik investigou a área, com medo de cair em uma armadilha. Ele captou sinais do Sistema Bose de uma espaçonave. Kallik está dizendo que era uma nave da Aliança, capaz de viajar pela Rede Bose. Ela acha que talvez tenha trazido os humanos que estão procurando.

Kallik assoviou de novo. J’merlia assentiu.

— Ela está dizendo que a espaçonave se acha a apenas cem quilômetros daqui. Usando o carro aéreo, chegariam lá em alguns minutos. Kallik quer saber se estão interessados em conhecer a localização exata.

Capítulo 17

“Que pecados deve um homem cometer, em quantas vidas passadas, para nascer em Teufel?”

O trabalho de aguadeiro para meninos de sete anos era preciso e implacável.

Vestir o traje, verificar o tanque de ar, selar o respirador, caminhar até a comporta. Atenção: As comportas são abertas quando o vento na superfície diminui de intensidade, cinco minutos e meio antes do alvorecer, depois que os predadores noturnos retornam para suas tocas. Se não estiver lá na hora, perderá o direito a sua cota diária de alimento.

Do lado de fora. Esvaziar os dejetos da véspera (tempo previsto: 24 segundos); subir os vinte e quatro degraus de pedra até a nascente na encosta do rochedo (33 segundos); lavar os recipientes de plástico (44 segundos); lavar os filtros (90 segundos); encher os recipientes de água (75 segundos); descer os degraus (32 segundos); entrar e fechar a comporta (25 segundos).

Margem de erro: sete segundos. Se você se atrasar mais do que isso, será pego pelo *Remouleur*, o Triturador, o temido vento da alvorada de Teufel. E você estará morto.

Rebka sabia disso. De repente, percebeu que se atrasara. Não podia acreditar. Em geral, quando chegava sua vez de buscar água, sempre chegava antes da hora. Era o único com tempo e confiança suficientes para ficar de pé, diante da comporta aberta, e contemplar por alguns se-

gundos a paisagem árida e a vegetação espinhenta de Teufel. Os estratos na encosta do rochedo ainda estavam muito escuros para ser vistos, mas ele sabia que eram de um tom arroxeadado, intercalado com cinza e um vermelho pálido. A faixa de céu acima do desfiladeiro já mostrava sinais da alvorada que se aproximava. O brilho das estrelas começava a diminuir e as nuvens mais altas se tingiam de rosa. Era uma visão de beleza indescritível. Deixava-o excitado.

Mas não naquele dia. O filete de água da nascente estava mais fraco, e as latas se recusaram a encher com a rapidez habitual. Quase cinco minutos já se haviam passado. Ainda estava no último degrau e a máscara começava a ficar embaçada. Tinha que voltar, embora os recipientes ainda não estivessem cheios. *É agora ou nunca.*

Tempo de descida, 32 segundos; tempo para entrar e fechar a comporta, 25 segundos.

Desceu correndo os degraus, arriscando-se a tropeçar e cair. Pelo que acontecera a outros meninos, sabia o que esperar. Se o *Remouleur* o pegasse no topo da escada, seria carregado para fora do desfiladeiro como uma folha seca e ninguém jamais o veria novamente. Isso acontecera com Rosamunde. A meio caminho, o vento era mais fraco, mas arrancava as vítimas da escada, arremessando-as contra as chaminés de pedra. Era lá que haviam encontrado o corpo de Joshua, ou, por outra, o que restara do corpo depois que os predadores diurnos terminaram seu serviço. Se estivesse quase chegando à comporta, e o vento o alcançasse nos últimos três ou quatro degraus, não teria força suficiente para carregá-lo. Mesmo assim, rasgaria o respirador, faria com que perdesse o equilíbrio, por mais que se agarrasse às pedras ou ao corrimão, e o derrubaria no lago de águas ferventes que havia ao lado da comporta. O corpo de Lee flutuara no lago durante nove horas antes que pudessem recuperá-lo. Partes do cadáver da menina tinham sido perdidos para sempre. A carne cozida se desprendera dos ossos e escapara das redes.

Ainda faltam doze degraus. E o Remouleur está chegando. Em vinte segundos estará aqui. Os remoinhos de vento tomaram conta do desfiladeiro. Já é possível ouvir o ruído distante da chuva torrencial. Os degraus estão escorregadios.

Se o vento o surpreendesse já do lado de dentro da comporta, você tinha alguma chance de escapar. Diziam os mais antigos que se você jogasse fora os recipientes de água e se deitasse no chão, talvez conseguisse manter o respirador intacto e sobreviver até que a comporta de fechasse totalmente. Entretanto, Rebka jamais conhecera alguém que houvesse

conseguido fazer isso. E o castigo por voltar sem água (ou, pior ainda, sem os recipientes) era muito severo.

Mas não tão severo quanto a morte.

Ainda faltam seis degraus.

O tempo havia se esgotado. Deixou cair os recipientes.

Ouviu um grito estranho; seu corpo foi levantado e arrastado em uma superfície pedregosa. A água fria encharcou seus braços e pernas. O respirador foi-lhe arrancado do rosto. Pelo menos, a morte seria rápida.

Mas não queria morrer. Resistiu à força que o imobilizava, tentando segurar o respirador e colocá-lo de novo no lugar.

Seus dedos crispados encontraram mãos humanas. O choque foi tão grande que durante alguns segundos não pôde fazer nada.

— Hans! Hans Rebka! — O grito se repetiu, e desta vez conseguiu entender as palavras.

Abriu os olhos para contemplar pela última vez o céu de Teufel. Em vez dos fiapos róseos de nuvens dilaceradas pelo vento, o que viu foi o brilho faiscante de água corrente. E no centro daquela torrente, de boca aberta, ofegante, havia um rosto molhado e sujo de poeira.

Era Darya Lang.

Quando percebeu o que havia feito, Darya teve vontade de sentar-se no chão e começar a chorar.

A primeira coisa que fizera depois de acordar tinha sido ir verificar o transmissor. Quando viu alguém caído sobre o aparelho, a primeira reação foi de regozijo. Isso ensinaria uma lição a Atvar H'sial! A cecropiana devia saber que não era correto deixar uma pessoa abandonada num lugar deserto sem ao menos explicar-lhe por quê.

Quando Darya se aproximou, percebeu que não se tratava da cecropiana. Era um humano... um homem... meu Deus, era Hans Rebka!

Darya deu um grito e saiu correndo. A poeira de Tremor era tão letal para ele quanto seria para ela. Se estivesse morto, jamais se perdoaria.

— Hans. Oh, Hans, desculpe...

Ele estava inconsciente, não podia ouvi-la. Mas não estava morto. Darya teve forças para colocá-lo nos ombros (pesava menos do que ela) e carregá-lo para a cachoeira. Enquanto o pousava na plataforma de pedra, seus olhos se abriram. Aquele olhar de surpresa foi a expressão mais aliviada que jamais havia visto em um rosto humano.

Durante vinte minutos, teve o prazer de cuidar dele, de vê-lo praguejar, cuspir poeira e fungar um pó cinzento. Era maravilhoso, simplesmente porque estava vivo. E então, antes mesmo que pudesse acreditar

que ele estava recuperado, Rebka se pôs de pé e apontou para cima.

— Você não está segura aqui, mesmo que pense o contrário. — Ainda movia a mão e o braço com dificuldade, por causa da dor que o modulador neural deixara nos seus nervos. — Mais algumas horas e a água dessa cachoeira pode virar vapor. A Maré de Verão está chegando, Darya, e existe apenas um caminho para a segurança. Venha.

Conduziu-a para a superfície árida. Chegando ao carro aéreo, fez uma rápida inspeção. Depois de alguns minutos, sacudiu a cabeça e sentou-se no chão.

— Não importa aonde foi Atvar H'sial ou se vai voltar. Não iremos muito longe nessa coisa. — Inclinou o corpo para passar a mão pelas entradas de ar, na parte de baixo do carro. — Veja você mesma.

A tempestade de areia havia amainado, mas as entradas de ar ainda estavam entupidas. Pior ainda, no lugar onde Rebka removera a camada superficial de poeira a moça pôde ver que o metal estava brilhante e desgastado.

— Isso foi de pousar aqui. — Ele colocou a grade de volta no lugar. — Acho que dá para fazer mais uma viagem sem uma revisão completa, mas não mais do que isso. E não podemos nos arriscar a enfrentar outra tempestade de areia. Se encontrarmos alguma no caminho, vamos ter que subir o mais que pudermos. Nosso combustível também é crítico. Se pegarmos um vento de proa muito forte, estaremos perdidos.

— E as irmãs Carmel? Você devia estar procurando por elas. — Darya Lang continuava agachada debaixo da nave. Ela explicara a Rebka por que montara uma armadilha e a forma como Atvar H'sial a abandonara. Ele parecera aceitar sua história, sem dar muita importância aos detalhes. Entretanto, a moça se sentia envergonhada.

Sabia por quê. A armadilha tinha sido mais que um desejo de se proteger quando Atvar H'sial voltasse. Estava querendo se *vingar* da cecropiana. Mas seu míssil perdera o rumo e atingira a pessoa errada.

— Não podemos fazer nada para ajudar as gêmeas — replicou Rebka. — Pode ser que Graves e Perry tenham tido mais sorte do que eu. Talvez eles as tenham encontrado, ou talvez a espaçonave que você e J'merlia viram possa ajudá-las. Não estou contando muito com isso, porém, se for quem penso que é.

— Louis Nenda?

Rebka fez que sim com a cabeça e desviou os olhos. Tinha suas próprias razões para tentar parecer calmo e senhor da situação. Em primeiro lugar, caíra na armadilha de Darya Lang com tanta facilidade que até

agora estava envergonhado de si mesmo. Ele, que por sua própria profissão tinha que ser atento e cauteloso, havia se mostrado imprudente e irresponsável. Cinco anos antes, teria verificado o transmissor *inteiro*, em busca de armadilhas. Em vez disso, deixara-se enganar como uma criança.

Em segundo lugar, a experiência mostrava que os sonhos a respeito de sua infância em Teufel eram uma indicação valiosa. Tratava-se do inconsciente tentando dizer-lhe alguma coisa. Experimentava sonhos desse tipo apenas quando se achava em uma situação difícil.

Em terceiro lugar, e talvez a causa principal das duas outras preocupações, estava o fato de que Tremor havia mudado desde que ele pousara para investigar o transmissor de rádio. Superficialmente, era uma mudança para melhor. O vento havia amainado, a areia estava reduzida a não mais que uma camada de meio centímetro, que cobria tudo, e mesmo o rugido distante dos vulcões não era mais o mesmo.

Mas isso era *impossível*. Faltavam menos de quarenta horas para a Maré de Verão. Amaranth estava no zênite, um grande olho vermelho, ocupando cinco graus do céu; Mandel, a oeste, achava-se ainda maior, e Gargântua estava tão brilhante que podia ser visto ao meio-dia de Mandel. As energias que as marés estavam acumulando no interior de Tremor e Opala eram prodigiosas, suficientes para produzir abalos sísmicos violentíssimos.

Nesse caso, por que os abalos não estavam ocorrendo?

A energia tinha que ser conservada, mesmo em Tremor, mas podia assumir outras formas. Estaria se acumulando no interior do planeta, através de algum processo desconhecido?

— Acho que devíamos ficar aqui mesmo — estava dizendo Darya Lang. — As coisas se acalmaram bastante. Se continuarem assim...

— Não vão continuar. Vão piorar muito.

— Quanto?

— Não tenho certeza.

Na verdade, não fazia muita diferença. Temos que sair de Tremor, uma voz estava dizendo no seu ouvido, ou morreremos. Ainda bem que Darya não podia ouvir aquela voz, mas ele aprendera a não ignorá-la.

— Temos que ir embora — insistiu. — Assim que você estiver pronta.

— Para onde vamos?

— Para o Cordão Umbilical, e depois para a Estação de Meio Caminho. Lá estaremos seguros. Mas não podemos esperar. O Cordão Umbilical está programado para se manter afastado da superfície de Tremor

durante a Maré de Verão.

A moça entrou no carro e consultou o cronômetro.

— O Cordão Umbilical se levanta doze horas antes da Maré de Verão. Faltam, portanto, vinte e sete horas. Podemos chegar lá em um dia de Dobelle. Temos tempo de sobra.

Rebka fechou a porta do carro.

— Eu gosto de ter tempo de sobra. Vamos.

— Está bem. — Darya sorriu para ele. — Mas você conhece Tremor melhor do que eu. Que acha que vai acontecer aqui quando a Maré de Verão chegar?

Rebka respirou fundo. A moça estava tentando puxar conversa, mas, pior que isso, parecia pensar que ele estava nervoso e precisava ser acalmado. O problema é que tinha razão. Ele *estava* nervoso. Não podia explicar por quê. Talvez porque tivesse sido pego de surpresa por uma armadilha idiota e não quisesse que o fato se repetisse. Todos os nervos do corpo lhe diziam para dar o fora de Tremor o mais depressa possível.

— Darya, eu gostaria muito de trocar opiniões com você a respeito da Maré de Verão. — Não estava aborrecido com a moça por tê-lo apanhado em uma armadilha, repetiu para si mesmo; a culpa tinha sido toda sua. — Mas prefiro fazer isso quando estivermos no Cordão Umbilical, viajando para a Estação de Meio Caminho. Pode me chamar de covarde, mas este lugar me assusta. Por isso, se você chegar um pouquinho para lá, para eu ajustar os controles...

Capítulo 18

Maré de Verão menos cinco.

O *Sonho de Verão* estava bem escondido.

A depressão de Pentacline era o maior acidente geográfico na superfície de Tremor. Com cento e cinquenta quilômetros de diâmetro, coberta de vegetação, podia ser vista do espaço, a meio milhão de quilômetros de distância, como uma mancha esverdeada na superfície cinzenta de Tremor. Ali ficava também o ponto mais baixo do planeta. Os cinco vales, que se irradiavam como braços estendidos da depressão central, tinham que subir mais de oitocentos metros para chegar ao nível da planície vizinha.

A pequena espaçonave pousara quase no meio do braço que apontava para o norte, em um ponto no qual a vegetação densa era interrompida por uma pequena ilha de basalto negro. Contudo, estava no momento escondida debaixo das árvores. Pouco maior que um carro aéreo, o *Sonho de Verão* estava vazio, com todos os sistemas desligados. Apenas a radiação residual do Sistema Bose traía sua presença.

Max Perry entrou na nave abandonada e olhou em torno, surpreso. Sua cabeça quase encostava no teto, e o espaço interno tinha menos de três metros de largura. Um passo bastou para levá-lo da escotilha princi-

pal para a minúscula cozinha; mais um e estava diante do painel de controle.

Examinou os instrumentos simples do painel, com seus botões e mostradores, e sacudiu a cabeça.

— Isto parece um *brinquedo*. Não sabia que era permitido entrar na Rede Bose com uma nave tão pequena.

— E normalmente não é. — Graves havia recuperado o controle. Não parecia perfeitamente equilibrado, mas as mãos tremiam menos e o rosto ossudo não revelava mais um turbilhão de emoções. — Trata-se de um pequeno iate de turismo, construído para viagens locais. Os projetistas não imaginavam que um Sistema Bose fosse instalado mais tarde, e certamente ninguém pensou que viesse a passar por tantas Transições de Bose. Mas Shasta é assim mesmo... as crianças fazem o que querem. As gêmeas Carmel convenceram os pais a instalar o Sistema Bose... — Voltou-se para J'merlia. — Quer pedir a Kallik para parar com isso, antes que ela faça alguma bobagem?

A pequena himenopt tinha se aproximado da unidade de propulsão da nave. Removera a tampa e estava examinando o interior. Voltou-se ao ouvir as palavras de Graves.

— Não há perigo — traduziu J'merlia, depois de ouvir uma série de cliques e assovios. — Com todo o respeito, Kallik está dizendo que não vai fazer nenhuma bobagem. É claro que alguém tão ignorante como ela não pode saber muita coisa a respeito de algo tão complicado quanto o Sistema Bose, mas Kallik está convencida de que o combustível desta nave praticamente se esgotou. Ela não poderá deixar o planeta. Talvez nem ao menos consiga entrar em órbita. Ela já suspeitava disso, porque o sinal que o amo recebeu ao fazer um levantamento da superfície era muito fraco.

— Isso explica por que as gêmeas ainda não foram embora. — Perry tinha ligado o computador e estava examinando os arquivos de bordo. — Também explica por que vieram parar aqui. De acordo com estes registros, elas usaram a Rede Bose para chegar ao sistema de Dobelle e pretendiam seguir daqui para o território dos zardalus, em mais duas transições, mas o combustível do Sistema Bose se esgotou. Poderiam conseguir um novo suprimento na Estação de Meio Caminho, mas não havia maneira de saberem disso. O único outro lugar para onde poderiam ter ido neste sistema seria Opala, mas sua chegada teria sido imediatamente descoberta.

— O que, infelizmente, não se aplica a este planeta. Como vamos

encontrá-las? — Graves foi até a porta e olhou para fora, fazendo estalar as juntas dos dedos. — O erro foi meu. Imaginei que, no momento em que encontrássemos a nave, minha missão estaria cumprida. Jamais me ocorreu que fossem suficientemente estúpidas para abandonar a nave e sair vagando pela superfície do planeta.

— Posso ajudá-lo a encontrá-las. Mas, se conseguir, como pretende detê-las?

— Deixe isso por minha conta. Está na minha esfera de competência. Somos criaturas fáceis de condicionar, comandante. Achamos fácil o que conhecemos e misterioso o que não nos é familiar. — Graves gesticulou com o braço magro em direção à depressão de Pentacline. — Tudo isso é misterioso para mim. Elas estão escondidas aí fora, em algum lugar. Mas por que trocariam esta nave, e a relativa segurança, por *aquilo*?

O que podia ser visto da nave era uma massa verde de vegetação, sombria e impenetrável, que os tremores de terra faziam agitar-se continuamente, dando a ilusão de um único organismo entregue a movimentos convulsivos.

— Elas saíram porque acharam que era seguro e ninguém poderia encontrá-las. Mas eu posso. — Perry olhou para o relógio. — Temos que agir depressa. Já se passou muito tempo desde que partimos da caverna. J’merlia. — Voltou-se para o lo’tfiano, que olhava para ele, preocupado. — Prometemos que levaríamos vocês dois de volta em quatro horas. E vamos cumprir a promessa. Venha comigo, conselheiro. Sei onde elas devem estar... vivas ou mortas.

Fora da nave, a atmosfera era ainda mais opressiva. Devia estar fazendo no mínimo dez graus a mais do que na planície. O basalto negro vibrava sob os pés dos dois humanos, quente e pulsante como a pele lisa de um gigantesco animal. Perry caminhou ao longo da borda da plataforma de pedra, examinando-a minuciosamente.

Graves o seguiu, enxugando o suor da testa.

— Se está procurando pegadas, detesto desapontá-lo, mas..

— Não. Marcas de *erosão*. — Perry ajoelhou-se. — Produzidas por água corrente. A superfície de Tremor está coalhada de pequenos lagos. Os animais nativos não têm nenhum problema, mas a água que bebem é imprópria para o consumo humano. As irmãs Carmel vão precisar de água doce.

— Pode ser que tenham um purificador.

— Devem ter, e vão precisar dele... Água doce, em Tremor, é um termo relativo. Eu e você não conseguiríamos bebê-la, nem Geni e Elena

Carmel. — Perry passou a mão por uma depressão na pedra. — Se estão vivas, vão se manter perto de um curso d'água. E não importa qual a direção que tomaram inicialmente, se partiram desta pedra (e devem ter partido, porque o *Sonho de Verão* ainda está aqui), vão acabar nas proximidades de uma das linhas de escoamento da água. Aqui está uma delas. Há outra mais adiante, mas esta plataforma de pedra é inclinada e estamos no lado mais baixo. Vamos seguir esta primeiro.

Deixou-se cair cautelosamente da plataforma de pedra. Graves o seguiu, apertando os olhos quando suas mãos tocaram o basalto. A rocha estava quente, quase o suficiente para queimar-lhe as mãos. Perry ia se afastando rapidamente, descendo por uma rampa de trinta graus que mergulhava em uma cortina de cipós de veios arroxeados.

— Espere por mim! — Graves levantou uma das mãos para proteger os olhos. Folhas com bordos serreados cortaram-lhe as costas da mão e arranharam-lhe o couro cabeludo desprotegido. De repente, estava do outro lado, debaixo da cúpula de vegetação que assinalava o primeiro nível da depressão de Pentacline.

Ali, a luz de Mandel e Amaranth se limitava a uma sombra azul-esverdeada. Pequenas criaturas levantaram vôo. Julius Graves pensou a princípio que fossem insetos ou pássaros, mas uma consulta a Steven revelou que se tratava de pseudocelenterados, mais parecidos com medusas voadoras do que com qualquer outra forma de vida da Terra ou de Miranda. As criaturas deram gritinhos de medo e voaram para longe de Graves, mergulhando na escuridão. Ele continuou a seguir Max Perry. Depois de mais alguns metros, a temperatura debaixo das copas das árvores havia caído vários graus.

Perry estava acompanhando o leito seco de um regato que serpenteava por entre troncos amarelos e cogumelos de dois metros de altura. Nuvens de minúsculas criaturas aladas saíam das folhas das árvores e ovavam de encontro ao seu rosto.

— Eles não mordem — disse Perry, por cima do ombro. — Continue andando.

Mesmo assim, Graves agitou a mão na frente do rosto, para impedir que os insetos entrassem nos seus olhos. Imaginou por que Perry não havia trazido máscaras e respiradores para eles. Estava tão distraído que se esqueceu de olhar para a frente e esbarrou nas costas do outro.

— Encontrou alguma coisa?

Perry fez que não com a cabeça e apontou para baixo. Dois passos adiante, o leito terminava em um buraco vertical. Graves se inclinou para

a frente mas não conseguiu ver o fundo.

— Espero que não estejam lá embaixo. — Perry já dera meia-volta.
— Venha.

— E se o outro regato também terminar do mesmo jeito? — Graves estava estalando de novo as juntas.

— Azar o nosso. Vamos precisar de novas pistas, mas não teremos tempo de segui-las. Estará na hora de cuidar da nossa própria segurança.

Em vez de voltar para a plataforma de pedra, contornou-a, caminhando em direção ao segundo regato. Longe dos regatos, a vegetação rasteira era mais densa. Rijos bambus cresciam até a altura dos joelhos, arranhando as botas e rasgando as pernas das calças. A seiva irritante das folhas partidas criava vergões vermelhos nas barrigas das pernas. Perry praguejou, mas não reduziu o passo.

Depois de mais vinte metros, parou e apontou.

— Ali está o outro leito. Alguma coisa passou várias vezes por aqui.
— As plantas da margem do regato estavam amassadas e partidas. Sobre os caules esmagados havia uma camada castanha de seiva seca.

— Animais? — Graves inclinou-se para esfregar as canelas e as barrigas das pernas, que tinham começado a coçar desesperadamente.

— Talvez. — Perry levantou o pé direito e pisou em um caule intacto, tentando avaliar sua resistência. — Mas eu duvido. Seria preciso um animal que pesasse tanto quanto uma pessoa para deixar essas marcas. Pelo que sei, nunca foi visto um animal tão pesado nesta região. Pelo menos, os rastros são fáceis de seguir.

Começou a caminhar ao longo da margem, seguindo a trilha de plantas esmagadas. Estava ficando cada vez mais escuro, mas os rastros eram bem visíveis. A princípio, seguiam paralelamente ao leito seco do rio, mas, a partir de um certo ponto, penetravam no leito. Trinta metros adiante, este penetrava em um denso bosque de samambaias.

Graves colocou a mão no ombro de Perry.

— Se você estiver certo, daqui por diante é comigo. Deixe-me ir na frente, sozinho. Quando precisar de você, eu chamo.

Perry hesitou por um momento e depois permitiu que Graves passasse. Nos últimos cinco minutos, o outro mudara. Todos os sinais de instabilidade haviam desaparecido do seu rosto, dando lugar a uma expressão de força, calor humano e compaixão. Era a postura de outro homem... de um conselheiro.

Graves avançou cautelosamente até ficar apenas a alguns passos do bosque de samambaias. Parou, escutou e depois de alguns segundos

fez que sim com a cabeça e voltou-se para Perry. Piscou para o companheiro, afastou as samambaias com as mãos e desapareceu no escuro interior do bosque.

Eram as irmãs Carmel, tinham que ser; haviam sido finalmente localizadas, embora Perry tivesse considerado isso altamente improvável quando ele, Graves e Rebka haviam deixado Opala. Mas que estaria Graves conversando com elas, protegido pela escuridão?

Uns poucos minutos na depressão de Pentacline, faltando tão pouco tempo para a Maré de Verão, pareciam uma eternidade. O calor e a umidade eram quase insuportáveis. Perry olhou várias vezes para o relógio, recusando-se a crer que o tempo estivesse passando tão devagar. Embora fosse dia claro, e Mandel ainda não tivesse chegado ao zênite, a visibilidade estava ficando cada vez menor. Haveria uma tempestade de areia na atmosfera? Perry olhou para cima, mas nada pôde ver por causa das várias camadas de vegetação. Sob os seus pés, porém, havia indícios de sobra da atividade sísmica de Tremor. O chão da floresta vibrava continuamente.

Trinta e cinco horas para a Maré de Verão.

O relógio continuava andando na cabeça de Perry, juntamente com uma pergunta. Tinham prometido levar J'merlia e Kallik de volta para o local onde os haviam encontrado. A promessa fora feita de boa-fé e sem reservas. Teriam, porém, coragem de fazer isso, mesmo sabendo que em breve Tremor se tornaria uma armadilha mortal para todos os seres vivos, exceto alguns organismos locais, já adaptados?

Uma luz forte assustou Perry. A cortina de samambaias tinha sido afastada. Graves apareceu na abertura e fez um gesto para que ele se aproximasse.

— Venha. Quero que escute isto e sirva de testemunha.

Max Perry abriu caminho por entre as frondosas samambaias. Iluminado por dentro, o bosque se revelou menor do que parecia. As samambaias formavam apenas uma cerca viva, uma proteção conveniente no interior da qual tinha sido instalada uma tenda flexível, sustentada por longarinas pneumáticas. Graves estava mantendo aberto um painel da porta, e quando Perry entrou ficou surpreso com o tamanho do interior. O chão era um quadrado com pelo menos dez metros de lado. Mesmo levando em conta o fato de que as paredes se inclinavam para dentro, o cômodo tinha um volume considerável. E o mobiliário era surpreendentemente completo, incluindo tudo que fosse necessário para uma vida confortável. Algum tipo de aparelho de refrigeração e controle da umi-

dade devia estar funcionando, pois o ambiente no interior da tenda era o mais agradável possível. E ela estava tão bem escondida que jamais seria descoberta em uma busca superficial. Não admira que as gêmeas preferissem ficar ali, onde dispunham de muito mais espaço do que no interior acanhado do *Sonho de Verão*.

A tenda devia ser também totalmente à prova de luz, ou então tinham acabado de acender as luzes. Mas Perry teve tempo apenas para olhar ligeiramente para os cilindros luminosos nas paredes, antes que sua atenção fosse atraída para as ocupantes da tenda.

Elena e Geni Carmel estavam sentadas perto da parede dos fundos, lado a lado, com as mãos nos joelhos. Usavam macacões castanhos, e os cabelos lisos, praticamente da mesma cor que os macacões, caíam em franja quase até os olhos. A primeira impressão de Perry foi a de duas pessoas idênticas, com a mesma semelhança com Amy que o fizera perder a respiração a primeira vez que as vira nos cubos de imagem, em Opala.

Ao vê-las em carne e osso, porém, na tenda bem iluminada, a ilusão durou pouco tempo. Se as gêmeas se assemelhavam a Amy, era porque usavam o mesmo tipo de roupa e o mesmo penteado. Elena e Geni Carmel pareciam cansadas e deprimidas, não lembrando em nada o jeito alegre e confiante de Amy. O bronzeado que vira nos cubos tinha sido substituído por uma palidez cadavérica.

Além disso, as gêmeas eram *diferentes* uma da outra. Embora tivessem feições parecidas, as expressões eram bem diversas. Uma delas era claramente a gêmea dominante. Nascida alguns minutos antes, talvez, ou ligeiramente maior e mais forte?

Era ela que estava encarando Max Perry. A outra mantinha os olhos baixos, dirigindo apenas um olhar tímido e disfarçado para o recém-chegado. Entretanto, parecia à vontade com Graves, voltando-se para ele enquanto o conselheiro fechava o painel da tenda e se sentava em frente a elas.

Com um gesto, Graves convidou Perry para sentar-se a seu lado.

— Elena — apontou para a gêmea dominante — e Geni passaram por momentos difíceis. — Sua voz era suave, quase carinhosa. — Minhas queridas, sei que se trata de recordações penosas, mas quero que repitam para o comandante o que acabaram de me contar... e desta vez vamos fazer uma gravação.

Geni Carmel endereçou a Perry outro olhar furtivo e olhou para a irmã, procurando uma orientação.

Elena apertou os joelhos com mais força.

— Desde o começo? — Sua voz era grave para uma pessoa tão esbelta.

— Não precisa ser do começo. Não é necessário nos contar como começou a viagem. Isto está nos nossos registros. Quero que comece com a chegada a Pavonis Quatro. — Graves estava com um pequeno gravador na mão. — Quando estiver pronta, podemos começar.

Elena Carmel assentiu sem muita convicção e pigarreou várias vezes.

— Ia ser o último planeta — começou, afinal. — O último antes de voltarmos para Shasta. Antes de voltarmos para casa. — Sua voz falhou quando disse a última palavra. — Por isso, decidimos ficar na superfície, longe das pessoas. Compramos equipamentos especiais — fez um gesto abrangente — para podermos viver com conforto, longe de tudo. E levamos o *Sonho de Verão* para um lugar seco no meio de um pântano. Pavonis Quatro está cheio de pântanos. Desejávamos ficar afastadas da civilização e queríamos acampar longe da nave.

Fez uma pausa.

— A culpa foi minha — disse Geni Carmel, com uma voz cansada, um pouco mais aguda que a da irmã. — Conhecemos tanta gente, em tantos planetas, e nossa nave era tão apertada... Eu estava precisando de mais espaço.

— Nós duas estávamos — disse Elena, defendendo a irmã. Acampamos a uns trinta metros da nave. Quando anoiteceu, achamos que era uma boa idéia fazer alguma coisa realmente primitiva, como se estivéssemos na Terra, dez mil anos atrás, e acendemos uma fogueira. O tempo estava excelente, sem uma nuvem no céu. De modo que decidimos dormir ao ar livre. Depois que escureceu totalmente, entramos nos sacos de dormir e ficamos deitadas, olhando para as estrelas. — Franziu a testa. — Não me lembro sobre o que conversamos.

— Eu me lembro — disse Geni. — Comentamos que aquela seria nossa última parada e que depois teríamos que voltar para a monotonia do nosso colégio em Shasta. Tentamos ver o nosso sol, mas as constelações eram pouco familiares e não sabíamos em que direção olhar... — Interrompeu o que estava dizendo e olhou para a irmã.

— Pouco depois, adormecemos. — Elena estava falando com menos facilidade. — E enquanto dormíamos eles chegaram. Eles... os...

— Os bécias? — perguntou Julius Graves.

As gêmeas fizeram que sim com a cabeça.

— Espere um momento, Elena — prosseguiu o conselheiro. —

Quero que fiquem registrados alguns fatos sobre os bécias. Esses fatos são bem conhecidos e fáceis de comprovar. Os bécias eram vertebrados grandes e morosos. Como anfíbios noturnos, encontrados apenas em Pavonis Quatro, tinham horror à luz. Seu estilo de vida era parecido com o dos castores da Terra, hoje extintos. Como os castores, eram sociáveis, gostavam da água e construíam represas. A principal razão pela qual se considerou possível que fossem inteligentes era a complexa estrutura dessas represas. Para fazê-las, usavam lama e os troncos da única espécie de árvore de Pavonis Quatro. Essas árvores só cresciam em lugares secos. Por isso, era quase inevitável que os bécias aparecessem à noite perto do local onde as irmãs estavam acampadas.

Ele se voltou para Elena.

— Alguém já tinha lhe falado a respeito dos bécias antes de vocês acamparem? Quem eles eram, qual o seu aspecto físico...

— Não.

— E quanto a você? — perguntou, olhando para Geni Carmel. A jovem sacudiu a cabeça.

— Não — respondeu, em voz quase inaudível.

— Então eu gostaria de acrescentar uma descrição dos bécias a este registro. Tudo indica que eles eram inofensivos e totalmente herbívoros. Contudo, para poderem roer o tronco das árvores, os bécias eram equipados com fortes mandíbulas e dentes muito grandes. — Fez um sinal com a cabeça para Elena Carmel. — Prossiga, por favor. Descreva o resto da noite de vocês em Pavonis Quatro.

— Não me lembro a que horas fomos dormir nem quanto tempo dormimos. — Elena Carmel olhou de lado para a irmã. — Só acordei quando ouvi Geni gritar. Ela me disse...

— Quero ouvir diretamente de Geni. — Graves apontou com o dedo para a outra irmã. — Sei que isto é penoso, mas conte-nos exatamente o que viu.

Geni Carmel parecia apavorada. Graves inclinou-se para a frente e tomou-lhe as mãos entre as suas. Esperou.

— Pavonis Quatro tem uma grande lua — disse Geni, afinal. — Não tenho o sono tão pesado quanto Elena, e o luar me acordou. Era noite de lua cheia. A princípio, não olhei em torno. Fiquei ali, deitada no meu saco de dormir, olhando para a lua. Lembro-me de que tinha uma mancha escura, como se fosse uma faixa arredondada no vértice de um triângulo. De repente, alguma coisa enorme se colocou entre mim e a lua. Achei que devia ser uma nuvem; não percebi que se achava tão próximo até ouvir

sua respiração. Estava debruçado sobre mim. Vi uma cabeça escura e uma boca cheia de dentes pontudos. Foi então que gritei chamando Elena.

— Antes de continuarmos — disse Graves —, gostaria de registrar outro fato de fácil comprovação. O planeta Shasta, mundo natal de Elena e Geni Carmel, não tem carnívoros perigosos. No passado, porém, eles existiram. O maior e mais feroz desses animais era um quadrúpede invertebrado conhecido como skrayal. Embora anatomicamente ele não se pareça de modo algum com um bécia, existem certas semelhanças superficiais e os dois animais tinham aproximadamente o mesmo peso e altura. Elena Carmel, quando foi que você se deu conta de que havia um bécia debruçado sobre sua irmã e vários outros em volta de vocês?

— Eu pensei... pensei que fosse um skrayal. Quer dizer... no começo eu pensei. — Hesitou, e depois as palavras jorraram. — Claro, depois que vi melhor o bicho e tive tempo de pensar, compreendi que não era possível, e de qualquer maneira nunca havíamos visto um skrayal... quando nascemos eles já estavam extintos. Mas existem muitas histórias sobre eles, algumas ilustradas, e logo que acordei nem sabia onde estava... tudo que vi foram aqueles animais enormes, e um deles estava mostrando os dentes para Geni.

— Que foi que você fez?

— Dei um grito, peguei a lanterna e acendi-a com intensidade máxima.

— Sabia que os bécias sofriam de fotofobia extrema e que morreriam de choque se submetidos a uma luz muito forte?

— Não fazia idéia.

— Sabia que os bécias eram possivelmente inteligentes?

— Já lhe disse que nunca tinha ouvido falar dos bécias. Só ficamos sabendo disso depois, quando consultamos os dados sobre o planeta no computador do *Sonho de Verão*.

— Você também não tinha meios de saber que aqueles bécias eram os *últimos* membros adultos da espécie? E que os filhos não conseguiriam sobreviver sem o cuidado dos pais?

— Não sabíamos de nada disso. Só descobrimos quando voltamos à Cidade de Capra e ouvimos dizer que estavam à nossa procura para nos prender.

— Conselheiro — interrompeu Perry. Ele estava olhando de novo para o relógio. — Já faz três horas que partimos. Precisamos voltar.

— Muito bem. Podemos parar por aqui. — Graves guardou o gravador no bolso e voltou-se para Elena e Geni Carmel. — Haverá um pro-

cesso e julgamento em Shasta, em condições controladas, e também um inquérito em Miranda. Mas eu posso assegurar a vocês que o que contaram é suficiente para demonstrar a inocência de ambas. Vocês mataram por acidente, sem saber que estavam matando. Além disso, estavam aterrorizadas e semi-adormecidas. Só não entendo uma coisa... por que vocês fugiram. Mas a explicação para isso pode esperar. — Levantou-se. — Agora preciso tomá-las sob minha custódia. Deste momento em diante, considerem-se presas. E precisamos sair logo deste lugar.

As gêmeas se entreolharam.

— Não queremos ir — disseram, em uníssono.

— Vocês precisam. Estão em perigo. Estamos todos em perigo.

— Preferimos ficar e correr o risco — declarou Elena.

Graves olhou para elas de cara feia.

— Vocês não estão entendendo. O comandante Perry pode contar os detalhes, mas vou resumir o que se passa: vocês podem se sentir seguras no momento, mas não conseguirão sobreviver à Maré de Verão, se ficarem em Tremor.

— Deixem-nos, então. — Elena Carmel estava quase chorando. — Vamos ficar. Se morreremos, será uma punição suficiente para contentar a todos.

Graves suspirou e sentou-se,

— Comandante Perry, deve ir agora. Volte para buscar os outros e deixe o planeta. Eu vou ter que ficar.

Perry continuou onde estava, mas tirou uma arma do cinto e apontou-a para as gêmeas.

— Esta pistola pode matar, mas também pode ser ajustada para deixar as pessoas apenas inconscientes. Se o conselheiro quiser, podemos levá-las sem sentidos para o carro aéreo.

As jovens olharam apreensivas para a arma, mas Graves sacudiu a cabeça.

— Não, comandante — disse, com ar cansado. — Isso não é solução. Jamais conseguiríamos carregar as duas até o carro, e o senhor sabe disso. Vou ficar. O senhor precisa ir e contar a J'merlia e Kallik o que aconteceu. — Inclinou-se para trás e fechou os olhos. — Vá logo, antes que seja tarde demais.

Suas palavras foram sublinhadas por um rugido distante de trovão. Perry olhou para cima, mas ficou onde estava.

— Expliquem-me *por quê* — prosseguiu Graves. Ele abriu os olhos, levantou-se devagar e começou a andar de um lado para outro da tenda.

— Expliquem-me por que não querem ir comigo. Achem que sou inimigo de vocês... ou que os governantes da Aliança são todos monstros cruéis? Pensam que todo o sistema de justiça existe apenas para atormentar e torturar jovens indefesas? Que o Conselho permitiria que sofressem maus-tratos? Se isso ajudar, posso dar a vocês minha palavra de honra de que estarão perfeitamente a salvo se vierem comigo. Mas, por favor, digam-me o que é que tanto as assusta.

Elena Carmel olhou interrogativamente para a irmã.

— Posso? — Quando a irmã fez que sim com a cabeça, continuou. — Haveria um tratamento para nós. *Reabilitação*. Não é verdade?

— É, sim. — Graves parou de andar e olhou para ela. — Mas apenas para ajudá-las. Tiraria de vocês a dor das recordações. Não querem passar o resto da vida revendo aquela noite em Pavonis Quatro, querem? Reabilitação não é castigo. É *terapia*. Vocês não vão sentir nada.

— Não pode ter certeza — disse Elena. — A reabilitação não é usada em pessoas com problemas mentais... com vários tipos de problemas mentais?

— Bem, ela sempre se concentra em um determinado incidente ou dificuldade, mas ajuda em todas as áreas.

— Mesmo no caso de um problema que não *consideramos* como problema. — Geni Carmel tomou a iniciativa pela primeira vez.

— A reabilitação nos deixaria mais “normais”. Mas nós não *somos* normais, não pela definição que o senhor e o Conselho adotam.

— Geni Carmel, não tenho a menor idéia do que está tentando dizer, mas ninguém é totalmente normal. — Graves suspirou e coçou o alto da cabeça calva. — Muito menos eu. Mas eu me submeteria à reabilitação de bom grado, se isso fosse considerado necessário.

— Suponha que o senhor tivesse um problema que *não quisesse* curar — propôs. — Algo que fosse mais importante para o senhor que qualquer coisa no mundo.

— É difícil para mim imaginar uma tal situação.

— Está vendo? E o senhor representa a opinião do Conselho — disse Geni. — A opinião da espécie humana.

— Vocês também são humanas.

— Mas somos diferentes — disse Elena. — O senhor já ouviu falar de Mina e Daphné Dergori, do nosso planeta Shasta?

O conselheiro pareceu surpreso.

— Não. Por quê? Devia?

— Elas são irmãs — explicou Elena. — Irmãs gêmeas. Nós as co-

nhecemos desde pequenas. São da nossa idade e temos muitas coisas em comum. Um dia, estavam viajando com a família em uma espaçonave e houve um acidente. Quase todos morreram. No último momento, um tripulante jogou Mina, Daphné e três outras crianças em uma nave de salvamento e elas escaparam. Quando chegaram em casa, foram submetidas à reabilitação. Para esquecerem o acidente.

— Procedimento correto. — Graves olhou para Perry, que estava apontando de novo para o relógio. — Tenho certeza de que funcionou, não funcionou?

— Elas esqueceram o acidente. — Geni estava pálida e suas mãos tremiam. — Mas o senhor não entende? *Nunca mais foram as mesmas uma para a outra.*

— Nós as conhecíamos muito bem — disse Elena. — Sabíamos como se sentiam. Eram como nós; entre as duas existia um relacionamento *especial*. Depois da reabilitação, porém, quando tornamos a vê-las... não havia mais nada. Era como se fossem duas estranhas.

— E os senhores fariam isso conosco — acrescentou Geni. — Não entende que seria *pior* do que nos matar?

Graves ficou imóvel por alguns momentos e depois se deixou cair em uma cadeira.

— Foi por *isso* que fugiram de Pavonis Quatro? Porque achavam que nós separaríamos vocês?

— E não é verdade? — perguntou Elena. — Não tentariam fazer com que levássemos vidas “normais” e “independentes”? Isso não estaria incluído no programa de reabilitação?

— Meu Deus do Céu! — O rosto de Graves voltou a ser agitado por contorções espásticas. Ele o cobriu com as mãos. — Será que nós *teríamos* feito isso? Teríamos? Teríamos, sim, teríamos!

— Porque nossa relação de dependência mútua é “antinatural” — observou Elena, com amargura. — Os senhores tentariam nos *curar*. A idéia nos deixa apavoradas. É por isso que preferimos morrer a ir com o senhor. De modo que é melhor ir agora e nos deixar em paz. Não queremos a cura que nos oferece. Se temos que morrer, pelo menos morreremos juntas.

Graves não parecia estar escutando.

— Cego — murmurou. — Cego durante anos, cego pela minha arrogância. Convencido de que possuía um dom, certo de que era capaz de compreender qualquer ser humano. Mas como pode um indivíduo entender perfeitamente um ser composto? Existe tanta empatia assim? Duvido.

Levantou-se, aproximou-se das duas jovens e juntou as mãos, como se estivesse rezando.

— Elena e Geni Carmel, prestem atenção. Se vierem comigo agora e concordarem com um programa de reabilitação para tirar da memória de vocês o que aconteceu em Pavonis Quatro, não serão separadas. Nunca. Ninguém tentará “curar” a necessidade que sentem de estar juntas, nem interferir de alguma forma no relacionamento entre vocês. Poderão continuar a viver como sempre viveram. É um juramento que faço com todos os átomos do meu corpo, investido da autoridade de membro do Conselho da Aliança.

Baixou as mãos e deu meia-volta.

— Sei que estou pedindo que confiem em mim mais do que é razoável. Mas, por favor, acreditem na minha sinceridade. Podem discutir o assunto à vontade. Eu e o comandante Perry vamos esperar do lado de fora. Pensem na minha proposta... e digam que sim.

As gêmeas Carmel sorriram pela primeira vez desde que Perry entrara na tenda.

— Conselheiro — disse Elena —, estava certo quando disse que não podia compreender os gêmeos. Não percebe que não há necessidade de sair e que não precisamos conversar? Nós duas sabemos o que a outra está pensando.

As jovens se levantaram simultaneamente e falaram em uníssono.

— Nós vamos com o senhor. Quando partiremos?

— Imediatamente. — Perry tinha sido um espectador silencioso, alternando seus olhares entre o conselheiro, as gêmeas e o relógio. Pela primeira vez, aceitou o fato de que Julius Graves tinha um dom para lidar com as pessoas que ele próprio jamais viria a possuir. — Já estamos atrasados. Peguem apenas o que for absolutamente necessário. Ficamos aqui mais tempo do que planejávamos. Faltam menos de trinta e três horas para a Maré de Verão.

O carro aéreo levantou vô da plataforma de basalto.

Está muito lento, disse Max Perry para si mesmo. Lento e difícil de manobrar. Qual será o limite de peso deste carro? Aposto que estamos próximos dele.

Não disse nada aos outros, mas só relaxou um pouco quando estavam a uma altitude segura, viajando de volta para o local onde haviam recolhido os dois alienígenas.

Aparentemente, os outros não compartilhavam sua preocupação. Elena e Geni Carmel pareciam exaustas, sentadas na parte de trás do car-

ro e olhando fixamente pela janela. Graves mostrava-se muito animado, conversando com J'merlia e Kallik a respeito dos zardalus e do planeta natal de Kallik. Perry chegou à conclusão de que Steven devia ter assumido o controle e estava simplesmente tratando de colher novas informações para o seu banco de dados.

Perry não tinha muito tempo para observar os outros ou para conversar. Estava cansado também (fazia mais de vinte e quatro horas que não dormia), mas a energia nervosa o mantinha bem acordado. Nas últimas horas, a atmosfera de Tremor passara por uma transição. Antes, estava carregada de poeira, mas praticamente não havia nuvens; agora, o céu tinha sido tomado por densas nuvens negras e cor de ferrugem. A viagem seria mais confortável se voassem acima daquelas nuvens, mas Perry não ousara correr o risco de enfrentar tesouras de vento de força desconhecida. Mesmo na altitude em que se encontravam, bem abaixo da camada de nuvens, a turbulência era grande. Não era prudente viajar a uma velocidade maior que metade da velocidade máxima. Relâmpagos, que a poeira no ar tornava avermelhados, cortavam o céu com frequência cada vez maior. A cada minuto, a base da camada de nuvens se aproximava mais do solo.

Perry olhou para baixo. Podia ver uma dúzia de lagos fumegantes. Estavam devolvendo à atmosfera a água que haviam acumulado. Tremor iria precisar da proteção daquela camada de vapor d'água para se defender dos raios diretos de Mandel e Amaranth.

Entretanto, não podia se defender da força das marés. O solo em volta dos lagos estava começando a rachar. Quando o carro se aproximou do local onde haviam encontrado J'merlia e Kallik, as condições pioraram ainda mais.

Estava ficando cada vez mais difícil controlar o veículo. Perry começou a ficar preocupado. Um pouso naquelas condições seria muito arriscado. Quanto tempo levaria para deixar J'merlia e Kallik e decolar novamente? Se não houvesse sinal de Atvar H'sial e Louis Nenda, teria coragem de abandonar os dois escravos na superfície?

Estavam quase chegando. Teria que tomar uma decisão nos dez minutos seguintes.

Faltavam apenas trinta horas para a Maré de Verão. Arriscou-se a aumentar ligeiramente a velocidade.

Um clarão avermelhado surgiu no céu, à frente do carro. Perry olhou para ele com olhos cansados.

Seria Amaranth, que estava aparecendo através de uma brecha nas

nuvens? Acontece que não havia nenhuma brecha nas nuvens. Além disso, estava muito baixo no céu.

Olhou de novo, reduzindo a velocidade até certificar-se do que era. Quando teve certeza, girou o corpo no assento.

— Conselheiro Graves! J’merlia! Querem vir até aqui, por favor? Gostaria de ouvir a opinião de vocês.

Era uma simples formalidade. Perry não precisava da opinião de ninguém. Nas últimas horas, a atividade vulcânica naquela região tinha sido intensa. No ponto exato onde J’merlia e Kallik haviam sido apanhados, um brilho alaranjado se estendia de horizonte a horizonte. Rios de lava fumegante cortavam o terreno enegrecido e sem vida, e em nenhum lugar, de horizonte a horizonte, havia um só ponto onde um carro aéreo pudesse pousar.

Perry estremeceu ao ver aquela cena de destruição... mas também sentiu um profundo alívio.

Afinal de contas, não teria que tomar uma decisão. Tremor a tomara por ele. Podiam seguir diretamente para a segurança do Cordão Umbilical.

Já estava fazendo as contas. O tempo de vôo, partindo do local onde se encontravam no momento, seria de sete horas. Acrescentando umas três horas para o caso de terem que se desviar das tempestades piores ou reduzir a velocidade de cruzeiro, chegariam no máximo em dez horas. E ainda faltavam dezoito horas para o Cordão Umbilical se desligar da superfície de Tremor.

A margem de segurança era de oito horas. Tinham tempo de sobra.

Capítulo 19

Maré de Verão menos dois.

Ruído queria dizer baixa eficiência. Vibrações mecânicas, também. Quando os motores de um carro aéreo estavam bem regulados, quase não faziam barulho. Além disso, o vôo costumava ser extremamente suave.

Darya Lang ouviu um chocalhar na parte de trás do carro e o piso começou a tremer debaixo dos seus pés. Não havia dúvida: as vibrações estavam aumentando. E aumentando *depressa*.

— Quanto falta? — Teve que gritar para se fazer ouvir. Hans Rebka não levantou os olhos dos controles, mas sacudiu a cabeça, desanimado.

— Quatorze quilômetros. É muita coisa. Vai ser apertado. Estavam voando a menos de mil metros de altitude, apenas o suficiente para não aspirar mais poeira pelas tomadas de ar do veículo. O solo estava quase invisível, oculto debaixo de uma nuvem de partículas de pó.

Darya levantou os olhos. À distância, avistou uma fina linha vertical, bem à frente. Gritou:

— Já estou vendo, Hans! Lá está o Cordão Umbilical! Ao mesmo tempo, Rebka gritou:

— Não adianta. Estamos perdendo sustentação.

O motor do carro começou a tossir e engasgar. Períodos de funcionamento quase normal se alternavam com segundos de vibração em que o veículo perdia altitude. Entraram na camada de poeira, e a linha prateada do Cordão Umbilical desapareceu do campo de visão de Darya.

— Faltam seis quilômetros. Estamos a quatrocentos metros de altura. — Rebka agora estava voando por instrumentos. — Não vou poder escolher o local de pouso. Aperte bem o cinto e verifique se a máscara e o respirador estão no lugar. Não sei como vai ser a aterrissagem.

Os carros aéreos eram veículos robustos. Tinham sido projetados para funcionar em condições extremas. Uma coisa, porém, que não podiam assegurar era um pouso suave com um motor reduzido a ferro velho por uma poeira abrasiva. A última falha ocorreu quando os instrumentos mostravam uma altitude de vinte metros. Rebka mudou o ângulo dos *flaps* para aumentar a sustentação e pousou com uma velocidade duas vezes maior que a normal. No último momento, gritou para que Darya se segurasse. Bateram com força no chão, tornaram a subir, passando por cima de uma rocha suficientemente grande para rasgar o carro de ponta a ponta, e deslizaram até parar.

— Chegamos! — Rebka abriu o fecho do cinto e correu para ajudar Darya antes mesmo que o veículo parasse totalmente. Consultou o sensor de microondas e deu um sorriso de triunfo. — Vamos, já sei a direção. Estamos a menos de meio quilômetro do Cordão Umbilical.

As condições em terra eram muito melhores do que Darya esperava. A visibilidade estava realmente reduzida a algumas dezenas de metros, e o ruído do vento se misturava aos estrondos de explosões distantes, mas o solo apresentava-se calmo e o caminho era fácil, a não ser no lugar onde matações do tamanho de casas se enfileiravam como dentes quebrados. Passou entre dois deles logo atrás de Rebka, pensando que tinha sido uma sorte o motor falhar quando falhara. Se tivesse funcionado por mais alguns segundos, o carro bateria de frente naquelas pedras.

Ainda não estava convencida de que Tremor fosse tão perigoso quanto Perry afirmava, e sentia uma vontade quase irresistível de ficar e explorar o planeta. Entretanto, depois de voar de tão longe para chegar ao Cordão Umbilical, o mais lógico era usá-lo. Olhou para a frente. Certamente haviam caminhado pelo menos meio quilômetro.

Sem olhar onde estava pisando, escorregou em uma grossa camada de pó, lisa e traiçoeira como óleo. Rebka, logo à sua frente, caiu no meio de uma nuvem de poeira, rolou no chão e levantou-se com dificuldade. Em vez de continuar andando, parou e apontou para cima.

Tinham emergido em uma área protegida do vento. A visibilidade melhorara por um fator de dez. Bem acima deles, um disco cujo contorno era pouco nítido por causa da poeira, ocupava uma boa parte do céu. Enquanto olhavam, o tamanho aparente do disco diminuiu rapidamente, à medida que ele subia cada vez mais.

No momento em que Rebka gritou, a moça tinha acabado de compreender o que estava vendo.

— É o Cordão Umbilical! Está subindo!

— Mas chegamos aqui mais cedo do que esperávamos!

— Eu sei. Isso não devia estar acontecendo. Ele está subindo antes da hora!

O Cordão Umbilical já estava quase desaparecendo no meio das nuvens. Em volta da sua base, a plataforma usada para estacionar os carros aéreos ainda era visível. Darya conhecia o tamanho da plataforma e tentou avaliar a altitude. Calculou que já devia estar a quase um quilômetro da superfície.

Voltou-se para Rebka.

— Hans, o nosso carro! Por que não o usamos para...

— Não adianta nem tentar. Mesmo que ele funcionasse, não teríamos onde pousar no Cordão Umbilical. Sinto muito, Darya. A culpa é toda minha. Trouxe você para cá e agora estamos perdidos.

Estava falando mais alto que o necessário; como que para fazer pouco das suas palavras, o vento havia cessado totalmente. A poeira no ar começou a diminuir, a superfície ficou calma e Darya pôde ver até o carro aéreo. Acima deles, o Cordão Umbilical parecia tentadoramente próximo.

Era a pior hora possível para um pensamento daqueles, mas Darya achou que um pouco de tensão na voz de Hans Rebka o tornava ainda mais sedutor. A autoconfiança e a competência eram virtudes... mas o mesmo não se podia dizer da dependência mútua.

Apontou para o alto.

— Parou de subir, Hans. Quem o está controlando?

— Ninguém, talvez. — Ele não estava mais gritando. — As sequências de controle podem ser pré-programadas. Mas também pode ser que Perry e Graves tenham acionado o mecanismo apenas para afastar o Cordão Umbilical da superfície. Talvez o estejam mantendo ali enquanto esperam para ver se aparecemos. Mas não podemos chegar até eles!

— Temos que tentar. — Enquanto Rebka ainda olhava para o Cordão Umbilical, Darya já estava correndo em direção ao carro aéreo. — Venha. Se pudermos fazer o carro planar perto da plataforma que existe

na base do Cordão Umbilical, talvez seja possível pular para a plataforma.

Escutou as próprias palavras com admiração. Seria realmente Darya Lang que estava propondo aquilo? No Portal da Sentinela, sempre evitara lugares altos, dizendo aos amigos e parentes, com um arrepio, que a deixavam apavorada. Aparentemente, tudo no universo era relativo. No momento, a perspectiva de pular de um carro aéreo danificado para o Cordão Umbilical, um quilômetro ou mais acima do solo, não a deixava nem um pouco preocupada.

Hans Rebka a seguiu, mas apenas para segurá-la pelo braço e fazê-la dar meia-volta.

— Espere um pouco, Darya. Olhe.

Outro carro aéreo estava se aproximando, vindo de noroeste, voadando pouco abaixo da camada de nuvens. Estava perdendo altura até que o piloto aparentemente viu o Cordão Umbilical. Depois disso, o carro mudou de rumo e começou a subir em espiral.

Mas o Cordão Umbilical tinha começado de novo a subir, e mais rapidamente desta vez. Darya e Rebka ficaram olhando, sem poder fazer nada, enquanto o Cordão Umbilical desaparecia no meio das nuvens, ainda perseguido pelo carro aéreo. Quando perderam os dois de vista, parecia que o carro estava perdendo a corrida.

Darya voltou-se para Hans Rebka.

— Se Graves e Perry estão no Cordão Umbilical, quem está pilotando o carro aéreo?

— Só pode ser Max Perry. Eu devo ter me enganado quanto à presença dele e de Graves no Cordão Umbilical. O Cordão Umbilical está sendo recolhido automaticamente, como sempre acontece durante a Maré de Verão, só que desta vez o processo começou mais cedo. Deve ter sido reprogramado. — Sacudiu a cabeça. — Não, pensando melhor, isso também não faz sentido. Perry é a única pessoa que conhece os códigos de controle. — Ele percebeu que a moça não concordara com a última afirmação. — Não é?

— Não. — Darya desviou os olhos, recusando-se a encará-lo. — Atvar H'sial também conhece os códigos. Todos eles. Já lhe disse, foi assim que viemos para cá. A culpa é toda minha. Jamais deveria ter concordado em ajudá-la. Agora estamos encalhados aqui e ela está no Cordão Umbilical, sã e salva.

Hans Rebka olhou para o céu nublado.

— Agora entendo. Maldita cecropiana! Enquanto voávamos para cá, imaginei se ela ainda estaria em Tremor. J'merlia deve estar com ela.

Nesse caso, os passageiros daquele carro aéreo devem ser Perry e Graves.

— Ou talvez as irmãs Carmel.

— Não. Elas não teriam acesso a um carro aéreo. Seja como for, podemos parar de especular. Aí vêm eles.

O carro surgiu do meio das nuvens, procurando um lugar para pousar. Darya correu em sua direção, agitando os braços. O piloto a viu e mudou de rumo. O carro pousou a não mais que cinquenta metros de distância, criando uma pequena tempestade de areia com o deslocamento de ar.

A porta do carro se abriu. Hans Rebka e Darya Lang ficaram olhando, atônitos, enquanto dois humanos idênticos e usando trajes iguais saltavam, seguidos por um lo'tfiano e um himenopt coberto de poeira. Os últimos a saltar foram Julius Graves e Max Perry.

— Pensamos que vocês estivessem mortos!

— Pensamos que eram vocês que estavam no Cordão Umbilical!

— Onde os encontraram?

— Como vieram parar aqui?

Perry, Rebka, Lang e Graves estavam todos falando ao mesmo tempo, formando um pequeno círculo ao lado da porta do carro aéreo. Os dois alienígenas e as irmãs Carmel ficaram à parte, olhando para a paisagem de desolação que os cercava.

— Não há ninguém transmitindo... nosso receptor ficou ligado durante todo o trajeto para cá — disse Graves. Olhou para Darya Lang. — Tem alguma idéia do que aconteceu a Atvar H'sial?

— Não posso garantir, mas acho que está lá em cima, no Cordão Umbilical.

— Não, não está. Ele está vazio. Não conseguimos alcançá-lo, mas pudemos ver que nenhuma das cápsulas está sendo usada. E no momento está fora do alcance dos carros aéreos. E você? Pensei que Atvar H'sial a tivesse abandonado na superfície,

— Foi o que ela fez. Hans Rebka me salvou. Mas acho que Atvar H'sial pretendia voltar para me buscar, porque me deixou suprimentos e um transmissor de rádio.

— Negativo. Isso foi obra de J'merlia. — Graves apontou para o lo'tfiano. — Ele me disse que Atvar H'sial não o proibiu de ajudar você, de modo que se sentiu autorizado a fazê-lo. Ele estava muito preocupado com a sua segurança. Disse que você não estava equipada para sobreviver sozinha. Mais tarde, ele pensou que você tivesse morrido, porque não conseguimos captar os sinais do seu transmissor. Tenho certeza de que

Atvar H'sial não pretendia voltar para buscá-la. Queria que você morresse em Tremor.

— Onde está Atvar H'sial, então? — quis saber Rebka.

— Acabamos de perguntar isso a vocês — observou Perry. — Ela deve estar com Louis Nenda.

— Nenda!

— Ele veio para cá na sua própria espaçonave — disse Graves.

— E você sabia que ele é capaz de conversar diretamente com os cecropianos? Kallik contou a J'merlia que Nenda tem um implante feito pelos zardalus que lhe permite usar feromônios para comunicar-se. Ele e Atvar H'sial deixaram J'merlia e Kallik para trás e foram sozinhos para algum lugar.

— Achamos que eles teriam vindo para cá. Atvar H'sial teve ajuda de dentro. Alguém lhe forneceu as sequências de controle e ela programou o Cordão Umbilical para abandonar mais cedo a superfície de Tremor. — Hans Rebka endereçou a Darya Lang um olhar do tipo “não diga mais nada” e prosseguiu: — Ela queria que nós todos morrêssemos aqui em Tremor, com a chegada da Maré de Verão. Foi por isso que deixou também J'merlia e Kallik... não queria testemunhas.

— Mas nós captamos o sinal de emergência e fomos buscá-los.

— Perry fez um sinal com a cabeça para os alienígenas, que se mantinham em silêncio. — Acho que Nenda e H'sial pretendiam voltar para buscá-los, mas teriam chegado tarde demais. O local estava coberto pela lava. Tivemos que conservar J'merlia e Kallik conosco.

— Mas se Nenda voltou para a nave dele — disse Graves —, ele e Atvar H'sial podem deixar o planeta quando quiserem.

— O que, infelizmente, não podemos fazer. — Depois de um período de depressão, Rebka tinha reagido e estava cheio de energia. — O Cordão Umbilical foi embora e só voltará depois da Maré de Verão. Só dispomos de um carro aéreo... o nosso enguiçou quando estávamos chegando aqui. E, de qualquer maneira, eles não podem mesmo deixar o planeta, de modo que não resolvem nada. Comandante Perry, precisamos de um plano para sobreviver aqui. Teremos que permanecer em Tremor até a Maré de Verão terminar.

— Quer que eu repita mais uma vez? Isso é *impossível*. — Perry falou sem levantar a voz, mas seu tom amargo tinha mais impacto do que se estivesse gritando. — Tenho tentado lhe explicar uma coisa desde o dia em que chegou a Dobelle. *Os humanos não podem sobreviver à Maré de Verão na superfície de Tremor*. Nem mesmo à Maré de Verão normal,

quanto mais a *esta*. Diga o que disser, não existe nenhum “plano de sobrevivência” que possa nos salvar se ficarmos em Tremor. As coisas ainda estão muito calmas aqui, não sei bem por quê. Mas isso não pode durar. Todas as pessoas que estiverem na superfície de Tremor durante a Maré de Verão vão morrer.

Como se o planeta tivesse escutado, um rugido distante e o gemitos de rochas sendo trituradas seguiram suas palavras. Momentos depois, uma série de choques fez o chão tremer. Todos olharam em volta e depois correram instintivamente para o interior do carro e uma ilusão de segurança.

Darya Lang, a última a entrar, examinou com os olhos os sete que a haviam precedido.

Não era um grupo promissor para um plano de salvamento de última hora. As irmãs Carmel pareciam pessoas derrotadas. Já haviam sofrido muito em Tremor; dali em diante, limitar-se-iam a cumprir ordens. Graves e Perry estavam sujos e desgrenhados, com as roupas rasgadas e cobertas de poeira e suor. Ambos tinham arranhões inflamados nas pernas, e Graves estava também machucado na cabeça. Pior que isso: comportava-se estranhamente, sorrindo para todos, como se a totalidade dos seus problemas tivesse terminado. E talvez isso fosse verdade. Se havia alguém capaz de salvá-los, esse alguém era Max Perry e não Julius Graves. Mas, depois de sua previsão pessimista, Perry mergulhara em um silêncio taciturno, introvertido, contemplando alguma coisa que os outros não podiam ver.

J’merlia e Kallik pareciam relativamente normais, mas apenas porque Darya não sabia observar em seus corpos alienígenas os sinais de tensão e sofrimento. J’merlia estava removendo meticulosamente a poeira branca das pernas, usando as pontas macias dos membros dianteiros. Não parecia preocupado com nada, a não ser a higiene pessoal. Kallik, depois de sacudir o corpo algumas vezes, produzindo uma nuvem de poeira que despertou protestos dos companheiros, estava esticando o corpo e olhando para tudo com olhos arregalados. Se alguém ainda se mostrava otimista, talvez fosse a pequena himenopt. Infelizmente, apenas J’merlia era capaz de se comunicar com ela.

Darya olhou para Hans Rebka. Estava obviamente exausto, mas ainda era o mais capaz do grupo. Tinha feias marcas vermelhas no rosto, produzidas pela máscara e pelo respirador, e havia círculos brancos de poeira em volta dos olhos. Quando viu que a moça estava olhando, porém, conseguiu sorrir e piscar o olho.

Darya entrou e o espaço mal foi suficiente para fechar a porta. Ela jamais esperara ver tantos seres, humanos ou alienígenas, em um pequeno carro aéreo. A capacidade teórica era de quatro pessoas. As gêmeas Carmel tinham se sentado no mesmo banco, mas J'merlia estava agachado no chão, de onde podia ver e ouvir muito pouco, e Darya Lang e Max Perry não tinham lugar para sentar.

— Que horas são? — perguntou Rebka, inesperadamente. — Quero dizer: quanto tempo falta para a Maré de Verão?

— Quinze horas. — A voz de Perry não tinha nenhuma emoção.

— Que vamos fazer agora? Não podemos ficar aqui parados, esperando a morte. Qualquer coisa é melhor do que isso. Vamos examinar nossas opções. Não podemos chegar até onde está o Cordão Umbilical, mesmo que ele não suba mais. E não há nenhum lugar seguro na superfície de Tremor. E se levantarmos vôo e passarmos a Maré de Verão no ar?

Kallik deu uma série de gritinhos que soaram para Darya Lang como um acesso de riso, enquanto Perry despertava do seu devaneio e sacudia a cabeça, discordando.

— Já pensei nisso há muito tempo — disse, de cara feia. — O tanque do carro tem combustível apenas para oito horas, e isso com a lotação normal. Se decolarmos agora (supondo que seja possível decolar com tantas pessoas a bordo), teremos que descer de novo antes da Maré de Verão.

— E se esperarmos até faltarem apenas quatro ou cinco horas para a Maré de Verão — sugeriu Rebka —, e só então decolarmos? Nesse caso, estaríamos fora da superfície durante o período crítico.

— Infelizmente, isso também não vai funcionar. — Perry olhou para Kallik, que estava dando pulinhos e emitindo cliques e assovios. — Jamais conseguiríamos nos manter no ar. Os vulcões e terremotos transformam a atmosfera em uma massa de turbulência. — Voltou-se para o lo'tfiano. — J'merlia, diga a Kallik para ficar quieta. Já é difícil pensar sem aquele barulho.

A himenopt começou a pular ainda mais alto, e assoviou fazendo um ruído diferente.

— Kallik está me pedindo para dizer — traduziu J'merlia —, com todo o respeito, que estão se esquecendo da espaçonave.

— A espaçonave de Louis Nenda? — perguntou Rebka. — Aquela em que Kallik chegou? Não sabemos onde está. De qualquer maneira, Nenda e Atvar H'sial não nos receberiam a bordo.

Kallik emitiu outra série de assovios e começou a balançar o corpo,

aflita.

— Não, não. Kallik explica humildemente que está falando do *Sonho de Verão*, a nave das irmãs Carmel. Sabemos exatamente onde ela está.

— Mas o combustível acabou — argumentou Perry. — Lembra-se? Kallik examinou o tanque logo que nós encontramos a nave.

— Um momento, por favor. — J'merlia esgueirou-se entre Julius Graves e as gêmeas Carmel e foi se agachar perto da himenopt. Os dois assoviaram e grunhiram durante meio minuto. Finalmente, J'merlia fez que sim com a cabeça e levantou-se.

— Kallik pede desculpas a todos por sua incompetência. Ela não soube se expressar com clareza quando relatou o resultado do exame que fez do tanque da nave. Ela certamente não tem combustível suficiente para fazer funcionar o Sistema Bose. Entretanto, talvez seja possível colocar a nave em órbita com o que resta no tanque.

Antes que J'merlia acabasse de falar, Rebka já estava se dirigindo para o assento do piloto.

— A que distância está a espaçonave, e em que direção? — perguntou, enquanto examinava o painel de instrumentos.

— A sete mil quilômetros de distância, em um grande círculo que passa pela depressão de Pentacline. — Perry saíra do seu torpor e estava empurrando as gêmeas Carmel para o lado a fim de ir se juntar a Rebka. — Mas, com a Maré de Verão tão próxima, teremos que enfrentar um vento lateral muito forte. Isso nos desviará pelo menos mil quilômetros da rota.

— Então nossa margem de segurança é praticamente zero. — Rebka estava fazendo alguns cálculos mentais. — Temos combustível suficiente para uns oito mil quilômetros, mas não se viajarmos à velocidade máxima. E, se formos mais devagar, as condições podem ficar piores, com a proximidade da Maré de Verão.

— É a nossa melhor opção — disse Graves. Era a primeira vez que abria a boca desde que entrara no carro. — Mas será que conseguiremos decolar com tanto peso? Chegamos aqui com dificuldade, e havia menos duas pessoas a bordo.

— E será que vamos conseguir viajar até lá, com a Maré de Verão tão próxima? — acrescentou Perry. — Teremos que enfrentar ventos fortíssimos.

— E, mesmo que Kallik esteja certa — disse Graves — e ainda exista um pouco de combustível no tanque da espaçonave, será suficiente para

colocar o *Sonho de Verão* em órbita?

Mas Rebka já estava ligando o motor.

— Não é a nossa melhor opção, conselheiro — disse, quando os jatos levantaram uma nuvem de poeira branca que cobriu as janelas. — É nossa *única* opção. Que está querendo, uma garantia por escrito? Agora é melhor cruzar os dedos. A menos que alguém apareça com uma idéia melhor nos próximos cinco segundos, vou exigir deste carro tudo que ele pode dar. Segurem firme e vamos torcer para que o motor não nos deixe na mão.

Capítulo 20

Maré de Verão menos um.

Quando o carro decolou com dificuldade e ganhou o ar, Darya Lang estava se sentindo uma inútil. Era uma carga adicional, um peso morto incapaz de ajudar o piloto ou o navegador à sua frente. Sem ter o que fazer e sem conseguir relaxar, deu uma nova olhada nos companheiros de viagem.

Aquele era o grupo destinado a viver ou morrer em conjunto... e muito breve, antes que Tremor e Opala completassem mais uma volta em torno do seu centro de massa.

Examinou-os enquanto o carro ganhava altitude. Eram uma visão deprimente. A situação fizera o tempo andar para trás, revelando-os a Darya como deviam ter sido em um passado já remoto, antes que Tremor se intrometesse em suas vidas.

Elena e Geni Carmel, sentadas lado a lado, eram garotinhas perdidas. Incapazes de encontrar a saída da floresta, esperavam que alguém as salvasse ou, mais provavelmente, que um monstro as devorasse. Em frente a elas, Hans Rebka estava debruçado sobre os controles, um menino pequeno, preocupado, tentando jogar um jogo que era adulto demais para ele. Ao seu lado estava sentado Max Perry, perdido em algum pesa-

delo pessoal que não se dispunha a compartilhar com ninguém.

Apenas Julius Graves, à direita de Perry, não correspondia à imagem do tempo andando para trás. O rosto do conselheiro, quando se voltou para a parte traseira do carro, nunca tinha sido jovem. Milhares de anos de sofrimento estavam marcados naquelas rugas; história humana, cheia de ódio e desespero.

Olhou para ele, assustada. Aquele não era um membro do Conselho da Aliança. Onde estavam a bondade, o otimismo, a energia exuberante?

A moça conhecia a resposta: a exaustão acabara com essas virtudes.

Pela primeira vez, Darya se deu conta da importância da fadiga nos negócios humanos. Havia notado a sua gradual perda de interesse pelos mistérios de Tremor e dos Construtores, e a atribuíra à necessidade de se concentrar na luta pela sobrevivência. Agora, porém, culpava mais os venenos do cansaço e da tensão.

A mesma queda de energia estava afetando a todos. Em uma ocasião em que o raciocínio rápido e a pronta ação podiam representar a diferença entre a vida e a morte, sentiam-se mental e fisicamente incapazes. Todos (ela, certamente, não era exceção) pareciam zumbis. Poderiam permanecer alerta durante alguns segundos, como acontecera com a própria Darya no momento da decolagem, mas, assim que o pânico tivesse passado, voltariam ao estado de letargia. Os rostos que se voltavam para ela, mesmo depois de removida toda a poeira branca, eram pálidos e distantes.

Sabia como estavam se sentindo. Suas próprias emoções pareciam haver desaparecido. Não experimentava mais medo, amor ou ódio. Aquela era a mudança mais assustadora, o modo indiferente com que encarava a própria sobrevivência. Não se importava com o que pudesse acontecer em seguida. Durante os últimos dias, Tremor não a golpeará com violência, mas a exaurirá, roubará-lhe todas as paixões humanas.

Até os dois alienígenas pareciam ter perdido sua vivacidade habitual. Kallik tirara da bagagem um computador de bolso e estava ocupada com cálculos obscuros. J'merlia parecia perdido e confuso sem Atvar H'sial. Olhava em todas as direções, como que à procura da sua dominatrix, e esfregava as mãos compulsivamente na carapaça.

Perry, Graves e Rebka haviam se amontoado na parte da frente do carro, em um assento projetado para apenas duas pessoas. As gêmeas e J'merlia estavam sentados logo atrás, provavelmente em uma situação mais confortável que todos os outros passageiros, enquanto Darya Lang e

Kallik ocupavam o compartimento de bagagem na parte de trás do veículo. A altura era suficiente para a himenopt, mas Kallik adquirira o hábito reflexo de se sacudir como um cachorro molhado para remover a poeira dos seus pêlos curtos e negros, o que fazia Darya espirrar o tempo todo, além de ter que inclinar a cabeça para a frente para não esbarrar no teto curvo do veículo.

Pior que tudo, os que viajavam na parte de trás podiam ver apenas uma nesga do céu pela janela dianteira. As informações a respeito do progresso da viagem ou de possíveis problemas tinham que ser transmitidas pelos passageiros da frente.

E às vezes chegavam tarde demais.

— Desculpe — disse Perry, dois segundos depois que o carro virou de lado e caiu cinquenta metros ao ser atingido por uma lufada de vento. — Essa foi de mau jeito.

Darya concordou, esfregando a nuca. Batera com a cabeça no teto duro de plástico do compartimento de bagagem. Ficaria com um feio hematoma... se vivesse o suficiente para isso.

Inclinou-se para a frente e colocou a cabeça entre os braços. Apesar do barulho, do perigo e do balanço do carro, seus pensamentos começaram a divagar. A vida que levava até bem pouco tempo, trabalhando como arqueocientista no Portal da Sentinela, agora lhe parecia totalmente artificial. Quantas vezes, ao escrever seu catálogo dos artefatos, usara tranquilamente a expressão “não houve sobreviventes” para se referir a expedições inteiras? Era uma frase simples e clara, que não exigia maiores explicações. Entretanto, não dava idéia da tragédia do evento nem do tempo subjetivo, talvez infinitamente longo, que levava para acontecer. A expressão “não houve sobreviventes” sugeria um fim limpo, um grupo de pessoas desaparecendo de forma tão rápida e imparcial quanto uma vela que se apagasse. Muito mais prováveis eram as situações como aquela em que se encontravam: uma extinção gradual da esperança, com o grupo se agarrando a cada chance de sobrevivência e vendo cada uma delas desmoronar.

Darya se sentiu ainda mais desanimada. A morte raramente era limpa, rápida e indolor, a menos que chegasse de surpresa. Quase sempre era lenta, dolorosa, humilhante.

Uma voz calma a arrancou da depressão em que se encontrava.

— Vocês, aí atrás, é bom se prepararem. — Hans Rebka não soava nem um pouco como um homem abatido ou derrotado. — Estamos voando baixo demais e devagar demais. Desse jeito, ou o combustível

acaba, ou chegamos atrasados. De modo que vou ter que subir acima das nuvens. Segurem-se e se preparem para umas boas sacudidelas nos próximos minutos.

Segurar-se em quê? Mas as palavras de Rebka e o tom descontraído com que as pronunciara eram prova de que nem todos haviam desistido de lutar.

Envergonhada de si mesma, Darya encolheu-se em um canto do compartimento de bagagem no momento em que o carro começava a penetrar na camada de nuvens. Os raios de sol que entravam pela janela dianteira foram substituídos por uma iluminação difusa. A turbulência começou imediatamente, sacudindo o veículo sobrecarregado como se fosse uma folha de papel. Por mais que Rebka e Perry se esforçassem, o carro estava pesado demais para obedecer aos controles.

Darya não sabia mais se estavam subindo, descendo ou caindo em parafuso. O teto do carro parecia ir de encontro a sua cabeça, vindo de todas as direções. No momento em que teve certeza de que a próxima pancada a deixaria inconsciente, quatro braços articulados a seguraram firmemente pela cintura. Estendeu as mãos para segurar um corpo macio, rechonchudo, agarrando-se desesperadamente a ele enquanto o carro fazia piruetas no céu.

Kallik a empurrou contra a parede. Darya enterrou o rosto no pêlo aveludado, dobrou as pernas para o lado direito e empurrou de volta. Apoiadas uma na outra e nas paredes do carro, ela e Kallik encontraram uma nova posição de equilíbrio. A moça empurrou com mais força. Os solavancos pareciam não ter fim.

— Estamos quase chegando. Protejam os olhos. — A voz de Rebka se fez ouvir no interfone um momento antes de cessar a turbulência. De repente, uma luz cegante invadiu o carro.

Darya ouviu uma série de rosnados à sua direita. J'merlia se virou no assento para olhar para ela.

— Kallik quer lhe oferecer suas humildes desculpas pelo que fez — traduziu para a moça. — Em circunstâncias normais, jamais tocaria no corpo de um ser superior. Ela também quer saber se não acha que está na hora de soltá-la.

Darya percebeu que ainda estava agarrada à himenopt em um abraço de tamanduá, empurrando-a de encontro à parede do carro. Largou-a imediatamente, sentindo-se envergonhada. A alienígena era educada demais para dizer alguma coisa, mas não podia ter deixado de perceber que a moça ficara em pânico por alguns momentos.

— Diga a Kallik que ela fez muito bem em me segurar. Não precisa me pedir desculpas por isso.

E se eu sou um ser *superior*, pensou Darya, detestaria saber como se sente um ser inferior.

Envergonhada ou não, a moça estava começando a se sentir um pouco melhor. O vôo tinha ficado bem mais suave, embora o barulho do vento mostrasse que estavam viajando muito mais depressa. Mesmo as dores no corpo e o cansaço pareciam ter diminuído.

— Nossa velocidade praticamente dobrou, e aqui em cima está tudo tranquilo.

As palavras de Rebka pelo intercomunicador pareceram justificar sua mudança de humor.

— Mas não foi fácil atravessar a camada de nuvens — prosseguiu. — E o comandante Perry recalculou o nosso consumo de combustível. Dada a distância que ainda precisamos percorrer, estamos no limite. Vamos ter que economizar. Vou diminuir um pouco a velocidade e desligar o sistema de ar condicionado. O calor aqui na frente não vai ser fácil. Preparem-se para fazer um rodízio e bebam bastante água.

Até aquele momento, não ocorrera a Darya Lang que estar longe da janela podia ser uma vantagem. Quando, porém, a temperatura no interior do carro começou a subir, alegrou-se por estar na parte traseira. Além de terem que suportar o mesmo ar sufocante, os passageiros da frente estavam expostos aos raios diretos do sol.

Algum tempo depois, porém, chegou a hora de trocarem de lugar. A mudança de posição foi um trabalho para contorcionistas. Quando terminou, Darya estava no banco da frente, perto da janela. Pela primeira vez desde a decolagem, teve uma boa visão do exterior.

Estavam voando pouco acima da camada de nuvens. Aqui e ali, picos isolados espalhavam a luz em tons deslumbrantes de vermelho e dourado. Mandel e Amaranth estavam quase no zênite, bombardeando o carro com uma fúria nunca vista nas superfícies protegidas pelas nuvens de Opala e Tremor. As duas estrelas haviam se transformado em globos gigantescos, cegantes, em um céu quase negro. Mesmo com o sistema de filtragem da janela no máximo, era impossível olhar diretamente para o par de astros.

O suor escorria pelo rosto de Darya e empapava suas roupas. Enquanto a moça olhava, as posições de Mandel e Amaranth mudaram no céu. As coisas estavam acontecendo cada vez mais depressa. Podia sentir que o ritmo dos eventos se acelerava à medida que as duas estrelas e

Dobelle se dirigiam para o ponto de máxima aproximação.

E não eram os únicos personagens.

Darya olhou para o lado. Gargântua estava ali, uma sombra pálida de Mandel e sua companheira anã. Mas aquilo também iria mudar. Em breve Gargântua seria o maior objeto no céu de Tremor, aproximando-se mais do que qualquer outro astro do sistema e rivalizando com Mandel e Amaranth na força de suas marés.

Olhou para baixo, imaginando o que estaria se passando abaixo da camada de nuvens. Em breve teriam que descer, mas talvez a superfície oculta já estivesse rachada demais para permitir uma aterrissagem. Ou quem sabe a nave que procuravam já tivesse desaparecido, tragada por uma fissura gigantesca.

Darya deu as costas para a janela e fechou os olhos doloridos. A claridade do lado de fora era excessiva. Além disso, não aguentava mais o calor.

Só que não tinha como fugir dele.

Olhou para a esquerda. Kallik estava a seu lado, agachada-no chão. Mais adiante, no assento do piloto, Max Perry segurava um quadrado de plástico translúcido na frente do rosto para se proteger da claridade.

— Quanto tempo falta? — A pergunta foi feita com uma voz rouca e tão fraca que era praticamente inaudível.

Darya quase não reconheceu a própria voz. Não sabia ao certo o que estava querendo dizer. Queria saber quanto tempo faltava para trocarem de novo de lugar? Para chegarem ao destino? Para morrerem todos?

Não fazia diferença. Perry não respondeu; limitou-se a passar-lhe uma garrafa de água morna. A moça bebeu um gole e fez Kallik imitá-la. Depois, não havia mais nada a fazer a não ser ficar quieta e aguentar firme, até chegar a hora de trocar novamente de lugar.

Darya perdeu a noção do tempo. Sabia que tinha estado no assento da tortura, na frente do carro, pelo menos três vezes. Depois do que pareceram várias semanas, Julius Graves estava finalmente sacudindo-a e avisando:

— Prepare-se para a turbulência. Vamos entrar na camada de nuvens.

— Chegamos? — murmurou a moça. — Então vamos pousar. Ela mal podia esperar. Acontecesse o que acontecesse em seguida, pelo menos estaria livre da tortura dos dois sóis. Sonharia com eles pelo resto da vida.

— Não. Não chegamos. — O tom de voz de Graves combinava mui-

to bem com o modo como a moça se sentia. Ele estava enxugando o suor da cabeça calva. — Nosso combustível está acabando.

Isso despertou a atenção de Darya.

— Onde estamos?

Mas Graves estava olhando para o outro lado. Foi Elena Carmel, no banco de trás, quem se inclinou para a frente e respondeu:

— De acordo com os instrumentos, estamos muito perto. Quase chegando.

— A que distância?

— Dez quilômetros. Talvez até menos. Eles dizem que tudo depende de quanto combustível resta para viajarmos no solo.

Darya não disse mais nada. Dez quilômetros, cinco quilômetros, que diferença fazia? Não conseguiria andar *um* quilômetro, mesmo que fosse para salvar a própria vida.

Mas uma voz interior acordou e disse: se for para salvar sua vida, você encontrará forças; se a jovem e imatura Elena Carmel ainda tem uma reserva de energia, você não pode ficar para trás.

Antes que pudesse argumentar consigo mesma, entraram nas nuvens. Um segundo depois, não podia se dar ao luxo de continuar a discussão.

Hans Rebka estava decidido a poupar o combustível ao máximo, de modo que não fez nada para suavizar a descida. Em queda rápida, o carro foi jogado de um lado para outro como uma rolha de cortiça no meio do oceano. Mas aquilo não durou muito. Em menos de um minuto, estavam saindo das nuvens.

Todos esticaram o pescoço para olhar. O que quer que encontrassem lá embaixo, não havia mais como recuar.

Será que a espaçonave ainda estava lá? Será que existia uma superfície sólida para pousarem? Ou haviam escapado dos raios causticantes de Mandel e Amaranth apenas para morrer em um lago de lava?

Darya ainda não tinha como responder a essas perguntas. O solo estava coberto por uma espessa camada de fumaça. Deviam estar perto da depressão de Pentacline, mas não havia como saber ao certo.

— Meus amigos — disse Rebka, com toda a calma —, a boa notícia é que não precisamos tomar nenhuma decisão. Olhe para o indicador de combustível, Max. Está no vermelho. Vamos ter que descer. — Levantou a voz. — Coloquem os respiradores.

De repente, estavam flutuando na fumaça azul-acinzentada que rodopiava em torno do carro, impelida por ventos tão fortes que a voz de

Rebka se fez ouvir de novo.

— Estamos voando de marcha à ré. Vou descer o mais depressa que puder, antes que o vento nos empurre de volta até o Cordão Umbilical.

— Onde está a nave? — perguntou Julius Graves, sentado atrás de Darya no apertado compartimento de bagagem.

— Dois quilômetros à frente. Não podemos vê-la, mas acho que ainda está lá. Estou captando um eco anômalo no radar. Não podemos chegar ao local onde estava a nave, de modo que vou descer na encosta da depressão. Preparem-se. Vinte metros de altitude... quinze... dez. Estou pousando.

De repente, o vento parou. A fumaça que os envolvia ficou mais tênue. Darya pôde ver o solo de um dos lados do carro. No momento, estava imóvel, mas nuvens de vapor escapavam, como o bafo de um dragão, de dezenas de pequenas aberturas localizadas na encosta da depressão de Pentacline. A densa vegetação que Darya esperava ver na depressão tinha desaparecido. Não havia nada a não ser cinzas e um ou outro tronco retorcido.

— Um quilômetro e meio. — A voz de Rebka parecia calma e distante. — Altitude, cinco metros. Estamos perdendo força. Parece que vamos ter que andar um pouquinho. Três metros... dois... um. Vamos, belezinha. Não nos deixe na mão.

Faltavam apenas três horas para a Maré de Verão. O carro aéreo pousou na encosta fumegante da depressão de Pentacline, tão suavemente quanto uma borboleta.

Capítulo 21

Três horas para a Maré de Verão.

Hans Rebka não estava feliz, mas seria justo dizer que nas últimas horas se sentira mais animado.

Desde que fora enviado a Dobelle, sentira-se inseguro com relação a si próprio e seu trabalho. Sua missão era descobrir o que havia de errado com o comandante Maxwell Perry e reabilitar o homem.

No papel, parecia fácil. Que esperavam, porém, que ele fizesse! Era um homem de ação, não um psicólogo. Nada em sua experiência anterior o preparara para uma tarefa tão vaga.

Agora, as coisas eram diferentes. No Cordão Umbilical, tinha sido jogado no meio de um grupo indefeso (todos alienígenas, desajustados ou inocentes, em sua opinião) e recebera a missão de pilotar um carro aéreo superlotado e quase sem combustível até o outro lado de Tremor, em busca de uma espaçonave de brinquedo que os tiraria do planeta antes que fosse tarde demais.

Podia ser uma tarefa impossível, mas pelo menos estava bem definida. As regras para o seu desempenho eram bastante claras. Ele as aprendera ainda criança, em Teufel: Seja bem-sucedido ou morra tentando. Não descanse até conseguir o seu objetivo. Não desista enquanto ain-

da lhe restarem forças.

Estava cansado, todos estavam, mas o que Darya interpretara como um surto de energia era a súbita liberação de um monte de frustrações acumuladas. Isso o ajudara a chegar até ali e o ajudaria a suportar a Maré de Verão.

No momento em que o carro aéreo parou, Rebka pediu a todos que saltassem. Por mais perigosa que estivesse a superfície do lado de fora, o carro não lhes serviria mais para nada.

Apontou para a encosta calcinada da depressão.

— É para lá que temos que ir. A espaçonave estava naquela direção. — Depois, gritou para fazer-se ouvir por Max Perry, que estava olhando em volta, com uma expressão ausente. — Comandante, seu grupo esteve aqui há poucos dias. O local parece familiar?

Perry fez que não com a cabeça.

— Quando estivemos aqui, havia muita vegetação. Mas estou reconhecendo aquela plataforma de basalto. — Apontou para uma grande rocha negra, de quarenta metros de altura, cuja parte superior estava parcialmente oculta pela fumaça. — É ali que deve estar a espaçonave.

Rebka assentiu.

— Alguma surpresa desagradável à nossa espera?

Perry, fossem quais fossem os seus defeitos, ainda era quem mais entendia de Tremor.

— Difícil dizer. Tremor é cheio de surpresas. — Perry curvou-se para colocar a palma da mão no solo pedregoso. — Está quente, mas suportável. Pode ser que o fogo tenha queimado as plantas em volta da plataforma. Nesse caso, será mais fácil chegar lá do que da última vez. Isto aqui ficou bem diferente sem a vegetação. E bem mais quente também.

— Então vamos — disse Rebka, sublinhando as palavras com um gesto. Os trovões estavam cada vez mais fortes e era difícil manter uma conversa prolongada. — Você e Graves vão na frente. Depois vocês duas — apontou para as gêmeas. — Eu sigo por último, atrás dos outros.

Não deu tempo para que ninguém protestasse. A viagem de carro aéreo tinha sido exaustiva para todos, mas Rebka achou melhor não perguntar se aguentariam caminhar um quilômetro ou dois em terreno acidentado. Se algum do grupo desmaiasse, ele decidiria o que fazer em seguida.

A superfície estava tranquila no momento em que pousaram, mas, quando Perry e Graves começaram a descer a encosta, um novo espasmo de atividade sísmica sacudiu a região. O chão à frente se dividiu em do-

bras longitudinais, que se propagaram até o fundo da depressão.

— Continuem andando! — gritou Rebka, fazendo-se ouvir com dificuldade por causa dos estrondos. — Não temos tempo a perder!

Perry havia parado e colocado a mão no braço de Graves para detê-lo. Voltou-se para Rebka e fez que não com a cabeça.

— Vamos esperar um pouco — disse. — Estamos chegando a uma confluência. Observe.

Ondas de choque de diferentes amplitudes e comprimentos estavam convergindo para um ponto cinquenta passos à frente. Quando as ondas se encontraram, escumas de rocha e terra foram lançadas para o ar. Uma fenda de profundidade desconhecida surgiu, durou alguns segundos e depois tornou a fechar-se sem deixar vestígios. Perry esperou, até ter certeza de que o abalo principal havia passado, e depois continuou a descida.

Rebka sentiu-se aliviado. Fossem quais fossem os problemas de Perry, ele não perdera o instinto de sobrevivência. Se conseguisse aguentar assim mais um quilômetro, o pior estaria feito.

Continuaram em frente. O chão tremia debaixo dos seus pés. Vapores quentes saíam de mil fissuras na rocha fraturada, e o céu acima se tornou um inferno de cinzas e relâmpagos. O ruído dos trovões se misturava com os rugidos dos terremotos. Uma chuva morna, carregada de enxofre, começou a cair, transformando-se imediatamente em vapor ao tocar o solo quente.

Rebka examinou com olhar crítico o grupo à sua frente. As gêmeas Carmel caminhavam lado a lado, logo atrás de Graves e Perry. Depois delas vinha Darya Lang, entre os dois alienígenas e com uma das mãos no tórax de J'merlia. Todos estavam bem. Graves, Geni Carmel e Darya Lang mancavam, e o grupo todo cambaleava de cansaço, mas isso era apenas um detalhe.

Precisavam descansar. Sorriu ironicamente para si mesmo. Dali a algumas horas, de uma forma ou de outra, estariam descansando.

O maior problema era o aumento de temperatura. Mais dez graus e teriam que reduzir a marcha para não perder as forças de pura prostração. A chuva, que teria ajudado um pouco, estava ficando tão quente que chegava a queimar. À medida que o grupo se internasse na depressão de Pentacline, parecia inevitável que o calor aumentasse.

Entretanto, tinham que continuar a descida. Se diminuíssem a marcha ou parassem para descansar, seriam destruídos pelas forças da Maré de Verão.

Incitou-os a prosseguir, olhando ao mesmo tempo para a frente para examinar o acesso à plataforma de basalto. Faltando apenas algumas centenas de metros, o caminho parecia relativamente fácil. Mais cem passos e o terreno irregular, cheio de pedras soltas, que estava tornando a caminhada tão penosa, daria lugar a um solo castanho mais plano do que qualquer coisa que Rebka encontrara até o momento na depressão de Pentacline. Parecia o fundo seco de um lago, o que restara de um lago estreito e comprido que evaporara totalmente com o calor dos últimos dias. Poderiam atravessá-lo rapidamente. Do outro lado, o terreno subia gradualmente até a base da plataforma de pedra sobre a qual devia estar a nave.

Os dois que iam na frente estavam a menos de vinte passos da planície quando Max Perry parou, indeciso. Enquanto Rebka olhava de longe e praguejava, Perry apoiou-se em um enorme matacão e ficou olhando, pensativo, para o terreno à frente.

— Ande logo, homem!

Perry fez que não com a cabeça, levantou o braço para fazer os outros pararem e se pôs de joelhos a fim de examinar o chão. Nesse momento, Elena Carmel gritou e apontou para o topo da plataforma de pedra.

O céu tinha ficado negro, mas os relâmpagos quase contínuos forneciam luz suficiente para enxergar à distância. Rebka não conseguiu ver nada de especial no lugar para onde Perry estivera olhando, a não ser uma ligeira distorção causada pelo calor e uma perda de foco no fundo do lago seco. Mais adiante, porém, seguindo o dedo apontado de Elena Carmel até o alto da plataforma de basalto, avistou uma forma inconfundível: a silhueta de uma pequena espaçonave. Achava-se a uma distância segura da beira da plataforma e aparentava estar intacta. A subida parecia fácil. Poderiam estar lá em cima em menos de cinco minutos.

Elena Carmel se voltou e gritou alguma coisa para a irmã. Rebka não pôde ouvi-la por causa do barulho, mas leu seus lábios.

— É o *Sonho de Verão*! — exclamou a jovem. Foi com uma expressão de triunfo no rosto que assumiu a dianteira, passando por Graves e Perry.

Já tinha entrado na planície e estava correndo na direção da plataforma quando Perry levantou os olhos e a viu.

Ficou paralisado por um segundo e depois deu um grito agudo de advertência que chegou a Elena apesar do barulho. Ela se voltou, e nesse momento a crosta de barro cozido, com menos de um centímetro de es-

pessura, cedeu ao seu peso. Jatos de vapor envolveram-lhe o corpo. Ela gritou e levantou os braços, tentando manter o equilíbrio. Sob a superfície frágil, a lama borbulhante não oferecia mais resistência que melado. Antes que alguém pudesse fazer alguma coisa, Elena estava enterrada até a cintura. A jovem gritava de agonia enquanto a lama fervente se fechava em torno de suas pernas e quadris.

— Incline-se para a frente! — Perry se jogou no chão para distribuir melhor o peso e começou a rastejar em direção à moça.

Mas Elena Carmel estava sofrendo demais para atender ao seu grito. Perry levou muito tempo para chegar, e ela estava afundando muito depressa. Ainda se encontrava a três passos de distância quando a lama borbulhante chegou ao pescoço da jovem. Ela gritou pela última vez. Um grito de agonia.

Perry esticou o corpo, em um esforço desesperado, e conseguiu agarrá-la pelos cabelos e um dos braços. Entretanto, não pôde aguentar o seu peso.

A jovem afundou mais um pouco. Em estado de choque, por causa das queimaduras, não fez nenhum ruído quando a lama entrou na sua boca, nariz e olhos. Um momento depois, havia desaparecido. Um pequeno remoinho se formou na superfície líquida, mas durou menos de um segundo.

Perry arrastou-se mais um pouco para a frente e mergulhou os braços até os cotovelos na lama fervente. Gritou de dor, mas não encontrou nada.

Os outros membros do grupo assistiam à cena, paralisados. De repente, Geni Carmel deu um grito lancinante e saiu correndo. Julius Graves correu atrás dela e conseguiu agarrá-la no momento em que ia pisar na areia movediça.

— Não, Geni! Não! Você não pode fazer mais nada. Ela se foi. — Segurou-a pela cintura, tentando puxá-la para lugar seguro. A jovem resistia com a força do desespero. Rebka e Darya Lang se aproximaram e a seguraram pelos braços.

Geni, que ainda estava tentando chegar ao local onde Elena desaparecera, arrastou-os até a margem da região segura. Quando virou o corpo, Darya perdeu o equilíbrio e enfiou a perna esquerda na lama, até a canela. Deu um grito e quase perdeu os sentidos. Rebka teve que deixar Geni aos cuidados de Graves para ajudar Darya.

Geni tentou mais uma vez entrar na areia movediça. No lugar onde Elena havia sido tragada, a superfície borbulhava. Perry, com o rosto con-

torcido pela dor, rastejara de volta para a segurança da margem. Não podia usar as mãos, mas levantou-se e usou o peso do corpo para empurrar Geni para trás.

Cambalearam juntos para longe da areia movediça. Geni estava se acalmado. Pouco depois, colocou o rosto entre as mãos e começou a chorar.

Rebka conservou o braço nos ombros de Darya Lang e olhou para o grupo. Estavam todos chocados com a morte de Elena, mas ele ainda tinha que se preocupar com outras questões. Em trinta segundos, a situação passara de difícil a desesperadora. O ar estava quase irrespirável, o calor aumentava e a superfície não parava de tremer. Não podiam perder mais tempo.

O que fazer?

Fez uma rápida análise da nova situação. Os trovões tinham diminuído um pouco, mas em vez de oito humanos e alienígenas, todos em boas condições, estavam reduzidos a apenas quatro seres válidos: ele próprio, Graves, J'merlia e Kallik. Era difícil saber como os alienígenas se comportariam em um momento de crise, mas até então não deixavam nada a dever aos humanos.

E quanto aos outros?

Perry estava em choque profundo (mais psicológico do que físico, ao que tudo indicava) e parecia mais um robô. Mas era um homem forte, poderia caminhar sem problemas. Entretanto, não se podia contar com ele para ajudar os outros, e sem a ajuda das mãos teria dificuldade para chegar ao alto da plataforma. Seus braços pendiam ao longo do corpo, queimados até os cotovelos. Ao passar o primeiro choque, sentiria dores lancinantes. Quando isso acontecesse, porém, já deveriam estar a bordo do *Sonho de Verão*.

Darya Lang certamente precisaria de ajuda. Seu pé não se encontrava mais escaldado que os antebraços de Perry, mas ela estava muito menos habituada ao sofrimento físico. Não parava de chorar de dor e de choque. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto sujo de poeira.

Finalmente, havia Geni Carmel. Ela não sofrera nenhum ferimento, mas emocionalmente tinha sido destruída. Parecia alheia a tudo; dificilmente poderia contar com a sua cooperação.

Rebka distribuiu automaticamente as tarefas.

— Conselheiro Graves, o senhor se encarrega de Geni Carmel. Eu fico com o comandante Perry. J'merlia e Kallik, a professora Lang vai precisar da ajuda de vocês, especialmente quando começarmos a subida.

E agora vamos ver como Perry se comporta, pensou.

— Comandante, não podemos atravessar a areia movediça. Existe outro meio de chegarmos ao lugar onde está a nave?

Perry voltou à vida. Estremeceu, olhou para os braços queimados e experimentou levantar a mão direita. Apontou para o lado esquerdo da plataforma, movendo o braço como se o membro tivesse se tornado um apêndice artificial.

— Da última vez que estivemos aqui, acompanhamos um regato. O leito era de pedras, com uma superfície bem firme. Se conseguirmos encontrá-lo, talvez consigamos segui-lo no sentido inverso.

— Ótimo. Vá na frente.

Enquanto contornavam a traiçoeira areia movediça, Rebka olhou na direção da plataforma de basalto. Não estava a mais que quarenta metros acima deles, mas parecia uma distância impossível. A encosta não era íngreme, um homem ou mulher em boa forma física poderia escalá-la em meio minuto. Mas Perry levaria o mesmo tempo para subir apenas um metro. E o tempo de que dispunham estava terminando.

Rebka aproximou-se de Perry e colocou as mãos nos seus quadris.

— Continue andando. Não tenha medo de cair. Estou atrás de você. Se precisar de um empurrão, é só me dizer.

Deu uma olhada para trás. Julius Graves estava tomando conta de Geni Carmel e os dois pareciam bem. J'merlia e Kallik tinham desistido de ajudar Darya Lang a caminhar. Em vez disso, haviam-na colocado sentada nas costas peludas de Kallik, e a himenopt estava subindo a encosta enquanto J'merlia a empurrava e encorajava com uma série de grunhidos e assovios.

A superfície além da plataforma estava tremendo com renovada violência. Rebka viu o carro aéreo em que haviam chegado virar de lado e afundar. Uma nuvem de fumaça negra o engoliu e depois se moveu lentamente na direção deles.

Uma coisa de cada vez, disse para si mesmo. Não olhe para trás nem para cima.

Rebka concentrou sua atenção em ajudar Max Perry. Se o outro caísse, todos cairiam com ele.

Continuaram a escalada, tropeçando e escorregando nas pedras soltas. Houve um momento crítico em que Perry perdeu o equilíbrio e caiu para a frente, de encontro à pedra. Ele deu um grito de dor quando as mãos queimadas tocaram a superfície áspera. Rebka segurou-o antes que escorregasse para trás. Segundos depois, estavam de novo subindo

pelo leito tortuoso do regato.

Assim que Perry chegou à plataforma, Rebka se virou para ver o que estava acontecendo com os outros. Graves caminhava com dificuldade, apoiado em Geni Carmel. Os outros três ainda estavam no meio da escada e progrediam lentamente. Rebka podia ouvir Kallik assoviar com o esforço. Teriam que se arranjar sozinhos. A prioridade de Rebka tinha que ser a espaçonave. Estaria ainda em condições de voar? Haveria combustível suficiente no tanque para entrarem em órbita? Perry se aproximara do *Sonho de Verão*, mas estava parado, de pé, ao lado da escotilha fechada. Levantou as mãos, frustrado, quando Rebka foi até ele. No estado em que suas mãos se encontravam, não tinha como destrancá-la.

— Diga aos outros para se apressarem... especialmente Kallik. — Rebka abriu a escotilha e de repente se deu conta de como aquela nave era pequena. Perry lhe dissera que era mais um brinquedo do que uma espaçonave, mas ainda assim ficou chocado. O espaço interno não era muito maior que o do carro aéreo.

Foi até a frente examinar os controles. Nesse ponto, pelo menos, não teria problemas, mesmo sem a ajuda de Kallik ou Geni Carmel. O painel era extremamente simples.

Ligou os indicadores. O nível de combustível estava assustadoramente baixo. E se não fosse suficiente para entrarem em órbita?

Olhou para o cronômetro. Faltava menos de uma hora para a Maré de Verão. Isso acabava com todas as dúvidas. Teriam que arriscar. Enquanto os outros se comprimiam no interior da espaçonave, preparou-se para levantar vôo.

Darya Lang e Geni Carmel foram as últimas a entrar.

— Fechem a escotilha — disse Rebka, antes de voltar-se para os controles. Não esperou para ver se sua ordem tinha sido obedecida, nem havia tempo para a longa série de verificações que normalmente precederia a decolagem. Pela janela dianteira, podia ver um mar de chamas varrendo a plataforma em direção a eles. Mais alguns segundos e a nave seria envolvida.

— Segurem-se. Vou subir com uma aceleração de três g.

Se tudo estiver funcionando, pensou. Se não... Hans Rebka aplicou toda a força aos motores. A nave começou a tremer.

Durante um tempo que pareceu interminável, nada aconteceu. Então, quando o mar de fogo já ameaçava tragá-los, o *Sonho de Verão* rangeu, estremeceu e levantou vôo em direção ao céu negro e turbulento de Tremor

Capítulo 22

Maré de Verão.

Dez segundos depois que o seu pé afundara na lama negra e borbulhante, Darya Lang entrara em animação suspensa. A partir de então, tornara-se incapaz de sentir dor, preocupação ou tristeza.

Sabia, abstratamente, que as queimaduras de Max Perry eram piores que as suas e que mesmo assim ele estava comandando a escalada da encosta, mas sentia-se incapaz de uma proeza semelhante. Se permanecia consciente, era porque não sabia como perder os sentidos. E se chegara à espaçonave com os outros, tinha sido apenas porque Kallik e J'merlia não lhe haviam deixado outra opção. Tinham-na levantado e carregado, tomando cuidado para que o seu pé não esbarrasse em nada.

O torpor desapareceu, infelizmente, no momento em que se aproximaram da escotilha. Quando Kallik a pousou cuidadosamente no chão, foi como se centenas de agulhas penetrassem no seu pé e tornozelo.

— Mil desculpas — disse J'merlia, aproximando as mandíbulas do seu ouvido. — A passagem para o interior da nave é estreita. Só há lugar para um de cada vez.

Então queriam que caminhasse, logo agora que a dor se tornara intolerável! Teria que apoiar o pé queimado no chão. Tentou argumentar

com os alienígenas, explicar a eles que não estava aguentando a dor. Tarde demais. Viu-se equilibrada em uma perna só, diante da escotilha.

— Depressa! — exclamou Perry, do lado de dentro. Darya olhou para ele, furiosa. Foi então que viu suas mãos e antebraços, cheios de bolhas e abertos até o osso pelo esforço da escalada. Devia estar se sentindo ainda pior do que ela. A moça trincou os dentes, tirou o pé esquerdo do chão, segurou-se nos dois lados da escotilha e saltitou para dentro da espaçonave. O espaço interno já estava quase todo tomado. Esgueirou-se até uma das janelas laterais e ficou ali parada, apoiada em uma perna só.

Que faria? Não podia ficar ali indefinidamente e não podia nem pensar em permitir que alguém esbarrasse no seu pé.

O aviso de Rebka de que levantaria vôo com uma aceleração de três g a pegou de surpresa. As palavras a deixaram apavorada. Mal conseguiria ficar de pé com uma aceleração de um g. Teria que se deitar, e nesse caso os três g comprimiriam o pé queimado contra o piso duro da nave.

Antes que pudesse dizer alguma coisa, o corpo rechonchudo de Kallik estava a seu lado. A himenopt colocou o abdome macio perto do pé ferido de Darya e deu meia dúzia de assovios.

— Não! Não toque nele! — exclamou Darya, assustada.

Quando tentou retirar a perna, o ferrão amarelo apareceu no corpo de Kallik. Darya sentiu uma fisgada na barriga da perna, deu um grito e caiu de costas, batendo com a cabeça na caixa de ferramentas atrás do assento do piloto.

Antes que pudesse se mexer de novo, a espaçonave decolou.

Darya se viu comprimida contra o chão, com o pé em contato com a superfície metálica. O pé queimado! Tinha que gritar. Abriu a boca e percebeu de repente que as únicas partes do corpo que não estavam doendo eram o pé e a barriga da perna esquerda. A ferroada de Kallik anestesiara totalmente o local.

Relaxou o corpo e virou a cabeça para apoiar o rosto no chão. O piso estava coberto por um emaranhado de corpos. Podia ver Kallik, bem à sua frente, acolchoando a cabeça de Geni Carmel em seu abdome peludo. Julius Graves estava logo ao lado, mas só podia ver a sua cabeça calva, lado a lado com o crânio negro e reluzente de J'merlia. Rebka, pilotando a nave, e Max Perry, no assento do co-piloto, estavam escondidos pela caixa de ferramentas e as costas dos assentos.

Darya fez um grande esforço e virou a cabeça para o outro lado. Podia ver o exterior através da escotilha lateral. Surpreendentemente, pois já estavam subindo havia vários minutos, a nave ainda estava abaixo da

camada de nuvens de Tremor. Teve uma visão vívida da superfície iluminada por relâmpagos; achava-se coberta de rachaduras, sobre as quais ondas de lava incandescente passeavam como vagas de um oceano encafelado. O planeta inteiro estava em chamas. De repente, a nave penetrou em nuvens negras, tão densas que a extremidade das curtas superfícies de controle, a apenas alguns metros da escotilha, ficou invisível.

A turbulência e os solavancos aumentaram consideravelmente. Darya rolou na direção de Kallik e as duas escorregaram pelo chão até se chocarem com Julius Graves. Outro solavanco e os três escorregaram na direção oposta, esmagando Darya contra a parede. A moça ainda estava naquela posição, aguentando o peso de todos exceto Rebka e Perry, quando o *Sonho de Verão* emergiu inesperadamente das nuvens de Tremor. A escotilha admitiu um raio de sol de intensidade intolerável antes que o sistema de filtragem entrasse em operação.

Darya teve sorte. Ela estava de costas para a escotilha, com a cabeça debaixo do abdome de Kallik, quando a claridade invadiu a cabine. Todos os outros ocupantes do compartimento traseiro ficaram cegos por alguns segundos.

Rebka e Perry, nos assentos dianteiros, não sofreram os efeitos do clarão, mas estavam olhando para a frente, tentando colocar a nave em órbita em condições para as quais não tinha sido projetada. Assim, Darya, virando o corpo para olhar para trás e para baixo, foi a única a presenciar o que ocorreu em seguida.

O *Sonho de Verão* estava sobrevoando o hemisfério de Tremor oposto a Opala. Os discos de Mandel e Amaranth se encontravam perto do horizonte, à esquerda. Reduzidas pelos filtros a círculos luminosos com bordos escuros, as estrelas gêmeas estavam cheias de manchas. As forças das marés também agiam sobre elas. Diretamente acima, brilhava Gargântua, pálido e espectral, um gigante cuja luz refletida era reduzida pelos filtros a um brilho fantasmagórico, pouco substancial.

De um ponto muito próximo da borda de Gargântua (Darya não teve certeza se estava na superfície do planeta ou ligeiramente acima dela) um raio fortíssimo de luz azul se projetou em direção a Tremor.

Darya acompanhou-o com os olhos. Não podia ser um raio de luz comum, pois nesse caso seria invisível no vácuo do espaço. No lugar onde o raio atingiu as nuvens de Tremor, estas se dissiparam instantaneamente. Uma área circular da superfície do planeta, com cem quilômetros de diâmetro, ficou subitamente exposta à radiação combinada de Mandel e Amaranth. Já fervilhante de lava, a superfície começou a se deformar. Um

túnel escuro se formou e aumentou rapidamente de largura e profundidade. Em pouco tempo, Darya podia ver as rochas fundidas do interior do planeta se abrirem em ondas, formando uma borda nítida para o buraco.

O movimento da nave estava levando Darya para longe da boca do túnel. De onde se achava, não podia mais ver o fundo do buraco. Inclinou-se para mais perto da janela, ignorando as dores que sentia no corpo machucado. Visto à distância, Tremor parecia a conta de um colar, perfurada por um fio azul. No lugar onde o raio atingia o planeta, um anel vermelho de lava se destacava na superfície.

Os eventos a seguir ocorreram em sucessão tão rápida que Darya mais tarde teve dificuldade para se lembrar da sequência exata.

Enquanto a rotação de Tremor levava primeiro Mandel e depois Amaranth a desaparecerem debaixo do horizonte, um segundo raio azul surgiu, vindo do espaço, para se juntar ao de Gargântua. Não provinha de nenhum objeto que Darya pudesse observar no céu; simplesmente se estendia até perder de vista.

O novo raio luminoso atingiu o túnel na crosta de Tremor e o buraco aumentou, não gradualmente, mas em um espasmo impossível de material deslocado. Finos feixes de cor roxa e vermelha deixaram a superfície do planeta, seguindo a trajetória exata dos feixes incidentes. No mesmo momento, duas esferas prateadas surgiram das profundezas do túnel.

Pareciam idênticas; tinham cerca de um quilômetro de diâmetro. Afastaram-se lentamente da superfície de Tremor e ficaram flutuando, imóveis, uma abaixo da outra, como dois balões transparentes cheios de mercúrio.

Os raios azuis mudaram de cor. O que vinha de Gargântua ficou amarelo e o outro tornou-se carmim. A frequência dos pulsos luminosos também mudou. Nesse momento, a esfera que estava mais acima começou a acelerar, acompanhando exatamente a trajetória do raio carmim. Entretanto, permaneceu visível apenas por uma fração de segundo. Darya não podia dizer se ela havia acelerado ainda mais até perdê-la de vista ou se algum outro mecanismo a fizera desaparecer. No momento em que desapareceu, o mesmo aconteceu com o raio carmim.

A segunda esfera ainda flutuava, imóvel, nas proximidades de Tremor. Depois de alguns momentos, começou a se movimentar ao longo do raio amarelo. Mas se movia muito devagar. A moça podia facilmente acompanhá-la com os olhos, uma bola de prata galgando o raio amarelo como se fosse uma aranha metálica subindo no seu próprio fio. Continuou a observá-la por algum tempo.

De repente, a esfera começou a ficar fora de foco. O campo estelar em torno se tornou distorcido, irreal. A esfera desapareceu totalmente, transformando-se em um círculo negro, enquanto que a luz das estrelas em torno convergia para formar um anel luminoso. A região escura continuou a se mover ao longo do raio amarelo.

Enquanto a moça olhava para aquele buraco no espaço, o *Sonho de Verão* fez uma manobra brusca. Hans Rebka, no assento do piloto, gritou alguma coisa. Um jato violeta, o sistema de propulsão de uma espaçonave funcionando com alta intensidade, cortou o céu em direção ao *Sonho de Verão*.

Darya virou a cabeça e viu a silhueta pouco graciosa de uma nave da Comunidade dos Zardalus se aproximar rapidamente. No bico da nave, os alçapões que escondiam os canhões começaram a se abrir.

O *Sonho de Verão* era o alvo... e, daquela distância, a outra nave não poderia errar.

Enquanto a moça observava, horrorizada, as armas foram disparadas. Esperava que a nave se desintegrasse a qualquer momento. Entretanto, inexplicavelmente, os tiros não seguiram a trajetória prevista. Desviaram-se para o lado, passando longe do *Sonho de Verão* e indo de encontro à esfera negra, que ainda estava suspensa no raio de luz amarela.

Os raios emitidos pelos canhões da nave permaneciam visíveis como linhas finas no espaço, ligando a espaçonave zardalu ao globo escuro. As linhas curvas diminuíram de comprimento. A outra nave se aproximou da região distorcida do espaço, como se a esfera a estivesse puxando pelas linhas luminosas dos seus tiros.

Mas a nave zardalu não estava disposta a ceder. O brilho violeta do seu sistema de propulsão aumentou. Darya podia sentir o equilíbrio entre duas forças desconhecidas.

A espaçonave estava perdendo. Capturada pela curvatura do campo, continuou a se mover ao longo das linhas de força, irresistivelmente atraída para a esfera negra. A esfera continuava a deslocar-se ao longo do raio amarelo, cada vez mais depressa. Darya teve a impressão de que a nave zardalu havia sido sugada pelo vazio negro um momento antes de a esfera subir pelo raio amarelo até desaparecer.

O *Sonho de Verão* continuou em frente, acompanhando a curvatura de Tremor. Gargântua desapareceu abaixo do horizonte, e com ele o raio amarelo.

— Não sei se alguém está interessado a esta altura. — Era a voz

lacônica de Rebka, fazendo a moça se lembrar de repente de onde estava. — Acabo de olhar para o relógio. A Maré de Verão aconteceu poucos segundos atrás. E estamos em órbita.

Darya virou a cabeça para olhar para o planeta. Não havia nada para ver, a não ser nuvens escuras e, atrás delas, no horizonte, a esfera azul-acinzentada de Opala.

A Maré de Verão havia passado. E nada acontecera como imaginara. Olhou para os outros, ali deitados no chão da espaçonave, esfregando os olhos, e se sentiu terrivelmente desapontada. Assistir a tudo... sem nada compreender! A visita a Tremor durante a Maré de Verão tinha sido um mistério sem solução, um desperdício de tempo e de vidas humanas.

— A boa notícia é que estamos em órbita. — Rebka estava falando de novo, e Darya podia sentir o cansaço em sua voz. — A má notícia é que a manobra que tivemos de fazer há alguns momentos consumiu o pouco que nos restava de combustível. Provavelmente, temos que agradecer a Louis Nenda e Atvar H'sial por isso. Não faço a menor idéia do que estava acontecendo lá embaixo, nem do que foi feito da outra nave, e, sinceramente, não tenho tempo para pensar nisso agora. Espero que Nenda e H'sial tenham recebido o que mereceram, mas no momento o importante é que, sem combustível, não podemos pousar em Opala, nem em Tremor, nem em nenhum outro lugar. O comandante Perry está calculando uma trajetória que nos leve à Estação de Meio Caminho. Se tivermos sorte, talvez seja possível usar o Cordão Umbilical.

Calculando uma trajetória, pensou Darya. Como? Perry não tem mãos, apenas tocos de carne queimada.

Mas ele vai conseguir, com mãos ou sem mãos. E se seu pé estivesse queimado como o meu, isso não o impediria de caminhar. Ou mesmo de correr, se fosse necessário. Hans Rebka fala de sorte, mas ela não os tem favorecido. Pelo contrário; eles têm tido que lutar contra o destino.

Nunca mais farei pouco do Círculo de Phemus. Seus habitantes são sujos, desagradáveis, pobres e primitivos, mas Rebka, Perry e o outros têm uma coisa que faz os povos da Aliança parecerem zumbis: vontade de viver, acontece o que acontecer.

E então, talvez porque estivesse ficando cada vez mais relaxada e sonolenta em resposta ao fluido anestésico e levemente tóxico que Kallik Ihe injetara, e porque Darya Lang não conseguia parar de pensar, mesmo que quisesse, uma voz interior Ihe disse: O Cordão Umbilical. Estamos indo para o Cordão Umbilical.

O último artefato dos Construtores; sabia disso, todos sabiam. Uma

estrutura insignificante, se comparada com os outros trabalhos dos Construtores. Mas era para aquele lugar, para o menor dos artefatos, e para aquela data, a da Maré de Verão, que todos os outros artefatos dos Construtores haviam apontado.

— Por quê? Por que não apontar para um dos artefatos maiores, como o Paradoxo, a Sentinela, o Elefante, o Casulo, a Lente?

Aí está um mistério interessante, pensou Darya; um enigma que vale a pena investigar. Vamos esquecer a confusão em que nos encontramos e pensar nisso por algum tempo. Não posso ajudar Rebka e Perry, e, mesmo que pudesse, isso não será necessário. Eles vão tomar conta de mim. De modo que vamos pensar.

Vamos pensar nas duas esferas que saíram do núcleo de Tremor. Fazia quanto tempo que estavam lá? Por que estavam lá? Para onde foram? Por que escolheram este momento para aparecer, e o que fez a esfera negra levar a nave zardalu com ela?

As perguntas ficaram sem resposta. O veneno narcótico de Kallik estava se espalhando pela corrente sanguínea, deixando-a sonolenta. Não lhe restava muito tempo para pensar. Não conseguia mais se concentrar; seus pensamentos pulavam ao acaso de um assunto para outro. Mais alguns segundos e estaria dormindo.

No último momento, porém, antes de perder totalmente a consciência, Darya teve um súbito lampejo. Compreendeu o significado de Tremor e da Maré de Verão! Descobriu para que serviam! Agarrou-se a esse pensamento, lutando para fixá-lo na memória.

Tarde demais. Darya, ainda lutando, mergulhou nas trevas da inconsciência.

Capítulo 23

Rebka acordou como um animal nervoso, passando instantaneamente do sono profundo para um estado de atenção total. Sua primeira sensação foi de pânico.

Cometera o erro fatal de se deixar vencer pelo cansaço. *Quem estava pilotando a nave?*

A única pessoa a bordo capaz de fazê-lo, além dele, era Max Perry, que estava queimado demais para operar os controles. Iriam cair em Opala, chocar-se com a superfície torturada de Tremor ou perder-se para sempre no espaço.

De repente, antes mesmo de abrir os olhos, compreendeu que estava tudo bem.

Não havia ninguém pilotando a nave. Nem era necessário. Não estava a bordo do *Sonho de Verão*. Não podia estar, porque não estava em queda livre. E a força que sentia no corpo não era a força irregular de uma reentrada na atmosfera. Em vez disso, havia uma pressão constante para baixo, a aceleração de uma fração de g a que eram submetidos os passageiros de uma cápsula do Cordão Umbilical.

Abriu os olhos e se lembrou das horas finais do vôo. Tinham chegado à Estação de Meio Caminho como um bando de marinheiros bêbados, a coleção mais deprimente de humanos e alienígenas que jamais se reunira no sistema de Dobelle. Lembrou-se de que mordera os lábios e pontas dos dedos até sangrarem, lutando para permanecer acordado,

para manter os olhos abertos. Seguiria as instruções de navegação meio incoerentes de Perry o melhor que pudera, enquanto acompanhavam durante cinco horas intermináveis a linha do Cordão Umbilical. Com a ajuda dos pequenos jatos direcionais, os únicos que ainda funcionavam a bordo do *Sonho de Verão*, atracara no maior dos ancoradouros da estação.

Lembrava-se da manobra de aproximação... uma vergonha para um piloto. Levava cinco vezes mais tempo que o necessário. Quando a última confirmação de atracamento fora recebida na nave, recostara-se no assento e fechara os olhos para descansar por um momento.

E depois?

Não se lembrava de mais nada. Olhou em torno.

Devia ter adormecido logo depois de estacionar a espaçonave. Alguém o carregara para a Estação de Meio Caminho e o colocara em uma cápsula do Cordão Umbilical, no compartimento do meio.

Não estava sozinho. Max Perry, com os antebraços untados por uma geléia amarela, dormia a seu lado. Mais adiante, podia ver Darya Lang, com os cabelos longos amarrados atrás da nuca. Tinham cortado a perna esquerda da sua calça, abaixo do joelho, e coberto com pele artificial o pé e o tornozelo queimados. Respirava tranquilamente. De vez em quando, murmurava alguma coisa, como se estivesse prestes a acordar. Com o rosto tão relaxado e livre de preocupações, parecia ter doze anos de idade. Ao lado de Darya estava Geni Carmel, que também parecia estar sob o efeito de sedativos, embora não tivesse ferimentos visíveis.

Rebka olhou para o relógio. Fazia vinte e três horas que ocorrera a Maré de Verão. O sistema de Opala e Tremor já devia estar voltando ao normal. E não sabia absolutamente nada sobre o que ocorrera nas últimas dezessete horas.

Esfregou os olhos, observando que o rosto não estava mais sujo de fuligem e poeira. Alguém não só o carregara até a cápsula, mas também lhe dera um banho e trocara suas roupas antes de deixá-lo ali para dormir. Quem fizera aquilo? Quem cuidara das queimaduras de Perry e Lang?

Isso o levou de volta à primeira pergunta: com os quatro inconscientes, quem estava cuidando das coisas?

Tentou levantar-se e descobriu que não conseguia desamarrar o cinto de segurança. Mesmo depois de dezessete horas de repouso, sentia-se tão cansado que seus dedos se recusavam a funcionar direito. Se Darya Lang parecia uma adolescente, ele estava se sentindo como um velho decrépito.

Finalmente, libertou-se do cinto e conseguiu deixar o hospital im-

provisado. Chegou a pensar em acordar Perry e Darya — ela continuava a murmurar alguma coisa para si própria, em tom de protesto —, mas decidiu não fazê-lo. Provavelmente tinham sido anestesiados para que suas queimaduras fossem tratadas.

Subiu lentamente a escada que levava ao compartimento de controle e observação da cápsula. O teto transparente da câmara superior mostrava a Estação de Meio Caminho em primeiro plano. Mais acima, confirmando que a cápsula estava descendo em direção a Opala, Rebka viu o disco distante de Tremor, coberto por nuvens escuras.

As paredes do compartimento, de dez metros de altura, estavam cobertas de indicadores. Julius Graves, sentado em frente ao console de controle e ladeado por J'merlia e Kallik, observava atentamente uma das telas. A sucessão de imagens que Graves estava recebendo mostrava a superfície de um planeta, mas era Opala, e não Tremor.

Rebka observou por alguns minutos antes de anunciar sua presença. Com a atenção de todos voltada para Tremor, tinha sido fácil esquecer que Opala também experimentara a maior Maré de Verão da história humana. Vistas aéreas e de radares em órbita, penetrando a camada de nuvens que envolvia o planeta, mostravam grandes regiões do fundo do mar que tinham sido expostas pelas gigantescas marés. O terreno lamacento estava coalhado de manchas verdes: rbdomantes do tamanho de montanhas, esmagados pelo próprio peso.

Outras imagens mostravam as Fundas de Opala se desintegrando ao serem atingidas por ondas de vários quilômetros de altura, produzidas pela força das marés, que varriam a superfície do oceano.

Uma transmissão de Opala comunicava, com voz neutra, as perdas sofridas durante a catástrofe: metade da população do planeta perecera, a maioria nas últimas vinte e quatro horas; um quinto estava desaparecido. Antes mesmo de concluírem o levantamento dos prejuízos, porém, os sobreviventes haviam iniciado o trabalho de reconstrução. Todos os humanos residentes em Opala estavam participando desse esforço hercúleo.

As transmissões deixaram claro para Rebka que os habitantes de Opala estariam extremamente atarefados no futuro próximo. Se o grupo pousasse ali, não podia esperar qualquer tipo de assistência.

Foi até a frente e deu um tapinha no ombro de Graves. O conselheiro teve um sobressalto, girou na cadeira e sorriu ao ver quem era.

— Ah! De volta do país dos sonhos! Como pode ver, capitão — levantou a mão, com um floreio, e apontou para os monitores —, nossa

decisão de passar a Maré de Verão em Tremor, e não em Opala, acabou sendo acertada.

— Se ficássemos na superfície de Tremor durante a Maré de Verão, conselheiro, teríamos sido reduzidos a cinzas. Tivemos muita sorte.

— Mais sorte do que pensa. E muito antes da Maré de Verão. — Graves apontou para Kallik, que estava operando os monitores com um dos membros dianteiros e digitando números em um computador de bolso com outro. — De acordo com nossa amiga himenopt, Opala sofreu mais do que Tremor. Kallik tem estado calculando o equilíbrio de energia do sistema desde que deixamos a superfície. Ela concorda com o comandante Perry: a superfície de Tremor deveria ter exibido uma atividade sísmica muito maior durante a Grande Conjunção. A energia das marés não foi totalmente liberada enquanto estávamos lá. Algum mecanismo armazenou a energia por algum tempo. Se não fosse por isso, o planeta teria se tornado inabitável muito antes de deixarmos a superfície. Essa energia foi desviada para algum lugar.

— Conselheiro, as condições em Tremor se tornaram insuportáveis. Elena Carmel morreu. Atvar H'sial e Louis Nenda também podem ter morrido.

— Morreram, sim.

— Não vou chorar por eles. Pode ser que não saiba, mas estavam em órbita em torno de Tremor durante a Maré de Verão e tentaram nos abater a tiros. Mereceram o destino que tiveram. Mas por que está tão certo de que morreram?

— Darya Lang viu a nave de Nenda ser arrastada em direção a Gargântua com uma aceleração tão grande que nenhum ser humano ou cecropiano conseguiria sobreviver. Devem ter sido esmagados.

— A nave de Nenda dispunha de um sistema de propulsão estelar. Não vejo como um campo local poderia capturá-la.

— Se não aceita esta versão dos fatos, capitão, deve conversar com Darya Lang. Foi ela a testemunha, não eu.

— Ela está dormindo.

— Ainda? A moça perdeu a consciência de novo quando J'merlia começou a tratar do seu pé, mas já devia ter acordado. — Graves virou-se com irritação. — O que é que você quer?

J'merlia estava puxando timidamente a manga da camisa de Graves, enquanto Kallik, a seu lado, pulava e assoviava, excitada.

— Com todo o respeito, conselheiro Graves — disse J'merlia, ajoelhando-se diante dele —, Kallik e eu não pudemos deixar de ouvir o que

disse ao capitão Rebka... que Nenda e Atvar H'sial escaparam de Tremor e depois foram atraídos para Gargântua e esmagados pela aceleração.

— Na direção de Gargântua, meu amigo lo'tfiano. Talvez não para Gargântua. A professora Lang insiste em dizer que não os viu chegar à superfície do planeta.

— Mil desculpas. Eu devia ter dito na direção de Gargântua. Conseqüente, poderia nos dispensar, a mim e a Kallik, por alguns minutos?

— Ora, está bem. Não precisam ser tão servis. Sabem que eu *odeio* isso.

Graves dispensou-os com um gesto. Enquanto os alienígenas se dirigiam para o andar de baixo, voltou-se para Rebka.

— Capitão, a menos que ainda esteja precisando dormir, acho que devemos ir ver como estão o comandante Perry e a professora Lang. Temos muito tempo. A cápsula levará algumas horas para chegar a Opala. E nossa missão oficial no sistema de Dobelle está terminada.

— A sua, talvez. A minha, não.

— Estará, capitão, antes do que espera. — O esqueleto sorridente parecia tão irritantemente arrogante como nunca.

— Nem ao menos sabe qual é a minha verdadeira missão.

— Ah, mas eu sei. Foi mandado para cá para descobrir o que havia de errado com o comandante Perry. Para saber o que o mantinha em um emprego de terceira classe no sistema de Dobelle... e para levá-lo de volta.

Rebka afundou em um assento em frente ao console de controle.

— Como sabe disso? — Parecia mais surpreso do que aborrecido.

— Da maneira óbvia: através do comandante Perry. Ele também tem seus amigos e fontes de informações no quartel-general do Círculo de Phemus. Ele sabe o que veio fazer aqui.

— Então, deve saber também que não consegui descobrir coisa alguma. Como lhe disse, minha missão não terminou.

— Não é bem assim. Sua missão oficial está quase terminada. Entenda, capitão, *eu* sei o que aconteceu com Max Perry sete anos atrás. Já tinha minhas suspeitas antes de chegar a Tremor, e confirmei-as quando interroguei o comandante sob os efeitos dos sedativos. Foi preciso apenas fazer as perguntas certas. E sei como fazê-las. Confie em mim e escute.

Julius Graves aproximou-se de um monitor, tirou do bolso uma unidade de dados do tamanho de um cubo de açúcar e introduziu-a na máquina.

— Esta é apenas uma gravação de voz, mas não terá dificuldade

para reconhecer de quem é, embora pareça muito mais jovem. Fiz com que sua memória retrocedesse sete anos. Vou reproduzir apenas um fragmento. Não vejo vantagem em tornar público o sofrimento de um ser humano.

...Amy parecia muito alegre e bem-disposta, mesmo com todo aquele calor. Estava rindo quando saiu correndo na minha frente em direção ao carro que nos levaria de volta ao Cordão Umbilical. A distância até o carro era de apenas algumas centenas de metros, mas comecei a ficar cansado.

— Ei, espere por mim. Tenho que carregar todo este equipamento. Ela olhou para trás e mexeu comigo.

— Ora, vamos, Max. Deixe de ser tão sério. Não precisa de todos esses instrumentos. Deixe-os aqui... ninguém vai reparar.

Ela me fez sorrir, apesar dos ruídos à nossa volta e do suor que me cobria o corpo. Tremor estava quente.

— Não posso fazer isso, Amy... é propriedade do governo. Tenho que prestar contas. Espere por mim, por favor.

Mas ela se limitou a rir. E começou a dançar naquela superfície estranhamente fora de foco, no solo frágil e traiçoeiro da Maré de Verão...

...antes que eu pudesse fazer alguma coisa, ela havia desaparecido. De um momento para o outro. Em uma fração de segundo. Devorada por Tremor. Tudo que pude levar de volta comigo foi a tristeza...

— Há muito mais, mas não acrescenta nada de novo. — Graves desligou o monitor. — Nada que não se possa deduzir. Amy morreu na lava, não na lama fervente. Max Perry viu de novo a distorção causada pelo calor, na depressão de Pentacline... mas não a tempo de salvar Elena Carmel.

Hans Rebka deu de ombros.

— Mesmo que saiba o que fez Max Perry se recolher em sua casca, esta não é a parte mais difícil de minha missão. Tenho ainda que curá-lo, e não sei nem por onde começar.

Rebka sabia que seu desânimo e pessimismo deviam ser temporários, não mais que um efeito do cansaço que estava sentindo depois de dias de tensão. Entretanto, isso não os tornava menos reais.

Olhou para um dos monitores na parede, que mostrava uma Funda flutuando de cabeça para baixo, despedaçada pelo impacto das ondas. Tudo que se podia ver era uma massa de lama negra e escorregadia, à

qual se misturavam pedaços de raízes. Imaginou se alguém conseguiria sobreviver a uma catástrofe daquelas.

— Como? — prosseguiu. — Como se consegue devolver o gosto pela vida a alguém que se acha deprimido há sete anos? Não sei.

— Claro que não sabe. O especialista nisso sou eu, e não você. — Graves voltou-se bruscamente e se dirigiu para a escada. — Vamos — disse, por cima do ombro. — Hora de vermos o que está acontecendo lá embaixo. Acho que aqueles alienígenas inconvenientes estão planejando um motim, mas vamos deixar isso para depois. No momento, temos que falar com Max Perry.

Estaria Graves de novo perdendo o juízo? Rebka suspirou. Estava começando a ficar com saudade dos velhos tempos, quando atravessava as nuvens de Tremor a bordo de uma nave superlotada, imaginando se conseguiriam sobreviver a mais um segundo de turbulência. Desceu atrás do conselheiro para o segundo andar da cápsula.

Não havia sinal de J'merlia e Kallik.

— Bem que eu lhe disse — observou Graves. — Estão no compartimento de carga. Aqueles dois estão tramando alguma coisa, juro que estão. Dê-me uma mão aqui.

Com a ajuda de Rebka, o conselheiro carregou Max Perry e depois Geni Carmel para o compartimento superior. Darya Lang, ainda murmurando alguma coisa para si mesma no limiar da consciência, foi deixada onde estava.

Graves colocou Max Perry e Geni Carmel em assentos fazendo noventa graus um com o outro e afivelou os cintos de segurança.

— Amarre-os — disse a Rebka. — Tome cuidado com os braços queimados de Perry, mas lembre-se de que não quero que os dois saiam sozinhos dos assentos. Volto num minuto.

Graves fez uma última viagem ao andar de baixo. Quando apareceu de novo, estava carregando duas pistolas hipodérmicas na mão direita.

— Darya Lang está acordando — disse ele —, mas vamos resolver isto primeiro. Não levará muito tempo. — Deu uma injeção no ombro de Perry com uma das pistolas e no ombro de Geni Carmel com a outra. — Agora podemos começar. — Um, dois... contou em voz alta.

A injeção estimulante teve efeito imediato sobre Max Perry. Antes que Graves chegasse a dez, Perry suspirou, balançou a cabeça de um lado para outro e abriu os olhos devagar. Olhou em torno com desinteresse, até dar com a ainda inconsciente Geni Carmel. Então, deu um gemido fundo e fechou os olhos.

— Você está acordado — disse Graves, em tom reprovador. — Não quero que volte a dormir. Tenho um problema e preciso da sua ajuda.

Perry sacudiu a cabeça, e seus olhos permaneceram fechados.

— Daqui a algumas horas, estaremos de volta a Opala — prosseguiu Graves. — A vida começará a voltar ao normal. Acontece que serei o responsável pela reabilitação de Geni Carmel. Sei que teremos audiências formais, tanto em Shasta como em Miranda, mas isso não deve interferir com o programa de reabilitação. Ele deve ser iniciado imediatamente. Entretanto, a morte de Elena torna o programa muito difícil. Sinto que seria desastroso permitir que Geni voltasse a Shasta, com todas as suas recordações da irmã, antes que esteja pelo menos parcialmente recuperada. Por outro lado, eu *preciso* ir para Shasta, e de lá para Miranda, onde terei que depor no processo de genocídio.

Fez uma pausa. Perry ainda não abriu os olhos de novo. Graves aproximou-se e baixou o tom de voz.

— Isso me deixa com duas questões para responder. Onde deve começar a reabilitação de Geni Carmel? E quem vai supervisionar o processo de reabilitação, já que não posso fazê-lo pessoalmente?

“É por isso que preciso de sua ajuda, comandante. Cheguei à conclusão de que o processo de reabilitação deve começar em Opala. E gostaria de torná-lo responsável por ele.

Finalmente, Perry mostrou alguma reação. Seu corpo se retesou contra as amarras. Os olhos injetados se arregalaram.

— De que diabo está falando?

— Pensei que estivesse sendo claro. — Graves sorria. — Mas vou repetir. Geni permanecerá em Opala durante pelo menos quatro meses. Será o responsável pelo bem-estar da jovem enquanto ela estiver lá.

— Não pode fazer isso.

— Está enganado. Pergunte ao capitão Rebka. Em questões como esta, um membro do Conselho tem autoridade para determinar que a reabilitação seja iniciada imediatamente. E qualquer um pode ser convocado para ajudar. Incluindo o senhor.

Perry olhou para Rebka e depois olhou de volta para Graves.

— Minha resposta é não. Tenho meu próprio trabalho... um trabalho de tempo integral. Além disso, ela precisa de um especialista. Não sei como lidar com este tipo de problema.

— Pode aprender. — Graves apontou para a outra cadeira, onde Geni estava acordando lentamente, em resposta a uma injeção mais fraca. — Ela já está em condições de ouvir. Para começar, pode contar-lhe

a respeito de Opala. Lembre-se, comandante, de que ela nunca esteve neste planeta. Vai ser o seu lar por algum tempo, e o senhor conhece mais sobre ele do que ninguém.

— Espere um minuto! — Perry estava lutando contra as cordas e chamando Graves, que já fazia menção de se retirar, levando Rebka com ele. — Estamos amarrados. Não pode nos deixar aqui! Olhe para ela!

Geni Carmel não estava fazendo nenhum esforço para se desamarrear, mas as lágrimas escorriam pelo rosto pálido e ela observava, com horror ou fascinação, as mãos e braços mutilados de Perry.

— Desculpe — disse Graves por cima do ombro, enquanto ele e Rebka se dirigiam para o andar inferior da cápsula. — Conversaremos sobre isso mais tarde. Agora, precisamos ir. Eu e o capitão Rebka temos algo de muito urgente para fazer no convés inferior. Até mais tarde.

Rebka esperou até ter certeza de que não seria ouvido por Perry antes de falar de novo com o conselheiro.

— Estava falando sério quando disse aquilo?

— Eu *sempre* falo sério.

— Não vai dar certo. Geni Carmel é apenas uma criança. Com a morte de Elena, perdeu a vontade de viver. Sabe como elas eram unidas, tão unidas que preferiam morrer a se separar. E Perry também tem os seus problemas pessoais... não é a pessoa indicada para cuidar dela.

Julius Graves parou no pé da escada. Voltou-se para olhar para Hans Rebka, e desta vez não estava nem rindo nem fazendo caretas.

— Capitão, quando eu precisar de um homem que seja capaz de pilotar uma nave superlotada e quase sem combustível como o *Sonho de Verão* para escapar de um planeta que está se fazendo em pedaços debaixo dos meus pés, certamente recorrerei ao senhor. Sabe executar muito bem o seu trabalho. Não pode me fazer o favor de admitir que o mesmo pode ser verdade em relação ao meu! Não acha possível que eu seja bom no que faço?

— Mas este não é o seu trabalho.

— O que serve para mostrar, capitão, o pouco que sabe a respeito dos deveres de um membro do Conselho. O que estou fazendo vai dar certo, acredite. Ou prefere fazer uma aposta? Aposto que Max Perry e Geni Carmel têm mais chance de curarem *um ao outro* do que eu ou você temos de curar *qualquer um deles*. Como disse, ela é apenas uma criança que necessita de ajuda... mas Perry é um homem que precisa desesperadamente *ajudar* alguém. Ele vem se punindo há sete anos pelo crime de ter permitido que Amy fosse com ele até Tremor durante a Maré de

Verão. Não percebe que o fato de ter queimado os braços vai *ajudá-lo* a superar o sentimento de culpa? Agora ele tem uma oportunidade de conseguir o perdão. E o trabalho do senhor em Opala terminou. Pode partir hoje mesmo, que Perry ficará muito bem. — Graves estalou os dedos e estendeu a mão a Rebka. — Quer apostar? Diga a quantia.

Rebka foi salvo da necessidade de responder por uma voz zangada à frente deles.

— Não sei quem merece meus agradecimentos por isto, e não vou perguntar. Mas *alguém quer me tirar daqui?* Tenho trabalho a fazer.

Era Darya Lang, totalmente consciente e lutando para libertar-se das cordas. Não se parecia em nada com a tímida cientista teórica que chegara a Opala não fazia muito tempo, mas mesmo assim ainda não dominava certas habilidades práticas. Em seus esforços para se desamarrar, conseguira apenas emaranhar as cordas, de modo que estava pendurada de cabeça para baixo e com os braços praticamente imobilizados.

— Ela é toda sua, capitão — disse Graves, inesperadamente. — Vou descobrir onde estão J’merlia e Kallik. — Abriu uma portinhola no lado do compartimento e desapareceu.

Rebka aproximou-se de Darya e examinou os nós das amarras. Compreendia cada vez menos o que estava acontecendo. Depois da fuga de Tremor, o grupo todo, exceto ele, deveria ter motivos para relaxar; em vez disso, todos haviam adquirido novas energias. A moça parecia impaciente e furiosa.

Rebka estendeu a mão, puxou devagar em um ponto da corda e com força em outro. O resultado foi instantâneo. As amarras se desfizeram totalmente, depositando Darya Lang com suavidade no chão. Ele a ajudou a levantar-se e foi recompensado com um sorriso surpreendente e envergonhado.

— Como foi que não consegui fazer isso sozinha? — A moça apoiou de leve no chão o pé machucado, deu de ombros e pisou com mais força. — A última coisa de que me lembro é que tínhamos chegado ao Cordão Umbilical e Graves e Kallik estavam fazendo um curativo no meu pé. Quanto tempo passei dormindo? Quando vamos chegar a Opala?

— Não sei durante quanto tempo você dormiu, mas faz vinte e três horas que a Maré de Verão aconteceu. — Rebka consultou o relógio. — Não, já faz quase vinte e quatro. E devemos chegar a Opala daqui a umas duas horas. Se conseguirmos chegar à superfície. O planeta foi muito castigado. Mas não há pressa. Temos muita comida e água a bordo. Podemos viver nesta cápsula durante semanas. Se for necessário, podemos voltar

para a Estação de Meio Caminho e continuar lá indefinidamente.

— Nada disso. — Darya estava sacudindo a cabeça. — Não posso esperar. Estou consciente há apenas alguns minutos, mas passei todos eles amaldiçoando o homem que me encheu de drogas. Temos que voltar à superfície de Opala e você tem que me arranjar uma nave.

— Para voltar para casa? Qual é a pressa? Há alguém à sua espera no Portal da Sentinela?

— Ninguém. — A moça segurou Hans Rebka pelo braço, apoiando-se nele enquanto se dirigiam para a pequena cozinha da cápsula. Sentou-se e se serviu de uma bebida quente, com toda a calma. Depois, voltou-se para ele. — Você não entendeu, Hans. Não pretendo voltar para o Portal da Sentinela. Vou para Gargântua E vou precisar de ajuda para chegar lá.

— Espero que não esteja contando comigo para isso. — Rebka desviou os olhos, muito consciente de que os dedos da moça continuavam no seu bíceps. — Escute, eu sei que a nave de Nenda foi puxada naquela direção e que todos a bordo morreram. Não quero que você morra também. Gargântua é um gigante gasoso, um mundo gelado... é impróprio para a vida humana ou cecropiana.

— Eu não vi a nave e a esfera pousarem em Gargântua. Não acho que isso tenha acontecido. Acredito que o lugar mais interessante para visitar seja uma das luas de Gargântua, mas não saberei ao certo até chegar lá.

— Chegar lá e fazer o quê? Recolher dois cadáveres. Quem está ligando para eles? Atvar H'sial abandonou você em Tremor, e ela e Nenda abandonaram J'merlia e Kallik. Mesmo que estejam vivos (e você garante que não estão), não merecem a nossa ajuda.

— Concordo. Não é por isso que eu quero ir até lá. — Darya passou uma xícara para Rebka. — Calma, Hans. Beba isso e preste atenção no que vou dizer. Sei que os habitantes do Círculo de Phemus acham que todo mundo que vem da Aliança é um incompetente sonhador, da mesma forma que pensamos que vocês todos são bárbaros incultos que não gostam de tomar banho..

— O quê?

— Mas você e eu já nos conhecemos suficientemente bem para saber que esses preconceitos não têm nenhum fundamento. Você reconhece que sou pelo menos uma observadora decente. Não invento nada. Deixe-me contar-lhe o que vi, e não o que penso. As outras pessoas podem não perceber a importância do que testemunhei, mas tenho esperança de que você chegue às conclusões corretas. — E, após uma pausa:

— Só lhe peço uma coisa: escute primeiro, depois pense e só em seguida reaja... nesta ordem.

Aproximou-se de Rebka, colocando-se em uma posição tal que era difícil para ele fazer outra coisa senão ouvir o que a moça tinha a dizer.

— Quando estávamos nos aproximando das nuvens de Tremor, você estava ocupado demais pilotando a nave para olhar para trás, e todos os ocupantes do compartimento traseiro, exceto eu, foram ofuscados pela luz de Mandel e Amaranth. Assim, ninguém viu o que eu vi: um túnel profundo ser aberto na superfície de Tremor, um túnel que levava ao interior do planeta. Dois objetos saíram desse túnel. Um deles voou imediatamente para longe, para fora do plano da galáxia. Perdi-o de vista em menos de um segundo. Você viu o outro, que se dirigiu para Gargântua e arrastou a nave de Louis Nenda com ele. Para nós, isso representou a salvação, mas não foi o mais importante! Todo mundo sabe que a atividade sísmica em Tremor durante a Maré de Verão foi muito menor do que seria de se esperar. Claro que *nós* passamos por maus pedaços, quando estávamos lá embaixo. Mesmo assim, me lembro de Max Perry perguntando: para onde está indo toda a energia?

“Pois eu já conheço a resposta. A energia estava sendo transformada e armazenada para que, quando chegasse o momento apropriado, o planeta pudesse se abrir e expelir aqueles dois corpos... espaçonaves, se quiser chamá-los assim.

“Vi quando isso aconteceu e pressenti que era a explicação para uma dúvida que vinha me preocupando havia muito tempo, antes mesmo que eu deixasse o Portal da Sentinela: Por que Dobelle? Por que escolher um local tão obscuro para um acontecimento tão importante?

Darya prosseguiu.

— A idéia de visitar Dobelle me ocorreu quando calculei a hora e lugar para os quais convergiam as influências que provocavam mudanças nos artefatos. Só havia uma solução: Tremor, durante a Maré de Verão. Quando tornei pública minha teoria, porém, os especialistas nos Construtores riram de mim. Eles disseram: “Escute, Darya, sabemos que existe um artefato no sistema de Dobelle, o Cordão Umbilical. Mas é um exemplo menor na tecnologia dos Construtores. É alguma coisa que podemos compreender; algo que não tem nada de complexo ou misterioso. Não faz sentido que o ponto focal de todas as atividades dos Construtores esteja em uma estrutura de segunda classe, localizada em uma região obscura da Galáxia...” Sinto muito, Hans, estou apenas repetindo o que eles disseram. Infelizmente, é assim que a maioria dos habitantes da Aliança

considera os planetas do Círculo de Phemus.

Rebka deu de ombros.

— Não precisa pedir desculpas. É assim que muitos de nós consideramos os planetas do Círculo, e nós *vivemos* aqui. Experimente passar um fim de semana em Teufel... se conseguir aguentar.

— Entretanto, dissessem o que dissessem a respeito do Círculo de Phemus e do Cordão Umbilical, não podiam contestar os resultados de minha análise. Na verdade, eles refizeram os cálculos e confirmaram que tudo apontava para Dobelle e para Tremor durante a Maré de Verão. Tiveram que concordar comigo. O problema é que eu também tive que concordar com *e/les*. Dobelle não fazia sentido como o local de um evento capaz de mudar a história da galáxia. Eu mesma, no meu catálogo, tinha descrito o Cordão Umbilical como “um dos artefatos mais simples e fáceis de compreender”! As pessoas estavam se limitando a repetir minhas próprias palavras.

“De modo que eu estava intrigada quando cheguei aqui. E continuava intrigada quando você decolou, tentando nos tirar de Tremor antes que fosse tarde demais. Eu não conseguia entender por que os Construtores haviam escolhido Dobelle como ponto de convergência.

“Foi então que vi um raio de luz sair de Gargântua e um buraco se abrir na superfície de Tremor. Pouco antes de perder os sentidos, percebi que nós todos tínhamos deixado de levar em conta um fato óbvio.

“Todas as referências à estrutura da galáxia fazem o mesmo comentário, o de que o sistema de Dobelle é ‘uma das maravilhas naturais do nosso braço da espiral’. Não é maravilhoso, dizem os livros, que a combinação dos campos gravitacionais de Amaranth, Mandel e Gargântua tenha colocado o sistema de Dobelle em uma órbita tão peculiar que a cada trezentos e cinquenta mil anos todos os astros do sistema se alinhem *exatamente* em uma Grande Conjunção? Isso não é espantoso?

Ela própria respondeu.

— Claro que é espantoso... se você acreditar que aconteceu por acaso. Mas há outra maneira de encarar os fatos. O sistema de Dobelle não se limita a *conter* um artefato, o Cordão Umbilical. O sistema de Dobelle é um artefato! O sistema inteiro! — A moça segurou de novo o braço de Rebka, entusiasmada com a própria idéia. — As órbitas foram calculadas pelos Construtores para que a cada trezentos e cinquenta mil anos Mandel, Amaranth e Gargântua estejam tão próximos de Tremor que uma interação especial possa ocorrer. Alguma coisa dentro de Tremor é capaz de captar e utilizar a enorme energia dessas marés.

“Antes de visitar Tremor, eu pensava que talvez os próprios Construtores estivessem no planeta, ou que talvez aparecessem durante a Maré de Verão. Mas estava enganada. A Grande Conjunção funciona como um *signal* para que as esferas, naves, ou seja lá do que se trate, sejam ejetadas de Tremor. Não sei para onde foi a primeira; ao que tudo indica, deixou a galáxia. Contudo, temos informações suficientes para localizar a segunda esfera, a que se dirigiu para Gargântua. E se queremos saber mais alguma coisa sobre os Construtores, é para lá que temos que ir. E sem perda de tempo! Antes que aconteça o que tem que acontecer com Gargântua e precisemos esperar *outros* trezentos e cinquenta mil anos para termos uma nova oportunidade.

Hans Rebka aproveitou a pausa que se seguiu para fazer uma pergunta.

— Está querendo dizer que Tremor se abre e alguma coisa sai do seu interior toda vez que ocorre uma Grande Conjunção?

— Exatamente. É para isso que serve a Grande Conjunção... para acumular energia suficiente para a ejeção das esferas. Depois que elas foram ejetadas...

Rebka não a deixou concluir a frase.

— Darya, não sou um cientista, mas sei que você está errada. Pergunte a Max Perry.

— Ele não viu o que aconteceu quando partimos de Tremor.

— Nem eu. Max e eu estávamos ocupados com outra coisa. Mas, quando cheguei a Opala, interessei-me pela história do par de planetas. O passado de Opala era difícil de investigar, porque o planeta não possui uma superfície terrestre permanente, mas Perry me mostrou uma análise dos fósseis encontrados em Tremor. Esses estudos tinham sido realizados no início da colonização do sistema de Dobelle, porque as pessoas queriam saber se a superfície de Tremor era suficientemente estável para sustentar seres vivos durante a Maré de Verão.

“Hoje sabemos que não é, pelo menos no caso de seres humanos. Nós mesmos tivemos oportunidade de comprovar isso. Mas já existia vida em Tremor há centenas de milhões de anos, muito antes que o planeta assumisse a órbita atual. E a formação de um túnel até o núcleo de Tremor, como o que você afirma ter visto, certamente produziria uma anomalia capaz de ser revelada através de uma análise dos fósseis.

Rebka estendeu a mão para o controle do monitor e fez aparecer na tela uma imagem do espaço acima da cápsula. Mandel e Amaranth estavam visíveis, ainda bem grandes no céu, mas menos brilhantes. A cer-

teza de que levariam um ano para tornar a se aproximar era confortadora. Com o afastamento das estrelas, Gargântua, que estava à direita, parecia mais brilhante. Entretanto, o planeta gigante também já passara pelo periastro e seu disco alaranjado estava bem menor. Não havia nenhum raio de luz saindo de Gargântua ou de um dos seus satélites. Tremor estava bem acima da cápsula. Sua superfície escura parecia perfeitamente tranquila.

— A verdade, Darya, é que a análise dos fósseis não revela nenhum sinal de uma perturbação de Tremor que seja comparável com aquilo que você viu. Nem três anos atrás, nem trezentos, nem trezentos e cinquenta mil. O núcleo de Tremor não é exposto há pelo menos cinco milhões de anos.

Ele esperava que Darya ficasse abalada com os seus comentários. Mas a moça reagiu de outra forma.

— Se você está certo, esta Grande Conjunção foi algo muito especial. Nesse caso, é ainda *mais* importante investigar o que aconteceu. Hans, vou lhe ser franca. Você pode voltar amanhã para o seu trabalho no Círculo de Phemus, mas eu não posso retornar para o Portal da Sentinela. Ainda não. Eu *tenho* que dar uma olhada em Gargântua. Não passei a vida inteira estudando os Construtores para parar agora, quando estou a um passo de descobrir o seu segredo. Pode ser que os Construtores não estejam em Gargântua...

— Tenho certeza de que não estão. Teriam sido descobertos quando o sistema de Mandel foi explorado pela primeira vez.

— Mas existe *alguma coisa* lá. A esfera que carregou a nave de Nenda não estava apenas deixando Tremor; estava *indo* para algum lugar. Preciso arranjar uma nave e ir para lá depressa, enquanto a pista está fresca.

A moça ainda estava segurando o braço de Rebka, e com tanta força que chegava a machucar.

— Darya, você não pode sair correndo para Gargântua desse jeito. Se for sozinha, é provável que não volte. A parte exterior do sistema de Mandel é fria e hostil. Não é um lugar fácil, mesmo para exploradores experientes. Ainda mais para você, que vem de um mundo civilizado como o Portal da Sentinela...

Hans Rebka interrompeu o que estava dizendo. Primeiro, ela o pegara em uma armadilha e o submetera por acidente a um choque quase fatal. Depois, levava-o para a caverna debaixo da cachoeira e cuidara dele como nenhuma mulher jamais havia cuidado. E agora estava tentando

pegá-lo em uma nova armadilha. Tinha que tomar cuidado para não se comprometer.

— Não sei como você vai arranjar uma nave — disse ele. — Não adianta pedir aos habitantes de Opala; depois da Maré de Verão, eles vão precisar de todas as naves que ainda estão funcionando. Mas vou dar uma olhada por aí e ver o que posso fazer.

Darya Lang largou o braço de Rebka, mas apenas porque estava com outras coisas na cabeça. Fora interrompida por um pigarrear vindo da escada. Julius Graves estava de volta. Logo atrás vinham J’merlia e Kallik.

Graves fez um gesto para que J’merlia se adiantasse.

— Venha. Diga você mesmo, com as suas palavras. — Voltou-se para Hans Rebka. — Eu lhe disse que eles estavam tramando alguma coisa. E disse a eles que esse tipo de decisão não dependia de mim, embora eu tenha um opinião formada.

J’merlia hesitou e Kallik cutucou-o com um dos seus cotovelos angulosos, enquanto emitia um assovio que soava como “F-f-f-faaa-le”.

— Vou falar. Senhor capitão. — J’merlia fez menção de prostrar-se diante de Rebka, mas Graves o impediu com um rosnado de advertência. — Respeitados humanos. Eu e Kallik estamos diante de um sério problema. Pedimos a vossa ajuda, embora não tenhamos feito nada para merecê-la. Não o faríamos se soubéssemos como proceder sem a vossa assistência. Sabemos que temos sido um fardo para vós. Na verdade, por causa de nossos atos irrefletidos no planeta Tremor, colocamos em risco as vidas de todos os...

Desta vez, quem o cutucou foi Julius Graves.

— Desembuche!

— Sim, senhor, respeitado conselheiro. — J’merlia deu de ombros para Rebka, em um gesto quase humano de quem pede desculpas. — A verdade, distinto capitão, é que Kallik e eu acreditávamos, quando partimos de Tremor, que Louis Nenda e Atvar H’sial estavam mortos, ou haviam decidido (o que tinham todo o direito de fazer) que não necessitavam mais de nossos serviços. As duas possibilidades eram extremamente penosas para nós, mas não víamos outra alternativa a não ser aceitá-las. Estaríamos então obrigados a retornar ao nosso planeta natal e procurar novos amos a quem oferecer nossos serviços. Entretanto, poucos minutos atrás, ouvimos dizer que Louis Nenda e Atvar H’sial escaparam da superfície de Tremor.

— É verdade. — Rebka olhou para Darya. — Mas a professora Lang viu o que aconteceu. Nenda e Atvar H’sial morreram logo depois disso.

— Sabemos que pensam assim — disse J’merlia. — Kallik, porém, observou que existe outra possibilidade. Se a força que a esfera exerceu sobre a nave foi do tipo gravitacional, os tripulantes não sentiram nada, pois realizaram o percurso até Gargântua em queda livre. Se tal aconteceu, foram conduzidos vivos até Gargântua, contra a sua vontade, e podem estar precisando da nossa ajuda. Se for esse o caso, temos o dever de ir até lá. Eles são nossos amos. Pelo menos, não podemos deixar o sistema de Mandel sem termos certeza de que eles não desejam nossos serviços ou não podem fazer uso deles. Portanto, levando todos esses fatos em conta, pedimos, com toda a humildade, que considere a possibilidade de... ai!

J’merlia foi cutucado novamente por Kallik; a ponta amarela do ferão de veneno da himenopt apareceu e tocou um dos membros traseiros de J’merlia, que se encolheu e deu um passo à frente.

— Você sabia, J’merlia — disse Julius Graves, com um sorriso nos lábios —, que a professora Lang chegou a pensar que você era incapaz de falar por si próprio? Aposto que ela está agora com muita pena de que isso não seja verdade.

— Sinto muito, conselheiro. Estou acostumado a traduzir pensamentos, e não a criá-los. Mas, para resumir o caso, Kallik e eu gostaríamos que nos emprestassem uma nave e nos permitissem seguir nossos amos Louis Nenda e Atvar H’sial até Gargântua ou qualquer outro lugar para onde tenham ido.

— Não — respondeu Rebka, sem pestanejar. — Decididamente, não. O pedido de vocês não será atendido. Opala está ocupado demais consertando os estragos causados pela Maré de Verão para perder tempo à procura de espaçonaves.

Kallik emitiu uma série de assovios.

— Isso não será necessário — declarou J’merlia. — Como Kallik acaba de observar, não precisamos descer em Opala. Já dispomos de uma espaçonave: o *Sonho de Verão*. Ele está na Estação de Meio Caminho. Será fácil voltar até lá e carregar o tanque para a viagem. A estação tem um bom suprimento de combustível, e eu e Kallik podemos perfeitamente pilotar a nave.

— E vão levar um passageiro — interveio Darya — Quero ir também.

Rebka olhou para ela de cara feia.

— Você está ferida. Não se acha em condições de viajar.

— Já estou bem melhor. Posso convalescer a caminho de Gargân-

tua. Se estivesse no meu lugar, um pé queimado o impediria de cumprir sua missão?

— O *Sonho de Verão* não é propriedade do sistema de Dobelle. — Hans Rebka evitou responder à pergunta e tentou outra abordagem. — Não tenho autoridade para permitir que usem aquela nave. Nem eu nem Max Perry.

— Sabemos disso. — J'merlia fez que sim com a cabeça. — A única pessoa que pode dar essa permissão é Geni Carmel, a proprietária da nave.

— O que o faz pensar que ela concordará com a sua idéia?

Julius Graves pigarreou.

— Na verdade, capitão Rebka, já discuti o assunto com a pobre Geni. Ela disse que nunca mais quer ver ou ouvir falar dessa nave. Ela é sua, se quiser aceitá-la.

Rebka olhou para o conselheiro, surpreso. Por que todo mundo parecia supor que ele estava disposto a ir também?

— A resposta ainda é não, conselheiro. Mesmo que a nave seja minha. Isso não faz diferença.

J'merlia fez uma mesura, enquanto Kallik assoviava, desapontada. Julius Graves tomou a palavra:

— É um direito seu, capitão. O senhor se importaria de nos explicar as suas razões?

— Claro que não. Deixe-me começar com uma pergunta. O senhor conhece Louis Nenda e Atvar H'sial. Estaria disposto a ir até Gargântua para procurá-los?

Rebka achava que sua posição estava muito clara. Não havia razão para ir atrás de pessoas que tinham tentado matá-lo... a não ser que fosse para fazer justiça com as próprias mãos.

— Eu, ir até Gargântua? — Graves levantou as sobrancelhas. — Claro que não. Em primeiro lugar, preciso voltar para Miranda. Minha missão aqui terminou. Além disso, considero Atvar H'sial e Louis Nenda como criminosos de alta periculosidade. Se eu fosse a Gargântua (o que não pretendo fazer, já que tenho todas as razões para crer que estejam mortos), seria apenas para prendê-los.

— Muito bem. Penso da mesma forma. Outra coisa, conselheiro. — Rebka apontou para Kallik. — Sabe como Louis Nenda a controlava? Vou lhe contar. Usando um chicote e uma coleira. Dizia que Kallik era seu animal de estimação, mas ninguém devia tratar assim um animal de estimação. Na verdade, ela era sua escrava, uma escrava que ele tratava sem

a menor consideração. Nenda não hesitou em deixá-la para que morresse em Tremor. Antes de vir para cá, Kallik não compreendia a língua humana, mas isso porque nunca tivera oportunidade de aprender. Na realidade, foi Kallik quem realizou os cálculos que mostravam que aconteceria alguma coisa diferente durante a Maré de Verão. Ela é muito mais inteligente do que Nenda. Não é verdade?

— É verdade — concordou Julius Graves, com um sorriso irônico.
— Continue, por favor.

— E J'merlia não estava em melhor situação. A forma como foi tratado por Atvar H'sial quando chegaram a Dobelle foi uma vergonha. O senhor é especialista em ética. Estou surpreso de que não tenha observado isso antes de todo mundo. Atvar H'sial não permitia que J'merlia se manifestasse como pessoa. Hoje, ele fala livremente...

— É uma forma de colocar as coisas.

— Mas, quando a cecropiana estava por perto, J'merlia tinha medo de abrir a boca. Sua atitude era totalmente passiva, e ele se limitava a traduzir as palavras de Atvar H'sial. Responda-me uma coisa, conselheiro: acha que Louis Nenda e Atvar H'sial fizeram alguma coisa para merecer a nossa lealdade?

— Acho que não.

— Não é totalmente errado que seres racionais como J'merlia e Kallik sejam tratados daquele jeito, como se fossem escravos ou animais de estimação?

— É mais do que errado, capitão, é intolerável. Fico muito contente ao ver que pensamos da mesma forma. — Julius Graves voltou-se para os alienígenas. — O capitão Rebka está de acordo. Vocês são seres maduros, racionais, e o capitão afirma que seria totalmente errado que vocês fossem controlados por outras pessoas. É evidente, portanto, que não cabe a nós decidir o que vocês podem ou não podem fazer. Se querem pegar uma nave e sair à procura de Louis Nenda e Atvar H'sial, têm todo o direito de fazê-lo.

— Um momento! — Rebka viu o sorriso no rosto de Julius Graves e ouviu o assovio triunfante de Kallik. — Eu não disse isso!

— Disse, sim, Hans. — Darya Lang estava rindo também. — Não adianta negar. O conselheiro Graves está certo. Se não estava certo Nenda e Atvar H'sial tratarem Kallik e J'merlia como escravos, que direito nós temos de fazer o mesmo? Na verdade, estaríamos procedendo pior do que eles, porque teríamos consciência do nosso erro.

O olhar de Rebka varreu o grupo, passando dos olhos azuis e pene-

trantes de Julius aos rostos inescrutáveis de J'merlia e Kallik e chegando finalmente ao sorriso maroto de Darya Lang.

Tinha perdido a discussão, em toda a linha. Curiosamente, não estava aborrecido. Começava a sentir a mesma curiosidade que sentira quando estava planejando explorar o Paradoxo. Certamente encontraria muitos problemas pela frente, mas seriam problemas a enfrentar através de ações diretas, não as manipulações psicológicas que Graves achava tão fáceis e naturais.

Que poderiam encontrar em Gargântua? A pergunta estava em aberto. Atvar H'sial e Louis Nenda, mortos ou vivos? Os Construtores, em pessoa? Ou mistérios maiores do que qualquer coisa que tinham encontrado em Opala e Tremor?

Hans Rebka suspirou quando o assovio do ar nas paredes lisas da cápsula revelou que haviam acabado de entrar na atmosfera. Faltavam apenas alguns minutos para chegarem à superfície de Opala.

— Muito bem, conselheiro. Vamos deixar o senhor, Max e Geni em Opala. Os outros voltam comigo para a Estação de Meio Caminho, onde está estacionado o *Sonho de Verão*. Quanto ao que vamos encontrar em Gargântua...

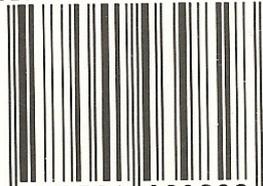
— Não fazemos a menor idéia — completou Darya. — Console-se, Hans. É como a Maré de Verão, e um pouco como a própria vida. Se a gente soubesse exatamente o que vai encontrar, não valeria a pena fazer a viagem.

Dentro de pouco tempo Tremor, o planeta gêmeo de Opala, seria sacudido por gigantescas marés, o que tornaria quase impossível a permanência ali. Algumas pessoas, no entanto, estavam decididas a enfrentar os perigos de uma viagem a Tremor, justamente quando o fenômeno prometia ser o mais violento de toda a história. Dois funcionários do governo são designados para proteger os visitantes daquele lugar povoado de enigmas, que abriga o segredo dos Construtores - alienígenas há muito desaparecidos - e daquele estranho fenômeno chamado ...

MARÉ DE VERÃO

Charles Sheffield é um dos mais importantes nomes da *Hard Science Fiction* nos Estados Unidos. Seus livros, ainda inéditos no Brasil, combinam suspense, aventura e um incomparável conhecimento técnico, advindo de sua vasta experiência. Atual cientista-chefe da Earth Satellite Corporation, possui os graus de bacharel e mestre em matemática e doutorado em física teórica.

ISBN 85-01-03982-9



9 788501 039828